

CHRISTINA LEE

AVISO



• Prestigie o autor comprando a obra original ou deixando resenhas positivas nos locais adequados,

• ADL adverte que; a tradução desta obra é feita de forma amadora, sem fins

lucrativos com o mero intuito de entretenimento, sendo está sujeita a erros, como em qualquer outro GT, enfim, não somos uma editora não temos os meios ou equipe necessária para garantir uma tradução, revisão, diagramação e todos os meandros necessários pra compartilhar um trabalho impecável e exigidos para os padrões de profissionais –o que não o somos–. O compartilhamento desta obra é tolerável desde que;

• 1: as pessoas que o compartilhem tenham consciência que não podem e não devem cobrar pelas mesmas, e pensem atentamente antes de compartilhar em certo locais da rede.

• 2: divulgações e resenhas em meios aos quais o autor tenha acesso devem ser feitas em inglês e lembrando; citando que leu a obra original, NÃO A TRADUÇÃO DE GT.

• 3: Em casos da compra o livro deve ser removido de circulação pelo próprio

ADL e ademais – ou seja - GTs parceiros.

• 4: Preserve o grupo, mantendo os livros para vocês, ajude o autor e a si mesmos agradecendo-os nos locais adequados, não cobrem traduções, continuações e afins, com o bom senso de saber que, como vocês temos um mundo fora das telas de PC e celular e assim como vocês também somos leitores.

XOXO

Christina Lee

SINOPSE

Lark Levitt não pertence ao Roosevelt College, pelo menos em teoria. A maioria dos estudantes que frequentam a universidade particular vem de famílias ricas, e Lark está a apenas uma bolsa de estudos e a uma viagem de ônibus do estacionamento de trailers onde mora. É também um sonho tornado realidade porque a dança é a sua vida e o seu programa é um dos mais prestigiados do país. Mas há obstáculos no caminho, como encontrar alguém que passou por um momento difícil da infância. Alguém que agora finge que não existe.

Henry Albrecht sobreviveu ao câncer infantil e agora é quarterback do Roosevelt e aluno modelo. Seu passado é algo que seu pai insiste que Henry mantenha em sigilo e, embora seu pai tenha seus motivos, isso faz com que sua remissão pareça um segredo sujo em vez de um triunfo. Ele tem poucas lembranças preciosas daquela época de sua vida, exceto uma criança do hospital que tornou sua recuperação administrável. Um garoto que cresceu agora e está em Roosevelt, colocando em risco tudo o que Henry cuidadosamente manteve em segredo.

Eles decidem que o melhor curso de ação é manter distância. Mais fácil falar do que fazer. Sua conexão renovada traz consolo, clareza e uma intensidade crua que desperta uma faísca entre eles. Mas esconder a sua história é cansativo e em breve os seus encontros secretos correm o risco de serem expostos. Henry precisará enfrentar seus medos — e seu pai — ou perder a única pessoa que já entendeu quem ele é de verdade.

***Aviso de Conteúdo Sensível: Discussões sobre tratamentos de câncer e representações de problemas de saúde mental.**

Prólogo

Sete anos atrás

Henry

ARRASTEI-ME em direção à sala comunal da enfermaria infantil do Mercy Hospital, vestindo um moletom com capuz por cima da camisola fina por causa do frio do ar e meias felpudas com aderência para não escorregar e cair. Era uma roupa padrão para todos os pacientes, então eu não me sentia mais constrangido com isso e, em alguns dias, ficava doente demais para me importar.

Meu coração deu um pulo quando vi Lark resolvendo um quebra-cabeça em uma mesa redonda. Era uma de suas atividades favoritas, principalmente montar o famoso quadro com as bailarinas. Ele me jurou segredo antes de compartilhar seu sonho de dançar na Broadway algum dia. Ele gostava de colocar fones de ouvido e ouvir trilhas sonoras de seus musicais favoritos. Já estive em alguns com meus pais e só gostei de alguns. Mas *Billy Elliot* foi memorável. Não que eu estivesse tão obcecado pela história quanto ele, mas isso nos ajudou a encontrar um terreno comum. Lark teve aulas de dança durante toda a vida, mas o tratamento contra o câncer o atrasou.

— Adivinha?

— Rabo de frango? — Lark respondeu e sorrimos um para o outro.

— Terei alta amanhã, — eu disse, e embora estivesse animado, também estava triste por deixar meu novo amigo. Tive o que os médicos chamaram de um transplante de medula óssea bem-sucedido para leucemia. Mas só o tempo diria.

— Incrível, — Lark respondeu com uma tosse.

Sentei-me numa cadeira de plástico laranja. — Você também vai melhorar para poder ir para casa.

— Estou tentando o meu melhor. — Ele deslizou uma maçã Jolly Rancher pela

mesa para mim, depois puxou a máscara e colocou uma de melancia na boca. Era seu sabor favorito, e sua mãe mantinha bem abastecida sua obsessão por doces.

Deslizei uma peça de canto para ele, embora ele provavelmente pudesse resolver esse quebra-cabeça com os olhos fechados neste momento. O câncer de Lark era um pouco mais complicado que o meu porque também encontraram manchas nos pulmões dele. Ele tinha linfoma de Hodgkin e muitas vezes as pessoas confundiam nossos dois tipos de câncer. Mas o meu começou na medula óssea e o dele nos gânglios linfáticos. E sim, nós dois sabíamos muito sobre a doença.

Estávamos neste hospital há quase dois meses, ambos recebendo tratamento e lutando por nossas vidas. A equipe do hospital tentou nos tratar como crianças que éramos, oferecendo atividades durante o dia, desde que usássemos máscaras e lavássemos as mãos antes e depois de sair do quarto.

Um dos meus dias favoritos foi quando trouxeram os adoráveis cães de terapia. O que menos gostei foi quando um de nós morreu.

Lark e eu nos tornamos próximos, talvez porque tínhamos a mesma idade – ele tinha onze anos e eu, doze. Mas parecia mais do que isso, mesmo que superficialmente tivéssemos poucos interesses em comum. Eu adorava esportes e os pratiquei durante toda a minha vida. Meu câncer também me deixou de lado, e meu pai temia que isso pudesse arruinar minhas chances de jogar futebol no ensino médio. Na verdade, eu estava mais preocupado em sobreviver.

— Devemos trocar números? — Perguntei a Lark quando me sentei em frente a ele.

Ele franziu a testa. — Eu nem tenho celular. Mas talvez nossos pais possam?

— Parece bom, — respondi, embora ambos soubéssemos que era improvável. Nossos pais mal se viam e não conversaram mais do que uma ou duas frases. Fale sobre ter pouco em comum.

Meus pais administravam uma empresa imobiliária de prestígio no condado de Hunterdon — pelo menos foi assim que sempre a descreveram. Eles geralmente estavam ocupados e às vezes pareciam mais preocupados com a forma como

minha doença poderia afetá-los mais do que a mim. Não me interpretem mal, eles estavam assustados e tristes quando fui diagnosticado pela primeira vez; estava escrito em seus rostos. Mas logo eles assumiram uma postura corajosa e ofereceram muitas garantias — talvez muitas. Como se meu câncer fosse apenas um ponto no radar que era minha vida. Claro, só se poderia esperar. Mas, no meio disso, eu precisava de todo o apoio e conforto que pudesse obter. Eles ofereceram isso, mas eu sempre senti que eles nunca se aprofundaram nisso comigo.

E eu entendi. Eles queriam permanecer otimistas. Mas assim que souberam que eu estava recebendo alta, já estavam conversando sobre planos futuros e em quais escolas particulares eu deveria me inscrever com programas de futebol de prestígio. Havia aquela palavra novamente. *Prestigio.*

Não contei nada disso a Lark, mas queria contar. Eu senti que estaria traindo meus pais se fizesse isso. Eles sempre se preocuparam com as aparências e, embora eu soubesse que cresci sem falta de nada, às vezes desejava que eles fossem mais parecidos com os outros pais. Como a mãe e o padrasto de Lark. Ele não estava muito por perto, mas ela estava, e ela era tão calorosa, carinhosa e incrível.

Mas havia outra camada em tudo isso, e tinha a ver com meu pai. Ele teve epilepsia quando criança, mas acabou melhorando. Mamãe me disse que papai era orgulhoso demais para admitir como suas lembranças de ser menosprezado e excluído como o garoto doente na escola o afetaram por toda a vida. Ele se concentrou em como ele e outras pessoas com doenças crônicas conseguiram viver vidas felizes e produtivas. Ele achou que eu deveria seguir seu exemplo no que diz respeito à minha própria doença — como se meu câncer fosse um segredo sujo de família — apesar dos tempos e das atitudes terem mudado.

Lark mastigou seu doce, o que foi seguido por outro episódio de tosse.

— Sua tosse parece um pouco melhor, — eu disse. Isso foi uma mentira. Essa luta parecia ser prolongada. E ele também sabia disso porque me lançou um olhar sem me questionar.

— Vou sentir falta deste lugar, — eu disse enquanto meu olhar se fixava no grande arco-íris pintado que se alinhava na parede oposta. Animais e crianças foram apresentados nos outros.

Lark zombou. — Você não vai.

Eu ri. — Bem, então talvez eu sinta sua falta.

Nossos olhos se encontraram e ele desviou o olhar primeiro enquanto engolia. Eu me perguntei se ele estava pensando a mesma coisa — sobre a noite em que entrei furtivamente em seu quarto quando ele estava muito doente depois de um tratamento de quimioterapia. Eu peguei o pano molhado da bacia e enxuguei sua cabeça, então subi ao lado dele na cama para oferecer um pouco de calor ao corpo porque ele estava tremendo muito.

Quando ele finalmente adormeceu com a cabeça apoiada no meu ombro, respirei aliviado. Podemos não ter tido muito em comum, mas ninguém poderia dizer que tinha experimentado nada disso. Os soros intravenosos e bolsas de fluidos, enfermeiras 24 horas por dia, médicos e os rostos taciturnos de nossos visitantes. Isso tornou nossa conexão ainda mais forte.

Acabei dormindo ao lado dele, apenas para ser encontrado pela enfermeira do turno da noite e enxotado para minha própria cama. Mas ela piscou para mim enquanto me ajudava a me instalar no quarto, então eu sabia que não estava com muitos problemas.

O dia seguinte foi agitado quando meus pais apareceram para me levar para longe do que eles chamavam de ‘aquele lugar horrível.’ Mas não foi tão ruim assim, não com Lark ali. Mamãe e papai estavam sempre vestidos para o trabalho, mesmo em casa, e a comparação não poderia ter sido mais gritante do que quando a mãe e o padrasto de Lark apareceram de jeans. A mãe de Lark sempre usava essas camisas esvoaçantes com miçangas ou bordados, e meus pais se referiam a ela como boêmia. Como se fosse um palavrão. Eu apenas pensei que ela era legal e de espírito livre. Mas era óbvio que eles a desprezavam, o que foi um dos motivos pelos quais nunca contei mais sobre Lark. A única vez que tentei contar a eles sobre meu novo amigo, eles me olharam com desaprovação.

— Não se apegue muito a alguém que você nunca mais verá, — mamãe havia dito, e eu podia ler a pena subjacente em seus olhos, seja por ele ou por mim. O que ela não disse foi que a família dele nunca estaria à altura dos amigos da sociedade.

A verdade é que éramos iguais no que diz respeito à nossa saúde. Apenas sangue e ossos e um coração acelerado. Irônico, hein?

— Vamos logo, filho, — disse papai. — Temos um dia agitado pela frente.

— É importante que Henry descanse quando chegar em casa, — alertou a enfermeira.

— Sim, claro, — mamãe respondeu com um sorriso tenso, como se soubessem melhor do que ela como cuidar de mim. Senti meu rosto esquentar quando me virei para pegar minhas coisas e colocá-las nas sacolas de grife com o logotipo que reconheci muito bem. Eles nunca sonhariam em me deixar usar os sacos plásticos que a enfermeira havia fornecido.

Hesitei enquanto os seguia pelo corredor. Os papéis da alta chegaram mais cedo do que o esperado e me perguntei se meus pais tinham algo a ver com isso. Eles já haviam telefonado para médicos e exigido coisas antes.

— Espere. Encontro você no posto de enfermagem. Quero me despedir de alguém.

— Henry, — papai disse severamente.

— Apenas cinco minutos.

Corri até o quarto de Lark antes que eles pudessem dizer mais alguma coisa.

Ele estava sentado em uma cadeira perto da janela, lendo um livro e enrolando uma mecha de seu cabelo loiro ondulado. Um de seus hábitos nervosos. Isso ou morder o lábio até ficar inchado. Mas nunca liguei para ele. Ele tinha todos os motivos para estar preocupado. Todos nós fizemos.

Depois de observá-lo por mais um momento e pensar que ele parecia um pássaro delicado naquele momento, limpei a garganta. — Vim me despedir.

— Oh, eles estão deixando você sair mais cedo. — Seu sorriso era triste quando ele se levantou. — Estou feliz que você me avisou. Eu esperava que pudéssemos

jogar mais um jogo de Banco Imobiliário.

Meu estômago embrulhou. Lark sempre achou legal que os nomes das ruas fossem iguais aos de Atlantic City, mas sempre desistimos mais cedo porque o jogo demorava muito.

— Sim, meus pais estão um pouco ansiosos para me levar para casa.

— Faz sentido. — Ficamos ali sem jeito até que ele deixou escapar: — Espero que você consiga.

— Espero que você também.

A ideia de que um de nós talvez não conseguisse é um peso em minhas entranhas.

— Ok, bem... tchau. — Avancei para puxá-lo para um abraço frouxo. Seus braços agarraram minha cintura com força, fazendo minha pele formigar. Seu cheiro era uma mistura de melancia e antisséptico hospitalar, mas eu não usei isso contra ele. Provavelmente eu tinha o mesmo cheiro, menos o doce. Mas isso sempre me lembraria dele.

— Sentirei sua falta, — ele disse enquanto recuava. — Gostaria que morássemos mais perto.

Mas estávamos em lados opostos da cidade.

— Eu não vou esquecer você. Como poderia isso com um nome maluco como Lark[1] Levitt?

Ele me disse que sua mãe gostava da natureza e especialmente dos pássaros, o que fazia muito sentido. Ela até usou um colar de gaiola. Ainda assim, um nome engraçado para dar ao seu filho. Mas também é legal. Meus pais só teriam considerado me dar algum nome familiar ou que soasse importante.

—Você também não, Henry Albrecht. O terceiro.

Revirei os olhos. — Henners, lembra? — Era meu apelido na escola e no campo de futebol.

Lark sorriu. — Eu lembro.

— Ok, bem... — Eu avancei desajeitadamente em direção à porta.

— Ah, mais uma coisa. — Lark foi até a gaveta, abriu um de seus cadernos e pegou um envelope. — Você pode ler mais tarde.

Assim que ele passou para mim, senti seus lábios quentes contra minha bochecha e todo o meu corpo ganhou vida. Eu engasguei como se tivesse ficado chocado — e talvez tenha ficado. Ele recuou cautelosamente e olhou pela janela. Não querendo que ele pensasse que tinha feito algo errado, inclinei-me para passar minha boca em sua bochecha também. Exceto que ele virou a cabeça naquele momento e eu beijei o canto dos lábios dele.

— Desculpe... desculpe por isso.

Seu rosto ficou vermelho. — Eu não me importei.

Parecia que alfinetes e agulhas estavam me picando. E não do tipo da quimioterapia.

Foi difícil sair daquele quarto, mas forcei meus pés a se moverem, me forcei a não olhar para trás.

Fiquei com um nó na garganta durante todo o caminho para casa, como se eu o estivesse deixando para morrer ali. Ok, isso estava sendo dramático. Mas eu me sentia tão intimamente ligado a ele por meio de nossa experiência compartilhada que era difícil imaginar uma separação. Eu nunca havia me sentido tão conectado com outro ser humano antes, nem mesmo com meus pais.

Abri cuidadosamente o envelope no banco de trás, esperando que meus pais não ouvissem o farfalhar do papel. Uma melancia Jolly Rancher caiu no meu colo e eu sorri.

Peguei o bilhete dobrado e li.

Henners,

Você significa muito para mim.

Eu nunca te esquecerei.

Tem sido muito difícil, mas você tornou tudo melhor.

Estarei torcendo por você. Boa sorte.

XOXO,

Lark

Respirei fundo com o *XOXO* escrito ali. Isso significava abraços e beijos, certo? Eu ainda podia sentir meus lábios formigando por causa daquele beijo acidental.

Foi acidental?

Meu coração apertou, doendo durante todo o caminho para casa.

"Você significa muito para mim."

Retomei minha vida quase imediatamente – meus pais garantiram isso – e logo a internação no hospital se tornou um borrão. É como olhar pela janela traseira enquanto você sai de uma longa viagem ao exterior. Não que um quarto de hospital fosse férias, mas Lark ajudou a aliviar um pouco o estresse.

Nunca mais nos vimos. Mas eu também nunca o esqueceria.

Lark

COM O NARIZ pressionado contra o vidro, observei os pardais em um dos muitos comedouros que mamãe havia pendurado do lado de fora. Ela era obcecada por pássaros e, embora nosso trailer de dois quartos não fosse realmente propício ao seu sonho de olhar pela janela da cozinha para as árvores em seu quintal, nós nos viramos. Como nosso estacionamento de trailers ficava perto de um bosque que levava a um lago artificial, muitos pássaros vinham nos visitar.

Meu coração estava batendo forte esta manhã enquanto os nervos acampavam em meu estômago.

Fechei os punhos, sentindo as pontas rombas dos band-aids em meus dedos, dois de cada lado.

Não vou mastigar minhas cutículas cruas, disse a mim mesmo ontem à noite. Então falhou imediatamente.

Meus hábitos nervosos pioraram desde que fui hospitalizado quando criança, apesar de eu ter sobrevivido. Mas, como diz o ditado, era difícil quebrar hábitos. O pediatra disse que meu estado de ansiedade provavelmente era algo chamado dermatilomania[2] e me deu panfletos sobre o assunto, que ignorei. De jeito nenhum conseguiríamos pagar mais médicos ou terapia. Além disso, eu havia inventado minhas próprias soluções que funcionavam — às vezes. Mas certamente não na noite anterior a uma grande virada em minha vida.

Ouvi o barulho de pés pequenos antes de sentir Star, minha irmã de quatro anos, torcer sua mãozinha em volta do meu dedo e puxar. — Estou com fome.

— O que você está fazendo acordada tão cedo?

Ela encolheu os ombros e me puxou em direção à mesa da cozinha. O nome dela era uma abreviação de Starling, então dava para perceber que mamãe estava animada em dar aos filhos o nome de sua matéria favorita. Adicione a sua chamada adoração pagã, olá solstício de verão e inverno, e você pode imaginar

como nossa família era vista como pouco convencional em certos círculos. Esperançosamente, eu me misturaria melhor na faculdade. Últimas palavras famosas. — Vou preparar um pouco de cereal para você.

— Já tenho isso, — disse mamãe, vindo até nós, recém-saída do banho. — Você termina de se preparar para o seu primeiro dia.

O Roosevelt College tinha um código de vestimenta para os rapazes que consistia essencialmente em usar camisas de colarinho e nada de jeans. Era semelhante para as meninas, exceto que as saias eram opcionais e tinham que ficar na altura dos joelhos – o mesmo que no ensino médio, como se as meninas fossem responsáveis pela forma como os meninos reagiriam se vissem alguma coxa. Mamãe reclamou que a maioria dos códigos de vestimenta eram arcaicos e não mudariam sem alguma resistência.

Mamãe e eu tínhamos ido a brechós e compras em liquidação durante o verão e compramos para mim algumas camisas polo e calças cáqui, além de outras camisas de botão. Mas hoje coloquei a jaqueta preta elegante que coloquei na mistura porque parecia mais comigo. Além disso, era uma manhã fria em Jersey, o que era incomum para um dia de fim de agosto. Mas foi outro sinal de que a temporada estava prestes a mudar.

— Você está lindo, — disse mamãe quando me juntei a elas à mesa e tentei prender meu cabelo loiro rebelde que raramente conseguia domar. — Nervoso?

— Um pouco. — Eu estava muito nervoso, mas também animado por ter sido aceito - e nada menos que ter uma bolsa de dança. A dança foi meu primeiro amor absoluto, e tive a sorte de estar envolvido com dança durante toda a minha vida, de uma forma ou de outra, fora dos meses de tratamento do câncer quando era criança.

O dinheiro estava curto, especialmente porque meu padrasto fugiu com a secretária e minha mãe ficou com todas as contas. Ele deixou a casa para ela no divórcio, provavelmente por culpa, o bastardo. Mas entre minhas contas médicas e a soma da hipoteca, ela decidiu vendê-lo. A mudança para o Lakeview Trailer Park deveria ser temporária, mas não foi tão ruim. Especialmente se eu ainda

puder dançar.
A amiga da mamãe era dona de um estúdio em Trenton e nos ofereceu um desconto, desde que eu ajudasse nos bastidores com os figurinos durante a temporada de recitais, e certamente não me importava em colar strass para adicionar um pouco de brilho. Eu era um dos poucos homens mais velhos nas turmas – os mais jovens normalmente abandonavam o ensino médio – mas as apresentações me aproximaram um passo do meu sonho de estar no palco da cidade grande, e o exercício regular que isso proporcionou me manteve magro e saudável.
— Eu não tenho ideia do que esperar. Mas qualquer coisa seria melhor do que o ensino médio, — eu disse enquanto comia uma torrada.
— Você mantém a cabeça erguida, está me ouvindo? — ela disse, e eu balancei a cabeça. — Tem certeza que não quer que eu leve você no seu primeiro dia?
— Não, o ônibus está bem. Isso me deixa a um quarteirão da escola.
Além disso, seu carro já tinha visto dias melhores e ela precisava reservar gasolina para fazer compras e trabalhar.
— OK, querido. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não se esqueça de voltar para casa logo depois.
Mamãe trabalhava quase todas as noites no Shorty's Diner, em homenagem ao proprietário e chef, e eu ficava responsável pela minha irmã durante seus turnos. O horário funcionou bem para nós, principalmente para ela não ter o custo adicional da creche. Star frequentava a pré-escola três manhãs por semana, e mamãe tentava estar por perto nesses dias.
— Eu vou, — respondi, mas meu estômago estava tremendo.
Saí do trailer e acenei para alguns vizinhos idosos que assobiaram para mim, como se eu estivesse indo para uma cerimônia chique em vez de uma sala de aula na faculdade. Meu amigo Pete, que morava três casas abaixo e do outro lado da rua com seu pai, me alcançou, também pronto para o seu dia. Após a formatura do ensino médio, ele foi trabalhar no ferro-velho de seu tio. Nós dois ajudamos na maior parte dos verões e fins de semana em troca de dinheiro, mas

Pete gostou o suficiente para se juntar a ele em tempo integral. Ele esperava herdá-la algum dia, e para alguém como Pete, que teve uma infância difícil depois que sua mãe faleceu, isso era um grande negócio.

— Olhe para você! Tão colegial — disse Pete, batendo em meu ombro. — Antes que eu perceba, você nos deixará para trás.

Éramos inseparáveis desde o primeiro ano, quando nossos caminhos se cruzaram no ponto de ônibus do estacionamento de trailers, e estávamos lá um para o outro desde então. Quando sofri bullying implacável no ensino médio por ser um dançarino de balé queer, ele me defendeu, o que só solidificou nossa amizade.

— Sem chance. Posso decidir que aquele lugar não é para mim.

A orientação definitivamente foi reveladora. Imediatamente notei as diferenças de classe e caímos diretamente no lado da baixa renda. Apesar de Pete pensar que eu tinha boa aparência, eu sabia que nunca estaria à altura dos outros alunos que vinham de famílias ricas. Mas como a universidade era conhecida por seu programa de artes plásticas, eu ainda tinha esperança de encontrar mais estudantes como eu.

— Não, você vai descobrir porque é brilhante. Além disso, é tudo o que você sonhou.

Meu peito se encheu de calor. — Obrigado, cara.

Cheguei ao ponto de ônibus bem a tempo, me aproximei e examinei meu passe para poder ir até o outro lado, menos degradado, de Forest Glenn. O ônibus me empurrou enquanto andava, mas consegui me segurar e seguir pelo corredor para me sentar ao lado de uma mulher mais velha com um sorriso gentil. Ofereci a ela um Jolly Rancher depois de colocar uma melancia na boca, mas ela recusou.

Vinte minutos e muitas paradas depois, parei enquanto o ônibus parava e saía, com o coração batendo na garganta. Caminhei um quarteirão até a universidade aparecer, prendendo meu fôlego.

O campus parecia um cartão postal com suas colinas, imponentes fachadas de tijolos e a torre do sino que se erguia como um farol alto sobre todas elas. De repente, lembrei-me do guia turístico do estudante dizendo ao grupo que os

edifícios eram uma mistura de estilos georgiano, gótico e vitoriano e que o sino da torre era o original do século XIX e tocava todas as manhãs às oito, mesmo nos feriados, pelo o zelador. Era para sinalizar o início das aulas, mas a vida universitária mudou desde então e obviamente nem todos os alunos tiveram aulas antecipadas. Mesmo assim, achei uma tradição legal.

Pisquei quando parei no portão de ferro ornamentado que ostentava o selo do Roosevelt College, incapaz de acreditar que era estudante aqui no meu primeiro dia de faculdade.

Enquanto eu descia a grande passarela ladeada por pinheiros imponentes e jardins exuberantes, os alunos apareceram, esparramados sobre mesas, bancos e no gramado perto do prédio principal. Havia um número suficiente deles para fazer você se perguntar se a maioria, de fato, começava as aulas mais cedo. O centro estudantil, se bem me lembro, levava a passarelas protegidas que ligavam a vários outros edifícios. Aparentemente, foi uma das atualizações feitas há uma década para ajudar os alunos a atravessar o campus em condições climáticas adversas. E houve muitos desses dias no oeste de Nova Jersey.

De repente, minhas pernas pareciam cimento e pensei em me virar e correr de volta para casa. De jeito nenhum eu pertencia a esses outros alunos, que tinham um ar de sofisticação. Mas então pensei no conselho da minha mãe para manter a cabeça erguida, então respirei fundo e continuei. Recebi alguns olhares curiosos, mas felizmente meus pés nunca vacilaram.

— Quem diabos é esse? — Ouvi quando passei por um grupo de estudantes sentados a uma mesa. — E por que a jaqueta dele é tão brilhante?

— Feito de vinil, talvez.

— O que há com os band-aids nos dedos dele?

Minhas bochechas esquentaram e eu enrolei minha mão, envolvendo-a firmemente em torno da alça da minha mochila. Se eu soubesse que seria examinado tão de perto, teria usado luvas ou algo assim. Eles definitivamente não queriam ver a pele vermelha e crua por baixo dos band-aids.

Não olhe. Continue caminhando. Mas eu não pude evitar. Olhei por cima do

ombro para o grupo de estudantes, a maioria dos quais parecia corpulento — deixe-me adivinhar, jogadores de futebol?

Meu olhar pousou em um cara bonito de cabelos escuros, que era o único que não ria em minha direção. Na verdade, ele parecia irritado. E ele parecia mais velho — ou era mais maduro?

Por que ele parecia tão familiar?

De repente, o sino tocou ruidosamente — então foi isso que soou — e minha cabeça virou-se em direção à torre que se destacava atrás dos jardins. Na hora certa, a maioria dos alunos se levantaram, provavelmente aqueles de nós que tinham aulas às oito e dez, e convergiram em direção aos degraus que levavam ao prédio principal, enquanto alguns caminhavam em outras direções.

Eu estava hiperconsciente de que o grupo zombando estava atrás de mim e, não querendo mais ser examinado, me afastei para deixá-los passar.

— Vamos, Henners, — disse um dos caras, empurrando o braço do cara bonito.

Ele parecia atordoado, ou talvez apenas cansado numa manhã de segunda-feira.

De repente, uma lembrança do tempo que passei no hospital me ocorreu: — *Meus colegas de equipe me chamam de Henners* —.

Não, não poderia ser. Henry Albrecht? Seu cabelo estava mais comprido agora, mas ainda curto nas laterais, a franja emoldurando aqueles olhos escuros. Exceto que agora ele era um gigante. Alto e corpulento, ele provavelmente poderia me levantar com um braço.

Quando vi a cicatriz que dividia sua sobrancelha, eu sabia que não poderia estar enganado. Ele me contou a história durante a hora de artes e ofícios — como ele sofreu a lesão durante o treino de futebol quando era jovem.

Meu estômago afundou de excitação. Caramba, meu velho amigo.

Levantei minha mão em um aceno, mas ele apenas olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Eu balbuciei, meus lábios incapazes de formar palavras e explicar que ele parecia familiar, que talvez eu estivesse enganado, mas era tarde demais; ele já havia entrado. Abaixei a cabeça e segui atrás dos outros alunos.

Henry

EU ESTAVA RELAXANDO com meus colegas de equipe no ar fresco da manhã no primeiro dia do meu segundo ano no Roosevelt College. Foi um contraste revigorante com os treinos quentes de futebol do verão, que foram brutais, não apenas fisicamente exaustivos, mas também mentalmente, devido a todas as expectativas depositadas em nós — em mim — pela escola e por meu pai. Mas pelo menos estávamos prontos para a temporada.

Esta foi a alma mater[3] do meu pai; ele e o treinador eram conhecidos há muito tempo, então o treinador concordou em manter meus registros de saúde em segredo. Papai insistiu que eu fizesse o mesmo — ele não iria querer repetir suas próprias experiências com uma doença. Além disso, ele só queria que eu tivesse sucesso. A pressão no meu peito toda vez que ele reiterava o sentimento também não ajudava.

— Quem diabos é esse? — perguntou Frank, também conhecido como Flash, nosso wide receiver all-star. — E por que a jaqueta dele é tão brilhante?

— Feito de vinil, talvez, — respondeu Bruce, apelidado de Bones porque era um linebacker e tinha uma constituição sólida.

— O que há com os band-aids nos dedos dele? — A-Train perguntou. Seu nome verdadeiro era Allister, o que ele odiava. Ele era nosso centro e bloqueador incrível.

Minha cabeça virou na direção do cara que caminhava em direção à entrada vestindo calça bege, camisa polo e jaqueta de couro preta. Ele gritou calouro, e não só porque parecia tímido e um pouco perdido. Eu não era de me preocupar com roupas ou etiquetas, mas era óbvio que sua jaqueta surrada não era de couro de verdade. Mais como couro falso ou talvez vinil, como Bones havia apontado. Mas quem se importava? Talvez fosse um dos favoritos e ele achasse que equilibrava o guarda-roupa nerd e formal que o código de vestimenta da universidade incentivava. Afinal, a maioria de nós estava vestido da mesma

forma.

Quando o sino da torre tocou — um som que eu gostava — pulei da mesa para entrar na minha primeira aula, distraidamente me perguntando por que o calouro parecia tão familiar.

Algo nos cachos rebeldes ou em seus olhos verdes que continha um toque de melancolia? Ele os ouviu zombando dele ou ele sempre parecia assim?

Quando seus olhos encontraram os meus e ele ergueu a mão desajeitadamente em um aceno, fiquei pasmo, meus pés vacilando brevemente enquanto fui empurrado ao lado de meus companheiros de equipe para dentro do prédio.

Meu estômago embrulhou, como sempre acontecia quando eu achava um cara atraente, mas ignorei. Não havia espaço para isso na minha vida.

Assim que entrei, tudo voltou à tona. Eu tinha doze anos e estava na enfermaria de câncer e conheci um garoto chamado Lark que eu não tinha certeza se veria novamente. Em parte porque eu me perguntava se ele conseguiria. Se *eu* conseguisse. A ideia de que você não poderia causar um inferno em sua psique.

O alívio que nós dois passamos inundou meu sistema e me senti momentaneamente tonto.

Todos aqueles dias que passei na enfermaria infantil, onde fiquei mais doente que um cachorro, mas ter lá outra criança da minha idade ajudou. Quando Lark chegou, ele era pequeno, com bochechas rechonchudas e membros finos e desengonçados. Eu não estava muito melhor, tendo perdido uma quantidade significativa de peso. Mas agora ele estava crescido — mais alto, embora ainda tivesse ossos pequenos, maçãs do rosto angulosas e cílios grossos.

Naquela época, Lark geralmente lia ou ouvia música em seus fones de ouvido — normalmente músicas de shows da Broadway —, batendo os dedos na coxa quando achava que eu não estava olhando. E aqui estava ele novamente, um enigma.

— Você conhece aquele garoto? — perguntou Spencer, meu colega de quarto e melhor amigo. Ele também foi o talentoso chutador do nosso time.

— Não tenho certeza, Spence. Talvez do ensino médio?

— Seriamente? — Bones perguntou como se isso não pudesse ser verdade porque eu estudei em uma escola particular — todos nós frequentamos — e Lark claramente não pertencia a esse lugar, ou aqui, nesse caso.

— Ele é obviamente um garoto bolsista. — Isso do Flash. Era algo que ele e outros gostavam de destacar todo semestre. Vamos provocar o garoto que teve que trabalhar muito para chegar aqui. Isso nunca fez sentido para mim. Eles estavam essencialmente zombando de si mesmos.

Lark ainda dançava? Ele estava aqui para o respeitável programa de Roosevelt?

Eu sabia disso, pelo menos. O futebol não era a única opção extracurricular. Na verdade, eu diria que o programa de dança teve mais sucesso do que os esportes de contato da universidade, mesmo que nossos jogos atraíssem multidões maiores.

— Ou talvez ele seja um fã, — disse A-Train, irônico. — Todos saúdam Henners, o Deus quarterback.

Revirei os olhos, embora fosse verdade que os alunos reconheceram alguns atletas. Mas eu não me deleitei com isso como alguns dos outros fizeram. Só vim para Roosevelt porque meu pai insistiu, apesar de minha mãe afirmar que a decisão era minha. Okay, certo. Eu não teria ouvido o fim disso. Mas o programa de engenharia da escola era bem avaliado e, enquanto eu conseguisse meu diploma, deixaria meus pais orgulhosos.

Após minha internação no hospital, eles me mandaram para uma escola particular onde joguei futebol e fui observado por diversas faculdades, finalmente decidindo por esta. Eu adorava futebol, era bom nisso, mas não achava que fosse sustentável a longo prazo. E não para uma criança que se recuperou do câncer. Não que eu não estivesse em ótima forma, mas porque, no fundo, meus medos de recaída praticamente dominavam meus pensamentos toda vez que eu ficava doente com algo tão comum como um resfriado.

Eu estava oficialmente em remissão há sete anos, e meus pais ainda agiam como se meu tempo dentro e fora do hospital não fosse um grande ponto de viragem na minha vida. Raramente discutiam o assunto — exceto para doar anualmente a

organizações contra o câncer.

Mas agora que Lark estava aqui e sabia do meu segredo, eu não sabia o que fazer.

— Te vejo mais tarde, pessoal. — Segui um dos caminhos até o prédio da engenharia, que parecia o caminho mais rápido no extenso campus. Entrei na minha primeira aula, que era redação técnica, e cumprimentei algumas crianças conhecidas do programa. Eu era bom em minhas matérias básicas, especialmente cálculo, e até me ofereci como voluntário para dar aulas particulares em uma turma de calouros chamada Revisão Pré-Cálculo. Isso me rendeu um crédito e provavelmente seria muito fácil neste semestre.

Felizmente, essas coisas vieram facilmente para mim. Eu mal consegui me concentrar durante toda a aula, o que foi bom porque só tínhamos concluído o plano de estudos até agora. Todos pareciam entediados, então espero que isso não seja uma prévia do resto do semestre. Duvidoso, no entanto. Eu mergulhei no espaço dos meus próprios pensamentos novamente.

Lark ganhou uma bolsa de estudos como Flash sugeriu? Não que os pais de Lark não pudessem necessariamente pagar por isso, mas me lembrei de nossas conversas sobre contas médicas, escolas públicas e o trabalho da mãe dele no varejo, se minha memória não me falha. Nada disso importava, não realmente. Mas certamente aconteceu com outras pessoas. Como meus pais.

Lark estar em algum lugar no mesmo campus naquele momento era surreal. Eu não conseguia contar quantas vezes pensei nele ao longo dos anos e até guardei sua carta numa gaveta de casa. *O que ele acharia disso*? me perguntei.

Eu esperava contra todas as esperanças que ele entrasse em remissão e agora eu tinha minha resposta.

Lark Levitt sobreviveu e muito mais.

Lark

EU AINDA ESTAVA COMPLETAMENTE DISTRAÍDO por ter visto Henry Albrecht. Apesar disso, meu primeiro período de aula de inglês parecia promissor – sempre fui bom em me expressar no papel e através da música. Também fui obrigado a frequentar aulas de educação geral, como ciências e matemática, o que foi lamentável, pois eu era menos proficiente nessas matérias. Mas eu definitivamente estava ansioso pelo meu curso vespertino de História da Dança, bem como de sapateado e balé amanhã.

Até fiz um novo amigo, embora provavelmente *conhecido* fosse uma palavra melhor. Não vamos nos precipitar. Eu não era o melhor em manter muitos amigos fora Pete, principalmente porque fui ridicularizado tanto que aprendi a me fechar. Mas qualquer interação social poderia me ajudar a passar o semestre se Henry planejasse me ignorar o tempo todo.

Ainda havia a possibilidade de ele simplesmente não ter me reconhecido. Por enquanto, eu aceitaria isso.

— *Oi*, — meu agora novo amigo disse assim que me sentei ao lado dele. Eu o reconheci no dia da audição e possivelmente da orientação também. — *Eu sou Emil. Vejo que você entrou.*

Se bem me lembro, ele saiu da audição sorrindo, sabendo que tinha arrasado. A única coisa que fiz foi na minha cama à noite, imaginando-me estragando tudo.

— *Você também.*

Minhas mãos tremeram ao abrir a carta de aceitação no ano passado, e então gritei tão alto que acordei Star de um cochilo. Mas mamãe e eu comemoramos aquela noite com bolo comprado em loja, comendo direto da embalagem. Pete também estava lá e ficamos juntos até tarde da noite, conversando e sonhando.

— O que você acha até agora? — Emil perguntou.

Eu ri. — Não sei. Acabei de chegar aqui. Mas suponho que seja promissor. Qualquer coisa seria melhor que o ensino médio.

— Conte-me sobre isso, — ele murmurou, e de repente eu gostei dele ainda mais. — Eu sou de Hoboken. Também não havia muitos caras na aula de dança.
— Eu te escuto. Ninguém realmente entendeu — isso me pegou.
— Então talvez isso seja diferente, — ele respondeu sonhadoramente.
— Aqui está a esperança.
Nós batemos os punhos.
— Você mora no campus? — Emil perguntou.
Balancei a cabeça e olhei para baixo. De jeito nenhum minha família poderia arcar com esse custo adicional. — Você?
— Sim, e meu novo colega de quarto já é um completo desleixado.
Eu sorri. *Cuidado com o que você deseja.* Minha atual colega de quarto era Star, e ela era muito fácil de lidar, especialmente porque a hora de dormir dela era bem mais cedo que a minha. Havia apenas dois quartos no trailer, mas não me importei muito. Por agora.
Emil apontou para as pontas dos meus dedos enfaixados. — Você teve um acidente?
Minhas bochechas esquentaram. — Sim, uh, me queimei.
Fiquei com vergonha de admitir que mastiguei minhas cutículas cruas.
Enquanto esperávamos o início das aulas, comparamos os horários, percebendo que ambos tínhamos o mesmo período de balé, o que foi legal. Também decidimos nos encontrar para almoçar no refeitório do centro estudantil, já que nossos horários eram livres por volta do meio-dia na maioria dos dias da semana. A universidade oferecia opções de almoço pago para os alunos, mas era muito caro para mim, então levei um sanduíche.
Quando o professor entrou na sala, a conversa cessou. — Bom Dia classe. Dê-me alguns minutos.
Ele se ocupou em tirar pastas e cadernos da bolsa enquanto os olhos dos alunos permaneciam fixos nele. Depois que ele distribuiu o plano de estudos, nós o revisamos e eu escrevi os prazos de todas as tarefas em meu calendário, na esperança de mantê-lo o mais organizado possível.

Não vi Henry enquanto me arrastava do prédio atrás do centro estudantil para o próximo do outro lado do campus, tentando permanecer invisível enquanto era examinado pelos veteranos. Ou talvez apenas parecesse assim. Pude identificar facilmente os outros calouros, que pareciam tão confusos quanto eu.

Embora o pré-cálculo fosse considerado uma aula corretiva oferecida para aqueles que eram péssimos em matemática como eu e não atendiam a todos os requisitos do ensino médio, eu provavelmente ainda teria dificuldades com o material. Por que eu precisava disso de novo? Infelizmente, até mesmo o Bacharelado em Belas Artes exigia duas aulas básicas de matemática para me formar, então esta e a próxima iriam satisfazê-las para mim.

Se eles não me matassem primeiro.

O professor parecia bastante amigável e, em vez de repassar o plano de estudos, distribuiu um teste de revisão que não contaria para a nota. Ele queria ver qual era o nosso nível de conhecimento sobre o assunto e, dados os olhares taciturnos da turma, foi igualmente desesperador para todos. Acertei apenas dois usando as fórmulas fornecidas no quadro, e isso se deveu principalmente a palpites de sorte.

Felizmente, os calouros foram automaticamente agendados para um período de revisão pré-cálculo posteriormente, usando a mesma sala de aula. Essa deveria ter sido minha primeira pista de que as tarefas seriam quase impossíveis, e eu já estava ansioso por não passar.

Ficamos sentados após o término da primeira hora de aula, e o professor assistente explicou que os alunos do último ano se juntariam a nós nas sessões de estudo entre pares para atuarem como mentores. Provavelmente alunos que já haviam se saído bem em cálculo. E este foi apenas o curso preliminar. Qualquer coisa mais difícil parecia incompreensível.

Contive meu suspiro quando vi Henry entrando na sala atrás dos outros alunos mentores.

Quando nossos olhos se encontraram, ele me estudou atentamente por um breve segundo antes de desviar o olhar culpado. Talvez eu estivesse interpretando a

situação de forma errada, mas com certeza parecia que ele me reconheceu. Caso contrário, por que ele não ofereceria pelo menos um sorriso ou um aceno? Especialmente depois de ter feito papel de bobo fazendo o mesmo antes.

Se ele quisesse jogar esse jogo, eu também jogaria, embora não tivesse certeza de qual poderia ser a razão por trás disso. Foi porque seus colegas de futebol desaprovariam que ele fosse amigo de alguém como eu? Ele era muito pretensioso ou popular? Ele nunca agiu daquela forma no hospital, o que contrastava fortemente com a forma como seus pais falavam com as enfermeiras. Não exatamente maldoso, mas mais como condescendente.

Achei que essa merda acabaria depois do ensino médio, mas aparentemente isso também acompanhou você até a faculdade. Mas talvez fizesse sentido já que este lugar era considerado de elite e eu só estava aqui com uma bolsa de estudos. Jesus, eu seria lembrado desse fato todos os dias?

Não fiz contato visual com ele durante o resto do período, pois ele felizmente — ou talvez propositalmente — ajudou os alunos em outra mesa. Mas eu podia ouvir sua voz, que agora tinha um timbre profundo e me deu um frio na barriga. Eu já sabia que gostava de garotos naquela época, então foi uma pena que eu o achasse atraente, apesar dele me ignorar.

Eu tive um intervalo entre as aulas da manhã e da tarde, então fui para o refeitório para encontrar Emil, meu estômago estava tão instável depois daquele não-encontro que eu nem tinha certeza se conseguiria comer.

— Lark, — alguém gritou atrás de mim, e reconheci sua voz imediatamente — aquele tenor rico e deliciosamente profundo. Não, não vou lá com ele.

Virei-me e encontrei Henry parado ali, de estatura alta e cabelo perfeitamente penteado, como se pertencesse a um catálogo de universitários gostosos.

— Então você *me* reconhece, — eu disse, e ele estremeceu. — E agora que seus amigos não estão por perto e não temos audiência, é seguro me reconhecer?

— Eu... — Ele balançou a cabeça. — Desculpe. No começo, eu não tinha certeza se meus olhos estavam me enganando. Você parece... Você está crescido.

Eu sorri. — Então é você. — Recusei-me a absorver todos aqueles músculos e a

sombra de cinco horas em sua mandíbula que eu nunca conseguiria fazer crescer, não importa o quanto tentasse. Eu provavelmente continuaria com cara de bebê até a meia-idade.

— Eu sei que pareço um idiota. Só quero dizer... — Ele se inclinou em minha direção e baixou a voz. — Ninguém sabe sobre mim. Sobre o que passei naquela época.

Fiquei pasmo. — Que você teve câncer?

— Shh, abaixe sua voz.

— Não é como se tivéssemos lepra. Nós dois estamos vivos e deveríamos nos sentir gratos.

— Claro que estou grato. Todos os malditos dias.

Meus pensamentos voltaram para sete anos atrás, quando ele saiu do meu quarto pela última vez e como meu rosto estava quente por causa daquele beijo acidental. Eu estava curioso desde então para saber se ele havia conseguido ou não. — Você já teve uma recaída?

— Você não?

— Eu pensei… Houve uma vez em que minha febre aumentou por alguns dias. — Meu estômago se contraiu quando me lembrei de como minha mãe estava preocupada. — Mas depois parou e acabou sendo uma gripe.

— Estou feliz. — Seu sorriso era genuíno. — Eu me perguntei ao longo dos anos.

— Eu também. — Seu olhar me levou dos cabelos até os dedos dos pés, e minhas bochechas pegaram fogo. Olhei para um ponto fixo por cima de seu ombro, o que me ajudou a controlar minhas feições. — Você, uh, ainda adora esportes?

Seus lábios se separaram como se ele achasse que eu não me lembraria desse detalhe sobre ele. — Uh-huh.

— E deixe-me adivinhar, os amigos com quem você estava esta manhã eram companheiros de equipe?

— Sim, desculpe por isso. — Seu rosto ficou vermelho. — Eu, hum, jogo

futebol.
— Que posição?
— Eu sou o quarterback dos Sentinels.
— Isso explica tudo.
Se fosse igual aos atletas do ensino médio, então eles eram unidos e bastante exclusivos. Mesmo depois de você ter feito um boquete em um deles. Embora eu ainda pudesse agradecê-lo pelo curso intensivo.
Suas sobrancelhas se juntaram. — Sim?
— Quero dizer, principalmente? — Ajustei minha bolsa no ombro, sentindo-me muito inquieto. — Seus companheiros de equipe não entenderiam sobre o seu câncer?
— Preciso ser forte para liderar a equipe.
— E sobreviver ao câncer é uma aparência fraca?
Que diabos?
— São meus pais… Eles têm muitas expectativas. Eles acham que manter meu histórico de saúde em segredo é o melhor. Foi aqui que meu pai fez faculdade e ele conhece o treinador e o reitor…
E deve ter feito uma grande doação para a escola também.
— Existe algum prédio com o nome dele por aqui ou algo assim? — Eu brinquei.
Ele esboçou um sorriso. — Provavelmente terá em algum momento. Na verdade, eles não são tão ruins quanto alguns dos outros pais.
— Está bem então. — Acho que não saberia como é sofrer esse tipo de pressão de seus pais abastados. — Mas, só para que eu entenda, admitir que você teve câncer de alguma forma arruinaria sua reputação – ou seria seu status na equipe?
— Meu pai não quer que ninguém tenha noções preconcebidas sobre minha saúde ou…
— Sua capacidade.
— Você está certo, é claro, e nós discutimos sobre isso, mas... — Ele fez um som frustrado, como se nem ele mesmo tivesse entendido. — Talvez eu não entenda a

lógica dele, mas estou apenas tentando terminar a faculdade.
Usando o dinheiro dos pais. Como a maioria dos outros estudantes. Novamente, era provavelmente o tipo de pressão com a qual eu não conseguia me identificar. Exceto a parte sobre sobreviver também.
— Sem problemas. Entendi... eu acho. Não era como se fôssemos amigos; isso era óbvio, então o que importava se eu soubesse ou não? — De qualquer forma, seu segredo está seguro comigo. — Virei-me para sair, mas seus dedos envolveram meu pulso.
— Espere, você está aqui por...
— Uma bolsa de estudos, sim.
Seu rosto ficou escarlate. — Isso não foi o que eu quis dizer.
— Para dançar.
Ele sorriu um pouco. — Lembro o quanto você amava música.
— Sim, ainda faço. — Esperei mais um pouco e disse: — Bem, vejo vocês por aí, *Henners*.
Ele engasgou e olhou para mim.
— Esse é o seu apelido, certo?
Outro ritual dos atletas era ter apelidos ridículos. Embora eu gostasse *de Henners*. Soava bem.
— Você lembra disso?
— Não. Bem, não até ouvir seus amigos te chamarem assim.
Ele fez uma careta como se lembrasse da interação matinal. — O que mais você ouviu?
— O suficiente, — respondi, e ele franziu a testa. — Mas eu... preciso ir.
De jeito nenhum eu queria a simpatia dele, então forcei minhas pernas a se moverem em direção ao refeitório.
— Lark? — ele me chamou.
Olhei por cima do ombro. — Sim?
— Você, uh, parece bem.
Eu inalei profundamente porque maldito seja. — Você também.

Notei a sugestão de um sorriso antes de me virar e continuar andando.

Acho que Henry Albrecht estava na minha vida novamente. Tipo isso. Pelo menos à distância. Mas agora tudo era diferente. Não éramos mais crianças com câncer.

Henry

NO DIA SEGUINTE, no refeitório, olhei para a mesa onde Lark estava sentado sozinho, estudando atentamente seu telefone. Me senti culpado, como se devesse convidá-lo para comer conosco, mas não tínhamos nada em comum, não é mesmo? Talvez nunca tenhamos feito isso, exceto por sermos duas crianças entediadas e doentes no hospital.

Ou talvez não. Eles nos mantinham ocupados com atividades como filmes e terapia animal, mas de alguma forma sempre encontrávamos uma maneira de sentar um ao lado do outro e conversar sobre todo tipo de coisas. Então, por que seria diferente agora?

Além disso, não se tratava necessariamente de nossa amizade, mas de fazer um calouro se sentir bem-vindo. Levantei minha mão para acenar para ele quando um cara baixinho de cabelo castanho caminhou em direção a ele e se sentou. Pelo menos ele já tinha feito um amigo.

Quando Lark sorriu para ele, meu estômago ficou estranho.

XOXO. Quatro letrinhas que provavelmente não significavam nada, mas às quais eu me apeguei durante anos sem um bom motivo. Ou talvez razões que eu não queria admitir.

Eu precisava parar de pensar nas merdas de quando éramos crianças.

Mas eu não podia negar que ele era atraente como um adulto.

Lark não fez contato visual comigo, e isso foi melhor depois da nossa conversa de ontem. Ele provavelmente achou estranho que ninguém soubesse do meu passado, nem mesmo meu melhor amigo, e eu tive dificuldade em racionalizar isso, até mesmo para mim mesmo.

— Então você o conhece! — Spencer disse quando abaixei minha mão. — Quem é ele?

— O nome dele é Lark e ele está no meu período de revisão pré-cálculo.

Spencer estreitou os olhos. — Você parecia conhecê-lo antes disso.

— Sim, eu não tinha certeza no começo. — Coloquei uma batata frita na boca. — Mas foi definitivamente do ensino médio.
— Você nem sempre frequentou escolas particulares? — Flash perguntou.
— E?
— Ele simplesmente não parece... — Flash acenou com a mão. — Ele parece um produto da escola pública.
Cerrei minha mandíbula. — Cristo, você se ouve às vezes?
— O quê? Suas roupas são uma revelação absoluta.
— E você não vai se livrar dos moletons furados por causa de alguma superstição sobre dias de jogo.
Suas bochechas ficaram vermelhas. Bom. Esses caras eram meus amigos, mas às vezes eram ridículos. Eles não saberiam o que fazer consigo mesmos se algum dia fossem renegados. Eles nunca sofreram um dia em suas vidas. De uma forma distorcida, fiquei grato pela minha doença de infância porque ela me fez ver o mundo de forma diferente. Como seus confortos podem ser arrancados de você em um piscar de olhos.
Mas eu não conseguia me enganar. Deixando de lado minha doença, eu não era muito diferente deles. Também fiz tudo o que meus pais me pediram — e às vezes me perguntava por que isso importava, já que meu pai interveio antes de eu enviar minha inscrição para a faculdade. Ele já havia falado com o treinador e o reitor em meu nome, e isso também não me agradou. Eu estava aqui por mérito ou não?
Depois que eu terminasse a faculdade e ganhasse meu próprio salário, talvez eu finalmente saísse da caixa em que fui colocado.
— Que diabos de nome é Lark? — A-Train perguntou.
— Não sei; que tipo de nome é Alistair?
Os caras riram.
— Aquele cara que está almoçando com ele é meu colega de quarto, — Bones murmurou. — Emil.
— E? — Flash perguntou.

— Ele está bem, eu acho. Mas ele tem uma boca aberta. Ele já está reclamando que eu deixo muitas das minhas coisas no chão.
— Eu também reclamaria, — disse A-Train. — Sem dúvida o seu lado do quarto é um chiqueiro.
— Certo? — Spencer acrescentou. — Você já viu o interior do armário dele? Lá dentro fede a meias mofadas.
— Você sabe que nossos uniformes são lavados pelo gerente do vestiário, certo?
— Eu disse ao Bones. — Eu sei que é preciso esforço para deixá-lo no lixo ao sair pela porta, mas pelo amor de Deus, não nos faça sentir seu cheiro.
— As mulheres não parecem se importar, — Bones disse, cheirando sua camisa.
— Eu limpo bem.
— Ugh, já sinto pena do seu colega de quarto.
— Emil aparentemente tem dupla especialização — música e dança — então você sabe que ele 'anda' pela sala, me julgando. — Ele usou aspas no ar na palavra *empinar* para causar efeito.
Revirei os olhos. — Muito bem, estereótipo completo. Dançarinos — homens *e* mulheres — provavelmente têm mais resistência do que você.
— Você não gostaria de saber? — ele brincou, jogando um guardanapo para mim.
Meu rosto esquentou. Eu sabia que eles não estavam falando sobre Lark ou seu amigo, mas ainda assim. Pelo menos isso ajudou a explicar o novo amigo de Lark, que obviamente pertencia ao mesmo programa.
— Talvez sim, — respondi, mantendo um tom sereno. — Algumas das bailarinas são gostosas.
Flash imitou um cara atacando alguém por trás. — Você deveria ir em frente, Henners.
— Por favor, Henry quase não fala com nenhuma garota, — disse A-Train, e esse era o cerne do problema, não era? Era difícil fingir que gostava de garotas e ainda mais difícil diminuir minha atração por garotos. Minha sexualidade foi uma compreensão emergente desde o início do ensino médio - e talvez até antes,

se eu fosse honesto comigo mesmo. Mas foi uma pílula difícil de engolir. Eu tinha muita coisa em jogo. Pelo menos, com certeza parecia assim.

— Não tenho tempo para besteiras. — A mentira veio com bastante facilidade, mas ainda assim me fez contorcer. — Mal consigo fazer o dever de casa fora do treino e lidar com seus idiotas em campo.

— Parece que o Sr. Capitão da equipe está muito ocupado com vocês, idiotas, — brincou Spencer para a linha ofensiva. Sempre houve uma rivalidade entre eles e as equipes especiais.

— Talvez eles precisem estar ainda mais cheios, — disse Flash, gesticulando com as mãos. — Sexo pode definitivamente ajudar a relaxar você.

Spencer olhou para mim e sorriu. — Então você não teria que usar tanto sua própria mão.

Ele não era diferente. Eu o ouvi se masturbando bastante no meio da noite. O problema era que eu não estava interessado em garotas, por mais que tentasse ou fingisse estar. Mas eu tinha que continuar fazendo o papel na frente dos meus companheiros de equipe, mesmo que o dançarino do outro lado do refeitório fosse mais intrigante.

— Seu idiota, — eu disse, limpando a boca com um guardanapo.

— Ele tem razão, — Spencer respondeu com uma voz mais suave.

— Talvez eu vá, então pare. — Levantei-me para jogar minhas sobras. — Vejo você no treino.

Diminuí a velocidade ao passar pela mesa de Lark, fingindo mexer em alguma coisa na minha bolsa. Eu o ouvi lembrando ao colega de quarto do Bones – Emil – que eles teriam a mesma aula de balé no último período do dia. Não que eu estivesse escutando ou algo assim.

Eu era covarde demais para fazer contato visual ou dizer olá. Não gostaria de ser mais provocado por meus companheiros de equipe, disse a mim mesmo. Patético.

Depois da aula de Design Assistido por Computador, voltei para o dormitório – Murphy House, que leva o nome de uma família antiga e rica porque eles

doaram uma tonelada de dinheiro ao longo dos anos. Algo que meu próprio pai aspirava, o que tornava manter esse segredo ainda mais estressante. Ele nunca pôde jogar futebol devido à epilepsia, então ter seu nome associado a algo em sua amada faculdade era a segunda melhor opção. Como se ele estivesse contando comigo para realizar seu sonho.

Spence já estava na sala porque havia faltado a uma de suas aulas da tarde. O treino de futebol seria em uma hora, mas eu estava me sentindo inquieto. — Preciso acertar uma coisa com minha agenda escolar, — eu disse, passando por ele em direção à porta. — Vejo você no vestiário.

E então vaguei pelo campus, tentando me acalmar. Entrei na torre do sino, meu esconderijo secreto favorito. Eu descobri isso no ano passado, durante uma conversa particularmente difícil com meu pai sobre um resultado péssimo no teste, e isso ajudou a acalmar minha frequência cardíaca. Mas mesmo subir os degraus de concreto e sentar-se bem acima do campus não ajudou desta vez. Mesmo assim, levei mais cinco minutos para respirar fundo antes de descer novamente.

Olhando ao redor para ter certeza de que ninguém que eu conhecia estava por perto, entrei no prédio de Artes Cênicas e passei pelas salas de aula, tentando encontrar Lark. Não que eu soubesse a agenda dele, mas uma busca rápida no meu celular me deu algumas ideias.

Passando por uma das últimas salas do longo corredor, eu o vi imediatamente pela porta aberta e prontamente dei um passo para o lado para que ele não pensasse que eu o estava perseguindo. Mas era exatamente isso que eu estava fazendo. Droga, eu realmente era patético.

Ele estava vestido com uma regata larga enfiada em calças justas que pareciam leggings e exibiam todos os músculos de suas coxas. Ele estava segurando uma barra em frente a um espelho comprido e usava sapatilhas de balé semelhantes às dos outros presentes. Quando ele se esticava para cima sobre os arcos, parecia um cisne elegante ou talvez uma garça – adequado ao seu nome.

Meu pulso estava ficando louco enquanto eu o observava fazer um aquecimento

junto com suas colegas de classe, que usavam collant e tinham os cabelos presos em coques. Havia alguns outros caras na classe, incluindo Emil, mas eu não conseguia desviar o olhar de Lark para notar mais do que isso.

Ele era ágil, seus movimentos eram fluidos e elegantes. Meus amigos zombavam de alguns desses movimentos, mas eu achava lindo. Enquanto ele graciosamente levantava os braços no ar para girar, notei os band-aids novamente.

Seus dedos poderiam ter sido feridos por causa da dança?

A maioria de nós certamente ficou bastante abalado com o futebol.

Eu realmente precisava parar de me esconder antes de ser descoberto. Mas eu não sabia quando teria a oportunidade de vê-lo fora da aula ou do almoço nos dias em que estivéssemos ambos no centro estudantil. Não achei que ele morasse no campus porque eu o teria encontrado antes, como no dia da mudança.

Depois de assistir por mais um minuto, me forcei a ir embora. Mas de alguma forma, vê-lo em seu elemento me acalmou. Talvez porque ele estava vivo, forte e fazendo o que amava. Isso foi tudo.

Lembrei-me de como, depois de um resultado de teste particularmente difícil no hospital, envolvendo uma contagem elevada de glóbulos brancos, me senti chateado e desesperado depois que meus pais foram embora. Eu tinha ido à sala de atividades para tentar distrair minha mente jogando paciência, mas não funcionou. Não até Lark entrar na sala. Ele viu meu rosto e de alguma forma ele simplesmente sabia. Então ele fez aquele movimento de dança bobo – como um giro e um salto direto de *Billy Elliot*. Foi meio instável porque ele estava fraco e não tinha muito impulso. Isso me fez rir e imediatamente me senti melhor. Sempre foi assim com ele.

Fui em direção ao campo, determinado a tirar Lark Levitt da cabeça. Pelo menos por hoje. Os caras estavam fazendo suas travessuras habituais, contando piadas e falando sobre garotas enquanto nos trocávamos no vestiário. Como capitão do time, cabia a mim dar um bom exemplo e controlá-los, e eles foram muito esportistas quanto a isso. Embora às vezes o peso do que eu carregava tão perto do colete parecesse insuportável. Acrescente a isso que o treinador e meu pai

eram velhos amigos que conversavam regularmente, e nunca me senti confortável o suficiente para simplesmente deixar tudo acontecer. Se os caras não tivessem votado em mim para ser seu capitão no verão passado, eu teria pensado que meu pai tinha algo a ver com isso. Mas eu intensifiquei depois que nosso quarterback sênior se machucou na temporada passada e tive um desempenho bom o suficiente para nos levar aos playoffs. Felizmente, ganhei o apoio da equipe por mérito, embora nunca tenha lutado por isso. Na verdade, os atuais veteranos da lista poderiam ter sido melhores candidatos. Mas como quarterback, suponho que a liderança já veio naturalmente.

— Vamos lá e começar o aquecimento, — eu disse, encurralando-os em direção à porta.

Assim que entraram em campo, seus comportamentos mudaram e eles levaram seu trabalho a sério. Eles sabiam que se não o fizessem, o treinador teria algo a dizer e ninguém queria irritá-lo.

Durante um exercício de arremesso em três etapas, no qual os quarterbacks da primeira, segunda e terceira equipe recebiam passes do A-Train e de outros centros, meu olhar se fixou em alguém conhecido que estava na beira da cerca. Lark estava empoleirado em frente ao local onde a banda estava praticando. Bones mencionou que Emil também era formado em música e, pensando bem, ele parecia familiar. Eu nunca tive tempo de assistir ao jogo do intervalo, mas eles usaram o mesmo campo para treinar desde o verão. Embora o barulho normalmente nos deixasse loucos, especialmente se eles estivessem desafinados, o treinador disse que era uma boa prática ignorá-lo, assim como faríamos com a multidão durante um jogo. Aconteceu a mesma coisa no ensino médio, onde algumas práticas eram terríveis, então, para mim, tornou-se como um ruído branco.

Mesmo que eu não pudesse ver a expressão de Lark ou exatamente onde seus olhos estavam direcionados, fingi que ele também estava me espionando secretamente. Depois de mais cinco minutos, ele se virou e caminhou em direção à saída, e agora eu estava mais do que curioso para saber onde ele morava e

como voltava para casa todos os dias. Ele tinha veículo próprio ou estava esperando alguém ir buscá-lo?

Quando senti falta do quarterback reserva chamando meu nome repetidamente, eu sabia que precisava tirar a cabeça da minha bunda.

Lark

EM MEADOS DE SETEMBRO, eu havia encontrado meu ritmo no Roosevelt College, especialmente porque quase todo mundo no programa de dança era muito legal. Havia uma mistura quase uniforme de estudantes do sexo masculino e feminino, o que foi uma mudança em relação aos programas em que estive envolvido durante toda a minha vida.

Henry e eu mantivemos distância, mas pude sentir seu olhar me pressionando durante nosso período de revisão e, às vezes, na área de jantar, onde os alunos tendiam a se agrupar por programa ou esporte. Mais dançarinos que tinham um período livre começaram a sentar comigo e Emil, enquanto Henry, é claro, estava com seus companheiros de futebol. Mas ouvi dizer que ele era estudante de engenharia, provavelmente por isso era tão bom em matemática, e às vezes ele conversava com estudantes de aparência nerd que ocupavam outra mesa com seus laptops abertos. Gostei dessa dicotomia nele; foi o que eu lembrei dele naquela época também. Não que isso me fizesse bem agora, já que não éramos mais amigos.

Notei outras coisas também, como o quão constrangido ele parecia dentro de seu grupo de futebol. Às vezes, quando eles riam de sabe-se lá o quê (eu normalmente conseguia captar um ou dois comentários obscenos), o sorriso dele não encontrava seus olhos. Eu não sabia o que isso significava, mas certamente me intrigou. O que foi uma droga, porque seria melhor se eu não o conhecesse. Não, retiro isso. Fiquei feliz por tê-lo conhecido naquela época, mas, como adulto, não pude deixar de me sentir desapontado.

— Aqui está, — disse Emil, entregando-me um pacote de meia-calça sem pés. O minha ficou presa, criando um buraco muito perto da minha virilha, e eu esqueci de trazer meu outro par. Eu estava dentro de seu dormitório, tentando não sentir inveja por ele ter morado no campus e aproveitado as instalações muito mais do que eu. Ele estava até na banda marcial, então definitivamente mais talentoso do

que eu jamais seria.
— Obrigado, prometo retribuir o favor.
Embora eu nem soubesse como poderia. Eu só tinha dois pares de sapatilhas de balé e dois cintos - o que era o equivalente de dança a uma cinta atlética para manter nosso lixo no lugar. Emil não foi crítico, e foi por isso que aceitei sua oferta.
— Não há necessidade. Eu tenho muito.
Mordi a língua porque ele disse isso por distração, sem perceber que eu não tinha esse luxo. Mas o que eu esperava do Roosevelt College? Eu era um dos poucos estudantes bolsistas e até ouvi boatos de que estudantes como nós haviam sido aceitos para cumprir alguma cota, em vez de por mérito. Então, no final, eu ainda estava tentando provar meu valor e provavelmente faria isso durante toda a minha vida.
Naquele momento, seu colega de quarto entrou pela porta. Ele estava no time de futebol com Henry e era conhecido pelo apelido de Bones, o que não fazia muito sentido, a menos que tivesse a ver com o quão grande ele era, mas tanto faz.
Emil revirou os olhos e me seguiu até a porta. — Tenho que ir para a aula, Bones. Até mais.
— Espere, — Bones disse, sentando-se em sua cama. — Você é o cara que conhece Henners.
Eu congelei, incapaz de me mover. Eu deveria reconhecer esse fato ou não? Tentei me lembrar da nossa conversa no corredor. Eu disse a ele que manteria seu segredo.
— E? — Emil perguntou em meu lugar.
— Nada. Eu estava apenas apontando isso. Como você o conhece de novo?
— Por que você não pergunta a ele? — Eu respondi, finalmente conseguindo soltar meus lábios.
— Sim, mas não me lembro da resposta. — Que droga. — Oh, espere, talvez eu saiba. Ensino médio ou algo assim?
— Existe um propósito para esta conversa? — Emil perguntou, e eu quase o

abracei. — Vamos, vamos nos atrasar.
Respirei assim que entrei no corredor.
— Desculpe por ter entrado assim, — disse Emil a caminho do prédio de Artes Cênicas. — Eu simplesmente não gostei do rumo que as perguntas estavam tomando.
— O que você quer dizer?
— Apenas sua atitude geral, eu acho. Como se você fosse obrigado a explicar como poderia conhecer Henners, Sr. Quarterback de futebol. *Que piada*. Minha família pode ser rica, mas nunca tratariam ninguém assim.
O calor encheu meu estômago. — Fui assim durante toda a minha vida, então obrigado por isso.
— Sem problemas. Lembre-se, não sou apenas dançarino de balé, mas também geek de banda. Temos que ficar juntos.

O fim de semana não poderia chegar logo. Minha manhã de sábado consistia em ficar deitado e recuperar o sono. Apesar de ter bastante dever de casa, fiquei feliz por ter espaço para respirar também.
Além disso, eu não tinha visto muito minha família ou Pete. Mas pelo menos conversamos durante o almoço naquela tarde, antes do próximo turno de mamãe no restaurante.
— Talvez hoje seja melhor, — disse ela, deslizando a camisa de trabalho por cima da regata. — Ontem à noite minhas gorjetas foram péssimas. Não ajudou em nada o fato de esse grupo de crianças esnobes ter entrado, pedido um monte de comida e depois me enganado.
Meu estômago doeu. Desejei que o trabalho dela não dependesse tanto de gorjetas, que na maioria das vezes eram péssimas. As diferenças de classe nunca

foram tão evidentes como depois que meu padrasto foi embora e minha mãe lutou para sobreviver.

— Espero que sim, — eu disse enquanto ela saía pela porta.

Star subiu no meu colo e se agarrou ao meu pescoço, usando seus melhores olhos de cachorrinho. — Podemos dar um passeio?

Star adorava passear pelos caminhos da floresta atrás do nosso estacionamento de trailers. Uma trilha levava a balanços e um escorregador, e logo depois disso, o lago. Outra trilha levava ao ferro-velho, que a deixou igualmente cativada. Principalmente os carros que foram arrasados pelo compactador. Ela achou que eles pareciam engraçados.

— Claro. — Fiz um pouco de cócegas nela porque adorei o som de sua risada, depois a ajudei a amarrar o tênis para que pudéssemos sair pela porta.

— Ei, como está indo? — Pete perguntou enquanto alcançava Star e eu. — Não tenho visto muito você ultimamente.

— Estou muito ocupada, — respondi com um suspiro. — Onde você está indo?

— O ferro-velho. Tenho que ajudar meu tio a consertar um dos guindastes para que ele possa prender o ímã de sucata. — Essa era outra máquina interessante que Star adorava assistir. Um ímã gigante que coletava montes de metais para serem classificados. Eu tinha feito minha parte nesse trabalho no verão passado e estava com os músculos doloridos para provar isso. Ainda ajudava em alguns finais de semana e nos intervalos da escola.

Seguimos em direção ao ferro-velho, Star parando a cada poucos minutos para colher uma flor silvestre. Mamãe nos ensinou desde cedo como identificar a hera venenosa e o carvalho, mas eu ainda estava atendo a ambos.

— Suas aulas são difíceis? — Pete perguntou.

— Minhas habilidades matemáticas são patéticas, mas preciso passar no pré-cálculo para atender aos requisitos da faculdade. — Eu certamente não queria reclamar muito. — Mas esse seria o caso em qualquer faculdade.

— Você vai descobrir. — Ele deu um tapinha no meu ombro. —Nada o impediu de atingir seu objetivo ainda.

— Verdadeiro. Obrigado. — Star correu na frente para atravessar um pequeno tronco. Ela sabia que não deveria tentar os maiores sem minha ajuda. — Mas fora os alunos do programa de dança, eu realmente não me encaixo.
Pete franziu a testa. — História de nossas vidas. Bem, foda-se eles.
— Star, espere, — eu chamei enquanto ela se afastava muito da minha linha de visão. Ela imediatamente parou para que pudéssemos alcançá-la. — Lembra quando eu disse que estava muito doente quando criança?
Eu não conhecia Pete naquela época. E na época, tive que faltar a muitas aulas, o que compensei com a ajuda de professores gentis. Mas faltei principalmente às aulas de dança nesses dezoito meses.
— Uh-huh. — Ele pegou um pedaço de pau e girou-o nos dedos.
— Bem, havia um garoto na mesma enfermaria de câncer. Henry Albrecht.
Ele sorriu. — Nome chique.
— Conte-me sobre isso, — eu murmurei. — Ele definitivamente vem de uma família rica, mas no hospital era difícil dizer quem tinha dinheiro e quem não tinha. — A menos que você tenha lutado para pagar pelo tratamento, é claro. Meu padrasto tinha um péssimo seguro saúde por causa do trabalho, então eles optaram por um plano de pagamento para pagar a conta. — Éramos apenas crianças doentes tentando sobreviver.
— Faz sentido, — disse Pete. — A mesma ideia de quando participei daquele grupo de luto infantil depois que minha mãe morreu. Estávamos todos tristes e tentando sobreviver.
— Exatamente.
Eu não mencionaria a outra história que pensei às vezes... como eu estava tão doente uma noite que não tinha certeza se conseguiria sobreviver de manhã. Henry estava preocupado e entrou no meu quarto para tentar me confortar. Ele esfregou minhas costas, colocou um pano frio na minha testa e adormeceu ao meu lado na cama. Lembro-me de estar ciente de quão quente e seguro ele me fez sentir naquela noite, e desejei que a enfermeira não o tivesse pegado e o mandado de volta para seu quarto.

O beijo de despedida acidental entre nós provavelmente solidificou a noção de que eu, de fato, gostava de meninos e sempre gostei. Não que houvesse algo entre nós durante nossa internação além de conforto e amizade. Mas pensar nele ao longo dos anos certamente me fez sentir aquecido e confuso por dentro.

— Então, onde você quer chegar com isso? — Pete perguntou quando alcançamos Star, que correu novamente na frente para inspecionar um galho caído. Ele deve ter notado minha careta porque deixou escapar: — Espere, não me diga que esse cara também está na universidade?

— Sim, grande estrela do futebol, e o nome de sua família provavelmente estará em um dos prédios algum dia porque ele é, tipo, da terceira geração ou algo assim.

— Puta merda. — Pete ficou em silêncio por um instante antes de perguntar: — Então qual é o problema? Embora eu certamente possa adivinhar.

— Quando nos vimos pela primeira vez, ele agiu como... como se não me conhecesse. E quero dizer, é possível porque vários anos se passaram, mas eu definitivamente me lembrei dele.

— Ai.

— Acontece que ele está no meu período de revisão pré-cálculo e, depois da nossa primeira aula, ele me encontrou para conversar, então acho que ele sabia quem eu era.

— Que gentil, — Pete disse sarcasticamente.

Star me mostrou uma pedra brilhante que ela pegou antes de cair novamente.

— De qualquer forma... ele alegou que ninguém sabia sobre seu passado, então estava nervoso que eu o entregasse.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Por que ninguém saberia?

— Ele tentou explicar, e o melhor que consegui entender é que seus pais não queriam que ele fosse estereotipado como o garoto doente, então eles mexeram os pauzinhos na escola para manter tudo em segredo.

Ele zombou. — Que clichê.

— Certo? — Eu sorri. — Seus pais parecem presunçosos. Eu me lembro disso

sobre eles.

Uma vez, a mãe de Henry estava comendo um pacote desses biscoitos que o hospital forneceu, e quando a enfermeira se ofereceu para mandar alguns para casa com ela, o pai de Henry interveio, dizendo: —Podemos perfeitamente comprar alguns nós mesmos, — como se ele não pudesse não suporto receber uma esmola.

Estranho como essa memória voltou para mim naquele momento.

— Cristo, essas pessoas com dinheiro. Não que eu saiba, — ele disse, e eu fiz uma careta. — É claro que nem todos são horríveis. Assim como nem todo pobre é decente.

— É verdade. O mundo tem muito mais nuances do que isso.

— Uh-huh. Ainda assim, você pensaria que a remissão de Henry seria algo que sua família gostaria de comemorar.

— Isso foi o que eu disse a ele. Mas… quem sou eu para atrapalhar sua experiência universitária perfeita? — Eu fiz uma careta. — Por enquanto, vou manter distância.

— Boa ideia, — ele respondeu quando chegamos ao perímetro do ferro-velho. — Te vejo mais tarde.

Observamos um pouco à distância enquanto Pete ajudava seu tio a trabalhar na máquina, principalmente porque Star queria ver o ímã gigante em ação. Mas depois de um tempo ela ficou entediada, então voltamos para a floresta e pegamos o caminho que levava aos balanços.

Empurrei o quanto ela quis enquanto minha mente vagava, fazendo um inventário do último mês. Ainda parecia surreal.

Em casa, coloquei um filme infantil, preparei o jantar e comecei a fazer o dever de casa.

Não era muito diferente do ensino médio, exceto que o trabalho era mais difícil e eu precisava de mais confiança e perseverança.

Falhar não era uma opção. Eu precisava passar o ano para manter minha bolsa. O que eu não precisava era de mais distrações de Henry Albrecht.

Henry

CRIEI o hábito de passar pela aula de dança de Lark antes do treino de futebol, às terças e quintas. Se os alunos estivessem no corredor, eu continuaria andando como se estivesse indo para algum lugar importante. Mas se não houvesse ninguém por perto, eu observaria por alguns minutos. E depois da aula, às vezes eu o via na cerca, observando a banda entrar em formação.

— Esse não é seu amigo Lark? — Bones disse durante o treino da quinta-feira seguinte. — Aposto que ele está observando Emil. O cara toca trompete. Ainda bem que ele não pratica em nosso quarto.

Eu ri. — É melhor não o irritar, ou ele pode te acordar usando essa coisa.

— Porra, é melhor que ele não. — Bones esfregou a mão no rosto. —E, a propósito, acho que eles provavelmente são queers um pelo outro.

— Cara, que diabos? Só porque eles são formados em dança não os torna automaticamente gays. — Esse era o tipo de estereótipo que eu odiava e temia ao mesmo tempo.

— Bem, *duh*. Mas não é isso que quero dizer. Outro dia eles estavam no meu quarto quando voltei da aula. Lark parecia desconfortável, como se eu os tivesse pego fazendo alguma coisa, e então eles foram embora imediatamente.

Meu estômago se agitou e, de repente, uma lembrança do hospital voltou para mim.

— Você sente falta dos seus amigos na escola? — Eu perguntei.

— Sim claro. Embora eu não tenha muitos. E você?

— Uh-huh, mas estou sentindo falta do futebol e do futebol também.

— Entendo. Estou sentindo falta da dança.

— Tem alguma... garota que você está sentindo falta?

As bochechas de Lark ficaram vermelhas. —Eu não gosto de nenhuma garota.

— Ainda não?

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar.

Eu nem sabia por que perguntei, exceto por curiosidade. Eu também não tinha uma queda por nenhuma garota. E logo depois disso, o cão de terapia entrou na sala, então deixei passar, embora estivesse confuso com a resposta dele. E depois da nossa despedida, fiquei ainda mais. Lark era gay?

— Você provavelmente está apenas lendo sobre isso, — eu disse ao Bones enquanto o treinador nos chamava para fazer alguns anúncios.

Mas não consegui parar de pensar em Lark a noite toda e, na manhã seguinte, na aula de revisão, tive coragem de sentar à mesa dele. Ele parecia desconfortável no início, mas logo se perdeu na tarefa, junto com seus colegas de mesa. Quando ele fez um som frustrado, eu sabia que ele estava lutando com o novo conceito que o professor apresentou hoje.

Eu me levantei e fiz um gesto para ele. — Siga-me até o quadro branco.

— Huh? — Ele piscou para mim.

Olhei para os três alunos trabalhando em silêncio nos problemas que acabamos de revisar.

— Para que eu possa demonstrar isso em um formato diferente. Pode ajudar.

Ele ficou hesitante e depois me seguiu até a frente da sala.

— Você está tentando me envergonhar na frente da turma?

— O quê? Não! Já fiz isso com outros alunos; talvez você simplesmente não tenha notado. O professor também faz com que vocês resolvam problemas no quadro. — Ele realmente achou que eu faria algo tão cruel ou ele estava tão constrangido?

— Certo, tudo bem. — Ele respirou fundo. — Vamos em frente.

Então peguei um marcador e comecei a resolver o problema no quadro. — Você estudou álgebra no ensino médio? — Eu perguntei por cima do meu ombro.

Ele estremeceu. — Sim, mas não tenho certeza se me lembro de nada disso.

— Você pode reconhecer algumas dessas etapas como coisas que já aprendeu.

— Duvido, — ele murmurou.

Resolvemos o problema passo a passo juntos e vi a lâmpada acender em seus olhos quando ele finalmente entendeu. — Ai está!

— Como você é tão bom nessas coisas?
— Sempre fui melhor em entender como as coisas funcionam ou se encaixam. — Dei de ombros. — Por que você é tão bom em artes plásticas?
— Touché.
— O que me lembra. Bones disse que seu colega de quarto, Emil, está dançando com você. Além disso, eu o reconheço da banda marcial.
— Sim. Ele é um cara legal. Ele aguenta a bagunça do Bones, então acho que ele é um santo.
Eu ri. — Eu te escuto.
— Existe uma razão pela qual Bones mencionou isso? — Lark arqueou uma sobrancelha. — Achei que estávamos nos ignorando.
— Eles viram você me cumprimentar no primeiro dia e eu disse que nos conhecíamos desde o ensino médio.
— Ah, isso explica tudo.
— Explica o quê?
— Por que Bones me perguntou como eu conheci você. — Ele zombou. — Como se ele já não soubesse.
Eu respirei fundo. — O que você disse?
— Relaxa. Jesus, você se preocupa demais. Ninguém vai descobrir a ligação a menos que você conte. Além disso, consegui não responder, graças a Emil.
— Você e Emil são... — Eu parei, mas ele entendeu.
— O quê? Não! Onde tirou essa ideia? Oh. Deixe-me adivinhar, Bones? Ugh, vocês são todos iguais.
Meu estômago apertou. — O que isso significa?
— A ideia de que todos os dançarinos são afeminados e gays. Pode ser verdade no meu caso, mas não em todos os casos.
Puta merda, ele tinha acabado de admitir...
— Você está certo, e isso é uma merda. — Meu peito estava latejando. — Só para constar, tenho cortado toda vez que ouço essa besteira.
— Por quê? Você é um aliado ou algo assim?

— Um aliado? — Eu estava tentando alinhar meus pensamentos depois daquela bomba, mas foi difícil. Ainda assim, eu não queria que ele tivesse uma ideia errada. — Bem, sim, mas também... entendo.
— O que você quer dizer? — Ele me estudou por um instante. —Você também é gay?
— Puta merda, fale baixo. — Agarrei seu braço e olhei por cima do ombro, mas ninguém estava prestando atenção em nós.
— Jesus, você é um ataque cardíaco ambulante. — Ele deslizou o braço do meu alcance. — E eu pensei *que tinha* alguns problemas.
Cerrei minha mandíbula. — Suponha que nossas lutas sejam diferentes.
Na verdade, eu não admiti isso em voz alta para ele, mas ele descobriu minha sexualidade de qualquer maneira, e de alguma forma isso me trouxe alívio – que alguém soubesse. Isso *ele* sabia.
— Você pode dizer isso de novo. Tenho muito com o que me preocupar além de ser gay.
— Como o quê?
— Como manter minha bolsa de estudos para que eu possa me formar. E ajudar minha mãe com minha irmã quando ela trabalha à noite para não ter que usar creche ou babá. O dinheiro já está apertado. — Uma onda de cor percorreu seu rosto como se ele não tivesse pretendido dizer tudo isso. Ou talvez apenas a última parte sobre dinheiro.
Em vez de me concentrar nisso, eu disse: — Eu nem sabia que você tinha uma irmã. Legal. Seu padrasto...
— Ele nos abandonou, então... — Ele desviou o olhar.
Achei que a coisa do dinheiro fazia mais sentido agora. — Sinto muito por ouvir isso.
— Então, sim, estou preocupado em me manter à tona. Não tenho tempo para me preocupar com minha sexualidade, mesmo que os estereótipos me incomodem.
— Sinto muito que minha situação pareça ridícula para você.

Lark suspirou. — Não me desculpe. Isso foi rude da minha parte. Mas como eu poderia não estar quando, há apenas algumas semanas, você nem quis me reconhecer?

— Eu... isso foi uma merda da minha parte. Deixei meu medo atrapalhar, — respondi, e sua expressão sombria pareceu se iluminar. —Talvez pudéssemos ser amigos.

— Talvez.— Ele sorriu. — O que você dirá aos seus amigos de elite? E se eu usar algo, Deus me livre, com poucos fios?

Revirei os olhos. Houve aquele sarcasmo novamente. Mas eu poderia culpá-lo, quando fingi que ele não existia?

— Não há razão para que não possamos ser amigos – ou pelo menos civilizados um com o outro. A verdade é que passamos por algo importante juntos e estou feliz em reencontrá-lo, agora já adulto. — Eu mordi meu lábio. — E eu sei que você não trairá minha confiança. Como, não tenho certeza; apenas faço.

— Espero que aconteça nos dois sentidos.

Ele quis dizer por causa de sua situação familiar? Ele já havia deixado claro que não se importava se as pessoas soubessem que ele era gay.

— Sim claro. — Quando sorri, Lark pareceu aliviado. — Acho que devemos voltar ao trabalho.

Lark

Saí do ônibus e caminhei o quarteirão até a entrada da universidade, ainda me recuperando do fato de Henry ter admitido, à sua maneira, que era gay. Muitas vezes me perguntei ao longo dos anos se aquele beijo de despedida o assustou. Ele certamente não pareceu enojado na época, apenas chocado e meio tímido depois. Agora eu me perguntava se ele sabia mesmo naquela época. Provavelmente não seria uma conversa que teríamos, mas talvez o desejo dele de que fôssemos amigáveis fosse real.

Não achei que Henry contaria aos amigos sobre nossa conversa e os problemas financeiros da minha família, porque então ele teria que admitir que conversou comigo. Não que eles não conseguissem descobrir sozinhos. Alguns dias eu ainda sentia que me destacava como um polegar machucado. Afinal, minhas roupas, mochila e suprimentos não eram novos. Até meu laptop era de segunda mão e mal funcionava. Felizmente, a escola tinha Wi-Fi gratuito.

Por alguma razão, confiei que Henry pararia de agir como se não me conhecesse. Ele parecia sincero. Como isso se traduziria na escola, eu não sabia, e isso provavelmente explicava meu estômago instável enquanto caminhava em direção ao prédio principal, esperando a campainha.

Eu me sentia muito mais confortável perto dos estudantes de dança, embora suspeitasse que alguns ainda me viam como o bolsista, mesmo que nunca dissessem isso em voz alta. Ser gay também não foi um problema no programa. Não como as diferenças de classe poderiam ser. Quase senti que tinha que provar aos outros que tinha todo o direito de estar ali.

Emil estava parado debaixo de uma árvore com outro aluno e acenou para mim.

— Este é Lark, — ele me apresentou. — Lark, este é Jonah. Ele está na minha banda.

Eu dei-lhe um aceno. — Prazer em conhecê-lo.

Ouvi enquanto eles discutiam o cronograma de treinos e o próximo jogo de

futebol. — A banda também praticou no mesmo campo que o time no ensino médio.

— São apenas alguns dias por semana. — Jonah lançou um olhar para Emil.

— O quê? — Eu perguntei, olhando entre eles.

— A maioria dos jogadores e funcionários são legais, mas alguns agem como se fossem um presente de Deus.

Isso fazia sentido. Para ser honesto, alguns estudantes de dança mais velhos também agiram assim. Esnobe e arrogante. Tenho certeza de que eles não dariam atenção aos jogadores de futebol.

— Isso não me surpreende. — Eu sorri. — Henry também?

— Henry? — Jonas perguntou. — Você quer dizer...

— Henners, — respondeu Emil, depois olhou para mim. — Achei que você o conhecesse.

— Isso foi há muito tempo atrás. Naquela época ele era muito legal.

— Ele ainda é legal, mas quieto, — respondeu Emil. — Não é arrogante, mas confiante – como um quarterback deveria ser.

— Capitão do time também, — confirmou Jonah. — Posso dizer que os outros jogadores o respeitam, embora todos se importem.

Interessante. Talvez essa fosse a outra razão pela qual ele não queria perder o respeito deles. Embora eu não soubesse por que me importava tanto. Eu atribuiria isso à curiosidade.

Jonah olhou para seu telefone. — Temos que chegar cedo para a aula, lembra?

— Temos um projeto para entregar, — explicou Emil enquanto eles acenavam e depois caminhavam em direção ao prédio.

Deixado por conta própria, levei meu tempo avançando em direção ao centro estudantil. Eu também poderia ter ido para a aula mais cedo, mas me senti muito bem no ar fresco da manhã. Provavelmente foi por isso que a maioria dos estudantes ficou do lado de fora. O inverno seria uma coisa totalmente diferente.

Na minha visão lateral, vi Henry se aproximando de mim. Olhando para trás, não vi nenhum de seus companheiros por perto, então esse deve ter sido o motivo.

— Bom dia, — disse ele com um sorriso.
— Oh, este é o primeiro dia do nosso novo status amigável? — Eu provoquei.
— Suponho que sim. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Como você chega aqui todos os dias?
Fiz um gesto por cima do ombro. — Eu pego um ônibus.
— Oh, tudo bem. Você não tem carro?
— Eu poderia pegar emprestado o da minha mãe, mas, honestamente, não tinha dinheiro para pagar a gasolina, — eu disse sem rodeios. Agora que ele sabia, parecia libertador. — E você?
— Sim, sim, — disse ele, sem olhar nos meus olhos, como se estivesse envergonhado de que seu carro provavelmente estivesse no estacionamento, junto com outros veículos esportivos e SUVs caros. —Então, se você quiser...
— Não, obrigado, estou bem.
Além disso, eu não queria que ele visse onde eu morava. Tanta coisa para não esconder coisas. Eu não estava melhor, estava? Eu não deveria ter vergonha, mas com essa multidão, por que me destacar mais?
— Aposto que é bom viver no campus. Rolar para fora da cama e ir para a aula, — eu disse enquanto nos aproximávamos do prédio.
Ele arqueou uma sobrancelha. — Parece que acabei de sair da cama?
— Bem, agora que você mencionou... — Eu olhei para ele de cima a baixo, e quando seu rosto caiu, comecei a rir. — Entendi. Você sempre parece bem.
— Você também.
— Por favor, você sabe que não posso me vestir tão bem quanto você ou os outros alunos.
— Quem diabos se importa?
— Uh, muitas pessoas. — Quando lancei um olhar incisivo, ele pareceu se lembrar da crítica que recebi no primeiro dia.
— Ei, pelo menos você não se veste como um desleixado. Alguns amigos meus poderiam usar algumas dicas.
Eu sorri. — Eh, melhor do que uma bata de hospital, certo?

— Ugh, espero nunca mais passar semanas morando em um.

Eu ri. — Certo?

Alguns dias usávamos moletons, qualquer coisa fácil de vestir e tirar, principalmente para nos aquecer, mas na maioria dos dias estávamos doentes demais para nos importar.

— Com quem você mora no campus?

— Meu melhor amigo, Spence.

A essa altura eu já tinha ouvido os nomes de todos os jogadores populares, e Spencer — ou melhor, Spence — parecia familiar. Abaixei minha voz. — Ele sabe sobre você ou seu passado?

— Não, nos conhecemos em campo no verão antes do primeiro ano e nos tornamos amigos rapidamente.

— Mesmo assim, deve ser difícil não ter ninguém com quem conversar sobre essas coisas.

Ele sorriu. — Bem, agora eu tenho você.

Ignorei o calor que inundou meu estômago.

— Seus amigos podem se perguntar o que está acontecendo, nossa conexão passada e tudo mais.

— Não, a menos que um de nós tropece. Além disso, não quero ficar com atletas o tempo todo.

Eu bufei, fingindo estar ofendido. — Dançarinos também são atletas, você sabe.

— É verdade! A maneira como você faz alguns desses giros ou movimentos ou como quer que sejam chamados... Sua mão cobriu a boca.

Meu coração se debateu. — Espere o quê? Você me viu dançar?

Ele fez uma careta. — Eu, uh, passei pela sua aula de balé uma vez e vi você.

Eu senti calor por toda parte. Ele acabou de passar por aqui ou me procurou? De jeito nenhum ele faria isso de propósito. Certo? Mas ele tinha acabado de me encontrar no meio do caminho para o prédio principal – isso também foi por acaso?

— Oh Deus. — Escondi meu rosto atrás das mãos.

— Não faça isso. — Ele alcançou meus pulsos e removeu minhas mãos. Os dele eram grandes, quentes e calejados, e descobri que gostava da sensação deles. — Você é muito bom.

— Obrigado. Eu tive que fazer um teste. Não é como se eu estivesse aqui só porque decidiram dar uma bolsa de estudos para algum garoto desfavorecido, não importa o que alguém pense.

— Obviamente. Eles não ousariam arruinar sua reputação assim.

Rimos e, pela primeira vez desde o hospital, senti que estávamos em pé de igualdade.

— Então, uh... o que há com os band-aids? — Ele bateu no meu pulso. — Tem a ver com dança? Como uma lesão?

— Ah, aí está o sinal, — eu disse, feliz pelo momento perfeito. —Tenho que ir para a aula.

— Sinto muito se bisbilhotei, — disse ele quando me virei para ir embora.

— Não, tudo bem. — Eu sabia que era apenas curiosidade, mas ainda estava envergonhado pela minha fixação nervosa. E eu tinha me tornado tão dependente disso que não consegui contê-lo neste semestre. Na verdade, eu os mastiguei cru ontem à noite enquanto estava deitado na cama e pensando em todo tipo de coisa.

— Ah, ei, mais uma coisa. — Ele caiu ao meu lado. — Você disse que cuida da sua irmã, mas você consegue sair aos sábados?

— Não com muita frequência. Por quê?

— Às vezes há uma festa. Depois do jogo.

Os jogos universitários eram disputados nas tardes de sábado; Eu sabia disso. Mas aquele era um dos maiores dias de trabalho da mamãe, e ela normalmente começava entre o horário do almoço e do jantar.

— Você está tentando me fazer ir ao seu jogo? — Eu provoquei.

— Não. Bem, talvez. — Ele não encontrou meus olhos. — Quero dizer, seu amigo está na banda. Achei que você pelo menos gostaria de apoiá-lo, se não quiser apoiar o time nem nada.

— Não é que eu não faria isso. É só que futebol não é minha praia, — admiti.
— Eu te escuto. Pelo menos pense sobre isso? ele perguntou quando entramos na fila atrás da multidão de estudantes.
— Eu vou. — Eu me virei para que ele não visse meu sorriso.

Henry

ESTÁVAMOS GANHANDO por um field goal no quarto período, e eu estava dando um discurso estimulante à linha ofensiva enquanto nos amontoávamos em campo. — Vamos somar mais pontos no placar e manter a liderança. Quem está comigo?

Houve murmúrios de concordância e punhos batendo nas ombreiras enquanto nos separávamos para nos alinhar na marca de quarenta jardas. Evitei olhar para as arquibancadas durante todo o segundo tempo do jogo. De qualquer forma, era improvável que Lark estivesse presente tão tarde no jogo, e eu realmente esperava ver aqueles cabelos loiros e ondulados no meio da multidão? Por que pensei que ele iria aparecer simplesmente porque eu tinha convidado ele estava além da minha compreensão.

Além disso, meus pais estavam presentes em todos os jogos caseiros dos Sentinels e eu não queria parecer distraído de jeito nenhum. Eu não tinha contado a eles que Lark era aluno da Roosevelt. Não só eles nunca teriam imaginado tal coisa, mas o assunto raramente surgia mais se pudessem evitar.

Esperei o sinal do treinador para ter certeza de que ele não queria mudar de última hora. As pessoas podem nos chamar de atletas idiotas — falar de estereótipos —, mas a verdade é que éramos obrigados a memorizar dezenas de jogadas e estar prontos para executá-las a qualquer momento.

O técnico ainda gesticulou para um passe de ação, provavelmente porque o time adversário estava concentrado em nosso jogo corrido no final do quarto período. Foi o que a ofensiva fez quando estava por cima, para ganhar tempo no relógio.

Agachei-me para pegar o passe de A-Train enquanto meu pulso zumbia em meus ouvidos. Um bom desempenho era uma ansiedade diferente e normalmente transformada em confiança em campo. Um dos únicos lugares onde eu poderia me soltar e confiar na pura habilidade.

Fingi uma transferência para o nosso running back e depois circulei em um

amplo arco para olhar o campo. Flash estava aberto perto da linha de vinte jardas, e eu não pensei muito nisso, apenas lancei uma espiral perfeita para ele. Ele quebrou um tackle, depois dois, e correu a bola para a end zone. A multidão foi à loucura. Joguei meus braços para o alto para imitar o árbitro, que havia marcado o touchdown, e corri em direção aos meus companheiros, que estavam comemorando no campo.

Nossos capacetes se chocaram quando Flash e eu nos abraçamos, e então cumprimentamos nossos companheiros de equipe. A ironia é que os esportes eram mais práticos com homens heterossexuais movidos a testosterona do que qualquer um gostaria de deixar transparecer. Depois de batermos na bunda um do outro várias vezes, será que eles realmente hesitariam em ouvir que eu provavelmente era gay? Ok, definitivamente gay.

Mas eu era covarde demais para fazer qualquer coisa a respeito... exceto sonhar acordado em encontrar Lark Levitt.

A hora no relógio havia reduzido para o aviso de dois minutos; nós os seguramos e logo eu estava ajoelhado na linha de scrimmage para esgotar o tempo e conquistar a vitória. O clima triunfante no vestiário era contagiante, e já se falava em levar a comemoração para o nosso clube esta noite, que o treinador havia enfeitado com sofás, uma geladeira, uma televisão e um aparelho de som. Com a ajuda de doações, é claro. O treinador reuniu velhos amigos dos tempos de faculdade, sendo o pai um deles, que estavam dispostos a doar dinheiro, e o resto era história.

Aquela coisa toda de prestígio de novo.

Era para ser um lugar onde o time pudesse se sentir em casa e relaxar antes e depois dos jogos, mas quando vencemos em casa, tornou-se o centro da festa.

Tomamos banho e nos trocamos e então começamos a sair do vestiário para ir para nossos dormitórios ou nos encontrar com nossas famílias.

— Encontre-se na sede do clube em uma hora, — Bones disse antes de sair pela porta.

Meus pais estavam me esperando no estacionamento, e isso apagou um pouco a

empolgação, porque papai certamente faria sua versão de crítica construtiva, apesar de nossa vitória.

Papai me deu um tapinha nas costas. — Bom trabalho hoje.

Eu costumava viver para aqueles elogios dele, mas agora eles não pareciam suficientes. O brilho foi desaparecendo à medida que eu ficava mais velho e distante deles. — Você perdeu algumas oportunidades, mas pelo menos desta vez conseguiu se manter de pé.

Ele estava se referindo ao fato de eu não ter sido atacado durante todo o jogo — pelo menos não atrás da linha de scrimmage. Fui muito atacado quando saí da defesa e corri com a bola para conseguir um primeiro down.

— Ele sempre joga bem, — disse mamãe, porque ela estava constantemente atravessando a linha entre nós, tentando apaziguar nós dois. Mas quando papai colocava o pé em uma ideia ou outra — como esconder meu histórico médico — ela sempre cedeu. Ele estava certo. Mas ultimamente eu não tinha tanta certeza.

— Obrigado, mãe, — eu disse enquanto ela me puxava para um abraço. Eu sempre gostei de seus abraços, e esta noite eu gostei disso.

Quando papai não estava por perto, ela me dava muita atenção, e alguns dos meus momentos favoritos quando eu estava doente eram quando éramos só nós dois. Ela abandonaria a atitude de equipe estimulante com todos os gritos de 'vamos lutar contra isso' e apenas me deixaria chorar e ser abraçado.

Ultimamente, esses momentos pareciam muito poucos e distantes - não que eu precisasse deles quando adulto, mas de vez em quando, eu ansiava por ser ouvido e abraçado por alguém que entendesse.

Papai achava que mamãe me adorava demais, então ele teve que temperar isso com seu discurso de bravata. — Você parecia durão, confiante, como um líder deveria ser. Continue assim.

— Obrigado.

Mamãe havia insinuado uma vez que seu pai era o mesmo. Eu nunca conheci meu avô, mas sempre o imaginei dizendo ao meu pai para ficar mais ereto e ser duro, o que provavelmente alimentou todas as suas inseguranças.

Também ajudou a explicar por que ele se sentia tão desamparado quando criança. Seu pai poderia tê-lo levantado, dito como ele estava orgulhoso ao aceitar sua deficiência e mostrado às outras crianças que ele tinha os mesmos objetivos e sonhos que elas. Mas ele não tinha. E agora ele estava repetindo o padrão comigo. *E você está permitindo isso ao não causar agitação.* Meu estômago embrulhou.

— Vamos pegar a estrada. Você vai comemorar com seus companheiros de equipe, — disse papai com um brilho nos olhos. Sem dúvida, ele estava orgulhoso de sua contribuição para o clube e também de seu relacionamento com o treinador, porque assim que o treinador apareceu do lado de fora, papai levantou o braço em saudação. — Clint, bom jogo!

Eles se encontraram no meio para conversar ou o que diabos eles faziam. Parecia que tudo o que a equipe fazia acabava voltando para o papai, então isso era outra coisa que me deixava desconfortável. Ele nunca jogou futebol um dia na vida, mas viveu e respirou isso através de nós. Não é à toa que eu sempre me comportei da melhor maneira possível.

— Estaremos de volta em algumas semanas para o Dia dos Pais, — mamãe disse enquanto eu observava papai e treinador com a testa franzida.

O Dia dos Pais era um evento que acontecia todos os anos, como uma espécie de visitação pública na escola primária onde seus pais vinham, encontravam os professores e discutiam o que os alunos estavam aprendendo em cada aula. Eu me perguntei se a mãe de Lark também estaria presente.

— Sim, sobre isso, — eu deixei escapar, o pânico tomando conta de que nossas famílias estariam no mesmo evento. Isso iria acontecer eventualmente, mas pensei que teria mais tempo.

— Qual é o problema? — Mamãe perguntou, a preocupação clara em sua expressão.

A exaustão pelo esforço de manter as peças juntas de repente me dominou. Eu simplesmente não sentia que poderia lidar com isso esta noite. — Nada. Vejo vocês então.

De volta ao dormitório, guardei minha bolsa e segui Spencer até a sala comunal, onde os outros estavam comemorando. Flash era bom em contrabandear álcool de seu irmão mais velho, mas ninguém queria ser pego, então nos revezamos tomando goles da garrafa em seu quarto até estarmos suficientemente animados. Em alguns fins de semana, saíamos do dormitório e íamos comer em algum lugar da cidade, mas esta noite caminhávamos em grupo pelo campus até a sede do clube.

Às vezes, o treinador se juntava a nós depois dos jogos, e tínhamos que nos comportar da melhor maneira possível, apenas para suspirar de alívio quando ele finalmente encerrava a noite. Esta noite ele ligou a televisão de tela larga no canal de esportes e pediu pizza suficiente para alimentar todo o time e mais alguns.

Assim que ele se despediu, convidados apareceram, a televisão foi desligada e a música aumentou. Alguns dos rapazes já estavam dançando com fãs ou garotas da torcida.

Foi nessa época que me esforcei muito para me encaixar. Gostava de sair com os rapazes, mas quando fui incentivado por algumas líderes de torcida a dançar, fingi estar interessado. Não que eu pudesse dançar. Basicamente, arrastei os pés um pouco e depois escapei para a mesa de bebidas.

Quando peguei um copo ao mesmo tempo que outra pessoa, pedi desculpas quando batemos os ombros. — Desculpe.

Foi Emil, que apareceu com outros da banda marcial. Pelo menos pensei assim porque pareciam familiares.

— Não se preocupe, — respondeu Emil. — Bom jogo.

— Obrigado. Bom show do intervalo. Não que eu consiga assistir.

Quando Emil riu, juntei-me a ele. Servimo-nos de refrigerante e ficamos lado a lado, bebendo dos copos vermelhos.

— Você deveria convidar Lark para um jogo algum dia, — eu disse a Emil.

Ugh, por que eu disse isso?

Emil arqueou uma sobrancelha. — Por que não o convidar você mesmo? Para

duas pessoas que supostamente eram amigos, vocês certamente fazem muitas perguntas um sobre o outro.

Lark fez perguntas sobre mim?

Eu estava pensando no que dizer quando Emil bateu palmas com entusiasmo. — Esta é a minha música!

Observei enquanto ele saía para dançar com os amigos, tentando imaginar Lark fazendo o mesmo. Aposto que ele fez alguns movimentos perversos.

Infelizmente, eu teria que esperar até segunda-feira para perguntar a ele.

Lark

— E AGORA UMA PIRUETA EM MEIA PONTA, — instruiu a Sra. Leigh enquanto conduzia a rotina. Ela fazia parte de uma produção itinerante *do Quebra-Nozes* há anos. Muito legal.

Ela estava treinando as bailarinas, que usavam saias e sapatilhas de ponta para que pudessem ficar na ponta dos pés enquanto os rapazes - ou danseurs, como éramos chamados - realizavam o *tour en l'air*, que também era um movimento giratório.

Estávamos praticando um dos números clássicos para o próximo recital de outono, que faria parte da nossa aula, e os músculos das minhas coxas já estavam queimando com os repetidos levantamentos – algo a que os dançarinos estavam acostumados nessas produções.

Para ser sincero, às vezes eu sonhava que era eu quem usava a linda saia de tule para poder ficar na ponta dos pés e girar no ar enquanto o tecido macio balançava em meus tornozelos. Seus pés levaram uma surra, então era mais uma questão de estética.

Quando criança, implorei à minha mãe que me deixasse experimentar uma saia de bailarina no camarim de uma loja de dança. Depois, ela comprou para mim, mas me fez jurar segredo do meu padrasto, que não entenderia. O único ponto de discórdia entre eles era o fato de minha mãe ter sido indulgente comigo. Ele não achava que os meninos deveriam participar de balé, sua desaprovação transparecia em sua carranca profunda sempre que ela me levava às aulas.

Ele podia ser divertido e gentil, e eu sabia que ele se importava comigo, mas mamãe descobriu que estava grávida de Star depois que ele foi embora, e ele nunca quis nada com ela. Idiota. Eu admito que fiquei aliviado quando ele nos deixou, mas triste e com raiva também. Eu odiava ouvir mamãe chorando no quarto dela. Mas mesmo que nem Star nem eu tenhamos conhecido nossos pais, sempre podíamos contar com o amor e o apoio de mamãe, e isso era mais do que

algumas crianças tinham.

A Sra. Leigh nos fez praticar a seção mais recente mais uma vez sem a música, que viria mais tarde. Fiquei na ponta dos pés, ofegando suavemente enquanto caminhava até o espelho onde guardava minha toalha. Resisti à vontade de olhar para a porta aberta para ver se tínhamos audiência. Desde que Henry confessou que assistiu à aula, fiquei um pouco emocionado ao pensar que ele poderia estar lá.

Virei a tampa da minha garrafa de água e tomei um grande gole antes de enxugar a testa.

— Droga, — disse Emil. — Hoje foi um sofrimento.

— Foi.

Ele franziu a testa. — E agora eu tenho que passar pelo ensaio da banda.

— Você obviamente é extraordinário, — eu disse, e Emil riu. —Como você acabou na banda marcial?

— Eu também tocava trompete na banda do colégio, então foi uma progressão natural.

— Seria legal ter talento musical, — pensei.

Eu o segui até o vestiário no final do corredor, onde coloquei meu moletom e sentei no banco de madeira para colocar os tênis para a caminhada para casa.

— Você deveria ir a um jogo algum dia, — disse Emil depois de tirar a blusa.

Eu sorri. — Agora você parece Henry.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Oh sério?

— Quero dizer, — respondi, gaguejando nas palavras, subitamente nervoso com a possibilidade de ele ler mais sobre isso, — todos esses caras não querem apenas uma audiência?

Ele riu. — Honestamente, pode ser divertido. É uma temporada curta em comparação com outros esportes, e alguns jogos ficam emocionantes.

Eu enruguei meu nariz. — Eu acho.

Ele se inclinou em minha direção. — Além disso, todas as bundas e músculos nessas calças justas.

— Espere um minuto... — Olhei ao redor da sala vazia, notando que a maioria dos alunos já havia saído. — Você está falando…

Ele piscou. — Eu sabia que você seria uma pessoa segura para brincar.

— Esse é o seu gaydar ou tenho uma placa na testa?

— Ambos? — Ele encolheu os ombros. — Eles não consideram todos os dançarinos gays? Mesmo que nem sempre seja verdade.

Suspirei enquanto me levantava e pendurava minha bolsa no ombro. — Sim.

— Mas, falando sério, se você quiser ir no próximo jogo, alguns dos dançarinos sentam-se juntos, então você se sentirá mais confortável. — Saímos juntos pela porta. — E às vezes o time dá uma festa depois. Bem, se eles vencerem. Caso contrário, eles geralmente são muito rabugentos para estarem por perto.

— Eles ganharam na semana passada, — eu disse, depois de ouvir isso ser mencionado em algumas aulas. — Houve uma festa?

— Sim, na sede do clube. E seu amigo perguntou sobre você.

Parei abruptamente. — Ele fez?

— Sim, me disse para convidar você para um jogo.

— Foi por isso que você me convidou?

— Não, eu disse a Henry para fazer isso sozinho. — Ele revirou os olhos. — Eu só quero ficar com você fora da escola, e como você não mora no campus, isso torna tudo mais difícil.

— Eu… obrigado. Eu também gostaria. Vou ver se consigo fazer isso acontecer algum dia.

— Talvez no sábado depois do Dia dos Pais? Vamos precisar disso.

— Como eu poderia esquecer? — Eu brinquei. Mamãe estava chegando e eu estava muito nervoso.

— Certo? Mal posso esperar, — brincou.

Sorri quando nos separamos, e me senti bem, como se eu tivesse feito um novo amigo em quem pudesse confiar além de Pete. Eu não incluí Henry nessa equação porque ele foi muito quente e frio comigo desde o início.

Então por que você iria ao jogo dele?

Por Emil.

A exaustão tomou conta da viagem de ônibus para casa e quase cochilei. Nem mesmo chupar doce de melancia ajudou na minha falta de alerta. Aumentei meu ritmo lento dentro do estacionamento de trailers porque lembrei que o turno da mamãe começava uma hora mais cedo hoje. Ela era uma trabalhadora muito esforçada; ela merecia pelo menos um aumento. Esperançosamente, seu chefe reconheceu que ela era uma joia, porque ela foi aproveitada em seu trabalho anterior.

Acenei para Pete, que estava caminhando em direção à porta da frente. Ele deve ter acabado de sair do trabalho.

— Você está bem? — Perguntei a ele quando nos encontramos no meio do caminho entre nossos trailers.

— Sim. Você?

— Sim. Em serviço com Star daqui a pouco para que mamãe possa começar a trabalhar.

— Talvez eu passe por lá depois do jantar.

— Parece bom.

— Ei, mãe, — eu a cumprimentei quando entrei pela porta.

Star estava à mesa, resolvendo um quebra-cabeça, e eu gentilmente acariciei seus cachos.

— Temos sobras de lasanha na geladeira, — disse mamãe, agachando-se para amarrar o tênis de trabalho.

— Você tem algum sábado de folga? — Eu perguntei timidamente. — Só curioso.

— Na verdade, troquei de horário com alguém e tenho dois dias de folga seguidos. Sexta-feira para o Dia dos Pais, claro, e naquele sábado também, então vai estar bem.

— Legal! Bem, então eu... posso ter planos.

Seus olhos brilharam. — Com amigos da escola?

Eu balancei a cabeça. — Um jogo de futebol. Eu sei, eu sei, também não tenho

certeza do que aconteceu comigo.

Meu padrasto tentou me fazer assistir esportes com ele, mas eu sempre ficava entediado. Ele finalmente desistiu quando viu o quão torturante era para mim. Mas eu assistia às Olimpíadas em qualquer dia da semana — principalmente ginástica e patinação artística, algo que mamãe e eu tínhamos em comum.

Mamãe me deu um sorriso cansado. — Estou feliz que você esteja fazendo amigos.

Eu ainda não tinha contado a ela sobre Henry e não sabia por quê. Mas eu precisava fazer isso antes do Dia dos Pais, caso ela reconhecesse ele e seus pais.

Quando eu estava prestes a abrir a boca e compartilhar, ela agarrou minha mão. — Querido, seu hábito está piorando de novo.

Eu fiz uma careta quando puxei minha mão de seu aperto. — Eu sei. Tem sido estressante.

Eu sabia que Emil também estava começando a se perguntar porque algumas vezes o notei estudando minhas mãos durante a aula. Mas ele nunca mais perguntou e fiquei grato por isso.

— Tenho que correr, — disse ela, anotando a hora acima do fogão. Ela beijou nossas bochechas e saiu pela porta.

Ajudei Star com o quebra-cabeça um pouco enquanto ela me contava sobre seu dia na pré-escola – ah, o estresse de aprender números – e então esquentei a lasanha.

Pete bateu na porta cerca de uma hora depois que eu a coloquei na cama com uma história e um beijo na testa.

— Você estaria interessado em ir a um jogo de futebol americano universitário? Não neste fim de semana, mas no próximo?

Seus olhos se arregalaram. — Desde quando você se interessa por futebol? Isso tem a ver com o Sr. Quarterback Secreto?

— Não. — Desviei o olhar enquanto meu rosto esquentava. *Talvez.* — De acordo com Emil, esse cara da aula de dança, os jogos são divertidos e depois eles festejam.

— Na verdade, tenho um encontro naquele fim de semana. Lembra da Jenny do ensino médio?

Eu fiz. Ele tinha uma queda por ela desde sempre. — Sem chance!

Nós batemos os punhos.

— Sim, encontrei ela na loja de descontos e começamos a conversar. Ela tem aulas na faculdade comunitária e trabalha na lanchonete dos alunos em tempo integral.

— Legal.

Ele estremeceu. — E sem ofensa, mas não tenho certeza se me encaixaria com seus novos amigos de qualquer maneira.

— Como você acha que eu me sinto? — Eu respondi com uma risada. — Mas, falando sério, acontece que a maioria deles é bem legal, embora eu tenha certeza de que ainda sou conhecido como o garoto bolsista.

— As pessoas são realmente tão superficiais?

— Uh, você realmente espera uma resposta para isso?

— Não. — Ele se jogou no sofá. — Quer jogar videogame?

Eu ainda tinha dever de casa de inglês para terminar, mas também queria sair um pouco com meu melhor amigo. Pete me fez sentir normal, aceito e geralmente dava bons conselhos.

— Mas, ei, — disse Pete rindo assim que o venci em um jogo *de Call of Duty*, — talvez você aprenda algo sobre futebol por osmose.

— Nunca se sabe.

10

Henry

— Ei, mãe... pai, — eu disse durante uma videochamada antes da aula. Eu sabia que eles estariam no meio do café da manhã antes de começar o dia, então talvez a ligação fosse curta e amável. — Eu preciso te contar uma coisa. É sobre o Dia dos Pais esta semana.

— E aí? — Mamãe perguntou enquanto servia outra xícara para o pai. — O horário mudou?

— Não, não Isso. Só quero falar com você... sobre Lark Levitt.

O nome não foi registrado para eles a princípio. Mas então vi o momento em que a expressão de mamãe mudou para preocupação.

— Eu deveria saber quem é? — Papai perguntou.

— É o menino do hospital, — disse mamãe gentilmente.

Um sulco profundo se formou entre suas sobrancelhas. — E ele? Você ouviu alguma coisa depois de todo esse tempo?

— Bem, sim. Ele está vivo e bem... e estudando em Roosevelt.

Tudo ficou tão silencioso do lado deles que pude ouvir a respiração áspera de meu pai.

— Por que você não nos contou sobre isso? — Ele apertava a mandíbula com tanta força que eu esperava que seus dentes não quebrassem.

— Porque eu queria ter a chance de falar com ele pessoalmente e ter certeza de que ele sabia que eu... que você... de qualquer forma, ele entende e disse que não vai quebrar minha confiança. Mas tenho certeza que a mãe dele também estará no Dia dos Pais.

— Se você não tivesse nos contado, talvez nunca tivéssemos reconhecido aquela família, — disse mamãe com um olhar distante. — Já se passaram anos.

— É verdade, mas pensei em avisá-lo de qualquer maneira.

— Nossa vida familiar é privada. Eles não teriam nada que contar...

— Eles não fariam isso, tenho certeza, — eu disse, esperando que fosse verdade.

— Apenas seja gentil. Ninguém precisa saber de nada.
— Sei perfeitamente como me comportar em público. Só espero que eles também. Presumo que ele esteja lá com bolsa de estudos?
Eu estremeci. — Achei que a vida familiar de alguém fosse privada.
— Muito engraçado, — disse papai, levantando-se da mesa. — Eu preciso ir trabalhar.
Depois que a ligação terminou, fiquei olhando para o meu celular por muito tempo antes de ir para a aula. Eu tive que pensar em uma maneira de deixar Lark falar com ele sobre isso.
Durante a revisão pré-cálculo, Lark e eu trabalhamos novamente no quadro branco, mas foi difícil porque quase todos os marcadores estavam secando. Quando mencionei isso ao professor, ele me mandou ao almoxarifado para pegar um novo pacote.
— Venha comigo, — eu disse a Lark. Ele estreitou os olhos antes de encolher os ombros e me seguir porta afora.
Dentro do almoxarifado era difícil localizar os marcadores, então pegamos lados opostos das longas prateleiras para procurá-los.
— Preciso conversar com você sobre o Dia dos Pais, — eu disse, e Lark ficou imóvel. — Nossos pais provavelmente se verão, e eu não sabia como tudo isso poderia acontecer.
— Merda, eu continuo esquecendo disso. — Ele franziu a testa. —Talvez eles nem se reconheçam.
— Mas e se eles fizerem isso? — Prendi a respiração, aguardando sua resposta.
— Vou mencionar isso para minha mãe. Ela vai ficar bem.
Eu respirei. — Sinto muito por tudo isso. Mas eu...
— Não se estresse; tudo vai dar certo.— Ele apontou para a prateleira mais alta. — Encontrei-os!
— Incrível, — respondi, observando enquanto ele tentava alcançá-los. — Aqui, deixe-me.
— É melhor você não fazer piadas sobre camarões.

— Nem sonharia com isso. — Mas até eu tive dificuldade em alcançá-los. Eu me atrapalhei com a mochila e eles caíram. Nós dois tentamos pegar o bando ao mesmo tempo e acabamos nos esbarrando. —Uau, desculpe por isso.

Estendi a mão para firmá-lo e percebi que estávamos próximos. *Muito* perto. Quando nossos olhos se encontraram, a respiração de Lark engatou. Eu não conseguia mover nem um músculo. Eu podia sentir seu cheiro limpo e ensaboado e sentir sua respiração suave e ofegante contra meus lábios, e porra, se eu não sentisse um cheiro de melancia também. Meu coração estava batendo contra meu peito.

Fora do campo, foi o mais próximo que eu já me permiti chegar de outro cara – especialmente um por quem eu estava atraído. Foi isso que aconteceu? Eu estava atraída pelo Lark? Sim... sim, eu estava. Incontrolavelmente.

— Lark, eu... — Deixei minhas palavras sumirem, incapaz de organizá-las em minha cabeça naquele momento. Não que eu soubesse o que iria dizer.

— Devíamos voltar, — disse ele, mas não se moveu, apenas olhou para mim.

O que isso significa? Pelo menos, talvez ele gostasse de estar perto de mim também.

Quando ouvimos um barulho no corredor, nos separamos relutantemente. Peguei o pacote de marcadores do chão e o segui para fora. Suas bochechas permaneceram coradas pelo resto da aula, e provavelmente as minhas também. Nossos olhares continuaram se chocando em competições de olhares alongados que fizeram minha pele ficar toda arrepiada.

A sensação não desapareceu o dia todo.

Naquela noite, Spencer e eu estávamos em nosso dormitório, estudando. Tínhamos acabado de voltar do refeitório, onde havíamos empanturrado a cara depois do treino de futebol. Nós dois abrimos nossos laptops para realizar algumas tarefas.

Não pude deixar de me perguntar onde Lark estudava. Talvez na ilha da cozinha ou no quarto dele. Provavelmente era bom que ele não morasse no campus, porque eu estaria tentando encontrar todos os tipos de maneiras de conversar

com ele em vez de estudar.

— Seus pais vêm na sexta? — Spencer perguntou.

Meu estômago se contraiu só de pensar no espetáculo que era o Dia dos Pais, mas as famílias pareciam adorar toda a agitação e atenção aos detalhes. Uma espécie de reunião de incentivo com esteroides. O treinador ofereceu a equipe para auxiliar o comitê na montagem da decoração, que incluía arranjos de flores e balões. Isso ajudaria a matar o tempo naquela manhã, então por mim estava tudo bem.

— Sim, — eu disse, — eles não perderiam. — Infelizmente. — Seu?

— Mesmo. — Spencer fez um barulho frustrado.

— O quê?

— Não é nada, só... às vezes eu gostaria de poder mudar de curso. Pelo menos seus pais são legais com engenharia.

— Claro, desde que eu consiga um emprego bem remunerado e respeitável após a formatura. Na verdade, isso é tudo com o que eles se importam: como será a aparência na superfície.

— Bem, nossos pais precisam manter as aparências, — respondeu ele, sabendo muito bem o que eu queria dizer. Fiquei feliz por podermos nos conectar no que diz respeito às nossas famílias, sua riqueza e posição social. E o quanto isso era uma droga às vezes. É claro que alguém como Lark pode achar o assunto ridículo, e eu entendi. Mas cada família tinha seus esqueletos, não é mesmo? — Pelo menos você não ficará infeliz.

— Talvez você pudesse contar isso a eles gentilmente, durante o jantar de sexta-feira ou algo assim. Diga ao seu pai que você adora suas aulas de ciências políticas e quer mudar de ramo de negócios.

— E não trabalhar na empresa dele? — Ele franziu a testa. — Ele está contando comigo para assumir algum dia.

— Talvez isso esteja no futuro da sua irmã e não no seu.

Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo. — Tá brincando né? De acordo com meu pai, algum dia ela será ótima como enfermeira ou professora.

— Bem-vindo ao século XXI, — zombei. —Deus, às vezes desprezo a unidade parental. Eles estragam tudo.

— O que seus pais arruinaram para você?

Fiquei quieto enquanto considerava minha resposta cuidadosamente. Cristo, por que eu não conseguia conversar com meu melhor amigo sobre as coisas reais que me incomodavam? Ele sempre me protegeu; por que isso seria diferente?

Minha voz tremeu quando eu empurrei as palavras. — Vou te contar uma coisa, mas você tem que jurar que não contará a ninguém.

— Juro. — Ele fez o movimento de fechar os lábios e jogar fora a chave.

— Estou falando sério. Se os outros caras soubessem, eles poderiam... Eu me joguei de volta na cama. Poderiam o quê? Eu não fazia ideia. Mas sabia que, se chegasse ao treinador, ele contaria ao meu pai. — Deus, isso é tão fodido.

— Parece algo que você precisa tirar do peito. — A voz de Spencer era cautelosa e séria.

Eu estava realmente fazendo isso? Mas talvez isso ajudasse a aliviar a pressão que vinha sentindo desde que Lark chegou.

Rolei para o lado enquanto ele levantava seu laptop, colocava-o ao pé da cama e me dava toda a sua atenção. — Ok, então quando eu tinha dez anos comecei a ter todos esses sintomas: suores noturnos, dores musculares, dor de garganta persistente, febre que não passava...

Ele apenas olhou para mim. — Não me deixe em suspense.

— Eles fizeram todos os tipos de testes e finalmente foi determinado que eu tinha leucemia.

— Puta merda! — ele explodiu.

— Shh, fale baixo, — eu disse como se alguém estivesse ouvindo pela porta. Tinha sido um segredo muito bem guardado; Eu estava basicamente perdendo a cabeça neste momento.

— Desculpe. — Ele correu para a beira da cama. — Então o que aconteceu? Quero dizer, obviamente, você está aqui, então isso foi embora, certo?

Eu balancei a cabeça. — Sim, nos anos seguintes entrei e saí do hospital e

eventualmente tive que fazer um transplante de medula óssea. Foi isso que me salvou.

— Por que você não contou a ninguém sobre isso? — ele perguntou, me estudando. — Você está saudável o suficiente para jogar futebol?

Apontei e levantei minha voz. — É por isso, bem aí.

— Huh?

— Meu pai tem epilepsia. Está sob controle agora, mas quando ele era jovem, ele se sentia muito sozinho porque as outras crianças não entendiam suas convulsões – tinham medo delas – e mantinham distância.

— Bem, isso é uma merda. Acho que faz sentido naquela época. Mas agora, seria realmente um grande negócio? O mundo está mais consciente sobre doenças, deficiências e outras coisas.

— Certo. Mas ainda pode levar a preconceitos inconscientes – é o que meu pai pensa. Então, ele queria que eu começasse do zero no ensino médio e conversou com o diretor e os treinadores sobre isso. E agora ele quer que eu também tenha uma boa experiência universitária.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Ok, isso é um pouco demais.

— Mas você acabou de provar a teoria dele. — Bem demais. Eu estava começando a entender por que papai sempre enfatizava sua opinião comigo, às vezes levando a discussões.

— Desculpe por isso. Acho que ainda temos um longo caminho a percorrer. Você certamente me fez pensar. Ele ficou ali sentado, olhando para o nada por um longo momento antes de acrescentar: — Também é realmente incrível que você tenha vencido o câncer.

— Tecnicamente, estou em remissão e ainda faço exames todos os anos. Mas meu pai se preocupa muito com tudo isso, quase como se estivesse vivendo indiretamente através de mim, tentando recriar seus dias de glória em Roosevelt.

— Por que os pais exigem tanta manutenção? Eu podia ver meu pai fazendo a mesma coisa. — Ele balançou sua cabeça. — Mas estou feliz que você me contou. Não vou dizer uma palavra.

Ele esticou o braço e nós batemos os punhos.

Voltamos a estudar na frente dos computadores, mas depois disso mal consegui me concentrar. Na verdade, eu tinha contado a alguém e, afinal, não foi tão ruim. Exceto... será que Spencer pensaria o pior a cada fungada ou tosse?

Eu odiava que meu pai estivesse certo.

Spencer obviamente estava tendo o mesmo problema porque ficava olhando pela janela como se estivesse pensando em nossa conversa. — Foi assim que você conheceu Lark Levitt?

Puta merda, ele tinha feito a conexão. Meu estômago agitou só de pensar nele.

Aqui vai. — Eu deveria ter contado essa parte para você também, mas me acovardei.

— Então qual é o problema?

— Ele era paciente do mesmo hospital. Ele também venceu o câncer. Quando o vi novamente depois de tantos anos, me assustei. Aparentemente, esse é o efeito que meus pais têm sobre mim. Ele era o único que sabia do meu segredo, e pensei que ele poderia... mas agora você também sabe. Então, preciso aprender a confiar em mais pessoas em minha vida.

— Cara, sinto muito que você esteja carregando isso por aí.

— Todos nós temos merdas que carregamos. — Fiz um gesto para ele, como um lembrete de que tínhamos acabado de falar sobre ele ter medo de admitir para os pais que odiava as aulas de administração.

— Conte-me sobre isso, — ele murmurou. — Então, Lark é um cara legal?

Eu não pude evitar o sorriso que surgiu em meus lábios. — Sim, ele é. E quero conhecê-lo novamente.

Ele assentiu. — O que há com os band-aids?

— Não tenho ideia.

Mas talvez ele também confiaria bastante em mim algum dia.

11

Lark

Os alunos se reuniram na grande rotunda para o Dia dos Pais quando alguns pais começaram a chegar. Tinha sido de forma elaborada decorado com arranjos de flores e um arco de balões que dizia: BEM-VINDO. Eu só esperava que mamãe e Star chegassem aqui antes que meu nervosismo tomasse conta de mim.

Emil me apresentou a sua mãe e seu pai, que pareciam bastante legais, mas eu ainda me sentia sob o escrutínio deles, assim como aconteceu com os outros pais presentes. Ou talvez tenha sido minha imaginação. Não era como se eu tivesse *um aluno bolsista* colado nas minhas costas, mas os rótulos eram importantes para essas pessoas. Eu poderia jurar que senti mais de um par de olhos me estudando, desde minha camisa de colarinho até meus tênis. Felizmente, tênis eram permitidos, desde que não estivessem rasgados ou sujos. Os meus eram apenas sem marca e sem brilho devido ao desgaste.

Também não pude deixar de olhar para o outro lado da sala, para onde Henry e Spencer estavam com seus pais. Reconheci o Sr. e a Sra. Albrecht imediatamente, principalmente por causa de quão rígidos e corretos eles sempre pareciam. O Sr. Albrecht usava terno e gravata, e a Sra. Albrecht, um vestido de seda de aparência cara. A maioria dos pais estavam arrumados e entrei em pânico porque não avisei a mamãe que isso poderia acontecer. Mas como eu poderia saber? Pelo menos os pais de Emil não usavam nada formal ou chamativo.

Henry e Spencer também usavam gravata e camisa de botão, e Henry parecia muito bonito, mas dada a rigidez com que estava de pé, ele não se sentia muito confortável, nem com a visita nem com as roupas.

— *Não se preocupe tanto,* — mamãe dissera naquela manhã, enquanto tentávamos freneticamente sair pela porta porque estávamos atrasados. Ela beijou minha bochecha e me mandou embora, mas isso não fez nada para

amenizar minha ansiedade.

Especialmente porque eu nunca contei a ela... sobre Henry.

Então eu posso ter estragado tudo. Eu só podia esperar que nunca tivéssemos tido contato próximo com os Albrecht e que ela não os reconhecesse.

Quando eu estava prestes a pegar meu telefone para mandar uma mensagem para minha mãe dizendo que ela estava atrasada, ela e Star finalmente entraram pela porta principal. Mamãe estava linda com calças de alfaiataria e uma blusa de renda branca que eu nunca tinha visto antes, então ela deve ter comprado para esta ocasião. Deus, eu a amava por não aparecer com seus jeans rasgados, blusa boho esvoaçante e Birkenstocks[4] de vinte anos que ela tanto amava.

Levantei minha mão em um aceno, e quando Star e eu trocamos olhares, ela gritou e começou a correr em minha direção como se não me visse há dias. Eu não pude deixar de sorrir porque ela era a mais fofa, especialmente com seu vestido amarelo e tranças que mamãe tinha dedicado tempo para estilizar.

Parecia que eu tinha a atenção de toda a sala quando me agachei para suportar o peso dela enquanto ela jogava os braços em volta do meu pescoço. Meu olhar encontrou o de Henry por cima do ombro dela, e ele ofereceu um sorriso fraco, com as bochechas coradas, o que foi a segunda pista de que ele estava tão desconfortável com tudo isso quanto eu. Ou talvez tenha sido por causa do que aconteceu entre nós no armário de suprimentos outro dia. Achei que talvez ele fosse me beijar e eu teria gostado disso. O que provavelmente seria uma má ideia, considerando como nosso semestre começou.

Dei um beijo na cabeça de Star e depois apertei sua mão enquanto me levantava para cumprimentar mamãe.

— Ela estava tão animada em ver você, — disse mamãe com um sorriso enquanto acariciava minha bochecha.

Eu ri. — Você pensaria que eu morava nos dormitórios.

Senti os olhares das pessoas sobre nós, e talvez não apenas porque Star tinha acabado de fazer um espetáculo. Eu fui estúpido o suficiente para pensar que a

faculdade seria diferente. Talvez se eu tivesse decidido frequentar uma universidade pública... Mas então eu estaria solicitando empréstimos estudantis e ajuda financeira, e ser aceito em Roosevelt deveria ser meu sonho.

— Você quer um pouco de ponche e lanches? — Eu perguntei à mamãe.

Star respondeu enfaticamente: — Sim!

Ela puxou meu braço e fomos até a mesa de bebidas, onde empilhamos um prato de queijo e biscoitos, vegetais e molho, e depois servimos três xícaras de ponche. Apresentei minha família a Emil e seus pais e conversamos um pouco sobre o programa de dança. O que Emil disse sobre seus pais estava certo: eles não tratavam mamãe de maneira diferente. Na verdade, a mãe dele elogiou a blusa da minha mãe.

Esperamos enquanto o reitor da universidade fazia um discurso e alguns anúncios, o que pareceu levar uma eternidade. Eu não sabia quem estava se contorcendo mais, eu ou Star, mas fiz questão de ficar do outro lado da sala, longe dos Albrechts.

Tentei não fazer contato visual com Henry no meio de tudo isso, e parecia que ele estava tendo a mesma dificuldade. E, felizmente, mamãe não percebeu, apesar de seu olhar percorrer a sala várias vezes. Tal como eu esperava, ela não reconheceu ninguém. Ainda assim, tudo isto parecia demasiado surreal – a ideia de que o último local onde as nossas famílias se viram foi num hospital, há sete anos.

Ainda mais ameaçador foi que o colega de quarto de Henry, Spencer, continuou sorrindo para mim, e não de uma forma maliciosa, mas sim mais amigável do que nunca.

Henry teria lhe contado alguma coisa?

Por fim, o discurso foi encerrado e os pais foram incentivados a se dirigir às salas de aula para encontrar os professores, que os aguardavam.

— Querido, por que essas pessoas parecem familiares? — Mamãe perguntou enquanto os pais convergiam pelo corredor principal.

Meu estômago embrulhou quando ela olhou abertamente para os pais de Henry.

— Hum, esqueci de... — Antes que eu pudesse explicar, ela ergueu a mão e acenou. Cristo, eu queria ser engolido por um buraco no chão. Especialmente porque o rosto de Henry murchou.

Mas o que eu esperava? Mamãe era super simpática, por isso ela era tão boa no trabalho e no trato com o público. Os pais de Henry piscaram como se estivessem em estado de choque, talvez se perguntando se ela estava realmente acenando para eles, mas então a Sra. Albrecht assentiu em reconhecimento antes de virar a cabeça para falar com outro pai.

Mamãe cutucou meu ombro. — Ele era o garoto que estava no hospital com você. Por que você não me contou que ele estudou aqui?

— Porque é complicado e acho que não sabia como... — A verdade é que eu tinha me acovardado. Ou talvez eu não quisesse que mamãe ficasse irritada com tudo isso e fizesse uma cena. Mas como isso foi melhor? — Por favor, não estrague isso para mim. Explicarei tudo mais tarde.

— Eu não ousaria, — ela murmurou. — Você é amigo dele agora?

— Tipo isso? As coisas mudaram desde então.

— Como assim?

— Mãe. *Por favor.* Apenas prometa que não vai trazer o passado à tona nem contar a ninguém como nos conhecemos. Eles… são uma família muito reservada.

Suas sobrancelhas se uniram. — Presumo que haja um bom motivo para isso?

— Razão, sim. Bom, não tenho tanta certeza. Como eu disse, explicarei mais tarde.

— Ok, eu confio em você.

Guiei mamãe e Star pela passarela externa que levava ao prédio de Artes Cênicas, suspirando de alívio por podermos evitá-los, talvez até pelo resto da noite. Comecei primeiro com balé e depois sapateado. Mamãe conversou com a Sra. Leigh e a Sra. Bardo enquanto eu mostrava alguns passos de dança para Star, junto com alguns outros alunos entretendo seus irmãos mais novos. Essa coisa do Dia dos Pais seria muito chata para a maioria das crianças.

Mesmo assim, ela ficou maravilhada com os macacões de strass e as saias de tule penduradas perto dos espelhos.

— Bonito, certo? — Eu perguntei, e ela assentiu.

Ela ficou igualmente encantada com o som dos sapatos vindos da sala de sapateado – outra despesa adicional para mim. Felizmente, meu ex-instrutor de dança me emprestou um par que era um pouco grande demais para meus pés.

— O programa parece incrível, — disse mamãe enquanto caminhávamos para outro prédio. — Posso ver por que você estava interessado em se inscrever aqui.

Compartilhamos um sorriso enquanto eu as conduzia para a sala de pré-cálculo, feliz por não haver mais desentendimentos. Meus passos diminuíram quando nos aproximamos da porta porque, *porra*, os Albrechts estavam conversando com o professor no corredor.

E então mamãe se aproximou e se apresentou a ele também. Eu sabia que ela não iria quebrar sua promessa, mas eu poderia dizer pela maneira como ela estava se comportando que ela não iria se curvar aos pais de Henry – ou ficar longe, aparentemente. Mas ela manteve o olhar perfeitamente treinado no professor.

— Eu não esperava que você viesse para esta aula, já que você é apenas um professor particular, — eu disse a Henry enquanto estávamos alguns passos atrás de nossos pais. — Não quero dizer *apenas* que seja uma coisa ruim, apenas que...

— Você está brincando? Meu pai come essas coisas.

Suponho que eu pudesse ver isso. Capitão da equipe, tutor glorificado.

Eu me inclinei mais perto. — Não se preocupe, eu jurei segredo para minha mãe. Ela não vai falar nada com seus pais.

— Porra, obrigado por isso. — Seus ombros se desenrolaram. —Infelizmente, meu pai provavelmente fingiria ignorância de qualquer maneira. E minha mãe conversava educadamente e a afastava do assunto.

Revirei os olhos. — Que legal.

Ele franziu a testa, mas não tentou defendê-los. E enquanto observava a interação deles, era exatamente isso que estava acontecendo. Nossos pais

estavam conversando com o professor, mas não entre si. Ridículo.
— Sua irmã? — Henry perguntou enquanto observava Star pular para cima e para baixo no corredor.
— Uh-huh. O nome dela é Star. Abreviação de Starling.
— Outro nome único.
— Pássaros, lembra? — Eu respondi enquanto Star se aproximava e entrelaçava nossos dedos. — Minha mãe adora pássaros.
— Temos comedouros para pássaros do lado de fora de nossas janelas, — disse Star, olhando para Henry.
Com medo de que ela mencionasse o estacionamento de trailers, fui distraí-la. — Vamos entrar na sala de aula e ver as equações malucas escritas no quadro.
Eu a conduzi para dentro, mas não antes que ela olhasse por cima do ombro. — Seu amigo vem?
— Não, ele não precisa...
— Definitivamente, — disse ele, seguindo-nos para dentro, talvez precisando de sua própria diversão.
Eu admito que ter a oportunidade de sair com ele assim fez meu estômago vibrar.
Dentro da sala de aula, Star escreveu suas próprias equações absurdas nos pequenos quadros brancos colocados na mesa enquanto observávamos. Procurei no bolso um Jolly Rancher, passei um para Star e depois ofereci outro para Henry. Ele piscou. — O quê? — Perguntei.
— Você ainda come isso? Melancia, certo?
Eu sorri porque ele se lembrou. — Meu favorito.
Conversamos, rimos e jogamos jogo da velha com Star até que seu pai pigarreou na porta e sinalizou que era hora de ir.
— Vejo você amanhã, — disse Henry, indo em direção ao pai.
— Tchau! — Star gritou, fazendo-o rir enquanto piscava por cima do

ombro.

— Você tem algumas explicações a dar, — disse mamãe a caminho de casa.

— Eles reconheceram você?

—Eles fingiram que não na frente do professor, mas eu sei que sim. Pensando bem, eles também eram esnobes comigo naquela época, o que era muito bom, considerando que nossos dois filhos estavam sofrendo.

— Imagine ser criado dessa maneira, — apontei. — É por isso que tenho tanta sorte de ter você e Star.

— Lamento que lutemos tanto e não possamos comprar mais coisas boas. Estar perto daqueles pais realmente trouxe à tona nossas diferenças.

— Não se desculpe, mãe. Eu não trocaria minha família por nenhum deles.

Ela estendeu a mão e apertou minha mão. — Agora explique.

Foi o que fiz, contando a ela sobre futebol e expectativas, e depois de conhecer os pais dele, achei que ela entendeu ainda mais, embora fosse difícil entender por que isso era tão importante para eles.

Mamãe disse: — Quando o professor foi embora, o Sr. Albrecht o seguiu até a sala de aula. Chamei a atenção da senhora Albrecht e contei-lhe algumas coisas em particular.

— Mãe, você prometeu. — Cautelosamente, perguntei: —O que você disse?

— Foi a coisa certa a fazer, — disse ela com uma fungada. — Eu disse a ela que Henry havia se tornado um excelente jovem e que estava feliz por ele ter entrado em remissão.

— E?

— Sra. Albrecht disse que ela também estava feliz por você ter sobrevivido. Estava fora do alcance da voz de qualquer pessoa, especialmente, ao que parecia, de seu marido. Seus dedos ficaram brancos no volante. — Isso pode ter me incomodado acima de tudo.

Achei que mamãe tinha que dizer o que queria. Eu não poderia culpá-la por isso,

poderia?

12

Henry

ERA O INTERVALO e perdemos por um touchdown por causa de alguns erros de novato da linha defensiva que resultaram em pênaltis contra nós. A frustração do treinador ecoou no vestiário. — Somos melhores que isso e nosso histórico prova isso!

Ele estava certo. Perdemos apenas um jogo nesta temporada, na semana passada contra os Bulldogs em seu gramado, mas esta noite tínhamos a vantagem de jogar em casa e o estádio inteiro ao nosso lado.

Depois que o treinador terminou de ficar furioso, ele olhou para mim e, como capitão do time, me levantei e encarei meus companheiros com um nó na garganta. Era meu trabalho mantê-los centrados e positivos, e em alguns dias o esforço pesava muito sobre mim. Ainda assim, procurei profundamente a confiança extra. Se eu não fizesse isso, poderíamos estragar tudo.

— Só tenho uma coisa a dizer a vocês, Sentinels: *todos envolvidos*! — Eu gritei, e meus companheiros imediatamente responderam formando um círculo e colocando as mãos em cima das minhas. Os restantes jogadores seniores da equipa estavam ainda mais animados porque queriam chegar ao topo nesta temporada, talvez até ganhar um campeonato. Mas isso estava nos adiantando um pouco; mal conseguimos uma vaga como wild card na temporada passada. Ainda assim, alguma bravata era boa nesta situação. — Vamos mostrar a eles quem somos e arrasar.

Houve gritos e assobios quando nos separamos e voltamos ao campo para um estádio barulhento e lotado.

Tirei algumas fotos na linha lateral enquanto esperávamos os árbitros darem o sinal para iniciar o segundo tempo. Olhando rapidamente para as arquibancadas, localizei facilmente meus pais no meio da multidão, onde normalmente se sentavam. Eles ainda não haviam perdido um jogo em casa. Eu deveria ter ficado mais grato, mas a pressão no centro do meu peito que eu sempre sentia na

presença deles quase fez meus joelhos cederem. E ainda não foi tão ruim quanto o fardo que Bones sentiu de sua família para viver de acordo com seu irmão mais velho. Ele raramente falava sobre isso, ou apenas ria, mas era verdade o que eu disse a Lark sobre as expectativas dos outros pais serem piores.

Meus olhos foram imediatamente atraídos para uma figura solitária subindo os degraus com cautela, carregando duas bebidas e vestindo uma jaqueta preta, jeans e um gorro. Puta merda, Lark estava aqui. Ele examinou as fileiras antes de se sentar perto do topo e se sentar ao lado de um cara e uma garota.

Pisquei várias vezes, me perguntando se estava sonhando. Mas quando ele levantou a mão e acenou para Emil, que estava sentado a uma seção com a banda, eu sabia que era real.

No momento em que os olhos de Lark examinaram o campo e se concentraram em mim (pelo menos pensei que sim), uma bola de futebol me acertou no ombro.

— Que diabos, cara? — A-Train disse.

— Desculpe. Um pouco de aviso, por favor.

Mas mesmo quando peguei a bola de futebol para jogar de volta para ele, meu olhar voltou para Lark. Ele e seus dois amigos riram de alguma coisa e cutucaram os ombros. Parecia uma marca em brasa no meu peito.

— De cabeça no jogo, Sentinels, — gritou o treinador, batendo palmas para chamar a atenção.

Ele pode não estar falando comigo, mas eu precisava sair dessa, ou estaríamos em um mundo de dor.

Fechei os olhos, respirei e me concentrei. *Você consegue fazer isso.*

No momento em que levei o ataque para o campo, eu estava determinado. Meu primeiro passe foi difícil, o tight end mal conseguiu atingi-lo com a ponta dos dedos. Mas eu não podia deixar isso me afetar. Afastei o pânico como já havia feito tantas vezes antes em campo e mantive o foco nos meus companheiros e no jogo.

Felizmente, consegui entrar na mentalidade certa na segunda descida, que foi uma jogada corrida, e desliguei a multidão. Concentrei-me apenas no treinador e

na equipe durante o resto do segundo tempo.

O esforço valeu a pena porque no final do terceiro quarto consegui liderar o ataque no campo até a linha de dezenove jardas e na zona vermelha, onde sempre nos saímos bem. Na terceira descida, lancei uma espiral perfeita para Flash na end zone, e quando ele pegou e ficou dentro de campo, a multidão foi à loucura.

Conseguimos mantê-los empatados até os três minutos finais do quarto período, onde eu mesmo corri a bola para a end zone a partir da linha de cinco jardas por causa da cobertura apertada e da única oportunidade que vi de passar um final defensivo. Cristo, isso também foi um problema para nós.

Depois que meus companheiros e eu comemoramos com cumprimentos e abraços de urso, finalmente me permiti olhar para as arquibancadas enquanto me dirigia para a linha lateral. Meus pais estavam de pé, torcendo, e várias fileiras atrás deles, Lark e seus amigos também. Ele parecia quase em estado de choque, como se não soubesse o que pensar disso, mas meu estômago deu uma reviravolta estranha só de vê-lo sorrir.

— Vá lá fora e chute aquele ponto extra, — eu disse a Spencer.

— Vou servir, capitão, — ele respondeu com uma pequena saudação, depois foi até lá e fez exatamente isso para garantir nossa liderança.

Afundei-me no banco para recuperar o fôlego e beber a água que me foi entregue. Spencer fez o mesmo quando nossos companheiros se reuniram ao nosso redor.

— Bom trabalho, — eu disse, cutucando seu ombro.

— Obrigado. — Pude ver o alívio em seus olhos, mas ele raramente perdeu esta temporada. — Você está bem?

— Estou agora que marcamos. Fiquei um pouco preocupado, — respondi.

— Não, eu sabia que você iria retirá-lo.

Minhas bochechas esquentaram. — Obrigado pelo voto de confiança.

Ele assentiu. — Só precisamos segurá-los e teremos esse jogo na mão.

Torcemos na linha defensiva quando o time adversário ficou perto da primeira

descida. Tudo o que restou foi deixar o tempo acabar.

Terminado o jogo, a torcida se levantou novamente enquanto comemoramos com tapinhas nas costas antes de procurar os jogadores do time adversário por questão de espírito esportivo.

Quando vi o quarterback do outro time, fui encontrá-lo no meio do campo. Eu o conhecia agora, e não apenas por causa da nossa rivalidade. Eu assistia fitas para me preparar para os jogos e até torcia por eles quando jogavam contra times que esperávamos que vencessem. Era um mundo pequeno quando se tratava de baile de nível universitário.

— Bom trabalho, — disse ele enquanto apertamos as mãos.

— Você me fez trabalhar para isso.

Assim que isso ficou para trás, o treinador fez sinal para o time deixar o campo. No caminho para o vestiário, olhei para as arquibancadas, ainda muito aliviado por termos conseguido. O que mais explicaria levantar minha mão em um aceno? Eu nem sabia para quem era o gesto, mas quando minha mãe acenou de volta, fiquei aliviado. Mas também não.

13

Lark

NO FINAL do jogo, todos na arquibancada se levantaram para torcer pela vitória e eu segui em frente, feliz por Henry. Também impressionado por poder comandar tudo isso em campo e manter a calma. Ele era capitão de equipe e zagueiro e parecia natural como líder. Emil estava certo quando disse que estava confiante e parecia muito respeitado por seus companheiros de equipe.

Observei os times adversários interagirem apertando as mãos e batendo nas costas, e meu olhar rastreou Henry quando os dois zagueiros conversaram um com o outro.

Enquanto seguia seu time para fora do campo, ele olhou para as arquibancadas e ergueu a mão em um aceno. Meu estômago aqueceu e quase retribuí o gesto até perceber que ele não estava acenando para mim, mas para seus pais, que estavam várias fileiras na minha frente. Eu podia ver seus sorrisos e aposto que estavam orgulhosos.

— Não acredito que você me convenceu a ir a um jogo de futebol, — provoquei Emil quando ele subiu na arquibancada para nos cumprimentar.

Eu estava com Leah e Justin, que eu conhecia do sapateado e do balé, mas só depois que Emil nos apresentou adequadamente é que me senti confortável em encontrá-los no jogo e sentar com eles. Foi bom conhecer outros alunos do programa.

— Bem diferente dos nossos uniformes de dança, — disse Leah, e Emil riu. Ele usava uma roupa de estilo militar com borlas amarelas, botões de latão na jaqueta cor de vinho e um chapéu alto e rígido.

— Então você conseguiu, — Emil me disse. — Não é tão ruim, certo?

— Não, suponho que não. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas você não pode deixar de se envolver nisso tudo.

Eu admito que alguns dos golpes me fizeram estremecer. Eu sabia que eles usavam protetores e equipamentos para suavizar os golpes, mas não tinha ideia

de quão duro isso pareceria pessoalmente. E quando Henry foi abordado por aqueles caras enormes do outro time – linebackers? – eu silenciosamente esperei que ele estivesse bem.

Eu me perguntei se ele sabia que eu estava aqui, mas estava tudo bem se ele não soubesse. *Eu* nem sabia por que estava aqui. E ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar. Como evitar que homens enormes o perseguissem para derrubá-lo no chão. Eu nem conseguia imaginar.

Além disso, o que diabos eu estava fazendo pensando demais em um jogador de futebol que conheci desde a infância? Poderíamos ter nos beijado naquela época, mas foi tão inocente quanto acidental.

— Por que você odeia tanto futebol? — Leah perguntou.

— Eu não, na verdade não. Mas no ensino médio alguns atletas eram horríveis, e eu era constantemente provocado por ser dançarino.

— Eu ouvi você, — Justin respondeu com uma carranca. — E foi duplamente difícil ser negro.

— Por que as pessoas são tão tacanhas? — Eu disse em torno do aperto na minha garganta. — Não há como negar o quão talentoso você é. As pessoas são péssimas.

— Obrigado. — Ele suspirou. — É por isso que não gosto da maioria das pessoas. Exceto talvez um ou dois.

— Como Jessilyn? — Leah perguntou quando o olhar de Justin se dirigiu a alguém lá embaixo.

— Felizmente, a equipe de torcida está bem na minha linha de visão, — disse Justin com uma piscadela, e Leah bateu palmas com entusiasmo.

— Talvez você possa falar com ela mais tarde.

— Veremos. — Justin timidamente baixou a cabeça. — Que bom que não sou o único que não tinha ideia do que estava acontecendo no jogo.

— Posso entender mais do que vocês dois, mas só estou aqui pelas calças justas, — Leah disse com um sorriso tímido.

— Mesmo! — Emil e eu respondemos em coro e todos riram.

— Existe alguma calça que você mais admira? — Emil perguntou a Leah.
— Tenho várias boas opções. — Ela olhou para o campo como se estivesse imaginando os jogadores ali. — Como o número dezenove.
— Ah, Henners, hein? — Justin disse. — Ouvi dizer que ele não namora muito, no entanto.
— Estou apenas olhando, não tentando sair com ele.
Por que eu estava prendendo a respiração durante essa parte da conversa? Eu finalmente me recuperei quando senti Emil olhando para mim com uma expressão estranha no rosto.
— Tenho que me trocar, — disse Emil. — Esperem por mim?
— Claro, — eu disse, e Justin e Leah concordaram.
Nós nos retiramos para o estacionamento para esperar por ele, e me senti um pouco estranho porque os pais de Henry também estavam esperando por perto. A mãe dele olhou para mim algumas vezes, mas o pai dele fingiu que eu não existia. Eu não queria estar por perto para assistir a conversa deles com Henry.
Se seus pais estivessem tão tensos com o medo do câncer, imagine como eles reagiriam se ele não fosse heterossexual. Foi um grande negócio que ele tenha me contado. Ou melhor, não negou. Embora, depois de nossa proximidade no armário de suprimentos, eu achasse que minhas suspeitas estavam corretas.
De repente, fiquei chateado por ele não ter o apoio dos pais como eu. Mamãe sabia desde cedo que eu era gay e apenas esperou que eu finalmente contasse a ela. Isso explicava as vezes em que meu padrasto parecia desconfortável perto de mim, mas mamãe sempre suavizava o caminho. Não que isso importasse mais. Ele se foi há tempos.
Eu só tinha estado com alguns rapazes no ensino médio, mas pelo menos conseguia chorar no ombro da minha mãe quando um deles feria meus sentimentos. Quem Henry tinha?
Felizmente, Emil foi uma das primeiras pessoas a sair do prédio, carregando uma sacola de roupas, provavelmente com seu uniforme dentro. Provavelmente foi bom vestir jeans e um moletom porque o material parecia pesado e quente. —

Vamos até o dormitório para deixar isso?

— Parece bom.

Caminhamos pelo campus enquanto anoitecia. O que os alunos faziam à noite por aqui? Acho que eu estava prestes a descobrir.

De volta ao quarto, Emil guardou seu uniforme enquanto nos acomodamos na cama e retomamos nossa conversa da caminhada. Todos concordámos que os instrutores de dança eram simpáticos mas rigorosos, especialmente o professor de História da Dança, que era um pouco enfadonho e não sorria com tanta frequência. Justin parecia um pouco preocupado com o próximo programa de outono e como isso afetaria nossas notas. Ele esteve envolvido em tantos recitais ao longo dos anos quanto eu, mas ainda sofria de medo do palco. Acabei de mastigar minhas cutículas cruas na noite anterior. De alguma forma, isso parecia muito pior porque eu tinha evidências para provar isso.

Devo ter feito alguma coisa para chamar a atenção dele para os meus dedos, porque ele perguntou: — Então, o que há com os band-aids?

Antes que eu pudesse responder, Emil veio em meu socorro. — Ele se queimou e isso leva muito tempo para sarar.

— Desculpe, cara, — Justin disse, e quando o olhar de Emil encontrou o meu, ele piscou. Droga, eu não sabia por que ele tinha feito isso quando eu nunca tinha sido honesto com ele sobre minhas mãos, mas porra, eu apreciei isso.

Emil vasculhou uma gaveta e tirou uma caixa de chicletes de maconha. Ele deu um para Justin e Leah, depois colocou outro na boca. Aparentemente, esta era uma rotina padrão para eles.

— Quer um? — Emil perguntou, colocando um para mim na palma da sua mão.

— Eu nunca tomei um, — respondi hesitante.

— Realmente? — Justin perguntou, mas eu não senti que ele estava me julgando.

— Não, eu só tomei goles de cerveja com meu melhor amigo, Pete. — Meu rosto esquentou porque eu esperava não parecer inexperiente, o que realmente era.

— Ugh, o álcool me dá dores de cabeça, — disse Leah. — Além disso, não suporto o sabor. Eu pegaria um comestível em qualquer dia da semana.
— Como isso faz você se sentir? — Perguntei.
— Isso me relaxa, — disse Emil. — Já que é sua primeira vez, apenas mordisque um canto e, se estiver certo, você pode comer o resto mais tarde.
Foi o que fiz, e enquanto estávamos lá conversando e rindo, não pensei que a erva fosse fazer alguma coisa, até que de repente me dei conta de como me sentia tranquilo. Minha cabeça estava um pouco tonta, mas não tão ruim, então provavelmente tomei a quantidade certa.
Percebi como era divertido ficar conversando com outros alunos. Eu nunca tive isso antes com outros dançarinos, na verdade não. Ah, havia pernoites e encontros amigáveis, mas os pais e professores estavam sempre lá acompanhando.
— Pronto para ir para a sede do clube?
Justin e Leah pularam, mas eu não tinha certeza e me perguntei se deveria simplesmente ir para casa. Como se percebesse minha hesitação, Emil uniu seu braço ao meu e me levou para fora da porta. Suponhamos que eu nunca saberia como eram essas festas se não as vivenciasse em primeira mão. Eu nunca tinha participado de reuniões lotadas, mas talvez isso fosse mais discreto. Okay, certo.
Caminhamos novamente em direção ao estádio, que ficava perto da estrada e a alguma distância além do prédio das Artes Cênicas, por onde Henry admitiu ter passado para me ver dançar. Arrepios percorreram minha pele quando pensei em retribuir o favor usando a saída perto do campo depois da aula só para poder assistir Emil - e tudo bem, Henry - praticar.
Ao nos aproximarmos do estacionamento do estádio, a sede do clube apareceu. Ela estava localizada dentro do estádio e parecia com qualquer outra porta – poderia ter sido um armário de armazenamento, pelo que eu sabia. Eu podia ouvir música e vozes toda vez que alguém entrava ou saía.
Entramos em uma sala lotada e eu gemi internamente. Ainda assim, segui o exemplo deles enquanto nos dirigíamos para a mesa de lanches. A pizza parecia

quase toda devorada quando passamos pelas caixas em direção às bebidas.
Havia garrafas de água e refrigerante disponíveis, e depois que peguei uma, percebi que as pessoas misturavam suas bebidas com uma garrafa de bebida sendo distribuída. Emil e Justin completaram suas bebidas com isso, mas Leah e eu recusamos.
Em vez disso, gravitei em torno das tigelas de batatas fritas e doces, peguei um punhado de Skittles e enfiei-os na boca, porque quem não gostava de guloseimas açucaradas? E tudo bem, eu também estava morrendo de fome de repente. Isso não era um clichê?
Enquanto colocava mais algumas cores na boca, meu olhar se conectou com o de Henry do outro lado da sala. Ele parecia surpreso por eu estar lá, mas também com outra coisa – satisfeito? Ele sorriu para mim assim que uma garota loira com franja grande se sentou em seu colo – pensei que provavelmente fosse uma líder de torcida porque ela parecia familiar, como se talvez ela estivesse no campo ao lado da garota que Justin gostava.
Meu estômago embrulhou, embora Henry parecesse desconfortável quando ela se virou para falar com ele. Ainda assim, ele não pediu para ela se mover, então talvez ele tenha sido extremamente educado ou talvez sua sexualidade fosse mais fluida do que eu pensava. Tentei não olhar enquanto eles riam de alguma coisa e depois suspirei quando ela finalmente se levantou, apenas para ser substituída por outra pessoa.
— Olha quem está aqui, — Leah disse para Justin, apontando para sua paixão. — Vá falar com ela.
— Talvez depois de um pouco de coragem líquida, — disse ele, inclinando o copo.
Eu ouço você, Justin. Agora que Henry e eu estávamos juntos em uma festa, ele falaria comigo na frente de toda aquela gente? Não que eu estivesse muito melhor. Continuamos fazendo contato visual, mas nenhum de nós teve coragem de se aproximar um do outro. Para ser justo, este era essencialmente o território dele e eu era apenas um convidado.

Ao voltar a encher a água, lembrei-me que tinha Jolly Ranchers no bolso. Peguei uma melancia e coloquei na boca assim que ouvi sua voz atrás de mim. — Lark.
Virei-me e, por puro nervosismo, ofereci-lhe um doce de maçã. —Quer um?
Ele sorriu enquanto pegava o doce da palma da minha mão. — Por que isso não me surpreende?
— O quê? — Perguntei.
— Que você tenha isso com você onde quer que vá.
Eu ri. — Eu faço.
Ficamos ali sem jeito, e então ele disse: — Você veio.
Eu balancei a cabeça, e quando eu estava prestes a dizer algo sobre o jogo, ele foi agarrado por trás por Bones e outro companheiro de equipe. —Hora de um shotski.
— Não, eu…
— Você prometeu fazer uma tentativa conosco.
Ele olhou para mim com olhos suplicantes enquanto eles o arrastavam em direção a outro jogador segurando um longo pedaço de madeira – um esqui de neve? Havia buracos na madeira onde foram inseridos copos.
— Está tudo bem, — respondi. — Divirta-se.
Voltei para meus amigos enquanto os observava levantar o pedaço de madeira para que todos pudessem atirar ao mesmo tempo. Henry fez uma careta como se estivesse queimando, e então eles foram cercados por garotas querendo fazer o mesmo.
Voltei minha atenção para meus amigos. Justin estava falando com Jessilyn, e Leah estava atuando como sua ala.
— A propósito, obrigado, — eu disse a Emil agora que eles estavam fora do alcance da voz.
— Você quer dizer sobre seus dedos? — ele disse, e eu balancei a cabeça. — Não é da conta de ninguém, inclusive da minha.
— Não é tão sério assim, só eu... — A explicação se perdeu quando um cara grande bateu em nós e derramou cerveja na manga de Emil. Peguei alguns

guardanapos e ajudei a limpar a bagunça no chão porque o grandalhão já havia ido embora com apenas um grunhido de desculpas.

Observamos as pessoas por um tempo — eu tentando não notar Henry e a porta giratória de garotas ao seu redor — até que uma música dançante popular tocou e Emil começou a cantar e balançar os quadris.

Justin e Leah se juntaram a nós, mas eu me senti totalmente constrangido quando Emil estendeu a mão para mim e me incentivou a fazer o mesmo. — Eu não acho.

Ele riu. — Mas você está aqui com uma bolsa de dança. Vamos, vamos mostrar a eles como se faz.

Era verdade que eu adorava dançar sempre que podia, então fui em frente, deixando de lado minhas inseguranças. Assim que comecei a balançar os quadris, me perdi na música, mas pude sentir os olhos de Henry em mim. Praticamos todos os tipos de movimentos, rindo e conversando um com o outro. Logo tínhamos uma plateia, as pessoas na sala se aproximando para assistir.

Até Jessilyn estava no perímetro, e Justin teve coragem suficiente para convidá-la para se juntar a nós. Dançamos a música seguinte também, mas de repente senti calor e umidade, e a sala começou a girar.

— Preciso me refrescar, — eu disse e me aproximei da parede, mas isso ainda não ajudou. Porra. Foi o chiclete que comi?

Sentindo-me sobrecarregado, saí pela porta. Assim que o ar frio atingiu meu rosto, me senti muito melhor. Eu não queria voltar para lá. Muitas pessoas, pouco oxigênio. Mandei uma mensagem para Emil dizendo que estava indo para casa.

14

Henry

— JÁ VOLTO, — eu disse, preocupado, enquanto observava Lark sair pela porta. A garota que estava falando comigo parou no meio da frase quando passei por ela. Por mim tudo bem. Eu estava ouvindo apenas parcialmente e esperando por uma oportunidade de procurar Lark novamente quando ele saísse da pista de dança.

Na verdade, fiquei distraído a noite toda observando cada movimento de Lark desde que ele pisou pela primeira vez na sede do clube.

Fiquei emocionado por ele ter assistido ao jogo, mas não o vi em lugar nenhum depois, então não esperava que ele aparecesse aqui. Mas talvez eu devesse, já que ele estava com Emil e dois outros amigos.

Mas quando Lark parecia um pouco verde ao passar pela porta, não pude deixar de ir atrás dele. Ele estava bêbado? Eu tinha acabado de tomar minha primeira dose da noite, mas não tinha ideia se ele bebia álcool. Ele parecia desinibido dançando com os amigos, mas se eu fizesse esses movimentos, também me sentiria muito bem comigo mesmo.

Quando saí e vi Lark atravessando o estacionamento, corri para alcançá-lo. — Você está bem?

Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo quando ele me viu. — Sim, eu me sinto estranho. Peguei um chiclete de maconha mais cedo, então talvez seja por isso.

— O ar fresco lhe fará bem. Importa-se se eu for com você?

Ele encolheu os ombros. — Tem certeza de que não precisa voltar para suas admiradoras?

— Que admiradoras?

Ele fez um gesto com a mão. — O suprimento infinito de garotas querendo sua atenção.

— Desculpa. Às vezes sinto que preciso… — Desempenhar o papel. — Eu não

queria ser rude.

— Não precisa se desculpar. Você não me deve nada, — ele respondeu, mal olhando para mim. — Eu só não queria interromper uma conexão ou algo assim.

— Uma conexão? De jeito nenhum. Eu te disse…

— Na verdade, você nunca admitiu nada. E além disso, talvez você seja bi ou pan.

Parei e olhei para ele. Ele estava certo. Eu nunca tinha admitido nada porque estava com muito medo. Naquele momento, eu não queria nada mais do que passar um tempo com ele, conhecê-lo quando adulto. Eu puxei seu braço. — Vamos.

— Onde estamos indo? — Lark perguntou, mas me seguiu facilmente enquanto eu caminhava em direção ao centro do campus.

— Eu vou te mostrar. — Eu estava me arriscando e levando-o ao meu lugar mais privado no campus, mas tive a sensação de que ele apreciaria isso, ou pelo menos entenderia.

Quando nos aproximamos da torre do sino, olhei em todas as direções para ter certeza de que não havia ninguém por perto. Enfiei o dedo no compartimento apertado para abrir a trava, um pequeno truque que aprendi. Nunca foi realmente trancado.

Suas sobrancelhas se uniram quando abri a porta da escada estreita.

— Hum, isso não está ajudando, — disse Lark, dando um passo para trás.

— Apenas confie em mim?

Ele me olhou fixamente antes de concordar. Lark subiu primeiro e eu fiquei para trás, para o caso dele tropeçar ou ficar superaquecido porque a escada poderia ficar abafada. Quando chegamos ao topo, ouvi-o respirar enquanto apreciava a vista – o mundo inteiro diante de nós. Na verdade, apenas o campus, mas ainda assim.

Ficamos dentro de uma das empenas[5] esculpidas que lembravam janelas sem vidro e sugamos o ar fresco que atravessava as aberturas nos quatro lados.

Com uma expressão de admiração, ele inclinou a cabeça para olhar o gigantesco sino pendurado ali.

— Essa parte da torre é chamada de campanário. Abriga aquela monstruosidade antiga.

Lark apontou para o cabo pendurado. — E eles usam aquela corda para fazer o sino?

— Uh-huh. Aparentemente, é preciso muita força para fazê-lo funcionar.

O zelador era um cara grande e musculoso, então talvez ele não lutasse tanto quanto qualquer outra pessoa faria.

— Só posso imaginar, — disse Lark, virando-se para olhar novamente para as colinas. — Tão legal.

— É aqui que venho se não consigo dormir ou se preciso pensar.

— Realmente? — Seus olhos saltaram para os meus. — Alguém mais sabe?

— Só você.

Ele baixou a cabeça de um jeito tímido que fez meu estômago ficar estranho.

Depois de outra batida silenciosa, perguntei: — Você se sente melhor?

— Sim obrigado.

Dei um passo para trás até que minhas omoplatas encontraram a sólida coluna do campanário.

Quando deslizei pela parede para sentar no chão de concreto, Lark fez o mesmo. Daquele ponto de vista, a única coisa visível era o céu azul meia-noite e as estrelas cintilantes.

Ficamos em silêncio por um momento e então: — Posso ver por que você gosta disso.

— Sim, é calmante. — Sempre me senti isolado aqui, como se ninguém fosse me encontrar enquanto eu olhava para o teto das constelações. Normalmente, eu levava uma toalha ou cobertor para amortecer o chão áspero, mas esta noite tudo que senti foram alfinetadas por toda a minha pele por causa da companhia dele.

— Bom jogo, a propósito.

— Que bom que você conseguiu.

— Eu não vim por você. Eu vim atrás de Emil, — ele disse provocativamente.
— Ah, não tenho dúvidas. — Arrisquei olhar para ele e Lark sorriu.
— Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas sei que você estava impressionante.
— Sim? — Eu perguntei, e ele assentiu. — Obrigado.
— Se eu tivesse caras enormes tentando me esmagar, eu correria para o outro lado e me esconderia no vestiário.
Eu comecei a rir. Quando o senti olhando para mim, encontrei seu olhar. — O quê?
— Nada, eu só... esqueci da sua risada... e do quanto eu gostava dela naquela época.
Porra, meu peito apertou. Por que de repente senti que não conseguia respirar?
Talvez fosse hora de esclarecer algumas coisas.
— Para que conste, não estou interessado em meninas. Nunca estive. Às vezes finjo que estou flertando para que ninguém me questione. Embora ainda o façam porque eu nunca fico.
— Mas você já tentou? Para ficar, quero dizer.
Eu fiz uma careta. — Sim, mas não tem sido ótimo.
— Entendo.
Tudo ficou quieto enquanto pressionamos nossos ombros. Nossos joelhos estavam dobrados, nossos cotovelos apoiados neles, e tive vontade de colocar meu braço em volta dele. Mas eu não sabia como ele responderia. Quando nossos braços se tocaram, senti Lark estremecer, então talvez eu não estivesse muito longe.
— Além disso, eu mal ouvia o que a garota dizia porque estava muito ocupado vendo você mexer esses quadris.
— Oh meu Deus. — Ele colocou o rosto nas mãos.
— Não tenha vergonha. Você é bom. Mas você já sabe isso.
Ele encolheu os ombros. — Assim como você sabe que é talentoso em campo.
— Verdadeiro. É engraçado que eu esteja, quando na verdade não tenho

nenhuma aspiração de jogar depois da faculdade.
— Talvez isso alivie a pressão e você possa simplesmente aproveitar.
— Sim talvez.
A conversa me levou de volta aos nossos dias no hospital, quando conversar, rir e ser amigos eram tão fáceis para nós. Só que agora as moléculas no ar pareciam girar entre nós.
— Ainda tenho sua carta, — soltei.
Seus olhos se arregalaram. — Sem chance.
— Eu faço. Eu posso provar isso para você. Talvez eu lhe mostre... O resto da minha frase foi interrompido por alguém chamando meu nome.
— Henners? Você está aqui? Era Spencer, e parecia que ele estava logo abaixo de nós. Porra.
Lark se mexeu como se fosse se levantar ou dizer alguma coisa, então balancei a cabeça e coloquei a mão sobre sua boca, rezando para que Spencer não nos ouvisse. Seus olhos se arregalaram enquanto eu pairava sobre ele. Quando retirei minha mão, ele permaneceu imóvel, nossas respirações se misturando e nossos olhos permanecendo conectados enquanto ouvíamos outras vozes – Bones e Flash.
— Talvez ele tenha voltado para o dormitório.
— Vamos, vamos fazer mais fotos.
Depois que eles saíram, ainda não movemos um músculo. A pele de Lark estava quente, e todo o meu desejo me manteve enraizado no meu lugar. Não era como se ele estivesse tentando se levantar também.
Em vez disso, o olhar de Lark se moveu entre meus olhos e lábios, e aposto que ele podia me sentir tremendo contra ele. Cristo, o que eu estava fazendo?
— Henry? — Sua voz estava áspera quando ele olhou para mim. —Você está… Você quer…
Balancei a cabeça enfaticamente enquanto seu polegar traçava meu lábio inferior. — Eu estou assustado. Eu nunca…
— Você nunca beijou alguém? — Não houve julgamento em seu tom.

— Não. Quero dizer, sim. Já beijei garotas, mas nunca um cara... a menos que você conte comigo e você se despedindo no hospital.

Eu ouvi sua respiração falhar. — Não é diferente, apenas duas bocas se encontrando. Você quer me beijar?

Minha respiração estava difícil enquanto eu considerava isso. Eu queria beijar Lark, desesperadamente, e lá estava ele, me questionando sobre isso. A ideia era avassaladora, mas tudo em meu íntimo gritava para que eu aproveitasse esta oportunidade antes que ela desaparecesse.

— Sim muito mesmo. Mas tenho medo do que isso pode significar.

Ok, talvez isso tenha sido muito honesto, mas nada poderia acontecer entre nós, exceto em particular, e Lark obviamente sabia disso.

— Isso não precisa significar nada além de duas pessoas se sentindo atraídas.

Ele se sentiu atraído por mim? Meu coração estava batendo tão forte; Achei que poderia explodir.

Olhei nos olhos de Lark enquanto inclinava minha cabeça cada vez mais perto, dando-lhe espaço suficiente para mudar de ideia. Minha mão subiu para agarrar sua nuca, tentando me orientar ou talvez para ter certeza de que isso era real. Eu só precisava sentir sua pele macia, seu hálito quente flutuando contra meus lábios enquanto nossos olhos permaneciam conectados.

Assim que nossas bocas se encontraram em um suave roçar de lábios, foi como se o universo tivesse parado de girar e tudo que normalmente parecia errado dentro de mim se encaixasse no lugar. Isso, bem aqui, era tudo que eu estava perdendo.

Quando Lark gemeu contra meus lábios, me senti à deriva, como se estivesse correndo em direção a um buraco negro que iria me consumir. A sensação tomou conta do meu corpo quando Lark pressionou sua boca na minha, depois passou a língua contra a costura dos meus lábios. Foi tão inesperado que meu estômago tremeu.

Agora foi a minha vez de gemer quando a língua de Lark deslizou pelos meus lábios e encontrou a minha com toques suaves que mexeram com algo no fundo

do meu peito.

E Lark tinha gosto... *Deus*, ele tinha gosto de doçura e sol, exatamente do jeito que eu imaginei.

Justo quando pensei que não conseguiria o suficiente dele, seus dedos agarraram minha camisa, me puxando firmemente contra ele. E ainda não parecia perto o suficiente.

Quando ele se afastou, ofegante, ele não foi muito longe, mantendo as mãos enroladas nas minhas costas. Eu podia sentir os Band-Aids cutucando o tecido e brevemente pensei em perguntar sobre eles novamente, mas de jeito nenhum eu estragaria isso.

— Eu sabia que você teria gosto de melancia.

Ele sorriu. — Você quer dizer como Jolly Ranchers?

— Uh-huh, — murmurei, encontrando seu olhar. — Mas talvez eu precise de outro sabor. Para fins de pesquisa. — Sem esperar por uma resposta, beijei o sorriso de seus lábios enquanto seu olhar se voltava para admiração e puro desejo.

Ninguém nunca me fez sentir tão desejado, e eu não sabia o que fazer com nada disso, exceto tocar e beijar mais Lark. Alguma parte imprudente de mim queria jogar a cautela ao vento, não se importar se alguém além da porta pudesse ouvir nossa respiração ofegante ou gemidos. Mas um pequeno fio de preocupação ainda me incomodava, e eu queria beijar a determinação e a confiança de seus lábios e transferi-las para mim. Para me deixar com menos medo.

Afastei a preocupação da minha cabeça enquanto estendi a mão para seu rosto e bati nossos lábios em um beijo contundente. Desta vez minha língua sondou a costura dos lábios de Lark, e ele se abriu para mim, mais do que disposto a aprofundar o beijo.

Ele me puxou tão apertado contra ele que quase não havia espaço entre nós. — Porra, é tão bom.

Enquanto eu arrancava um gemido gratificante dele, nunca me senti tão poderoso, tão no topo do meu jogo. Nem mesmo em campo. Era como se eu

nunca tivesse sido beijado antes e, essencialmente, essa era a verdade.
Não assim. *Nunca* assim.
Quando finalmente conseguimos respirar, senti-me em carne viva, esfolado e com a ameaça de lágrimas ardendo em meus olhos. Porra, o que havia de errado comigo?
— Ei, está tudo bem, — disse Lark, alisando minha franja como se entendesse perfeitamente por que minhas emoções estavam tão próximas da superfície.
Desta vez, quando nossas bocas se encontraram, o beijo foi lento e terno, e meus olhos se fecharam em um suspiro. A forma como a mão dele circulou minha nuca, o polegar roçando minha garganta, fez meu estômago parecer que havia mergulhado de um penhasco.
Os lábios e as mãos de Lark me acariciaram com tanta ternura; Eu nunca quis que acabasse. Senti uma mudança sísmica tão completa que fiquei tonto. De um simples beijo. Um beijo simples e melodioso de um cara.
Mas ele sabia tão bem quanto eu que estava ficando tarde, então, quando finalmente nos afastamos para recuperar o fôlego, Lark disse a parte calma em voz alta. — É melhor ir.
— Que tal eu levar você? — Eu me ofereci, principalmente porque não queria que nosso tempo acabasse.
— Não, obrigado. — Ele se levantou e me ofereceu uma mão. —Estou bem.
Eu não forcei. Foi quase como uma questão de orgulho para ele, e eu entendi.
— Tudo bem se trocarmos números de telefone, você sabe, só para garantir? — Eu perguntei enquanto nos voltamos em direção aos degraus.
— Apenas no caso de quê?
— No caso... eu não sei. O ônibus quebrar ou você precisar de ajuda extra com pré-cálculo?
Seu rosto ficou vermelho. — OK, claro.
Digitamos nossos números nos telefones um do outro e voltamos para o ar fresco da noite.
— Bem, até mais, — disse Lark enquanto se virava em direção à estrada.

— Sim, até mais.

Fiquei congelado, observando-o se afastar de mim e fazendo tudo ao meu alcance para não o chamar e pedir-lhe para ficar.

15

Lark

ERA DOMINGO À NOITE, Star estava na cama e usei a escada para subir até o telhado de nossa casa móvel, onde senti que poderia pensar melhor. Mais ou menos como Henry se sentia em relação à torre do sino. Eu quase fiz a comparação com ele, mas então teria que falar sobre morar em um estacionamento de trailers, e estava sendo teimosamente reservado sobre isso. Eu sabia que não havia nada do que me envergonhar; esta era a nossa casa e estávamos fazendo o melhor que podíamos. Mas eu estava me sentindo afetado e vulnerável o suficiente quando Henry derreteu meu cérebro com aqueles beijos incríveis.

"Eu beijei garotas, mas nunca um cara... a menos que você conte comigo e você se despedindo no hospital."

Antes que eu pudesse mergulhar mais em meus pensamentos sobre Henry, ouvi um barulho lá embaixo.

— Você está aí? — Pete perguntou.

— Sim. Suba.

Era nossa praia no ensino médio, especialmente quando precisávamos de um tempo longe de nossas famílias ou para discutir alguma coisa. Pete apareceu alguns segundos depois e, assim que se sentou no cobertor, ficamos sentados em silêncio por um minuto, apenas olhando as estrelas.

— Bem, como foi ontem à noite? — Ele sorriu. — Você é um esnobe de Roosevelt agora?

— Céus. — Coloquei meu rosto em minhas mãos.

Ele apertou meu ombro. — Isso é ruim?

— Apenas partes disso. Mas também, muito bom. — Suspirei sonhadoramente.

— Ok, chega de rodeios. Conte-me tudo.

— Bem, o jogo de futebol foi tão bom quanto você pode imaginar, — eu brinquei. — Exceto pelos uniformes apertados.

Ele riu e cutucou meu ombro. — Talvez eu devesse ter ido junto só para espionar as líderes de torcida. — Quando revirei os olhos, ele disse: — O quê? Como isso é diferente do que você acabou de dizer?

— Touché. — Cruzei as pernas para ficar mais confortável. — De qualquer forma, depois houve uma festa na sede do clube, o lugar onde os jogadores se divertem.

— Cristo, é como se fosse o ensino médio de novo.

— Bastante. — Minhas bochechas estavam quentes quando admiti: — E eu tinha comido erva comestível.

— Olhe como você é tão ousado, — ele brincou, provavelmente porque eu nunca tomava mais do que alguns goles de qualquer bebida no ensino médio. Eu não queria dar à mamãe nada com que se preocupar. Então talvez Henry e eu tivéssemos isso em comum. — Então, como foi a festa?

Dei de ombros. — Ok, eu acho. Dançamos, o que foi divertido, mas estava lotado. Além disso, o Sr. Popular Quarterback tinha uma de suas líderes de torcida no colo algumas vezes.

Ele zombou. — Sim, exatamente como no ensino médio.

— Mas comecei a me sentir quente e úmido e saí para tomar um pouco de ar, — eu disse, sem perceber que poderia ser o chiclete, — e de repente Henry estava lá, me perguntando se eu estava bem.

— Então ele largou a líder de torcida para ir atrás de você?

— Algo parecido. — Eu realmente não tinha pensado nisso dessa forma até então. Não admira que seus amigos tenham vindo procurá-lo.

— Ok, a antecipação está me matando. Ele é obviamente... o quê? Preocupado com você? Na sua?

Todo o meu rosto esquentou. — Talvez eu não devesse...

— Ei, sou eu. De jeito nenhum eu diria uma palavra — não que algum dia fosse conhecer esse cara ou qualquer outra pessoa de Roosevelt. Além disso, meu melhor amigo precisa de mim agora.

Eu suspirei de alívio porque ele estava certo. Eu precisava falar com alguém

antes de entrar em combustão. — Bem, nós caminhamos até seu lugar isolado favorito no campus, e lá conversamos e eventualmente... nos beijamos.
— Aí sim! — ele disse, batendo em meu joelho. — E?
— Ugh, era doce e quente e muito bom. — Fechei brevemente os olhos. — Mas ele está no armário e eu não, e sabemos como isso funciona.
— Você discutiu alguma coisa sobre isso?
— Tipo de?
— …*Tenho medo do que isso significará.*
— Além disso, eu não gostaria de me envolver em nada quando preciso estudar e tirar boas notas para manter minha bolsa.
Ele franziu a testa. — Então, talvez isso seja outra coisa secreta?
Estive lá, fiz isso.
— Talvez não? Ele parecia muito nervoso e era apenas um beijo.
Alguns beijos realmente bons...
— Por que as coisas são sempre tão complicadas? — Pete disse, e tive a sensação de que ele também tinha uma história. Talvez sobre o encontro dele com Jenny.
— Ok, me conte tudo. Como foi seu encontro?
Ficamos lá por mais uma hora enquanto ele me contou que quase a deixou esperando porque teve um pneu furado e que, quando ele chegou, ela quase não acreditou nele. Mas ele a convidou para sair novamente e esperava que não houvesse mais contratempos, porque ele realmente gostava dela.
Depois que nos separamos, entrei em nosso quarto, verifiquei se Star

---

estava dormindo profundamente e me arrastei para a cama.

Quando o alarme tocou na segunda-feira de manhã, apertei o modo Soneca e me virei. Star já estava acordada – alegre e contente, sem dúvida – mas

eu não tinha dormido muito bem. Eu estava um pouco nervoso com a possibilidade de Henry se arrepender, e isso não me pareceu muito bom.

Eu deveria ter me arrependido, pelo amor de Deus.

Eu nunca pensei que Henry seria um desses caras. Mas ele mal se revelava para si mesmo, muito menos para qualquer outra pessoa em sua vida, e talvez não o fosse por muito tempo. Além disso, como eu disse a Pete, eu não tinha tempo para nenhum garoto agora, especialmente os que estavam no armário. Foi divertido beijar, mas qualquer coisa além disso deveria permanecer fora dos limites.

Com esse pensamento firmemente no lugar, rolei para fora da cama e fui até o banheiro.

Tomei banho, escovei os dentes e fui até a cozinha, onde mamãe estava esperando com o café da manhã. Ela mal dormia entre o trabalho e levar Star para a pré-escola, e tinha olheiras para provar isso. Mas eu também sabia que ela iria dormir por algumas horas assim que saíssemos.

Star estava cantando enquanto comia seus ovos, e Deus, eu mataria por essa inocência novamente.

Peguei um prato para os ovos e coloquei o pão na torradeira.

— Você nunca me contou sobre sua noite com seus novos amigos, — disse mamãe, tomando um gole de café.

— Estava tudo bem, — murmurei porque me sentia exausto.

— Tudo bem, não é divertido?

Passei manteiga na minha torrada, considerando a pergunta. —Divertido para mim seria ir a um musical, não a um jogo de futebol.

— Achei que você tivesse amigos da dança também, — disse ela quando me sentei à mesa.

— Eu fiz, e essa parte foi legal. Emil está na banda marcial e o show que eles fizeram no intervalo foi impressionante. — Eles pareciam muito educados, e suas formações em campo para soletrar as letras da escola eram bem legais.

— Eu aposto. — Ela sorriu. — E Henry Albrecht?

Larguei minha torrada enquanto meu estômago se contraía. — Ele é o quarterback, então ele meio que tinha que estar lá.
— Ah, isso mesmo, — disse ela com um sorriso. — Você sabe, ele pode precisar de um amigo, além de seus companheiros de equipe.
— Todo mundo precisa de amigos! — Star disse, e fiquei feliz com a distração. Eu não tinha ideia do que mamãe estava pensando, mas ela tinha uma queda por pessoas que passavam por momentos difíceis — como dar ao morador de rua perto da lanchonete muffins ou donuts do dia anterior.
— Bem, — eu disse a Star, — você tem muitos deles. Você pode enviar alguns para mim?
Star riu enquanto colocava o último ovo na boca.
— Antes que me esqueça, o recital de outono é no mês que vem. No Salão Centenário. Você vai precisar de ingressos.
— Deixe-me abrir minha agenda para poder cancelar. — Ela abriu o aplicativo.
Assim que resolvemos isso, levantei-me e lavei minha tigela na pia.
— Ok, preciso ir. — Levantei minha mochila até o ombro. — Até

---

mais.

Assim que saí do ônibus e fui em direção ao prédio principal, meu telefone tocou com uma mensagem. Foi de H.
Meu estômago enlouqueceu quando li seu texto de uma palavra. **Ei.**
Ei , respondi com dedos trêmulos.
Espero que estejamos bem depois da outra noite.
Por que não estaríamos?
Queria ter certeza de que você sabia que eu seria mais aberto se pudesse.
Tudo bem. Ninguém está no mesmo calendário. Leve todo o tempo que precisar para se descobrir.

Você ainda gostaria de sair algum dia?

Como amigos? Meus dedos demoraram um pouco demais enquanto eu digitava o resto: **Qualquer outra coisa não é uma boa ideia.** Deus, isso foi difícil de escrever.

Sim, eu sei. Eu só... me sinto seguro com você.

Meu coração subiu até a garganta.

Olhei para o outro lado do quintal e o encontrei na mesa de piquenique, cercado por seus companheiros de equipe, mas olhando para o telefone. Eu me perguntei como ele me listou em seu celular. Eu só poderia imaginar.

Ele ergueu os olhos brevemente, encontrou meus olhos e sorriu. E então Spencer, sem saber, bloqueou minha visão brincando com Bones, o que foi bom.

— Por que você está sorrindo? — Emil perguntou quando veio ficar ao meu lado.

— Oh, apenas uma mensagem de um amigo. — Coloquei meu celular no bolso.

— Pete? — ele perguntou, provavelmente porque eu o mencionei algumas vezes.

— Ah, sim.

— Da próxima vez que você vier no fim de semana, convide-o.

Eu sorri. — Talvez eu vá.

— Espero que você esteja se sentindo melhor? — ele perguntou com preocupação em seu olhar. Ele provavelmente se sentiu culpado por causa do comestível, que foi a desculpa que usei quando mandei uma mensagem para ele outra noite.

— Absolutamente. — Endireitei meus ombros. — Obrigado.

16

Henry

EU NÃO TINHA LEVADO em conta o que ver Lark na segunda de manhã faria comigo. Durante nosso período de análise, não consegui parar de olhar para seus lábios e olhos, e ele se mexeu desconfortavelmente, como se soubesse que eu estava tendo problemas — ou possivelmente estava tendo a mesma reação.

Eu nunca tinha me sentido assim beijando alguém antes. E eu tentei sentir alguma coisa, acredite. Mas ele deixou claro que ser apenas amigos era o melhor – e ele estava certo. Ainda assim, isso não significava que desligar todas as outras coisas que aconteciam na minha cabeça e no meu corpo não fosse difícil. Era como se ele tivesse despertado algo visceral em mim, algo latente logo abaixo da superfície, e seria difícil enfiá-lo de volta naquele lugar escuro e solitário.

No almoço com alguns rapazes, mal prestei atenção à conversa à mesa, perdido na cabeça enquanto tentava não fazer contato visual com Lark do outro lado da sala.

— Que diabos está errado com você? — Spencer me perguntou em um tom mais baixo enquanto a mesa explodia em gargalhadas por causa de algo que Bones disse.

Dei de ombros. — Apenas cansado do fim de semana.

Spencer riu. — Você parece ter oitenta anos. E eu não acredito nisso. Você está agindo de forma estranha desde sábado à noite.

Expliquei, mais uma vez, que estava com dor de estômago e precisava cuidar disso no dormitório. Isso poderia significar qualquer coisa, desde tomar antiácido até cagar. Ele pareceu entender na época, então por que tocar no assunto de novo? Felizmente, A-Train salvou o dia derramando seu refrigerante na mesa, criando o caos, e eu consegui escapar facilmente para minha próxima aula.

Pensei em mandar uma mensagem para Lark perguntando se ele estava tendo a

mesma dificuldade de concentração desde o nosso beijo, mas isso só me faria parecer uma criança apaixonada. Porra, era assim que era uma verdadeira paixão? Lark provavelmente tinha muitos e foi capaz de agir de acordo com eles porque sua família apoiou suas decisões. Ele pode ter pensado que viemos de estilos de vida totalmente diferentes e que eu era um privilegiado, mas eu o trocaria num piscar de olhos só por isso.

No dia seguinte, enquanto me dirigia para o treino de futebol, tentei ao máximo evitar passar pelo prédio de Artes Cênicas para assistir à aula, mas meus pés me levaram até lá de qualquer maneira. Quando me aproximei da porta, Lark saiu correndo da sala, mas vacilou ao me ver.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, então continuou pelo corredor. — Esqueci algo no meu armário.

Sem responder, eu o segui pela porta. Não que eu tivesse qualquer obrigação de estar lá. — Uau, seu vestiário parece novo em folha. Mais do que o nosso.

— Este prédio não foi remodelado recentemente? — Ele girou a fechadura de seu armário.

— Sim, acho que sim, — respondi, tentando lembrar os detalhes de uma conversa durante um jantar, anos atrás, onde papai relembrou o financiamento de novos edifícios.

Lark pegou uma grande garrafa de água, fechou o armário e olhou para mim. — O que você realmente está fazendo aqui?

— Eu, uh, estava indo para o campo e pensei em ir... — Abaixei a cabeça. — Você me pegou, ok?

Ele mordiscou o lábio inferior enquanto meu coração batia forte. Quando estendi a mão para tocar seu pulso, seus olhos brilharam para os meus.

— Lark… eu sei que só deveríamos nos concentrar em nossa amizade, mas não consigo parar de pensar nisso.

— Sobre o quê? — ele perguntou, embora eu tivesse certeza que ele sabia.

Pude sentir minha mão tremendo contra sua pele quando admiti: —Nosso beijo.

— Eu tenho esse efeito nas pessoas, — ele brincou.

Eu ri. — Seu idiota.

— Bem, eu também. Ficar namorando é divertido, e encontros também. — De alguma forma, sua admissão fez o ciúme queimar em minhas entranhas. Não tanto que ele tenha experimentado isso, mas a imagem dele na minha cabeça com outros caras. Uau, na verdade não pensei que tivesse isso dentro de mim. Achei que estava meio morto por dentro. — E por mais que eu queira fazer isso com você de novo, você sabe que não é uma boa ideia.

— Diga-me por que de novo? Está ficando difícil de lembrar. — Meu olhar desceu de sua garganta até seus pés, observando-o. — Seu traje de dança não está ajudando meu cérebro.

— Você não está jogando limpo. Eu tenho que voltar lá assim. Ele ajustou a virilha, tentando esconder sua excitação. Isso fez meu pau se mexer em resposta. Definitivamente, isso não era unilateral e isso era reconfortante.

— Droga, me desculpe. — Eu sorri e dei um passo para trás. — É uma pena que suas meias sejam tão finas.

— Sim, você realmente parece arrependido. — Ele estreitou os olhos. — Você está gostando um pouco demais disso.

— Você pode me culpar? Um cara gostoso acabou de dizer que não se importaria de me beijar de novo.

Ele se contorceu enquanto seus olhos ardiam. — Entendo. Eu realmente quero. Mas você não está fora e eu tenho notas para acompanhar.

— Obviamente, eu também. — Meu coração estava na garganta enquanto me perguntava se acabaria arruinando uma conexão que queria desesperadamente manter. — De qualquer forma, eu ainda gostaria de conhecer você novamente. Para ser seu amigo.

Ele ficou perfeitamente imóvel, me observando, como se estivesse contemplando minhas palavras. E então sua mão segurou minha bochecha e eu não conseguia respirar.

— Deus. Por que você é tão bonito... — Ele passou o polegar pelo meu queixo. — E quente.

Inalei uma grande quantidade de ar. Fui elogiado por muitas pessoas, mas vindo dele parecia muito mais autêntico.

Eu gemi e me aproximei, prendendo-o contra o armário.

— Nós... não deveríamos. — Ele parecia cauteloso. — Só vamos querer mais.

— Isso é realmente uma coisa ruim? — Eu retruquei. — Pelo menos sabemos onde estamos.

Como era possível querer tanto Lark a ponto de ser descoberto? Mas esse desejo doloroso em meu peito simplesmente não iria embora.

Meus dedos se estenderam para torcer uma mecha de cabelo perto de sua têmpora. Ele era tão... lindo. E tentador.

Sua voz era rouca enquanto seu olhar se movia dos meus olhos para os meus lábios. — Talvez uma última vez.

— Tem certeza que? — Inclinei minha cabeça mais perto, meus dedos tremendo contra sua cintura pelo simples esforço de me conter.

Um gemido escapou de sua garganta, e essa foi toda a permissão que eu precisava enquanto inclinava minha boca contra a dele e inalava aquele aroma açucarado de melancia. Sua respiração se intensificou quando ele agarrou as costas da minha camisa, me puxando para mais perto. Eu me senti mal por ele acabar com uma caixa de bolas azuis como eu – e no meio da aula. Mas naquele momento, senti que poderia morrer se não sentisse o gosto da língua dele na minha boca novamente.

Seus lábios pressionaram com mais força enquanto nossas línguas se encontravam em uma dança frenética. Éramos todos mãos, lábios e línguas enquanto encaixávamos as nossas bocas uma e outra vez, mas eu não conseguia fartar-me dele. Felizmente, o armário era uma âncora sólida; caso contrário, poderia ter tombado, dada a firmeza com que eu o havia pressionado contra ela.

Quando ele se afastou, sua boca estava brilhante e a minha inchada.

— Eu realmente preciso ir, — disse ele, e eu balancei a cabeça.

Ele beijou meus lábios uma última vez e depois fugiu da sala.

Fiquei ali, tentando controlar minha respiração, me perguntando como ele

conseguiria se recompor. Quando finalmente saí do vestiário, fui na direção oposta da sala de aula, me sentindo culpado, mas também muito feliz.

Naquela noite, certifiquei-me de que Spencer já estava dormindo antes de pegar meu telefone e procurar o número de Lark. **Desculpe por mais cedo... se dificultei seu retorno às aulas ou coloquei você em apuros.**

Prendi a respiração enquanto ele digitava sua resposta.

Difícil é a palavra-chave? Céus.

Foi ruim eu ter ido?

Sim. Nunca mais faça isso antes de uma aula de dança!

Isso significava que ele estaria pronto para isso de novo?

Acho que vou considerar minhas outras opções, provoquei.

Eu não tenho dúvidas. Boa noite, Henners.

Gosto quando você me chama assim.

Ah, então vou me certificar de que não, ele respondeu e adicionou um emoji de piscadela.

Sorri enquanto larguei meu telefone e me virei para dormir.

17

Lark

Sou péssimo nessas coisas de matemática, mandei uma mensagem para Henry na noite de quarta-feira.

Eu estava olhando para o pré-cálculo no meu computador há muito tempo. O professor tinha uma tarefa semanal que tínhamos que completar usando um programa que não permitia passar para a próxima pergunta a menos que acertasse a resposta anterior.

Você está lutando com um determinado problema?

Grande momento.

Importa-se se eu ligar?

Claro!

Atendi no primeiro toque, esperando não acordar Star.

— Que tal resolvermos isso juntos?

— Isso seria considerado tratamento especial? — Eu perguntei, irônico.

— Não, o professor nunca especificou ajudar fora da sala de aula. Eu provavelmente ajudaria quem pedisse.

— Então você faria uma ligação como essa tarde da noite para outro aluno?

— Por que você parece com ciúmes?

— Eu não! — Eu estava mentindo descaradamente. — Eu só estava esclarecendo. Sua ajuda seria incrível, obrigado.

Então ele ficou ao telefone comigo enquanto eu resolvia o problema. Quase gritei quando acertei, apenas para perceber que tinha mais cinco para terminar.

Também trabalhamos juntos no próximo problema, mas já estava ficando tarde.

— Obrigado por toda sua ajuda. — Eu bocejei. — Mas vou encerrar a noite e começar do zero pela manhã.

— Eu posso te ajudar totalmente pessoalmente também. Talvez enquanto almoçamos quando ambos estivermos livres ou no meu dormitório.

— Seu dormitório, hein? — Eu provoquei. Mas meu coração bateu loucamente

quando me lembrei do nosso beijo no vestiário. Estar sozinho com ele era uma má ideia.

— Só porque seria mais privado e não seríamos examinados.

— E quanto ao seu colega de quarto?

— E ele? Eu apenas diria a ele que estou dando aulas particulares para você.

— Ele não teria a ideia errada? Isso não faz parte do seu grande medo?

— Na verdade, eu contei a Spencer... sobre nós. Antes do Dia dos Pais, porque eu estava nervoso e ele perguntou, então decidi que não haveria problema em confiar nele.

Minha voz parecia instável quando eu disse: — O que exatamente você disse a ele?

Foi por isso que peguei Spencer olhando para mim algumas vezes?

— Não sobre o nosso beijo. Sobre o câncer.

— Oh, tudo bem. — Porra, acho que fiquei um pouco aliviado. Mesmo que eu não escondesse minha sexualidade, de jeito nenhum eu queria uma análise extra de seus amigos sobre isso. — E?

— Ele ficou chocado e provou o que meu pai estava dizendo, perguntando se eu estava saudável o suficiente para jogar futebol.

— Ai. — Eu realmente nunca considerei essa realidade antes. Ninguém nunca me fez essas perguntas. Ok, retiro isso. Talvez uma ou duas vezes. — Suponho que havia alguma verdade nos medos do seu pai, mesmo que tenhamos evoluído como sociedade.

— Certo. E as pessoas geralmente têm boas intenções, mas às vezes podem dizer todas as coisas erradas.

— Verdadeiro. O feedback que normalmente recebo sobre estar em remissão é o quão forte e corajoso sou. — Eu admito que me senti culpado ao ouvir isso, como aqueles que perderam suas batalhas não o fizeram. Obviamente, isso não era verdade. Mas a maioria das pessoas não sabia o que dizer a alguém que acabara de passar por uma provação.

— Também senti bastante esse sentimento, especialmente depois que voltei para

a escola. Foi impressionante, e talvez meus pais tenham notado isso porque me sentaram para conversar quando eu estava decidindo onde cursar o ensino médio e jogar futebol. Papai disse que eu deveria começar do zero, e esse foi o fim da discussão. Quando ele se decide, ele pode ser bastante teimoso.

— Não posso deixar de sentir que estou perdendo alguma coisa.

Ouvi uma inspiração rápida antes de ele dizer: — Meu pai tem epilepsia. Tudo começou quando ele era criança e demorou um pouco para controlá-lo.

— Realmente? — Tentei imaginar seu pai arrogante sendo um pouco vulnerável. Você pensaria que isso o teria ajudado a ter empatia pelo filho. — Então, como foi a experiência dele?

— Ele não fala sobre isso com frequência, mas disse que costumava ter tantas convulsões que as pessoas o tratavam como se ele fosse frágil.

— Que pena. E é absolutamente o oposto.

— Certo? Quero dizer, as crianças provavelmente não entendiam o que era epilepsia, e as convulsões devem ter parecido assustadoras para elas, especialmente se não soubessem como reagir.

— Sim, suponho que sim. Mas os professores poderiam ter ajudado nisso, certo? Quer dizer, minha escola realizou um seminário onde uma enfermeira explicou sobre diferentes tipos de câncer. Quando voltei para as aulas, as crianças eram muito legais e gentis.

— Isso é incrível. — Eu podia ouvir a carranca em sua voz. — Eu não tive a mesma experiência, nem meu pai. No início do ensino médio, ele deixou claro que meu histórico médico deveria ser uma necessidade e apenas para adultos.

Eu me senti mal pelo Sr. Albrecht, mas isso foi um grande esforço, não foi?

— Isso me fez sentir que ter câncer era um segredo sujo. Minha experiência no ensino médio, por outro lado, foi revigorante. Os treinadores conheciam meu histórico médico, mas nunca me fizeram sentir diferente. Parecia um novo começo, o que apenas fortaleceu as convicções dos meus pais.

— Isso faz sentido, mas ainda não significa que você teria tido a mesma experiência que seu pai. Tem certeza de que isso não tem mais a ver com ele e

seus medos do que com você?

— Quero dizer, obviamente. Eu sei que meus pais me amam, mas eles sempre foram extremamente focados em suas carreiras e na reputação de nossa família, e eu odeio essa merda. — Sua risada foi vazia. — E tudo bem, eu sei o que você vai dizer...

— Que você é o quarterback estrela e capitão do time?

— Sim, mas isso é diferente. Não estou tentando provar nada. Essas coisas vêm naturalmente, eu acho. Eu não pedi isso.

— Você tem razão; Não é o mesmo. — Eu me senti culpado por apontar isso.

Ele ficou quieto por um momento antes de dizer: — Spencer jurou que não contaria a ninguém até que eu estivesse pronto, e sei que posso confiar nele.

— Como você se sentiu? Por contar para outra pessoa em sua vida?

— Como um alívio. Ele entende porque seus pais também têm muitas expectativas.

Não foi a primeira vez que me senti grato por ter mamãe ao meu lado e não seria a última.

— Você acha que eventualmente poderia contar a Spencer sobre...

— Sobre nós? — ele deixou escapar com uma voz alarmada.

— Não, que você se sente atração por caras. — Eu não diria a palavra *gay* até que ele estivesse pronto.

— Eu não sei… Você tem que entender o quão tóxico às vezes parece no vestiário. Até o treinador diz merdas idiotas, como nos chamar de meninas se errarmos.

— Oh, só posso imaginar a misoginia e a homofobia correndo soltas, — respondi, meu estômago se contraindo dolorosamente. — Eu só quis dizer contar a Spencer porque ele é seu melhor amigo. Isso seria um começo. Talvez ajude você a se sentir melhor se desabafar.

— Sim, mas eu sempre estaria esperando a bola cair.

— E você não se sente assim em relação ao câncer?

— É claro que sim. Mas às vezes a ansiedade em relação a isso parece não valer

a pena. Às vezes, eu só queria desabafar com meus colegas de equipe - se eu não achasse que isso chegaria aos meus pais. É uma pena que meu pai e o técnico se conhecem há muito tempo.

E que seu pai basicamente interferiu em sua vida escolar durante anos, não que ele precisasse ser lembrado.

— Droga, isso é uma merda.

— Certo? Às vezes, papai sabe das coisas do time antes de mim.

— Desculpe. Obrigado por confiar em mim.

Certamente ajudou a explicar por que Henry estava tão tenso com certas coisas. Até mesmo morar em um estacionamento de trailers e dividir o quarto com minha irmã não era nada em comparação.

— Obrigado por ouvir. Boa noite, Lark.

— Boa noite, Henners.

18

Henry

LARK E EU conversamos na noite de quinta-feira também, e tudo começou da mesma maneira, com um problema de matemática que rapidamente se transformou em compartilhar o que aconteceu em nossas vidas após a internação no hospital – nós dois voltamos à escola depois de entrar em remissão, e eu voltou a praticar esportes, enquanto Lark voltou a dançar. Ele sofreu bastante bullying, mas conseguiu se formar com seu amigo Pete, que morava nas proximidades. Droga, foi realmente uma pena ouvir isso, mas fiquei feliz que ele tivesse alguém ao seu lado.

Conversar com ele me acalmou, ao mesmo tempo que me fez pensar se talvez ele sentisse o mesmo. Ele realmente precisava da minha ajuda com o pré-cálculo hoje à noite ou só queria conversar também?

Na sexta-feira, quando o vi no campus entre as aulas, senti-me mais encorajado a cumprimentá-lo na frente dos meus amigos. Eu não queria que ele pensasse que nossa amizade era um segredo, mesmo que as outras coisas fossem.

— O que há entre você e aquele garoto bolsista? — Flash me perguntou na hora do almoço.

— Ele tem um nome, seu idiota, — eu disse com os dentes cerrados. — É Lark.

— Ok, Lark, tanto faz. — Ele revirou os olhos. — Então, o que há com vocês dois?

Deus, sério? Que porra isso importa?

— Você quer dizer porque somos amigáveis? Eu o conhecia, lembra? Ele é um cara legal.

— Você já o viu de tutu? — A-Train perguntou.

— Não, mas eu vi *você* em um, — respondi, lembrando como todos nós folheamos as fotos em seu telefone no verão passado. — Você não usou um em um show de talentos no colégio, onde todos vocês se vestiam de drag?

Spencer soltou uma risada quando as bochechas de A-Train ficaram vermelhas.

— Dane-se.
— Não, obrigado. Gosto que minhas conexões sejam menos volumosas.
— Você está pegando fogo hoje, — disse Spencer enquanto cumprimentávamos.
— Como se vocês estivessem se pegando, — rebateu A-Train, mas a piada não funcionou e fiquei feliz por isso.
— Ouvi dizer que o garoto bolsista mora em um estacionamento de trailers, — disse Flash antes de enfiar pizza na boca.
— Seriamente? Pare de espalhar boatos, — eu disse porque isso me incomodava e por mais de um motivo. Foi por isso que ele não queria que eu o levasse para casa? — E além disso, quem se importa? — Eles não conseguiam perceber que estavam agindo exatamente como seus pais quando se tratava de cifrões e status? Exatamente aquilo de que eles continuavam reclamando.
Spencer disse: — Alguns deles são bem arrumados. Você provavelmente estaria morando em um se não tivesse o dinheiro do seu pai, — e Deus, eu poderia tê-lo abraçado por isso.
— Contanto que eu pudesse arrumar tudo, — Flash respondeu, mas só se tornou um barulho quando olhei para a mensagem que tinha chegado no meu telefone de Lark. Falando no diabo.
Odeio perguntar, mas... acha que você poderia se encontrar para algumas aulas particulares? A tarefa está prevista para o final do dia e estou preso no último problema.
Encontrei seu olhar do outro lado da sala e digitei: **Que tal agora?**
Ele assentiu e depois mordeu timidamente o lábio, como se não tivesse certeza.
Levantei-me, digitando rapidamente: **Encontre-me fora do meu dormitório em cinco minutos.**
— Onde diabos você está indo? — Bones perguntou.
— Encontrar sua mãe, — respondi, e Spencer riu. — Tenho coisas para fazer antes da aula. Vejo vocês no treino.
Meu coração bateu forte durante todo o caminho até meu dormitório. Quando vi Lark esperando lá fora, minha cabeça ficou meio confusa. Isso foi mesmo uma

boa ideia? Naquele momento eu não conseguia me importar.

— Me siga. — Subimos as escadas até o segundo andar, felizmente sem encontrar ninguém. Uma vez lá dentro, tranquei a porta atrás de mim, embora a maioria das pessoas estivesse na aula. De jeito nenhum eu queria que alguém invadisse e tivesse uma ideia errada.

Que ideia errada? Eu estudando com um amigo? Deus, eu estava perdendo o controle.

Ficamos a poucos metros de distância, olhando um para o outro, nenhum de nós parecendo saber o que fazer a seguir. De repente, ocorreu-me que esta era a primeira vez, convidar alguém para o meu espaço, e pareceu pessoal e desesperador.

O olhar de Lark percorreu a sala, olhando para meus porta-retratos e nossos pôsteres de futebol. — É maior do que eu pensava que seria.

Eu fiz uma careta. — Realmente? Porque parece que Spence e eu estamos praticamente vivendo um em cima do outro.

— Eh, tudo é relativo, — respondeu ele, e pensei naquele comentário no almoço sobre ele morando em um trailer. De jeito nenhum eu perguntaria a ele.

— Por que você não liga seu computador antes que o tempo acabe.

— Boa ideia. — Ele sentou-se ao pé da minha cama e tirou o laptop da bolsa.

Afundei-me ao lado dele e, num instante, resolvemos o problema juntos.

— Droga, obrigado, — disse ele e clicou em Enviar para entregar a tarefa. — Isso é um alívio.

— Sem problemas. — Observei enquanto ele se levantava e guardava o computador novamente, e então apenas ficamos olhando sem jeito até Lark dizer: — Bem, eu provavelmente deveria...

— Espere.— Minha mão disparou e envolveu seu pulso. Estávamos sozinhos no meu quarto e eu não queria perder essa oportunidade. — Você pode apenas… Podemos apenas…

Lark se virou para olhar para mim. — O que você está me perguntando?

— Para ficar mais alguns minutos? Eu só quero... Estamos sozinhos e... Meu

rosto esquentou.

Seus olhos queimaram nos meus. — E?

Passei os dedos pelo cabelo. — Não sei. Só quero estar com você. Não tenho experiência com isso, então…

Ainda assim, ele esperou que eu tomasse a decisão final. E embora eu tenha apreciado o fato de ele ter me dado esse espaço, também me senti muito vulnerável como o novato nesta situação.

— Por que você não... — Eu puxei sua mão e recuei um pouco rápido demais, fazendo-o tropeçar para frente e pairar acima de mim na cama. Nós nos movíamos ao mesmo tempo, nossos lábios se chocando, nossas línguas lutando, nossas mãos se apertando.

Lark estava gemendo e puxando meu cabelo, me deixando louco enquanto meus lábios se moviam de sua mandíbula até sua orelha.

— Tire isso, — ele disse enquanto ajudava a levantar minha camisa sobre meus ombros e, em seguida, fazia um trabalho rápido para remover a sua e depositá-las no chão. Seu peito era magro, mas musculoso, sua pele lisa e sem pelos, o corpo de um dançarino total.

Ele olhou para mim com olhos famintos e lábios entreabertos, como se também não pudesse acreditar que isso estava acontecendo. Senti alfinetadas na minha pele quando as pontas dos dedos dele roçaram meu peito, depois circularam cada mamilo, até mesmo os pelos formigando.

— Como é isso? — ele perguntou, e antes que eu pudesse responder, sua língua lambeu um caminho de um lado para o outro.

— Santo inferno. — Eu ofeguei abertamente. — Ninguém nunca…

Minhas palavras se transformaram em um gemido profundo quando ele prendeu a boca em torno de um mamilo e chupou. Senti seu sorriso contra minha pele enquanto seus lábios traçavam um caminho até minha garganta. Quando nossas bocas se alinharam, minhas mãos seguraram avidamente seu rosto exatamente onde eu queria. Eu nunca estive tão excitado em minha vida.

Seus dedos deslizaram pela minha trilha feliz até o topo da minha cintura, e eu

tremi com o contato, tão perto, mas não perto o suficiente do meu pau. — Tudo bem?

— Porra, sim, — respondi antes de tomar sua boca novamente.

Quando sua mão apalpou a frente da minha calça, eu me contive para não balançar para frente e incentivá-lo. Eu queria tanto que ele me tocasse.

— Deus, você é tão... — Ele afundou em cima de mim, e quando nossas virilhas se encontraram, nós dois gememos. Foi incrível sentir seu comprimento duro contra o meu, mesmo através de camadas de tecido.

— Posso perdê-lo a qualquer momento, — eu ofeguei em sua boca, mal me segurando enquanto ele se esfregava contra mim em um movimento lento.

— Vamos nos livrar dessas calças. — Ele sentou-se sobre os calcanhares enquanto nossos dedos trabalhavam juntos para empurrar minha calça cáqui e cueca pelos meus quadris. O olhar de Lark parecia paralisado em meu pau enquanto ele se projetava para cima contra meu estômago.

Fiquei nervoso com o que ele poderia pensar do meu corpo, mas quando ele murmurou: — Tão gostoso, — fechei os olhos brevemente e respirei. Eu era maior que ele em volume e tamanho, e ele parecia gostar disso. Obrigado porra.

— Quero ver você também. — Meus dedos se atrapalharam ao longo de sua cintura, esperando que ele entendesse a dica. Ele desabotoou e abriu o zíper, em seguida, empurrou a calça e a cueca até os tornozelos e chutou para fora delas. Seu pau era cheio, mas fino, corado na ponta, com uma leve curvatura. Eu estava literalmente tendo um colapso por poder até olhar para outro cara - para ele - completamente nu. Claro, eu já tinha visto muita coisa no vestiário, mas fiz questão de nunca olhar.

— Eu... *porra*, Lark, eu amo seu corpo, — foi a primeira coisa que saiu da minha boca, minha ousadia me surpreendendo. Se eu tivesse alguma dúvida de que era gay, não tinha nenhuma agora. — Posso te tocar?

Ele assentiu, mas quando minha mão se estendeu, hesitei, sem saber o que fazer.

— O que parecer certo. Deixe-me te mostrar. — Ele agarrou meu comprimento, e foi como se um feixe de nervos em linha direta com meu pau tivesse ganhado

vida sob seu lento movimento de carícia.

Eu gemi. — Tão bom

Isso me ajudou a me sentir confiante o suficiente para circular a palma da mão em torno de seu eixo, como eu tinha visto no pornô gay nas duas vezes que tive coragem de assistir. Mas isso parecia muito diferente, além da mecânica. Seu pau estava quente e cheio de veias, e eu pratiquei empurrá-lo, esperando que isso o fizesse se sentir bem. Ele pareceu gostar especialmente quando meu polegar roçou a parte inferior de sua glande, porque ele arqueou as costas e praguejou baixinho.

Satisfeitos por eu não estar estragando tudo, continuamos nos acariciando, cada um observando de perto as reações um do outro. Muito cedo, pude sentir os primeiros sinais do meu orgasmo caindo sobre mim enquanto minha coluna formigava e minhas bolas apertavam. — Lark, eu vou...

Afastando suavemente minha mão, ele me pediu para me deitar e depois me cobriu com seu corpo. Quando nossos pênis se encaixaram perfeitamente, ele balançou os quadris enquanto eu empurrava para cima para encontrá-lo no meio do caminho, nossos beijos se tornando desleixados e ásperos.

Seu corpo ficou tenso assim que senti o primeiro jato dele atingir meu estômago. Isso foi o suficiente para cerrar os dentes, estrelas flutuando diante dos meus olhos enquanto meu gozo se juntava ao dele na minha pele.

Nossos batimentos cardíacos eram como britadeiras enquanto ofegamos um na boca do outro e lentamente voltamos para a terra dos vivos.

— Você está bem? — Murmurei quando ele abriu os olhos e olhou para mim.

— Sim, exceto pela parte em que você me matou. Você está falando com meu fantasma.

Eu soltei uma risada, me sentindo todo quente e animado, como se estivesse bêbado por ele. — Bem, nunca gozei tanto na minha vida, então nem tenho certeza se conseguiria andar agora.

Lark sorriu quando ele saiu de cima de mim, e eu me sentei para pegar a toalha que havia descartado depois do banho naquela manhã.

— Então estava tudo bem? — Eu perguntei enquanto nos limpava. —Que fizemos isso?

— Por quê? Você está se arrependendo? Seu tom era áspero e trêmulo.

— De jeito nenhum. Eu só... Essa foi a primeira vez para mim. Minhas bochechas esquentaram. — Queria ter certeza de que seria bom para você também.

Ele vestiu a cueca e a calça enquanto eu pegava minha camisa, esperando sua resposta. Pareceu levar uma eternidade até que ele disse: —Foi muito bom. Então, obrigado por isso.

— A qualquer hora, — respondi, e ele sorriu.

Eu precisava relaxar. Nós ficamos juntos, e daí? Isso seria tudo que seria para ele, mesmo que significasse muito mais para mim. Lark seria oficialmente sempre o meu primeiro. Mas eu não queria fazê-lo se sentir culpado por isso ou como se ele me devesse alguma coisa.

Assim que nós dois estávamos vestidos e ele estava pronto para sair, ele me lançou um último olhar duro. — Vejo você na aula.

— Sim, até mais.

19

Lark

A TELEVISÃO ESTAVA PASSANDO um dos filmes favoritos de Star enquanto nos aconchegávamos debaixo de um cobertor e comíamos uma tigela de pipoca. Eu também tinha uma caixa de lenços de papel por perto porque estava me sentindo indisposto, então era um resfriado chegando ou uma alta contagem de pólen, o que acontecia às vezes durante a mudança das estações.

Mamãe disse que eu estava estudando muito e precisava de uma pausa, e ela poderia estar certa.

Era uma rara noite de folga de sábado para mamãe, então talvez eu devesse ter aproveitado e saído com Pete ou perguntado a Emil o que ele estava fazendo no dormitório, mas em vez disso me contive, preferindo aproveitar o tempo com minha família. Além disso, embora eu não me sentisse completamente mal, apenas algumas fungadas, eu não gostaria de piorar e perder nenhuma aula.

Mas também havia aquela outra coisa no fundo da minha mente sempre que eu ficava doente... que não tinha jeito. Então sempre fiz questão de cuidar melhor de mim.

Só de ouvir a risada de Star aliviou a sensação de peso no meu peito sempre que pensava no retorno do meu câncer. Ela ficou completamente cativada pelos personagens na tela, mesmo tendo assistido ao mesmo filme uma dúzia de vezes.

— Obrigada por sair conosco esta noite, — disse mamãe.

Dei de ombros. — Isso é bom.

— Pete não está por perto?

— Ele pode passar por aqui mais tarde para que possamos subir no telhado.

Além disso, o clima estava ameno e o ar do outono era refrescante.

Ela franziu a testa. — Lamento não termos um quintal ou varanda para você aproveitar.

— Não, o telhado é ótimo. Podemos ver o lago de lá.

— Eu suponho que sim. — Ela estava sempre se sentindo culpada, e eu odiava

isso por ela. Poderíamos ter lutado de vez em quando, mas ela fez daqui um lar para nós.

Então, por que agi como se tivesse vergonha disso? Talvez porque me senti examinado o suficiente. Mas não de Emil, e fiquei grato por isso.

— Então adivinhe? — Mamãe disse, pegando um punhado de pipoca. — Lewis diz que se eu continuar trabalhando tanto, ele poderá me promover a gerente assistente.

— Realmente? — Sentei-me porque isso era uma novidade. — Isso mudaria seu horário?

— Sim, na maior parte dos dias. — Havia cautela em seu olhar. —Mas… eu não ganharia mais gorjetas e não sei se meu salário vai diminuir.

— Mas você pode estar mais feliz, — apontei. — Posso fazer turnos no ferro-velho ou encontrar outro emprego de meio período para ajudar.

Ela afastou minha franja da minha testa. — Seu único foco deveria ser a escola. Então você pode viver o seu sonho.

Deus, eu a amava. Ela sempre me apoiou muito e, admito, tive a visão de me mudar para a cidade e me tornar parte de uma produção da Broadway. Mas era caro morar lá, então era uma ideia boba. Ainda assim, foi o que me alimentou.

— Quero ajudar a contribuir. Eu sou um adulto.

— Você já está... com sua irmã. Ajuda tanto que você está sacrificando sua vida social.

— Isso nunca foi algo que importou para mim.

— E seus novos amigos na escola?

— É meio estranho. A grande maioria dos estudantes vem do dinheiro, certo? — Ela assentiu. — Então às vezes sinto que preciso monitorar o que digo. Como outro dia, alguém fez uma piada sobre ferro-velho, e eu contei a eles todas as coisas legais que podiam ser encontradas lá, e todos me olharam de forma estranha, tipo... como eu poderia saber sobre essas coisas?

— Isso me lembra os clientes esnobes que frequentam minha seção. — Ela tomou um gole de refrigerante. — Desculpe.

— Não, não fique. Eu escolhi ir para lá, lembra?

Ela suspirou. — E quanto a Henry?

— Temos conversado mais e nos tornamos... amigos.

Se ela soubesse quantos dos meus pensamentos ele absorveu, especialmente depois de gozarmos juntos em seu quarto. Quão quente estava isso? E pensar que foi a primeira vez dele.

— Bem, isso é bom, já que vocês têm algo em comum.

— Sim, suponho. — Tínhamos mais alguma coisa em comum além de sermos sobreviventes de câncer infantil e sentirmos atração um pelo outro quando adultos? Eu gostava de nossas conversas e sempre gostei quando criança também. Ele era doce, caloroso e sempre me fazia sentir calmo. Como isso foi transferido para os dias atuais era algo que eu precisava desvendar.

— Apesar das óbvias diferenças de classe, você está gostando do programa de dança?

— Eu amo isso. Estou aprendendo muito e posso acompanhar as lições. — Eu sorri sonhadoramente. — Sinto-me mais confiante quando estou dançando.

Ela sorriu. — Isso deixa meu coração feliz.

— Obrigado, mãe.

Voltamos ao filme e comemos mais pipoca. O fato de Star nem sequer ter nos calado durante nossa conversa me disse o quanto ela estava gostando.

Quando meu telefone tocou com uma mensagem, olhei para baixo e vi que era de H. Felizmente, mamãe tinha se levantado para usar o banheiro e encher seu copo de água.

A propósito, você está me matando.

O que você quer dizer? — Eu respondi. Isso deveria ser bom.

Desde outro dia, mal consigo fazer alguma coisa.

Não pude deixar de sorrir. **Posso estar tendo o mesmo problema, mas não vou confirmar ou negar.**

Vou tomar isso como um sim, — ele respondeu, e eu ri.

Ouvi dizer que seu jogo foi difícil. Desculpe por isso.

Emil me mandou uma mensagem dizendo que eles haviam perdido por um gol de diferença, o que arruinou o clima de festa. Foi bom, já que era um jogo fora de casa. A maioria foi para casa ou simplesmente ficou nos dormitórios depois.

Sim, obrigado. Se você estivesse lá, poderia ter nos trazido boa sorte.

Duvidoso. Como você teria se controlado para não correr até a arquibancada para ficar comigo? — Eu provoquei.

Você tem um ponto.

Ver? Eu sou esperto.

Nunca pensei que você não fosse.

Isso aqueceu meu estômago. Foi meio embaraçoso pedir ajuda em matemática a ele mais de uma vez.

Então, o que você vai fazer esta noite? — ele perguntou.

Estou assistindo a um filme infantil emocionante com Star e mamãe. Não fique com ciúmes.

Talvez eu esteja. Os caras estão jogando pôquer na sala do Flash, mas eu ainda não fui até lá.

Parece divertido, — Eu respondi, e desta vez pensei que sim. Apenas sair com pessoas com quem você poderia rir parecia muito bom para mim. Talvez eu devesse ter certeza de que Pete estava por perto.

Acho que verei quando chegar lá.

Quase pude ouvir a hesitação em suas palavras.

Por que parece que você está arrastando os pés? Está tudo bem se você não estiver preparado para isso. Ou você sente que precisa fazer isso por causa do status de capitão do time e tudo mais?

Talvez, mas é mais do que isso. Chega a ser um pouco demais. A conversa fiada sobre garotas e fingir que gosto disso.

Desculpe.

Não, não fique. Ajuda falar com você.

Deus, eu senti por ele. Talvez isso fosse mais do que nossa história compartilhada. Ou talvez essa história também ajudasse a construir a base para

uma amizade decente. Contanto que não estragássemos tudo.

Bem, estarei aqui com minha tigela de pipoca.

Ciúmes. E obrigado.

— Você está sorrindo, — disse mamãe quando se sentou novamente. — Para quem você estava mandando mensagens?

— Henners. Esse é o apelido de Henry.

— Bonitinho. Eu gosto disso. — Ela me estudou. — Você queria encontrá-lo...

— Não, estou feliz onde estou.

20

Henry

EU ESTAVA INDO jantar na casa dos meus pais, mas acordei úmido e com uma dor de cabeça terrível, e não da festa da noite passada. Eu fiz uma aparição no quarto do Flash, mas me retirei cedo, sem realmente sentir isso. Na verdade, tudo parecia estranho ultimamente. Eu não tinha certeza se isso tinha alguma coisa a ver com o retorno de Lark à minha vida e com a ideia de que eu não poderia ser honesto sobre quem eu realmente era com ninguém além dele.

E isso era algo que eu desejava. Mandar mensagens de texto para ele, vê-lo, ser capaz de tocá-lo mesmo sem saber quanto tempo isso iria durar. Lark provavelmente se cansaria de todo o segredo em breve, e eu não poderia culpá-lo.

— Estarei de volta em algumas horas, — eu disse a Spencer enquanto saía pela porta. Depois de entrar no meu SUV, o mesmo que eu tinha desde meu aniversário de dezesseis anos, apesar do conselho dos meus pais de trocá-lo por um novinho em folha, dirigi até a casa dos meus pais em Flemington, que ficava a cerca de quarenta minutos de distância.

Parei no condomínio fechado e digitei o código.

Meus pais não estavam no meu jogo ontem porque era fora. Eu sabia que meus pais e companheiros de equipe me viam como um quarterback famoso, em ótima forma e com poucas preocupações, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Lark se enganou sobre uma coisa durante nossa conversa de ontem à noite: se ele estivesse na arquibancada, eu me sentiria apoiado de uma forma diferente. O tipo de maneira que eu precisava naquele momento.

Estacionei na entrada da garagem, caminhei até a porta da frente e entrei.

— Aqui, querido, — disse mamãe da cozinha. Caminhei pela casa, olhando-a da perspectiva de Lark. As decorações ornamentadas, as pinturas e móveis caros. Era tudo que eu sabia, mas agora parecia quase um exagero. Por que eles precisavam de tudo isso, afinal? Mamãe organizava muitos jantares e eventos de

caridade aqui, então essa era uma explicação.

Dobrei a esquina e encontrei mamãe parada na ilha da cozinha fazendo uma salada e papai sentado em um banquinho com a papelada na frente dele. Sempre trabalhando. Eles eram conhecidos como uma potência imobiliária e esperavam que eu entrasse no setor como eles fizeram. Mas sempre me interessei por matemática e ciências, então a engenharia parecia o caminho certo.

Eu me senti mal vestido com meus jeans e moletom dos Sentinels. Mamãe usava salto alto com calças e blusa sob medida, e papai parecia profissional com calça e camisa de botão. Profissional, mesmo em sua própria casa. Mas eram eles, prontos para o dia. Percebi naquele momento que raramente via meus pais com roupas confortáveis, a menos que fosse hora de dormir ou meu pai estivesse indo para a academia.

Papai sorriu para mim enquanto eu andava pela ilha para beijar mamãe na bochecha. Eles nunca foram grandes abraços, mas eu poderia ter usado um naquele momento. Na verdade, agora eu me perguntava se era por isso que eu era tão viciado em passar tempo com Lark. Ele me proporcionou o tipo de toque que eu ansiava das pessoas. Mas então, se isso fosse verdade, eu também estaria bem com o carinho das mulheres.

— Você pode pôr a mesa? — Mamãe perguntou enquanto verificava o assado no forno.

— Coisa certa. — Fui em direção ao armário – e a sala começou a girar. Apertei os olhos, desejando ter tomado mais uma aspirina antes de sair.

— Sente-se bem? — Mamãe perguntou em um tom preocupado. Ela provavelmente não admitiria isso na frente do meu pai, mas minha doença de infância também a traumatizou. Não me entenda mal, meus pais estavam lá para mim, e algumas noites eu também conseguia ver o medo nos olhos do meu pai, mas eles eram pessoas voltadas para a ação, e pedir os melhores cuidados e os melhores médicos foi como eles prosperaram.

Papai ergueu os olhos de sua papelada quando a tontura passou, e comecei a recolher os pratos.

— Só uma dor de cabeça, — respondi, colocando os pratos na mesa.
— Dormiu tarde ontem à noite? — Papai perguntou com um brilho de conhecimento nos olhos.
— Algo parecido. — Não era verdade, mas era como se ele estivesse vivendo indiretamente através de mim, então eu continuaria a desempenhar o papel.
Eu não queria contar a eles quantas noites fiquei acordado, com medo de que cada fungada ou dor de estômago fosse um sinal de que meu câncer estava voltando. Mesmo que não fosse lógico depois de tanto tempo, ainda era possível, e isso foi o suficiente para me manter alerta.
Assim que nos sentamos e começamos a encher nossos pratos com comida, papai disse: — Perda difícil ontem. — Ele provavelmente assistiu ao jogo no canal local.
— Sim, aquele passe perdido na end zone nos matou no quarto período. — Flash também se culpou por isso. Mas, para ser honesto, meu arremesso não foi perfeito, e eu disse isso a ele depois do jogo. Éramos uma equipe e eu não queria que ninguém fosse assombrado por erros, nem mesmo eu.
Mas bem na hora, papai tocou no assunto. — Seu lance foi um pouco alto.
— Foi, — eu admiti.
— Talvez mais prática e menos distrações.
Coloquei meu garfo na mesa. Ele não tinha me provocado há pouco sobre festas no dormitório? — A que você se refere?
— Nada. É só que... você parece preocupado ultimamente.
— Tá brincando né?
Papai e mamãe trocaram um olhar. — De jeito nenhum.
Afastei meu prato, sentindo enjoo no estômago.
— O que é? — Mamãe perguntou.
— Simplesmente não entendo mais por que tenho que esconder isso.
— Seu histórico médico? O fato de você quase sucumbir ao câncer? Papai perguntou. — Esse cara Lark está pressionando você?
— Claro que não. Mas vejo como ele é livre para se compartilhar quando quiser.

— Ele é um garoto bolsista. Ele não tem nada a perder.
— Claro que sim. — Cerrei minha mandíbula. — Ele trabalha duro para manter essa bolsa. Nem todo mundo nasceu com a mesma sorte que nós.
Ele apontou o garfo para mim. — Trabalhei duro pela minha riqueza. Não se esqueça disso.
— E você não teve nenhuma ajuda dos seus pais?
O pulso batia em sua garganta. — O que isso tem a ver com isso?
— O que quero dizer é que nem todo mundo ganha vantagem. Você participa de instituições de caridade, até mesmo uma para câncer infantil, mas não pode admitir que seu filho teve isso. Isso é uma bagunça.
— É claro que admitimos, — disse mamãe. — Foi um momento assustador para nós também. Seu pai só quer dizer em público.
— Eu te contei meus motivos. Só estou tentando poupar sua dor de cabeça. Quando eu era criança...
— Mas eu não sou você!
— Não, você não é, mas as pessoas podem julgar em vez de tentar entender...
— Como você faz com Lark e sua família? — Eu retruquei.
— Cuidado com o tom, — disse papai.
Mamãe deu um tapinha na minha mão. — Simplesmente não é algo sobre o qual precisamos conversar.
— Mas talvez eu precise.
Papai zombou. — Aquele garoto está entrando na sua cabeça.
— Você não entende. É bom poder se relacionar com alguém, falar sobre o que passamos naquela época.
— Foram alguns anos da sua vida e agora você está melhor, — disse papai, como se a ameaça tivesse desaparecido. — As conexões que você deveria fazer são com aqueles que podem ajudá-lo mais tarde na vida.
— Por favores você quer dizer.
Ele encolheu os ombros.
— O câncer teve um efeito duradouro em minha vida. Eu vejo o mundo de

forma diferente por causa disso.
Obviamente, meu pai também por causa de sua doença, mas sua visão de mundo era mais negativa que a minha.
Papai disse: — Não importa como você o divide, o mundo ainda está dividido entre os que têm e os que não têm. Essa é a verdade brutal, e você precisa fazer tudo o que puder para garantir o seu futuro, para quando não estivermos mais por perto.
Eu entendi o que ele estava dizendo, mas não era tão preto e branco.
Mamãe se aproximou. — Seu pai simplesmente não quer que você lute. Você já teve bastante disso. Ele quer ver você ter sucesso.
— O que o sucesso significa para você? — Eu perguntei ao papai. —Seu nome em algo permanente em Roosevelt?
— Não faria mal. O treinador disse que você continua jogando do jeito que está, e talvez ele sugerisse que a sede do clube recebesse o nosso nome.
— Quanto de doação você teria para dar? — Eu perguntei amargamente.
— É mais do que dinheiro. É uma questão de tradição. A família Albrecht frequenta aquela faculdade há três gerações.
— E se eu não fosse um ótimo jogador ou aluno? — Eu retruquei. —Eles ainda dariam para você?
— Provavelmente não. — Ele limpou a garganta. — Então me deixe orgulhoso.
Mamãe se mexeu desconfortavelmente. — Ele já nos deixa orgulhosos.
— Sim claro. Ele sabe o que quero dizer.
A mesa ficou em silêncio enquanto continuávamos jantando, o ar entre nós estava denso e estranho. Quando finalmente terminamos, ajudei mamãe a limpar a mesa enquanto papai atendia uma ligação de trabalho.
— Querido, estou aqui se você precisar de alguém para conversar, — disse ela enquanto colocava as luvas de borracha para lavar a louça. — E você tem Spencer também. Ele é um garoto tão legal.
— Sim, claro, — murmurei distraidamente.
— Alguma chance de uma daquelas lindas líderes de torcida ser solteira? Talvez

arranje uma namorada legal em quem você possa confiar e conversar.

— Eu não quero – não agora. Eu tenho muito o que fazer.

— Isso não prejudicaria sua imagem.

A bile subiu pelo fundo da minha garganta. — Por que parece que isso é tudo com que você e papai se importam?

Ela baixou a cabeça. — Sinto muito, você está certo. Eu só quis dizer...

— Está tudo bem, eu sei o que você quis dizer. Vou ajudar com a louça e depois preciso voltar para o dormitório.

Antes de sair, fui até meu quarto para desenterrar minha caixa de tesouros da infância, peguei a carta de Lark e coloquei-a no bolso.

XOXO

21

Lark

ERA TERÇA-FEIRA À TARDE e Henry parecia triste nos últimos dias. Como se algo estivesse em sua mente.

Você está bem? Mandei uma mensagem para ele no final do dia.

Sim claro. Mas também não. Minha viagem para casa no fim de semana me deixou de péssimo humor.

Lamento ouvir isso. Deixe-me saber se você precisar conversar.

A verdade é que eu gostava de Henry, sempre gostei, e estava gostando de nossa amizade recém-descoberta. E não só a parte física. Além disso, parecia que ele estava sofrendo e não tinha muitas pessoas com quem conversar sobre determinados assuntos.

Eu poderia... Você estará por aqui mais tarde?

Ficarei depois da aula para ensaiar para o recital de outono.

E eu tenho treino de futebol. Tem como você me encontrar depois?

Talvez. Onde?

A torre do sino.

Mamãe estava de folga hoje, portanto, nada me impedia de encontrá-lo. Então, por que eu estava duvidando da minha decisão? Fui eu quem o procurou, mas talvez tenha sido contra meu bom senso. Porque quanto mais eu estava perto dele, mais eu pensava nele, e eu odiava aquela sensação de estômago embrulhado.

Por outro lado, havia uma dor no meu peito que não passava o dia inteiro, até que mandei uma mensagem para a mamãe dizendo que chegaria tarde em casa. Pronto, já está feito.

Depois da prática do recital, fiquei para trás enquanto o vestiário se esvaziava, nervoso que alguém pudesse me ver enquanto eu me dirigia à torre do sino.

Quando cheguei lá, abri a trava como tinha visto Henry fazer, percebendo que fui o primeiro a chegar. Em vez de sentar no chão frio de concreto, tirei da bolsa

a toalha que usava para dançar e a coloquei sobre o chão. Muito melhor. Enquanto estava sentado lá e esperando no espaço abafado, comecei a me questionar novamente. E se algo acontecesse e ele não aparecesse?

Eu estava realmente esperando em um lugar secreto para encontrar um cara que estava no armário?

Assim que tive esse pensamento, ouvi o som de passos lá embaixo. Por um breve momento, considerei o que faria se fosse o zelador ou outra pessoa que cuidasse deste lugar. Ou, inferno, outros estudantes que tiveram a mesma ideia que nós.

Fiquei sentado imóvel até que Henry dobrou a esquina e nossos olhos se encontraram.

— Você veio. — Seu tom estava cheio de admiração, como se ele tivesse as mesmas dúvidas que eu.

Mas, pensando em nossa conversa por texto, nunca me comprometi totalmente com a ideia e me senti culpado por isso.

— Alguém viu você? — Eu sussurrei, como se alguém pudesse nos ouvir lá em cima.

— Eu não acho.

Realmente parecia um santuário escondido, e eu conseguia entender por que Henry iria procurá-lo.

— Parece que você teve a mesma ideia, — disse ele, puxando uma toalha, provavelmente de seu próprio dormitório, e colocando-a no chão ao lado do meu.

Quando ele se sentou, perguntei: — Como você encontrou este lugar?

Ele levou um momento para considerar a questão. — No outono passado, eu estava procurando um lugar tranquilo para me esconder.

— Do que você estava se escondendo?

— A pressão esmagadora de tudo.

— Você está se referindo aos seus pais? — Ele havia mencionado algo sobre a visita deles no fim de semana.

— E a equipe, os treinadores e os professores. Eles esperam muito de mim e eu...

— Ele colocou a palma da mão no peito. — Às vezes não consigo respirar.
Pode ter havido um tempo em que eu zombaria de tal situação, especialmente porque Henry parecia ter o mundo na ponta dos dedos, mas eu sabia que era mais sutil do que isso.
Eu fiz uma careta. — Deve ser difícil.
Ele riu ocamente. — Eu trocaria de lugar com você em um piscar de olhos.
— Seriamente? — Ok, talvez ele *estivesse* sendo ridículo. — Você gostaria de morar em... — eu quase disse em um estacionamento de trailers. — …em um espaço pequeno demais para sua família e lutar para viver seu sonho de dançar?
Ele encolheu os ombros. — Alguém está pressionando você em relação aos seus sonhos?
— Apenas eu.
— Veja, aí está. Todo mundo que te ama só quer o que é melhor para você.
— Você não acha que é isso que seus pais também querem?
— Ok, claro, mas a perspectiva deles é falha. Eles não querem parecer mal para todos os seus amigos da sociedade. Se algum dia eu os envergonhasse, eles morreriam. *É uma questão de tradição, Henry,* — ele imitou o pai. — *Três gerações de Albrechts estudaram em Roosevelt.*
— Bem, caramba, quando você coloca assim…
Ele suspirou. — Obrigado por vir e me deixar desabafar.
— Sem problemas. Todos nós temos coisas para lidar.
— Você tem muito mais controle do que eu, isso é certo.
— Eu não…
Ele ficou quieto, como se esperasse que eu continuasse. Ele compartilhou muito comigo, então por que não lhe dar algo em troca?
— Eu mastigo minhas cutículas até sangrarem. É um tique nervoso. Chama-se dermatilomania e é por isso que uso band-aids. Não apenas para ajudar a acabar com o desejo em público, mas também para cobrir os danos.
Ele pegou minhas mãos e olhou para meus dedos. Tentei me afastar, mas ele se manteve firme. Fazia alguns dias que eu não usava nenhuma cobertura, o que era

um progresso para mim.

— Vê como eles são nojentos? — As cutículas estavam cicatrizando, mas se você estudasse minhas mãos com atenção suficiente, poderia ver a mutilação. — Chupar doce também ajuda. — Embora isso provavelmente fosse apenas uma desculpa conveniente para ingerir açúcar.

— Bem, graças a Deus, — disse ele, soltando uma risada.

— Huh? — Ele estava zombando de mim?

— Você é realmente humano!

— Cale a boca, — eu disse, incapaz de resistir ao sorriso que surgiu em meus lábios. — O que fez você pensar que eu não sou?

— Pelo que ouvi, você teve câncer infantil e sobreviveu. Aí você passou a ser um ser humano muito bem ajustado e ainda conseguiu uma bolsa muito desejada para estudar dança.

Eu fiquei sem palavras. — Isso faz com que pareça algum especial da Netflix.

— Verdadeiro. Talvez algum dia eles façam um com você – assim que você chegar na Broadway.

— Como você sabia que isso era algo...

— Conversamos sobre isso quando éramos crianças. Você colecionou esses programas e gostou de *Billy Elliot* e do musical.

— Bem, essa deveria ter sido sua primeira pista sobre minha sexualidade.

Ele soltou uma risada e foi contagiante. Droga, eu gostei muito dele.

— Ver? Só de estar perto de você me faz sentir melhor.

— Estou feliz. — Pressionei meu ombro contra o dele enquanto ficamos sentados em um silêncio confortável. Apenas dois amigos oferecendo consolo um ao outro. Logo, nossos dedos se entrelaçaram, como se não pudéssemos deixar de nos tocar ou de nos sentirmos conectados.

— Lark, você vai...? — Henry desviou o olhar.

— Basta perguntar. — Eu gentilmente dei uma cotovelada nele.

— Posso... beijar você de novo? — Henry perguntou com uma voz vulnerável.

— Eu só… quero me sentir próximo de alguém.

A dor em meu peito aumentou.

— Oh, para apenas *alguém*, hein? Poderíamos chamar o zelador aqui.

Ele riu. — Eu não queria te assustar. A verdade é que ultimamente só consigo pensar em beijar *você*.

— Sim... eu também, — admiti, e seus olhos se arregalaram.

Quando ele se inclinou em minha direção, passei meus dedos por seu cabelo. Ele suspirou enquanto nossas bocas se roçavam, e quando eu separei meus lábios, ele aproveitou para roçar a ponta de sua língua na minha enquanto nos olhávamos abertamente nos olhos. Parecia tão honesto, tão sincero entre nós naquele momento.

Ele aprofundou o beijo e meus olhos se fecharam com um gemido profundo. Minha boca se moveu sobre a dele em um movimento acalorado enquanto minhas mãos viajavam ao redor de sua cintura para agarrar sua camisa.

Como se um fogo tivesse sido despertado dentro dele, ele agarrou minhas coxas, me puxou firmemente para seu colo e, caramba, ficar contra ele era intenso.

O que estávamos fazendo ao ar livre assim? Alguém passando por aqui poderia nos ouvir? Independentemente disso, eu não conseguia parar. Eu queria fazer com que isso fosse bom para ele. Para ele ver que não havia problema em gostar de caras.

Um longo gemido me escapou quando ele mordiscou meu lábio inferior e depois passou a língua pela pele sensível. Minha boca roçou seu queixo, abrindo caminho até sua orelha.

Seus quadris empurraram para cima e eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, permitindo que nossos comprimentos quentes se encaixassem. Éramos todos lábios e dentes e respiramos pesadamente enquanto nos devorávamos. Sua língua se enroscou na minha enquanto ele puxava meu cabelo, fazendo-me sentir ainda mais livre.

Nunca tinha beijado alguém assim antes. Claro, houve sessões de amassos excitantes e desleixadas com caras no ensino médio. Isso era algo completamente diferente. Estávamos nos entregando um ao outro. Dizendo tudo

com os lábios. Enchendo um ao outro com tudo o que tínhamos.

Quando meus dedos roçaram a frente de seu moletom, seu comprimento duro, ele tremeu.

— Quero fazer você se sentir bem, — murmurei contra sua boca.

Ele apertou ainda mais. — Você já faz. Só por estar aqui.

22

Henry

— Você também me faz sentir bem, — respondeu Lark. Seu calor quente me envolveu, fazendo minha cabeça ficar confusa. Seu perfume inebriante era potente agora – melancia e doçura e tudo de Lark. Eu queria ficar emaranhados assim para sempre.

— Então continue me beijando. — Meus lábios deslizaram ao longo de seu pescoço e prendi o lóbulo de sua orelha entre os dentes. — Parece que não consigo me cansar.

As pontas dos meus polegares mapearam um padrão contra sua clavícula enquanto nossas bocas se aproximavam. Tão perto que pude sentir a corrente correndo entre nossos lábios, como uma força magnética nos unindo.

Os lábios de Lark roçaram os meus novamente, um beijo quase imperceptível, e os pelos dos meus braços se arrepiaram. Sua boca era macia e terna e, *meu Deus*, Lark. Ele estava sendo tão gentil, tão cuidadoso; era como se ele estivesse tentando memorizar meus lábios, minha língua e meu paladar. Ele gemeu baixo em sua garganta enquanto seus dedos se aprofundavam em meu cabelo.

— Henners, — ele sussurrou, e todo o meu corpo explodiu em chamas.

Meus lábios pressionaram com mais força enquanto nos unimos implacavelmente. Sua língua passou pelos meus lábios e entrou na minha boca – quente, úmida, exigente – depois passou raspando pelos meus dentes, agindo como um sintonizador dentro do meu corpo e criando uma sensação que eu nunca senti antes.

Meus olhos de repente arderam de lágrimas porque o que eu estava vivenciando era profundo – como o melhor momento da minha vida. Isso parecia muito mais íntimo do que qualquer coisa que havíamos feito antes, ou talvez minhas emoções estivessem confusas ultimamente.

Eu estava além de excitado. Pronto para entrar em combustão.

E então eu gozei, naquele momento e ali. E eu não me importei se fiz uma

bagunça porque Lark me seguiu logo depois.

— Quer dar uma corrida no fast-food? Talvez alguns hambúrgueres ou sanduíches? — Spencer me perguntou depois do treino de futebol na terça-feira seguinte.

— Você quer dizer sanduíches gigantes? — Eu brinquei.

Era uma coisa Norte/Sul de Jersey, talvez até Leste/Oeste. Se você estivesse mais perto da Filadélfia ou migrasse de lá, era chamado de hoagie[6]. O mesmo acontecia com o presunto Taylor que serviam no refeitório no café da manhã, que era essencialmente um pãozinho duro com carne de porco, ovo e queijo. Spencer jurou que chamar aquilo de outra coisa que não fosse rolinho de porco era um sacrilégio.

— Tanto faz, eu só quero comer porcarias e estudar esta noite.

— OK, vamos lá. — Eu o segui até o carro dele no estacionamento.

Raramente comíamos porcarias porque nosso treinador era muito preocupado com a saúde, mas de vez em quando isso não era grande coisa, não com todas as calorias que queimávamos em campo.

Eu sabia que Lark tinha outro ensaio de dança e pensei em convidá-lo para sair novamente depois, mas pelas nossas trocas de mensagens anteriores, eu sabia que ele tinha que voltar para casa imediatamente porque sua mãe tinha que trabalhar. Seu amigo Pete iria ajudar Star até ele chegar em casa e ele se sentia culpado por isso. Depois daquela noite na torre do sino, trocamos mensagens de texto todas as noites. Uma vez ele precisou de ajuda com uma tarefa de matemática, então liguei para ele e foi tudo negócio. Ele também me encontrou antes da escola certa manhã, pelo mesmo motivo. Mas Spencer ainda estava na sala, então encontramos uma mesa perto do centro estudantil e trabalhamos lá. Recebemos alguns olhares, mas ambos os ignoramos enquanto nos agachamos

para trabalhar. Não me importei nem um pouco porque gostava de passar tempo com ele em qualquer circunstância.

Mas caramba, depois do que aconteceu entre nós na torre do sino, era difícil não querer estender a mão e tocá-lo, e eu nunca quis isso com ninguém antes. Isso pode ter explicado por que eu sentia calor quando nossos pés roçavam embaixo da mesa.

Spencer saiu do estacionamento e dirigiu em direção à área mais comercial da cidade, onde estavam localizadas todas as lojas e restaurantes. Era na hora do rush e, quando ficamos presos atrás de um ônibus, Spencer praguejou, mas não teve outra opção a não ser esperar.

Quando o ônibus parou na próxima parada para deixar alguém descer, Spencer finalmente conseguiu contorná-lo. Congelei no assento quando vi Lark pisar na calçada. Ele caminhou em direção a uma entrada com cerca e uma placa que dizia: Lakeview Trailer Park.

Então os rumores eram verdadeiros. Fiquei grato por Spencer não ter notado, porque ele certamente faria algum comentário espontâneo.

Devo ter me perdido na cabeça nos minutos seguintes, porque quando Spencer cutucou meu braço, percebi que já estávamos na fila do guichê do fast-food. — O que você quer?

— Hum, um número três com uma Coca.

Tentei manter uma conversa normal com Spencer durante todo o caminho de volta para a escola, mas falhei miseravelmente. Seria estúpido falar sobre o estacionamento de trailers com Lark. Mas ajudou a explicar por que ele continuava recusando caronas minhas para casa. Ao mesmo tempo, achei surpreendente a franqueza com que ele me contou sobre as outras dificuldades de sua família.

— Que diabos está errado com você? — Spencer perguntou enquanto estacionava.

— Faminto e cansado, — murmurei.

— Eu te escuto.

Entramos com nossa comida e comemos na área comum em frente à televisão porque Spencer era um louco por migalhas em nosso quarto. Além disso, o cheiro perduraria e ele teria que borrifar aquele ambientador de maçã e canela que sua mãe comprou para ele, o que fez meu estômago embrulhar.

— Que porra é essa, por que você não anotou nossos pedidos? — Flash perguntou, olhando para nossos hambúrgueres e batatas fritas. Provavelmente ele tinha acabado de voltar do refeitório, onde comeu o prato especial do dia.

— Desculpe, decisão impulsiva, — respondeu Spencer. — Vocês também não nos perguntaram outra noite.

Ele e Smitty foram a um restaurante de frango frito e trouxeram um balde que não queriam compartilhar. Mas havia noites em que todos comíamos pizzas juntos, especialmente se não quiséssemos comer no refeitório. Eles são servidos em algum tipo de prato fundo grosseiramente, em vez do estilo de Nova York ou Jersey.

— É verdade, mas sua comida parece muito melhor do que aquele cheesesteak[7] gorduroso, — disse Flash enquanto o A-Train se aproximava, parecendo ter tomado banho recentemente. — Você consegue acreditar nessa besteira?

— Parece bom, mas tenho planos para o jantar esta noite, — disse A-Train com um brilho nos olhos.

— Aquela garota do sábado passado? — Spencer perguntou.

— Sim, vamos nos encontrar no Applebee's.

— Que chique, — provoquei depois de engolir um bocado de batatas fritas. Levantei a sacola para oferecer o resto ao Flash. Ele pegou um punhado e os devorou.

— Espere, ela não quis ficar com Henners em determinado momento? — Flash perguntou enquanto mergulhava outra batata frita no ketchup.

— Talvez, mas ele não ficou. Além disso, assim que ela colocou os olhos em mim, tudo acabou. A-Train flexionou e nós rimos.

— Ela era gostosa, — disse Flash. — Não é quente o suficiente para você,

Henners?

— Você sabe como ele é exigente, — respondeu Spencer, tentando me salvar mais uma vez.

Flash bufou. — Que diabos? É só uma ligação.

— Talvez eu não queira ficar com qualquer uma.

Naquele momento, meus olhos se fixaram em Emil quando ele saiu do quarto de Jonah, que também estava na banda marcial, se não me engano. Ele me lançou um olhar estranho e penetrante, como se pudesse ver através de mim. Ele deve ter ouvido nossa conversa.

O pânico tomou conta do meu peito e abri a boca para dizer algo sobre outra garota gostosa que me interessava, mas estava farto de me esconder. Então eu simplesmente deixei passar.

23

Lark

— Eu estava na Murphy House ontem à noite com Jonah e ouvi uma conversa entre Henners e seus amigos de futebol, — Emil me contou na quarta-feira, quando nos encontramos para almoçar.

— O que foi isso?

— Eles estavam brincando com ele sobre nunca ficar com ninguém.

Lancei meu olhar pela sala em direção à mesa de Henry. Ele estava rindo de alguma coisa, e seu sorriso radiante fez meu estômago ficar estranho. — E?

— Eu não sei… Houve um momento em que ele parecia tão desconfortável, e então nossos olhos se encontraram e eu reconheci algo nele, — disse Emil, e meu estômago se agitou. — Como já estive nessa situação antes, você entende o que quero dizer?

— Sendo colocado em uma situação difícil? — Eu perguntei, me fazendo de bobo.

— Ser colocado em uma situação difícil quando era um garoto gay, — ele rebateu.

Abaixei minha voz, embora fôssemos apenas nós dois hoje. — O que você está tentando dizer?

— Nada. Provavelmente foi minha imaginação hiperativa. — Ele levantou seu sanduíche. — Só pensei que talvez você entendesse. Conectar-se com pessoas já é bastante difícil, quanto mais namorar alguém.

Peguei as pontas do bagel que eu mesmo havia embalado naquela manhã no restaurante da mamãe. Era grosso e pastoso e eu normalmente os devorava, mas simplesmente não estava sentindo. — *Você* conseguiu namorar ou se conectar com alguém?

Ele encolheu os ombros. — Conexões aqui e ali, usando aplicativos. E você?

— Eu não estou realmente... procurando. Apenas tentando me manter à tona com notas e outras coisas. — Meu pulso acelerou quando senti seu escrutínio.

— Você pode falar comigo, você sabe. Sobre qualquer coisa. Eu considero você um bom amigo agora, então você está preso comigo.
Eu sorri. Foi bom ter feito um amigo na faculdade, e eu não tinha compartilhado muitas coisas pessoais com ele, não mesmo. Mas talvez esta fosse a oportunidade perfeita.
— A razão pela qual a dança é tão importante para mim é porque tive câncer quando era criança e o venci. Mas a possibilidade de que isso possa retornar está sempre na minha mente, então estou apenas tentando viver meu sonho enquanto puder.
Seus lábios se separaram e seus olhos se arregalaram. — Porra, obrigado por me contar.
— Não é algo que eu tento esconder... — meu olhar vagou pela sala novamente — mas também não é algo para, tipo, anunciar em uma festa. É uma espécie de desmancha-prazeres. — Quando olhei para Emil novamente, ele estava boquiaberto para mim. — O quê?
Ele baixou a voz. — É assim que você conhece Henners?
— Não vou discutir isso com você, — balbuciei, pego de surpresa. Obviamente eu estava fraco demais para não procurar Henry, especialmente ultimamente, o que significava mais olhos sobre nós. E Emil somou dois mais dois. — Desculpe, isso saiu errado. O que eu quis dizer foi que é privado. Por favor, não diga nada.
— Eu não ousaria, — disse ele, e eu suspirei de alívio. — E você está certo. Cada um tem seus próprios assuntos. Mas estaria mentindo se não dissesse que estou curioso sobre sua história. Posso dizer que ele se preocupa com você.
— O quê? Como... como você imagina?
— Bem, agora ele está se esforçando para não olhar para você, e é o mesmo que você.
— Oh Deus. — Coloquei meu rosto em minhas mãos. De jeito nenhum eu queria que alguém notasse coisas assim. — Ele é... um amigo.
Ele piscou. — Claro, tanto faz. Como eu disse, estou aqui se você precisar

conversar.

Depois da escola, trabalhei em turno com Pete. Hoje em dia ajudei menos no ferro-velho, mas hoje seria uma boa distração. Além disso, gostei da ideia de sair com Pete e tirar uma noite de folga do serviço de babá.

Acenei para o tio de Pete, que estava dentro do escritório, com o olhar voltado para fora da grande janela panorâmica que dava para o ferro-velho. Ele era como um elemento permanente, sempre atento a tudo o que acontecia. Bem, quase tudo. Este terreno era enorme e cada superfície estava coberta com algo que havia sido recuperado. Mamãe, brincando, se referiu a isso como um gigantesco mercado de pulgas. Pelo menos para aqueles que amavam carros. Ele até restaurou um Buick de vinte anos que Pete dirigia. Foi uma monstruosidade, mas deu certo. Ele prometeu ficar de olho em um para mim também, mas eu não tinha pressa em pagar o seguro do carro ou a gasolina. O ônibus me serviu perfeitamente.

— Ok, o que vamos fazer hoje? — Perguntei a Pete, que acabara de pular do carregador. Ele estava ocupado empilhando os paralamas. Esse trabalho era basicamente isso: agrupar merdas aleatórias em pilhas para o compactador ou para vender como sucata.

Ele apontou para o canto mais distante do estacionamento. — Que tal começarmos a separar todos os pneus dos aros?

— Pode ser.

Coloquei as luvas e comecei a trabalhar. Foi exaustivo, mas foi bom usar meus músculos para mais do que dançar. Além disso, isso me ajudou a focar em algo diferente de Henry, para variar.

Por fim, Pete se juntou a mim, usando um grande ímã para pegar e agrupar porcas e parafusos no chão, enquanto me contava sobre Jenny, com quem ele começou a sair regularmente. Tanto que ele não tinha aparecido muito ultimamente. Mas fiquei feliz por ele.

— Oooh, alguém está apaixonado, — eu provoquei quando ele deu aquele sorriso bobo no rosto.

— Cale a boca, ou vou apontar que você está chupando a cara do Sr. Quarterback.

Eu ri. — O que posso dizer? Ficar com um cara gostoso é divertido. Foi bom falar sobre meus encontros secretos com Henry, especialmente porque era improvável que Pete o conhecesse.

Ele ficou sério. — Apenas certifique-se de proteger seu coração.

— Ok, pai. Boa conversa.

Ele bufou. — Alguém precisa cuidar do meu garoto.

Batemos os punhos e voltamos ao trabalho. Depois de algumas horas, voltei para casa, exausto e sujo. Tomei um banho e peguei as sobras que mamãe tinha feito para o jantar naquela noite.

Ela estava no sofá de pijama, assistindo a um de seus reality shows favoritos, e Star já estava na cama.

— O que é isso? — perguntei, tirando um saco plástico da cadeira da cozinha para poder sentar e comer.

— Um novo comedouro de pássaros. Eu sei, eu sei, tenho muitos deles, mas estava na loja de um dólar, e eu simplesmente…

— Mãe, você não precisa explicar. Você ama a natureza. Quero dizer, você deu aos seus filhos o nome de pássaros. Você tem permissão para fazer coisas que te deixam feliz.

Ela suspirou e esticou as pernas sob o cobertor. — Lembra do jardim da casa antiga? — ela perguntou, referindo-se onde moramos com meu padrasto. — Havia aquela treliça onde eu cultivava feijão verde e pensei que talvez nesta primavera eu pudesse fazer algo assim novamente.

— Acho que isso parece incrível.

Depois que terminei de comer, assisti a alguns programas de mamãe com ela antes de irmos para a cama. Quando ouvi meu celular vibrar com uma mensagem, tive a sensação de que era Henry. Adquirimos o hábito de enviar mensagens à noite.

Acho que Emil pode suspeitar de algo sobre mim.

Então ele percebeu o olhar entre eles que Emil descreveu.

Eu acho que você pode estar certo.

Porra.

Não se preocupe, ele não dirá uma palavra.

Como você sabe?

Porque nós, da comunidade LGBTQ+, sabemos que não devemos expor uns aos outros.

Você está falando…

Ele nunca tentou esconder isso, e nem eu.

Será que algum dia chegarei lá?

Claro, algum dia. Na sua própria linha do tempo.

Espero que sim. Então estarei livre.

Eu podia ouvir o desejo em suas palavras e, de repente, desejei que ele estivesse ali comigo para que eu pudesse abraçá-lo e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

Algum plano para este fim de semana? — ele mandou uma mensagem, e a mudança de assunto foi um alívio.

Na verdade. Mamãe tem que trabalhar sexta e sábado, então tenho que ficar com minha irmã.

O que ela gosta de fazer?

Eu sorri. Foi fofo da parte dele perguntar.

Realmente? Você quer falar sobre os hobbies da minha irmã de quatro anos? Talvez você devesse trocar de lugar comigo e tomar conta dela algum dia. — Eu adicionei um emoji de piscadela.

Talvez eu deva. Ela pode pensar que sou mais engraçado que você.

Duvidoso. Eu sou o melhor irmão mais velho.

Sim, você provavelmente é.

Suspirei sonhadoramente enquanto trocávamos mensagens de texto por mais algum tempo.

Ok, preciso dormir. Boa noite, Henners.

Noite, melancia com alto teor de açúcar.

Hum, o quê? Não é uma música do Harry Styles?

É assim que você está listado no meu telefone. Por causa da sua obsessão por aqueles Jolly Ranchers.

OH MEU DEUS! Você é ridículo.

Eu sou? Como estou listado em seu celular?

Apenas H. Você sabe, como um adulto. Mas agora vou pensar em algo novo para você.

LOL! Estou ansioso para ouvir o que você descobriu. Ei, que tal Quarterback Deus?

Tão humilde.

Fiquei olhando para o teto, incapaz de pensar em alguma coisa. Mas agora eu estava com um verme de ouvido por causa daquela música do Harry Styles.

— Muito obrigado, — eu resmunguei enquanto afofava meu travesseiro e ia para a cama.

24

Henry

ERA SEXTA-FEIRA À NOITE, semana de despedida do futebol, e eu estava inquieto. Spencer tinha ido para casa no fim de semana e eu faria o mesmo amanhã, mas decidi ficar aqui esta noite. Eu poderia ter saído com Flash e Bones, que falaram sobre um jogo de pôquer na sala comunal, mas eu não estava com vontade.

Dirigi até o posto de gasolina para abastecer, depois entrei em busca de uma barra de chocolate ou do caramelo salgado de Atlantic City que era vendido em todo o estado. Eu gostava deles quando criança e, por algum motivo, estava no modo de relembrar naquele momento. Obviamente foi por isso que, quando vi o pacote de Jolly Ranchers, peguei-o junto com um Snickers e fui até o balcão para pagar.

De volta ao meu carro, ele praticamente dirigiu sozinho até o Lakeview Trailer Park. Havia um estacionamento para visitantes, se é que se pode chamar assim a área de terra batida, mas como eu não sabia para onde diabos estava indo, achei que seria melhor ir a pé.

Todos os trailers pareciam construídos de forma semelhante, mas diferiam em tamanho, cor e decoração. Alguns tinham sinos de vento e móveis de jardim, enquanto outros eram completamente estéreis, fazendo-me pensar quem poderia estar dentro deles e qual seria a sua história.

Afastei da minha mente o pensamento de que Lark ficaria chateado por eu ter aparecido aqui, mas não conseguia me impedir de querer encontrá-lo. Quando avistei uma série de casas de pássaros penduradas do lado de fora de um dos trailers, fui em direção a elas, me perguntando se seria ali que ele morava. Star mencionou algo sobre a decoração do Dia dos Pais.

Um cara da minha idade estava parado do lado de fora de um trailer, me observando com cautela. — Você parece perdido. Posso ajudar?

— Oh, hum... — Eu era realmente tão óbvio? — Você sabe onde Lark Levitt

mora?

— Depende de quem está perguntando, — ele respondeu, e eu pude ouvir a proteção em seu tom.

Talvez todos eles cuidassem uns dos outros. Uma espécie de vigilância de bairro em outras comunidades. Nada de errado com isso. Reconfortante, realmente.

— Sou um amigo da faculdade.

Ele estudou minha jaqueta marrom e dourada dos Sentinels. — Você é Henry com o nome chique.

Eu segurei um suspiro. — Como você me conhece?

Ele encolheu os ombros. — Sou o melhor amigo de Lark, Pete. Ele me contou sobre seus amigos de faculdade.

— Prazer em conhecê-lo, — respondi com voz firme, mas agora me perguntava o quanto ele realmente sabia sobre mim. Mas por que isso importava? Ele não era estudante da universidade. — Eu também ouvi falar de você.

— Bom de se ouvir. — Ele sorriu e depois olhou para a fileira de trailers. — Ele não lhe contou o endereço dele ou como encontrá-lo?

— Não, acho que é uma visita surpresa. — Cocei a nuca, pensando que, afinal, essa provavelmente não era uma boa ideia.

— OK. Bem, ele definitivamente ficará surpreso, mas isso é entre vocês dois.

Ele apontou para o trailer sobre o qual eu suspeitava. — É onde ele mora.

— Eu sabia. Os alimentadores de pássaros.

— Sim, a mãe dele é uma grande fã, o que você aparentemente já sabe.

— Sim, bem, hum, obrigado.

À medida que me aproximava do trailer, notei outras coisas que faziam uma casa parecer um lar: vasos de plantas nos degraus (mães do outono, pensei) e móveis de jardim de vime com almofadas verdes brilhantes. Foi agradável. Tentei não olhar para isso através dos olhos dos meus pais. Eu estava tão condicionado a presumir móveis caros, mas aquilo parecia confortável e habitável, e isso imediatamente acalmou meus nervos.

Mas apenas momentaneamente. Meu estômago se apertou enquanto subia os três

degraus até a porta. Respirei fundo antes de bater levemente.

Quando Lark atendeu, seus olhos ficaram arregalados como um desenho animado. — Henners? O que você está fazendo aqui?

Eu não tinha desculpa, então tentei usar o humor. — Bem, você me pediu para ser babá de Star, e como não mencionou um encontro, pensei em ver se vocês dois estavam por perto.

— Eu... uh... — ele balbuciou.

— Eu até trouxe guloseimas, — eu disse, mostrando o saco de doces que comprei. — Por favor, não fique bravo... ou pense que sou um perseguidor.

— Por que eu pensaria que você é um perseguidor? — Ele estreitou os olhos. — Como você sabe onde eu moro?

— Outro dia, quando Spence e eu estávamos comprando fast food, estávamos atrás do seu ônibus. Eu vi onde você foi deixado. Fiz um gesto por cima do ombro. — E então encontrei Pete, e ele adivinhou quem eu era, então... aqui estou.

— Acredite em mim, nunca esperei, nem em um milhão de anos, que vocês dois se conheceriam.

— Por que não? Você está dizendo que nunca me convidaria para sair com você e seus amigos?

— Você percebe onde eu moro? — Sua mandíbula apertou. — Eu seria alvo de tantas piadas em Roosevelt... a menos que já seja?

Dei de ombros. — Quem se importa? As pessoas são estúpidas.

Ele arqueou uma sobrancelha. —Diz o cara que se preocupa com várias coisas que mantém escondidas.

— Você me pegou aí. — Entreguei-lhe o saco de guloseimas. — Então, ah, aqui está. Isso era apenas eu sendo burro e impulsivo. Vou voltar para o dormitório agora.

— Espere, — ele disse quando cheguei ao terceiro degrau. — É que estou cuidando de Star, então quão divertido isso poderia ser?

De repente, Star estava na porta. — Oi, te conheço!

Eu sorri porque ela era tão fofa. — Eu também conheço você!
— Quer colorir comigo?
— Eu com certeza quero! — Eu respondi, então hesitei. — Contanto que esteja tudo bem para Lark.
— Por favor? — ela disse a Lark com um olhar que influenciaria até os mais insensíveis.
Ele suspirou como se tivesse sido derrotado por uma criança de quatro anos e depois abriu a porta. — Claro, entre.
Ao entrar, observei a sala de estar, a área da cozinha e notei três portas fechadas na parte traseira do trailer. Era maior por dentro do que eu imaginava. A decoração era arrumada, limpa e um pouco eclética. Tentei não ficar boquiaberto com a mobília desgastada enquanto Star me levava até uma mesa de cozinha que já tinha visto dias melhores. Ainda assim, a casa deles parecia viva, com vasos de plantas por toda parte e pinturas interessantes de maravilhas naturais, o que combinava com o que Lark me contou sobre sua mãe ser uma amante da natureza.
Lark seguiu atrás, tenso, como se estivesse nervoso com o que eu pensaria.
— Você nunca pisou dentro de um trailer na vida, não é? — ele perguntou enquanto eu me sentava à mesa e Star empurrava um livro de colorir para mim. Ela tinha um saquinho cheio de giz de cera e lápis de cor, e isso me trouxe de volta à minha infância.
— Acho que muitas pessoas podem dizer a mesma coisa, — respondi, sentindo-me um pouco na defensiva, embora não tivesse certeza do porquê. Posso ter tido alguns preconceitos, mas ele também.
— Sim, é verdade, — ele respondeu, sentando-se no banco à minha frente, sua cautela parecendo diminuir. Ou talvez fosse apenas demissão.
— É aconchegante aqui, — eu disse, depois olhei por cima do ombro para a janela. — E todas as casas de pássaros são encantadoras.
— Vou avisar a mamãe. — Ele sorriu. — Nós só temos dois quartos, então Star e eu temos que dividir. Normalmente, eu a coloco na cama primeiro. — Lark

olhou para o relógio. — Em cerca de uma hora, e ela estará dormindo quando estou pronto para dormir.

— Mais ou menos como a sua situação no dormitório, — respondi, folheando o livro e me deparando com uma foto de cavalos em uma fazenda.

Ele riu. — Acho que sim. Eu não me importo muito. Star é um boa garota. Até que ela implore por mais uma história para dormir.

Ele estendeu a mão para bagunçar o cabelo dela enquanto ela ria. Senti uma pontada no estômago ao observar a interação deles, que parecia doce e amorosa. Eu não tinha irmãos e me perguntei uma ou duas vezes ao longo dos anos como isso poderia ter sido. Mamãe contou uma vez que eles tentaram ter mais filhos, mas depois do terceiro aborto, desistiram.

— Você quer algo para beber? — Lark perguntou.

Peguei um lápis marrom. — Claro, o que você tem?

Ele respondeu. — Água ou refrigerante?

— Qualquer um dos dois funcionaria.

Ele pegou um copo do armário e me serviu água com limão de uma jarra na geladeira. Foi revigorante tomar.

— Ei, você saiu das linhas. — Star apontou para uma seção de grama em minha página onde a cor verde tinha vontade própria.

— Ah, ah. Acho que não sou tão bom nessa coisa de colorir quanto você.

Lark sorriu e apontou para todas as fotos coladas na geladeira. — Eles têm feito muita arte na pré-escola.

Ficamos sentados à mesa durante a hora seguinte, conversando, pintando e depois fingindo que os cavalos de plástico de Star, que ela havia alinhado perto de nós, estavam pastando na grama ao lado dos cavalos ilustrados.

Na verdade, foi divertido e, embora eu pudesse estar em uma festa com amigos na escola, não houve reclamações de minha parte. Talvez essa fosse mais a minha velocidade.

— É hora de dormir, Star, — Lark anunciou, então olhou em minha direção. — Tenho certeza de que isso não foi muito emocionante para você...

— O que você está falando? Eu adoro colorir! — Levantei minha segunda página com alguns vaqueiros e gado.
— Sim, — Star disse e bufou. — Ele pinta mais do que você.
— Eu disse que eu era o mais engraçado, — provoquei.
Ele revirou os olhos. — Diga boa noite, Star.
— Boa noite, Henners, — disse ela, e então se aproximou de mim com um abraço. Sentir seus braços finos em volta do meu pescoço foi doce e me fez sentir uma pontada de melancolia que não conseguia explicar facilmente.
Lark pegou a mão de Star e a conduziu para os quartos dos fundos. — Vai demorar alguns minutos porque temos uma rotina, então esta pode ser sua chance de decolar.
A ideia de ir embora não parecia certa. — Se importa se eu ficar?
Surpresa flutuou em seus olhos. — Não, eu não me importo.
Fiquei à mesa, ficando de pé apenas para ver as fotos na geladeira e ouvi-lo lendo para Star. Eu supus que o fato de eles dividirem um quarto não era a pior coisa, mas às vezes parecia muito perto para ser confortável. Apesar do que Lark pensava, eu ainda negociaria com ele num piscar de olhos. Pelo menos não seria tão solitário como às vezes era em casa, e não apenas porque havia muito espaço na casa dos meus pais.
Dez minutos depois, Lark saiu da sala na ponta dos pés, levando o dedo à boca.
— Ela está dormindo? — Eu sussurrei.
Ele soltou um suspiro. — Sim.
Ficamos ali, sem jeito, até que perguntei: — Então, o que você normalmente faz nas noites de fim de semana?
— Às vezes fico com Pete no telhado.
— O telhado? — Olhei para o teto.
— Sim, é meu lugar favorito para me esconder, mais ou menos como a torre do sino é para você. Além disso, ainda posso ficar de olho em Star.
— Importa-se de me mostrar? A menos que isso não seja algo que você queira fazer...

— Vamos, — disse ele, pegando um cobertor em um armário e virando-se em direção à porta.

Eu o segui para fora e até a parte de trás do trailer, onde havia uma escada de metal que levava ao telhado. — Uau, eu nunca teria imaginado que isso era uma coisa.

Assim que nos acomodamos na manta, assistimos ao pôr do sol sobre o lindo lago, que eu nem sabia que existia.

— É a melhor vista, o que provavelmente parece idiota.

—Não, não é. Eu gosto disso também.

— Aposto que você já teve sua cota de visualizações incríveis. Você viajou muito?

— Alguns .— Na verdade, bastante nas férias em família. — É algo em que você está interessado?

— Sim talvez. — Ele se deitou no cobertor e eu fiz o mesmo. — Estive no calçadão de Atlantic City e em Manhattan para ver shows da Broadway. E, obviamente, Filadélfia, já que estamos a menos de uma hora de distância. Mas isso foi antes, com meu padrasto, quando morávamos no subúrbio e podíamos comprar mais coisas. Agora parece frívolo.

Eu fiz uma careta com o desejo em sua voz. — Não é frívolo. É algo que você ama.

— É verdade, — ele disse melancolicamente, e isso me fez querer fazer qualquer coisa para tornar suas aspirações realidade. — Sobre o que você sonha? — Lark perguntou.

Você, eu queria dizer, mas me contive porque esse pensamento era muito intenso. O que não tornava isso menos verdadeiro. Mas o que eu disse foi: — Tenho certeza que você pode adivinhar. — Olhei para o céu noturno. — Quero que o espaço seja meu verdadeiro eu.

25

Lark

ESTAVA FICANDO FRIO, então voltamos para dentro e usamos o cobertor para cobrir os joelhos enquanto nos sentávamos lado a lado no sofá. Assim que me senti suficientemente aquecido, levantei-me. — Vou dar uma olhada em Star.

Fiquei feliz pelo momento sozinho porque ainda era difícil compreender a ideia de que Henry estava sentado em minha casa. Mesmo que eu tenha ficado surpreso por ele ter aparecido assim esta noite, admito que estava gostando muito da companhia dele.

— Ela ainda está fora,— eu disse quando voltei para o quarto. — Mas isso não é novidade. Ela dormiria durante um terremoto.

Ocasionalmente, ela acordava mais cedo do que eu, mas na maioria das vezes éramos eu ou mamãe tentando acordá-la para o café da manhã. Eu mataria para dormir tão profundamente quanto ela. Minhas cutículas me agradeceriam.

— Incrível. — Ele ficou sério. — Você é um bom irmão.

— É, eu tento.

— Não parece que você tentou; vem naturalmente, — disse ele, o que fez meu estômago embrulhar. — De qualquer forma, eu deveria ir antes que sua mãe chegue em casa.

Eu poderia dizer pela sua hesitação que ele não tinha certeza sobre ir embora, e nem eu.

— Depende totalmente de você. Ela não estará em casa por mais algumas horas. Sentei-me e levantei o controle remoto para percorrer os canais. — Só vou procurar um filme e relaxar no sofá.

— Não quero prolongar minhas boas-vindas. — Ele riu de suas próprias palavras. — Não que você tenha me convidado. Você está chateado por eu aparecer assim?

— Talvez um pouco envergonhado, mas esse é o meu problema. — Desviei o olhar. — Então por que você *decidiu* aparecer?

— É uma semana de folga, o que significa que não há jogo de futebol neste fim de semana, e Spencer já foi para casa.
Eu soltei uma risada sem humor. — Então você estava entediado?
— Não. Bem, mais ou menos. Decidi esperar até amanhã para ir para a casa dos meus pais. E eu não estava com vontade de pôquer e cerveja. Mas também... — Nossos olhos se conectaram. — Eu só queria ver você e passar um tempo com você. Eu deveria ter mandado uma mensagem para você primeiro, mas estava no posto de gasolina, vi os doces e, antes que percebesse, estava dirigindo até aqui.
— Na verdade, foi bom estar com você, — admiti.
Henry sentou-se ao meu lado. — Sim?
Balancei a cabeça enquanto meu olhar se movia de seus olhos para seus lábios. Ele era tão fofo, e eu queria muito beijá-lo. Eu não sabia quem se moveu primeiro, então talvez fosse mútuo, mas de repente nossas bocas se uniram e estávamos nos beijando freneticamente.
— Tem certeza que ela não vai acordar? — Henry perguntou entre respirações.
— Tenho certeza. — Afundei no chão na frente dele. — Além disso, usamos ruído branco, para que ela não ouça nada.
— O que você está...
— Posso te tocar? — Deslizei meus dedos por baixo do tecido de seu moletom e senti seu estômago tremer.
— *Foda-se,* — ele xingou baixinho.
Meus dedos trabalharam no botão de sua calça jeans. — Me ajude?
Ele não hesitou em abri-los, depois os levantou e eu os deslizei até os tornozelos. Ele ajustou as pernas para que eu pudesse chegar mais perto dele.
Percebi que ele estava cheio sob a cueca boxer e reprimi um gemido. — Você é muito gostoso.
— Quando você diz coisas assim, quase não consigo acreditar. Como se eu estivesse vivendo um sonho.
Sua voz rouca e sexy fez meu estômago embrulhar e meu pau latejar.
— Tenho certeza de que sou eu quem está sonhando. — Olhei para seu pau

saindo do cós da calça e para a óbvia mancha molhada de sêmen. Eu fantasiei exatamente sobre isso e, embora não tivesse muita experiência, ele me fez sentir poderoso, como se qualquer toque fizesse sua noite inteira.

Quando passei os nós dos dedos pela frente de sua cueca, seu peito se contraiu, então continuei, passando as unhas pelo tecido também.

Ele ofegou. — Toque me. *Por favor.*

Meu coração disparou com seu tom de súplica.

Segurei suas bolas enquanto seus joelhos tremiam. Usando a outra mão, agarrei seu eixo e acariciei para cima, meu polegar deslizando na ponta, coletando o pré-gozo. Seus olhos se fecharam em um gemido enquanto sua cabeça se inclinava para trás contra a almofada.

Imaginando que já tinha provocado ele o suficiente, puxei sua cintura para baixo para expor seu pau, e ele soltou uma maldição. Soprei em seu comprimento e ele se contorceu como se estivesse tentando aproximar minha boca dele.

Então enterrei meu nariz no ninho de pelos em sua virilha, só querendo respirá-lo.

— Estou com arrepios por todo o corpo, — ele disse, e eu sorri contra seu quadril.

— Adoro o seu cheiro, — eu disse, olhando para ele. — Posso colocar minha boca em você?

— Porra, isso é mesmo uma pergunta real?

Quando minha boca engoliu seu pau, o mundo pareceu parar enquanto eu me concentrava em fazê-lo se sentir bem. Eu alternava entre girar minha língua rapidamente ao longo da glande e depois cuidadosamente lentamente, enquanto ele balançava para cima e continuava cantando meu nome suavemente. Meus dedos agarraram a base de seu eixo para que minha boca pudesse balançar em uníssono, criando uma fricção que o fez gemer.

— Puta merda, — ele disse em um estrondo silencioso. Ele se abaixou e roçou meu rosto com os nós dos dedos, e quando olhei para ele, seu olhar parecia cheio de admiração. — Agora tudo no meu corpo está formigando, até a raiz do meu

cabelo.
Droga, eu amei o quão expressivo ele era comigo.
— Você está perto? — Eu perguntei, e ele assentiu. — Então deixe ir.
Eu o engoli e redobrei meus esforços, querendo abalar seu mundo.
— Oh Deus, Lark, — ele gritou, arqueando a coluna e jorrando dentro da minha boca.
Eu tentei o meu melhor para engolir todo o seu gozo enquanto apertava a base do meu próprio pau para evitar gozar novamente. Embora pelo menos desta vez eu estivesse em minha própria casa.
Quando olhei para Henry, seus olhos estavam fechados, seus lábios entreabertos, e adorei poder dar isso a ele quando ele estava constantemente à beira da preocupação em agradar seus pais.
— Porra, isso foi... Obrigado, — ele disse enquanto seu pau amolecido escorregava dos meus lábios. Seus dedos trêmulos afastaram o cabelo da minha testa, e então ele se inclinou para me beijar entre respirações ásperas. — Você precisa gozar?
— Tão fodidamente. — Sentei-me de joelhos para tirar meu pau do moletom, já sem razão, apenas querendo liberação.
— Deixe-me, — ele disse, afastando minha mão. Ele se inclinou para me agarrar com firmeza e começou a acariciar.
Senti a antecipação crescendo imediatamente em minha virilha enquanto todas as minhas terminações nervosas pulsavam simultaneamente, fazendo minhas bolas ficarem cheias e meu eixo hipersensível. — Oh merda, — eu disse quando entrei em erupção, jorrando na palma da mão dele e caindo no chão.
Descansei minha bochecha em seu joelho enquanto controlava minha respiração, e ele acariciou meu cabelo.
Finalmente, levantei-me para molhar algumas toalhas de papel e limpar o chão.
Depois que limpamos todas as evidências e vestimos nossas roupas, relaxamos no sofá assistindo a um filme, mas eu duvidava que algum de nós soubesse do que se tratava. Quando sua cabeça começou a balançar, percebi o quanto eu

também estava exausto. Apenas cinco minutos. Eu fecharia os olhos por cinco minutos e depois diria a ele que tinha de ir embora.
Antes que eu percebesse, estávamos sendo acordados por uma mão suave e uma voz familiar. —Lark, querido. Está tarde.
Pisquei e abri os olhos e senti o peso da cabeça de Henry em meu ombro. — Oh, droga, você está certo.
Henry ficou rígido ao meu lado, sem dúvida arrependido de ter adormecido. — Sinto muito, eu queria ir embora.
— Eu não sabia que você estava tendo companhia, — disse mamãe com uma voz monótona.
— Nem eu. Simplesmente... aconteceu, — respondi, tentando limpar meus pensamentos tontos.
O rosto de Henry ficou vermelho e ele desviou o olhar.
— Bem, é um prazer ver você, Henry.
— Obrigada Senhora. — Ele se levantou e se espreguiçou, com as roupas um pouco amassadas, assim como as minhas. Eu esperava que mamãe não tivesse uma ideia errada. — Eu deveria ir.
— Por que não comer um donut primeiro? — Mamãe ergueu um saco de papel branco. — Eu os trouxe aquecidos do trabalho.
Mamãe sempre nos surpreendia com doces nos finais de semana – cupcakes, tortas, donuts, o que você quiser. Eram feitos por um padeiro local, entregues na lanchonete na noite anterior, para serem servidos logo pela manhã, e sempre deliciosos. Quando ela abriu a sacola, quase babei quando o cheiro de açúcar flutuou pela sala.
Obviamente, Henry também gostou porque seu estômago roncou na hora.
Mamãe riu enquanto tirava um glacê clássico. — Alguém quer doces.
— Bem, se você insiste, — respondeu ele, aceitando a oferta. — Onde você trabalha?
Ela apontou para o logotipo do Shorty's Diner em sua camisa.
— Acho que já estive lá uma vez. — Ele deu uma mordida em seu donut e

gemeu. — Tão bom.
— Certo? — Eu comi os meus e peguei alguns guardanapos. — Eles têm comida muito boa.
— Você terá que vir jantar algum dia e sentar na minha seção. — Mamãe me lançou um olhar astuto que deixou meu estômago embrulhado. Talvez donuts depois da meia-noite não fossem uma boa ideia, afinal. —Bem, estou indo para a cama. Foi uma longa noite.
Quando ela saiu da sala, terminamos nossos donuts e jogamos fora os guardanapos. — Vou acompanhá-lo até a porta.
Saímos para o ar fresco da noite. A lua brilhava no céu enquanto o vento cortava minha pele.
— Obrigado por uma grande noite. Espero que sua mãe não esteja brava por você ter recebido uma visita.
— Você está brincando? Ela está emocionada por nos reconectarmos e nos tornarmos amigos.
— Isso faz dois de nós, — ele respondeu, seus cílios roçando suas bochechas. — Noite.
Observei-o caminhar em direção ao estacionamento onde presumi que ele tivesse estacionado, depois voltei para dentro, sentindo-me estranho, mas bem. Muito bom. O que era totalmente perigoso para ele.
Subi na cama, mas foi difícil dormir enquanto revivia cada momento desta noite, desde a pintura até o telhado e depois o que aconteceu no sofá. Droga.

De manhã, mamãe acordou antes de mim, assistindo ao noticiário e tomando café. — Gostaria de falar sobre isso?
— Não na verdade. — Fui até o bule de café e me servi de uma xícara.

— Estou bem se você convidar amigos, especialmente...
— Eu não o convidei. Ele simplesmente apareceu, o que foi obviamente uma surpresa.
— Como eu disse, talvez ele precisasse de um amigo — ela arqueou uma sobrancelha — e goste da sua companhia.
— Oh meu Deus, pare. É muito cedo para isso.
Ela riu. — Era uma bela foto quando entrei. Aconchegar-se é o melhor.
— Eu gosto de me aconchegar, — anunciou Star, entrando na sala com seus chinelos fofos de unicórnio.
— Gosto especialmente dos aconchegos da minha pequena Starling. — Mamãe ergueu Star e beijou sua bochecha.
— Ei, eu não sou pequena, — disse Star, se contorcendo.
— Você tem razão. Você está se tornando minha filha mais velha agora, — respondeu mamãe, e pude ver a melancolia em seu olhar. Às vezes ela reclamava que a vida passava rápido demais. — Quem quer panquecas?
— Eu quero! — Star gritou enquanto mamãe a colocava no chão.
— Eu posso ajudar, — eu disse, indo em direção à geladeira.
— Sente-se. Você ajuda bastante, — disse ela com um olhar penetrante.
Então brinquei com Star e suas bonecas no tapete enquanto mamãe preparava o café da manhã. Ela adorava especialmente fingir que eram bailarinas, e às vezes brincávamos de fantasiar também. Embora ela nunca tenha se interessado por nenhum treinamento formal, ela ainda queria que eu lhe ensinasse todos os meus movimentos. Por mim tudo bem.
Quando as panquecas ficaram prontas, eu estava faminto. Espalhei bastante manteiga e xarope em minha pilha e me perguntei como Henry comia o dele. Enquanto antes eu nunca poderia ter imaginado Henry sentado nesta mesa conosco, depois da noite passada tudo parecia diferente.

26

Henry

NA SEXTA-FEIRA SEGUINTE, apareci novamente na casa do Lark. Ele não pareceu tão surpreso em me ver como na semana passada, e eu meio que esperava que ele me rejeitasse. Eu deveria ter perguntado em vez de mandar uma mensagem para ele sobre seus planos. Depois disso, ele poderia ter previsto isso.
Mas sair do campus parecia exatamente o que eu precisava. Os caras pensaram que eu tinha um encontro com o departamento de engenharia e, embora houvesse tais eventos, aquela noite não foi um deles. Spencer parecia muito cético em relação aos meus supostos planos, mas consegui sair antes que ele fizesse muitas perguntas.
A essa altura eu poderia simplesmente ter dito a eles que estava saindo com Lark, mas não queria turvar as coisas agora que isso era mais do que amizade. Isso foi ficar com um cara que eu conhecia desde a infância e por quem me sentia extremamente atraído. Não há chance de eu me entregar.
— Henry! — Star me chamou quando entrei. Ela estava usando um tutu rosa por cima da roupa e havia outro no chão, perto do sofá. —Estávamos prestes a fazer um recital de dança.
— Você estava agora? — Eu perguntei enquanto as bochechas de Lark coravam.
— Isso mesmo, — disse ele. — Agora é sua hora de escapar.
— Sem chance. — Eu me sentei no sofá. — Eu não perderia isso por nada.
O rubor de Lark cresceu e, caramba, isso o tornou ainda mais adorável.
— Vamos, Lark, — Star disse com um beicinho, incitando-o a começar.
— Ok, você pediu. — Ele levantou o tutu rosa do chão e enfiou as pernas nele. Assim que foi preso em volta da cintura, ele agarrou o material volumoso e de múltiplas camadas e olhou para os pés, que estavam em uma posição pontiaguda. Foi como se algo nele tivesse ligado, sua confiança e graça brilhando em sua expressão quando ele levantou a cabeça para olhar para mim.
Ele conduziu Star pelo que chamou de uma rotina de dança simples, e ela exibia

uma expressão muito séria enquanto tentava acompanhá-lo. Ela era adorável, mas fiquei fascinado pelo homem com saia de tule que caía abaixo dos joelhos. Quando ele ficou na ponta dos pés, girou em círculos e mergulhou graciosamente, não consegui desviar o olhar.

Quando terminaram, fizeram uma reverência e eu fingi estar na plateia, batendo palmas com entusiasmo. — Isso foi incrível!

— Não há necessidade de exagerar, — disse Lark enquanto Star abraçava suas pernas.

— Eu não estou tentando. Você é tão natural. Como se você tivesse nascido para dançar.

— Obrigado, — ele respondeu com a garganta arranhada. — Faz parte da rotina do nosso próximo recital de outono.

— Você vai usar um tutu? — Eu provoquei.

— Eu gostaria, — ele disse sonhadoramente. — Algo que eu desejava quando criança. As bailarinas podem usar roupas bonitas. Apenas sendo honesto.

Porra, a vulnerabilidade em seu tom. Minha voz saiu trêmula quando admiti: — Você definitivamente está lindo com isso.

Ele olhou para mim. — É realmente isso que você pensa?

Eu balancei a cabeça, meu coração enlouquecendo. — Tudo bem?

— Mais do que bem.— Ele mordeu o lábio enquanto eu o puxava pelos quadris..

— De qualquer forma, Star e eu podemos dar um passeio, já que ainda está quente.

— Você está vindo? — ela me perguntou enquanto Lark foi ajudá-la a tirar a saia. — Não, eu quero usá-lo lá fora.

— Tudo bem, — disse ele, depois olhou para mim. — Você pode vir.

— Gostaria disso. — Meu peito estava apertado, como se meu coração fosse grande demais para minhas costelas, e atribuí isso ao quanto gostava de sair com eles.

— Legal, deixe-me apenas... — Lark pendurou a saia quase com reverência em um cabide e desapareceu em seu quarto para guardá-la.

Então saímos pela porta em direção à floresta, conversando com todo tipo de gente interessante ao longo do caminho. Quando chegamos à beira da floresta, Lark apontou dois caminhos. — Este leva ao lago e este ao ferro-velho.

— Sucata! — Star gritou, levantando os braços no ar, e foi tão inesperado que eu soltei uma risada.

Lark encolheu os ombros. — Ela gosta de olhar todas as coisas.

— Bem, agora você me deixou curioso.

Caminhamos pela floresta enquanto Lark explicava que o tio de Pete era o dono do lugar e que ele e Pete trabalharam lá durante todo o ensino médio. Apenas mais uma camada de Lark descoberta, e eu admito que cada uma foi mais intrigante que a anterior.

Eu também trabalhei quando adolescente, principalmente como assistente no clube de campo dos meus pais. Lark pode ter zombado da ideia, mas alguns daqueles homens não foram gentis com a ajuda, mesmo que você fosse filho de um dos membros. Era como ver o ponto fraco dos ricos, e isso nunca me pareceu certo.

Star correu na frente em busca de pedras bonitas, seu tutu esvoaçando enquanto ela se movia, e isso me fez sorrir. Quando nossas mãos se tocaram uma e outra vez, fui ousado e peguei os dedos de Lark.

— Está tudo bem? — Eu perguntei hesitante.

— Sim, mas você sabe que isso não é…

— Eu sei. Mas nunca segurei a mão de um cara antes.

— Para ser honesto, eu também não, — disse ele, e eu não sabia por que isso me surpreendeu. Junto com sua admissão de que não tinha estado com muitos caras. Ainda assim, mais do que eu.

Apertei nossos dedos com mais força enquanto meu estômago tremia. Quando Star voltou até nós para nos mostrar seus tesouros, ele soltou minha mão e tentei controlar minha decepção. Mas ele estava certo. Não estávamos namorando nem saindo, mesmo que naquele momento eu quisesse estar.

— Nunca estive em um ferro-velho, — eu disse maravilhado quando entramos

na propriedade. Eu não sabia onde procurar primeiro.

Ele sorriu. — Muitas novidades para você.

E a maioria deles envolvendo você.

Havia pilhas por toda parte, de tudo que eu poderia imaginar. Reconheci alguns como motores e baterias de automóveis, mas outras coisas eu não tinha ideia.

— O que é aquilo? — Apontei para uma pilha do que pareciam ser moedas.

— Você não acreditaria no que encontramos nesses carros: toneladas de moedas soltas.

— Huh, acho que faz sentido.

— Será que Pete fará a coisa mágica? — Star perguntou, batendo palmas, e eu ri, me perguntando o que diabos ela quis dizer.

— Na verdade, não tenho certeza se Pete... ah, ele está aqui, — disse Lark, acenando para o amigo, que havia emergido de dentro de uma estrutura de madeira, que poderia ter sido o escritório.

— E ai, como vai? — Pete perguntou enquanto se aproximava de nós.

— Só dando um passeio. — As bochechas de Lark pareciam um pouco rosadas, então me perguntei se ele estava envergonhado com o que Pete poderia pensar sobre eu aparecer novamente. Mas Pete não pareceu se importar quando ergueu a mão em saudação.

— Coisa mágica, — Star disse novamente, puxando a mão de Pete.

— Qual é a coisa mágica? — Perguntei.

— Star, Pete pode não ser capaz de...

— Por que não? — Pete disse encolhendo os ombros, depois tirou um chaveiro do bolso. Ele caminhou até um dos guindastes e pulou no assento.

— Ok, você conhece as regras, Star. Você tem que ficar bem atrás e apenas observar.

Ela ouviu, dando meia-volta em um carro velho e enferrujado, e nós a seguimos.

A essa altura, Pete já havia ligado a máquina e acionado os controles para balançar o que quer que fosse que estivesse preso em direção à pilha mais próxima. Fiquei de boca aberta quando percebi que era um ímã gigantesco que

estava pegando o que quer que fosse de metal na pilha. Os *pings* enquanto a coisa era levantada aparentemente no ar fizeram Star gritar. Enquanto Pete balançava o braço longo para fazer uma pilha com os novos itens colecionáveis, de repente entendi por que ela achava isso legal.

— Uau, eu nem sabia que essas coisas existiam.

— Eles são úteis para separar sucata que vale alguma coisa.

— Ele também pega moedas?

Ele balançou sua cabeça. — Hoje em dia não há metal ou cobre suficiente neles.

— Interessante.

— Aceito curiosidades inúteis por cem, Alex[8], — disse ele, cutucando meu ombro.

Sorri quando Pete saltou do guindaste e voltou para nós.

— Obrigado por entretê-la.

— Ei, eu também me diverti, — eu disse a eles.

Pete fez uma pequena reverência. — De qualquer forma, estou indo para casa em breve. Você está no telhado esta noite?

Lark olhou para mim. — Sim talvez.

— Você deveria se juntar a nós, — eu disse, e Lark sorriu. Torci para não ter exagerado — nas boas-vindas ou no convite.

— Legal, — disse Pete. — Até mais.

Voltamos pela floresta e me senti mais livre do que há muito tempo. Ninguém sabia onde eu estava e isso foi libertador à sua maneira. Não que eu estivesse tentando esconder minha amizade com Lark, mas por enquanto era melhor assim. Além disso, conhecer o mundo real era como uma intrusão, e isso parecia precioso demais para mim.

Lark levantou Star em um tronco de árvore caído e segurou sua mão enquanto ela fingia estar andando em uma trave de equilíbrio, e então ele demonstrou suas graciosas habilidades de equilíbrio em seguida. — Pete e eu costumávamos fazer isso quando éramos mais jovens.

— Eu provavelmente cairia de cara no chão.
— Sem chance. Você evita ser atingido o tempo todo.
— É verdade, mas você provavelmente está em melhor forma do que eu.
— Vamos testar. — Havia um brilho em seus olhos quando ele apontou para longe. — Vou correr com você até aquela grande árvore e voltar. Star vai ficar aqui e nos dizer quem ganhou.
Ela sorriu, já animada com seu papel no jogo.
— Não tenho certeza se... ei, não é justo, — gritei quando ele saiu.
Comecei a correr para tentar alcançá-lo, mas ele foi rápido. No caminho de volta para Star, eu o alcancei e, quando finalmente o alcancei, levantei-o do chão e girei-o. Eu me senti tão feliz naquele momento.
— Talvez você devesse tentar uma posição de running back, — eu disse enquanto Lark gritava, e o coloquei na frente de Star, que estava sorrindo para nós.
Nós ofegamos enquanto olhávamos nos olhos um do outro, e eu queria tanto beijá-lo que doía com isso.
— Foi um empate, — anunciou Star.
— Ele trapaceou, — disse Lark, e eu fingi estar chocado.
— Você trapaceou primeiro.
Ele puxou meu braço. — Vamos, vamos jantar.
Foi exatamente isso que fizemos e fiquei emocionado por ele ter me incluído no plano. De volta ao trailer, ele esquentou o espaguete que sobrou da mãe, o que foi fantástico, e então fiquei por lá enquanto jogávamos um jogo de tabuleiro, assistíamos parte de um filme, e ele colocou Star na cama.
Encontramos Pete no telhado e conversamos sobre uma série de coisas, inclusive sobre nossa estadia no hospital. Gostei de ouvir sobre as memórias deles da escola e sobre a garota que Pete começou a sair, e quando o vento aumentou, jogando nossos copos de plástico, decidimos que era hora de encerrar a noite. Nos despedimos de Pete e então segui Lark para dentro.
Assim que a porta foi fechada, não pude evitar; Empurrei-o contra a parede e

tomei sua boca em um beijo longo e lento, só querendo saborear cada momento desta noite com ele.

A maçaneta da porta balançou, assustando-nos, e nos separamos.

Sua mãe entrou e, depois de olhar entre nós, ofereceu um sorriso conhecedor. — Prazer em ver você de novo, Henry. Desculpe se estraguei seus planos voltando para casa mais cedo.

— Não havia planos, — disse Lark, e ele estava certo. Ele não me convidou e eu não perguntei. Pode parecer estranho, mas algo me disse que ele gostaria de ficar comigo novamente. Ainda bem que não estava errado.

— É verdade, — eu disse, sentindo-me subitamente estranho. — Eu devo ir.

— Você não pode sair antes de comer alguns donuts quentes.

— Quando você coloca dessa maneira, — eu disse, e rimos.

Ficamos no balcão, comendo e conversando um pouco, e naquele momento eu desejei poder fazer esse tipo de coisa com meus próprios pais, mas, infelizmente, não consegui imaginar. Eles raramente se soltam o suficiente para aproveitar as coisas mais simples. Mesmo depois que o câncer quase me tirou deles.

Depois de limparmos, eu me despedi e Lark me acompanhou até lá fora.

— Eu realmente gostei de sair com você de novo, — eu disse a ele.

— Mesmo. Star e Pete também. — Ele olhou para longe. — Você consegue imaginar seus amigos saindo comigo assim - fora de uma festa, quero dizer?

— Talvez. Nunca diga nunca? — Eles gostavam de me irritar com isso, mas na maioria das vezes não eram idiotas completos. Conhecer melhor Lark me aqueceu, apesar de todos os meus medos. — Além disso, você também não quer sair com eles.

— Touché. Mas nunca diga nunca, — acrescentou, imitando o sentimento. — Além disso, você nunca me convidou.

Ele estava certo. Deveríamos ser amigos. Os amigos saíam juntos, e não apenas a portas fechadas. — Na próxima semana é o carnaval de outono. Todo mundo vai para lá.

— Sim, — disse Lark, — vi panfletos na escola.

— Talvez… possamos nos encontrar lá?

—Deixe-me verificar com mamãe e se Emil está indo. Você está dizendo que gostaria de sair?

— Acho que é um bom começo?

Os olhos de Lark continham uma pitada de nervosismo. — Poderia ser um desastre.

— Duvido. O que poderia dar errado? — Eu perguntei rindo, mas meu estômago estava dando cambalhotas. Ok, isso foi ridículo. Estávamos pensando muito sobre isso. Esta era a faculdade – pequena e de elite, sem dúvida, mas ainda assim – e éramos adultos consentidos. Era hora de começar a agir como tal e parar de viver na sombra dos meus pais.

— Acho que veremos. Boa noite, Henners.

Lark

TROUXE uma muda de roupa comigo na sexta-feira seguinte e fiquei depois da escola para assistir ao carnaval de outono naquela noite com Emil, Leah e Justin. Foi divertido porque parecia que eu morava no campus, mesmo que apenas por uma noite. Mamãe teve o dia de folga, então não senti muita culpa. Além disso, ela me incentivou a dormir aqui desde que Emil pediu.

— Olha quem decidiu nos agraciar com sua presença, — Bones anunciou quando segui Emil para dentro de seu dormitório. — Você realmente precisa intensificar seu jogo de festa.

Dei de ombros. — Alguns de nós têm coisas mais importantes para fazer do que festejar.

Ele bufou. — Como o quê? Estudo?

Bem, isso estava começando bem.

— Não dê ouvidos a ele. Ele provavelmente está reprovando em todas as aulas, — disse Emil, e eu ri.

— Não há como falhar. O treinador me colocaria no banco. Ele exalou arrogância. — Talvez alguns de nós não precisem estudar tanto.

— Você está tentando dizer que tem um cérebro aí? Por que não aparece com mais frequência?

Jesus, eles brincavam assim constantemente? Isso seria exaustivo.

— Har-har, tão engraçado. — Bones focou seu olhar em mim novamente. — Pelo menos você se livrou daquela jaqueta horrível.

— Que jaqueta? — Eu perguntei com a garganta seca.

— Aquela preta brilhante, — ele respondeu sem vergonha ou filtro. Que idiota.

— Pelo menos eu tento. — Encolhi os ombros novamente porque era inútil discutir. Até os jeans que vesti hoje eram de segunda mão. Foi o melhor que pude fazer. Felizmente, Henry não pareceu se importar nem um pouco.

— Você nem combina na metade das vezes, — Emil disse, apontando para o

moletom vermelho e o gorro marrom de Bones. — Talvez sua mãe costumava vestir você.

— Se eu combinasse, pareceria que estava me esforçando demais. — Ele se levantou e se espreguiçou. — Com essa nota, estou fora daqui. Indo até o quarto de Spence e Henners, se você estiver tentando me encontrar.

Quando ele saiu pela porta, eu disse: — Não se preocupe, não vamos, — ao mesmo tempo em que Emil dizia algo semelhante. — Azar!

Emil riu. — Deus, que idiota. Estou tão feliz que você veio.

— Eu também.

Logo Leah e Justin apareceram, e vinho barato e chicletes de maconha foram distribuídos. Desta vez tomei um gole de vinho para ter coragem. Eu não sabia por que estava me sentindo tão nervoso.

— Você deve machucar muito as mãos, — disse Justin, apontando para os band-aids em meus polegares. Eu tinha me dedicado a eles na noite passada, antecipando o fim de semana.

Quase disse que era do trabalho, pois o ferro-velho também pode machucar suas mãos, principalmente se você esquecer de usar luvas. Mas o vinho estava bom, então decidi pela honestidade. — A verdade é que tenho o péssimo hábito de mastigar as cutículas até sangrarem. — Desviei o olhar, imediatamente me arrependendo da admissão. O silêncio na sala dizia muito.

Até Leah pigarrear e dizer: — Deus, pensei que era a única com maus hábitos. Eu enrolava tanto meu cabelo quando criança que tinha uma careca.

Meu olhar saltou para o dela. — Como você parou?

— Ainda faço isso às vezes quando estou estressada. Mas comecei a fazer meditação e isso faz maravilhas. Foi o que meu terapeuta recomendou.

— Realmente? — Senti uma onda de alívio.

Ela assentiu. — Eu uso um aplicativo gratuito. Eu vou te ajudar a configurar; talvez isso ajude você também.

— Vale a pena arriscar. — Nunca pensei em meditar, mas estava animado para tentar.

Quando Leah me abraçou, fiquei momentaneamente surpreso, mas retribuí o gesto de todo o coração. Quando Justin e Emil se juntaram, isso se transformou em um abraço coletivo bobo, aquecendo meu estômago. Talvez o fato de eu usar roupas de segunda mão e morar em um estacionamento de trailers não fosse importante para algumas pessoas. Certamente não aconteceu com Henry, e definitivamente também não com Emil.

Talvez eu fosse corajoso o suficiente para compartilhar mais de mim com meus novos amigos.

Saímos pela porta e atravessamos o campus em direção ao campo de futebol, onde o carnaval foi montado. Teria sido difícil perder a instalação da roda gigante e das cabines durante a semana, o que gerou agitação entre os alunos antes da tarde de sexta-feira.

A ordem do dia imediata era procurar comida, já que todos concordamos no caminho que estávamos morrendo de fome. A primeira barraca que avistamos perto da entrada funcionou bem para nós, e logo estávamos sentados em uma mesa de piquenique com nossos nachos, cachorros-quentes e sanduíches hoagie. Ou substitutos, dependendo de quem você perguntou.

Enquanto saboreava meu sanduíche, notei Henry e seus amigos entrando no festival. Quando nossos olhos se encontraram, ele sorriu e acenou, e eu retribuí o gesto.

— Como você conheceu Henners de novo? — Leah perguntou, e eu me mexi desconfortavelmente.

— Nós nos conhecemos no ensino médio. — Emil cutucou minha perna por baixo da mesa, provavelmente me dizendo que estava me protegendo.

— Ooh, olha quem apareceu, — anunciou Emil, apontando para Jessilyn e alguns outros membros da torcida. — Talvez ela dê um passeio com Justin na roda gigante.

Justin riu. — Quanto anos temos, doze?

— Bastante. — Emil enfiou outro chip na boca.

Leah e eu rimos também enquanto víamos Justin observar sua paixão

sonhadoramente. Droga, eu parecia tão apaixonado por Henry? Provavelmente. Não era como se eu pudesse evitar procurá-lo enquanto ele e seus amigos avançavam para dentro do carnaval.

Quando meu telefone tocou com uma mensagem, eu sabia que era ele.

Você já teve uma orelha de elefante?

Muito elástico e peludo para mim, respondi com uma risadinha.

Um bom. Presumo que isso seja um não. Encontre-me no estande em uma hora e podemos compartilhar um?

Parece bom.

Meu estômago vibrou quase todo o tempo que terminamos de comer, e então caminhei em direção à seção de jogos. Paramos para observar os dardos do balão, já que era onde Jessilyn e seu grupo estavam reunidos.

Leah fez sua mágica puxando conversa com Jessilyn já que elas tinham aula juntas. Ela nos apresentou a ela e a seus amigos, embora já tivéssemos nos cruzado antes. Eles pareciam bastante legais, mas não pude deixar de pensar que a garota ruiva era quem estava monopolizando o tempo de Henry na festa que fui. Ela estava interessada nele? Será que ela o procuraria novamente?

Justin estava se segurando e parecia que ele e Jessilyn estavam se dando bem. Fiquei feliz por ele, mas também me senti impaciente à medida que se aproximava a hora de encontrar Henry.

Assim que nos separamos, Justin se virou para o nosso grupo com um enorme sorriso no rosto. — Trocamos números.

— Realmente? — Leah respondeu, tentando manter seus gritos ao mínimo enquanto Emil e eu batíamos nas costas dele.

— E agora? — Emil perguntou. — Estou ficando entediado. Talvez devêssemos voltar para os dormitórios e fazer nossa própria festa.

— Parece um plano, — disse Leah, e Justin assentiu, aparentemente feliz por ir embora agora que seu desejo foi realizado.

Entrei em pânico, tentando pensar em uma boa desculpa. — Espere aí… você se importa se eu ganhar uma orelha de elefante? Disseram-me que eu precisava

experimentar um.
— Oooh, por que isso parece tão bom? — Justin perguntou, e caminhamos juntos até o estande.
— Bem, porra, — disse Emil quando nos aproximamos da longa fila. — Aparentemente, não somos os únicos com a ideia.
— Desculpe, você pode ir se quiser, e eu te encontro lá.
— Não, está tudo bem. Definitivamente podemos esperar.
Percebi Henry se aproximando pela minha visão lateral enquanto meu coração batia forte nas costelas.
— Oh, olhe, alguém que vai nos deixar furar a fila. — Bones acenou para nós enquanto o resto de seus amigos caminhavam para o final da fila.
— Você deseja, — respondeu Emil. — Acho que as pessoas atrás de nós teriam algo a dizer.
— Somos deuses do futebol. Observe e aprenda... — Bones virou-se para os estudantes que estavam atrás de nós enquanto Henry revirava os olhos e seus outros amigos observavam divertidos. — Você se importa se furarmos a fila? Nós, atletas, precisamos de muito sustento.
Uma das garotas disse que ele era ridículo, enquanto a outra disse: —Vá em frente.
Seu sorriso se alargou. — Ver? O que eu lhe disse?
— Que você é um idiota arrogante? — Emil respondeu e eu ri.
— Bones só vai considerar isso um elogio, — Henry disse, então lançou seu olhar para a multidão. Ele acenou para uma família próxima. —O treinador está logo ali, então sugiro que você se junte ao A-Train no final da fila.
— Você não é divertido, Henners, — Bones respondeu com uma carranca.
— Sou muito divertido, mas não quando os professores e os pais estão por perto.
Eu não tinha ideia de que os pais estariam aqui. Eu deveria ter convidado minha família? Quase me senti culpado, mas não, esta noite fora era para mim, até mamãe disse isso.

Henry se virou para mim. — Então você nunca teve uma orelha de elefante antes?

Eu balancei minha cabeça. — Acho que há uma primeira vez para tudo.

Seus olhos queimaram os meus, provavelmente porque ele interpretou isso de uma maneira diferente. Minhas bochechas esquentaram quando ele foi para o final da fila. Emil estava olhando para mim com uma expressão estranha no rosto.

— O quê?

— Nada, — disse ele, depois acrescentou baixo o suficiente para que nossos amigos não pudessem ouvir, — mas posso dizer que avisei?

— Não tenho ideia do que você está falando, — murmurei, e Emil riu enquanto subíamos na fila.

Quando chegou a nossa vez, tirei o dinheiro que mamãe tinha colocado no meu bolso naquela manhã. Eu já tinha comprado um sanduiche, mas sobrou bastante. Eu me senti culpado porque o dinheiro vinha das gorjetas dela, mas ela me fez jurar que iria me divertir e usá-lo, então eu disse: — Por minha conta.

— Não, você não precisa...

— Eu quero, — respondi, e todos se entreolharam antes de me agradecer.

— Quero seis orelhas de elefante, por favor, — eu disse assim que olhei o cardápio e observei o desconto que você teria se pedisse meia dúzia ou mais. Além disso, eles eram enormes, então haveria muito para compartilhar.

— Espere, o que você está fazendo? — Leah perguntou.

— Você vai ver, — eu disse, embora entregar todo o meu dinheiro me fizesse duvidar da minha decisão.

O pedido pareceu demorar uma eternidade e, quando finalmente chegou, virei-me para passar um para cada um dos meus amigos. Então saí da fila e fui em direção a Henry e sua equipe.

— Aqui estão, perdedores, — provoquei. — Não diga que nunca te dei nada.

— Puta merda, seu melhor amigo de infância é incrível, — disse Bones, pegando a guloseima açucarada.

— Espere um minuto, — disse Emil, tirando a orelha de elefante de mim e mantendo-a fora do meu alcance. — Precisamos que você diga isso mais uma vez, mas sobre todos nós.

— De jeito nenhum. — Bones e Emil lutaram um pouco antes de Emil ceder e Bones enfiar um pedaço na boca. Flash e A-Train separaram seções diferentes do segundo e as engoliram enquanto eu estendia a minha para compartilhar com Henry.

— Isso foi muito gentil da sua parte, — disse Henry, me estudando.

— Talvez o programa de dança tenha acabado de ganhar pontos com os jogadores de futebol.

— Pontos, hein? — ele disse, e eu ri.

Dei uma mordida na minha sobremesa e tive que abafar um gemido porque era uma delícia quente, macia e açucarada.

— Ver? Eu te disse.

— Isso pode ser melhor do que os donuts que mamãe traz para casa todo fim de semana.

Henry estava prestes a concordar ou talvez discordar, mas então conteve as palavras e olhou em volta. O único que estava perto era Spencer, mas entendi por que ele ficou em silêncio.

— Cara, vamos ganhar alguns prêmios, — disse A-Train, e seus amigos se voltaram para a seção de jogos.

Henry hesitou e eu entendi porque também não tinha ideia do que fazer.

— Vocês... querem vir? — Henry perguntou ao nosso grupo.

— Erm...— Emil olhou por cima do ombro para onde Bones estava apontando para nós.

— Aposto que posso ganhar um bicho de pelúcia antes de você, — Bones desafiou.

— Oh, não posso perder a chance de gritar com ele, — disse Emil. —Vamos.

Emil, Leah e Justin os alcançaram enquanto eu e Henry ficamos para trás, terminando nossa comida.

— Bem, — disse Henry, — funcionou melhor do que eu pensava.
Eu respirei. — Acho que as orelhas de elefante selaram o acordo.
— Você não precisava...
— Eh, eu queria. Nunca tive a oportunidade de fazer algo assim. — A culpa ainda tomava conta do meu estômago, mas eu também me sentia bem com isso, mesmo não tendo mais dinheiro.
— Quer entrar nos carrinhos bate-bate comigo? Por minha conta. — Henry apontou para os brinquedos, a gigantesca roda-gigante servindo de pano de fundo contra o céu noturno. — Podemos encontrar nossos amigos em um minuto.
— Tudo bem, — eu disse sem hesitar porque era uma oportunidade de passar um tempo com ele novamente.

28

Henry

EU NÃO CONSEGUIA ACREDITAR que tinha conseguido. Eu estava passando um tempo com Lark em público com amigos ao nosso redor. A fila para os carrinhos de bate-bate era relativamente curta, então foi fácil pegar nossos ingressos e entrar nos dois carros um ao lado do outro antes que algum de nós mudasse de ideia sobre sair sozinho.

Assim que os carros começaram a andar, a batalha começou. Nós nos chocamos e rimos tanto que ficamos para o segundo round.

— Oh meu Deus, Lark, acho que não ria tanto há muito tempo.

— O mesmo, — ele disse com um sorriso sonhador no rosto. Eu adorei ver isso.

Quando alcançamos nossos amigos, a maioria não parecia nem um pouco ciente de nossa ausência porque gostavam de competir uns com os outros. Bem, principalmente Bones e Emil, que tinha um bicho de pelúcia nas mãos.

— Segure isso, sim? — Emil disse a Lark, empurrando o urso para ele. — Eu tenho mais algumas bundas para bater.

— Oh, você gostaria, — Bones disse enquanto eles avançavam para o jogo de tiro ao pato, e todos nós o seguimos. Eles foram os primeiros, e quando Bones perdeu novamente, Flash o empurrou para fora do caminho para jogar contra Leah.

— O que é isso, batalha das equipes esportivas de Roosevelt?

— Dança é um esporte? — Bones perguntou, coçando a cabeça.

— É um esporte e uma forma de arte, — respondeu Lark, e Justin deu um soco nele.

Quase comentei que ele tinha praticamente me vencido numa corrida — tudo bem, ele trapaceou —, mas não havia como mencionar isso aos nossos amigos, e eu odiei isso.

Por que não reconhecemos que passamos algum tempo juntos fora do campus? Abri a boca para dizer isso, mas imediatamente me acovardei.

— Onde está Spence? — Eu perguntei, percebendo que ele não estava por perto.
A-Train sorriu maliciosamente. — Lembra daquela garota com quem ele ficou na primeira semana de treino? Bem, ela estava aqui e eles decidiram sair.
— Seriamente?
Flash deu um tapinha no meu ombro. — Ele disse para não esperar acordado.
Interessante. Bom para ele.
— Ei, você quer dar uma chance a este jogo?
— Eu, uh, fiquei sem ingressos, — respondi, subitamente distraído. —Vou pegar mais no estande. — Comecei a recuar quando meus olhos encontraram os de Lark. — Quer uma caminhada? Acho que você disse que acabou também.
— Sim, mas eu... — Ele entendeu. — Ah, sim, claro.
Ninguém parecia prestar atenção em nós enquanto nos afastávamos.
— Você realmente ficou sem ingressos? — Lark perguntou.
— Talvez. — Dei de ombros. — Só não sentia mais a emoção.
— Eu te escuto.
— Você vai, uh, ficar na casa de Emil esta noite?
— Eu vou. Pensei por que não.
— Onde você está dormindo? Na mesma cama? Senti a possessividade tomar conta como uma marca quente em meu peito.
— Eu penso que sim. Por que você está com ciúmes? — ele perguntou com uma risada.
— Talvez eu esteja. Provavelmente não teremos essa oportunidade.
— Talvez seja o melhor.
— O que você quer dizer?
— Já é difícil o suficiente não querer te atacar.
De repente, fomos abordados por um grupo de meninas, algumas da torcida. — Henners! O que você está fazendo?
— Ei, — eu disse para Samantha, que geralmente falava muito comigo, e eu esperava que não fosse o caso esta noite. Fiquei irritado, desejando poder ficar invisível para poder passar todo o tempo que quisesse com Lark. — Só estou

com meu amigo Lark.
— Ei, Lark, — disse um deles. — Esse é um nome interessante. Você estuda em Roosevelt?
— Sim, sou calouro em dança.
E então ficou estranho quando eles me perseguiram com perguntas sobre festas e futebol, acabando por nos pedir para sair com eles. — Na verdade, os outros caras estão na seção de jogos. Por que não ir encontrá-los e, depois de conseguirmos mais ingressos, voltaremos.
— Tudo bem, — disse Samantha. — Vejo você em breve!
Soltei um suspiro quando eles saíram.
— Tem certeza de que não quer sair com eles?
— Agora, quem parece com ciúmes?
Lark sustentou meu olhar. — Talvez eu esteja.
A pontada em meu peito se intensificou. — Ei, você quer sair daqui um pouco? Voltar para o dormitório e sair antes de nos encontrarmos com nossos amigos novamente?
Ele olhou por cima do ombro. — Você acha que alguém vai suspeitar?
— Suspeitar de quê? — Eu zombei, a mesma frustração borbulhando. — Que somos amigos?
— Você está certo, — disse ele, depois sorriu. — Olha quem está sendo corajoso.
Cutuquei seu cotovelo. — É melhor irmos antes que eu perca a coragem.
Saímos do carnaval e seguimos em direção aos dormitórios, felizmente sem encontrar ninguém no caminho.
Assim que abri a porta e acendi a luz, puxei-o para dentro e prontamente girei a fechadura. A ausência de Spencer esta noite era um presente que eu não poderia deixar passar, não importando as consequências.
Eu ofeguei abertamente porque a expectativa de estar próximo de Lark novamente estava fazendo meu coração bater em um ritmo tão errático que eu estava sujeito a ter uma parada cardíaca.

— Eu queria te mostrar uma coisa. — Fui em direção à minha cômoda.
— O quê?
Abri minha gaveta e tirei a carta que ele havia me escrito.
— Puta merda, você estava dizendo a verdade.
— Claro que estava.
Lark olhou para ele, lendo as palavras. — Droga, pareço tão jovem.
Eu ri. — Nós *somos* jovens. Admito que fiquei olhando para o XOXO por dias depois.
— Você fez?
— Uh-huh. Então, talvez desde então, eu simplesmente soubesse. — Era algo em que pensei desde sempre e provavelmente era verdade.
Assim que coloquei a carta de volta em meu lugar seguro, virei-me para Lark.
Seus dedos agarraram minha nuca e seu corpo se aproximou. Tão perto que fiquei preso entre a parede e ele, e embora pudesse facilmente ter passado por ele, não estava reclamando. Na verdade, esta parecia ser a primeira vez que ele estava iniciando, então talvez aquela carta também tivesse sido catártica para ele.
— Henners, — ele disse enquanto seu polegar passava pela minha sobrancelha. — Essa cicatriz foi como eu reconheci você, no nosso primeiro dia de aula.
Eu quase tinha esquecido do meu acidente de futebol quando criança. O fato de ele se lembrar de um detalhe tão minucioso me fez estremecer. Como se uma tempestade elétrica estivesse se formando dentro de mim, cada toque das pontas dos dedos inflamava minha pele, criando uma pontada de desejo desavergonhado.
— Eu quero… eu preciso…
De repente, eu o virei e o empurrei contra a parede. Eu poderia jurar que o ouvi dizer *foda-se* baixinho, o que fez minha confiança disparar.
Ele tremia de necessidade enquanto meus dedos percorriam seu peito e desciam até o cós de sua calça jeans. Eu sabia o que queria experimentar com ele, mas precisava que ele também quisesse.
— E se eu quiser colocar minha boca em *você* desta vez? — Posicionei meu

joelho entre suas pernas e senti seu pau endurecer instantaneamente.
Sua cabeça inclinada contra a parede. — Por favor, Henners.
— Por favor, o quê? — Minha língua saiu para lamber sua orelha e então prendi o lóbulo entre os dentes. Eu não sabia o que tinha acontecido comigo, mas Lark despertou isso em mim. — Me diga o que você quer.
Vi uma vulnerabilidade em seu olhar quando ele olhou para a porta. — Eu quero que você me chupe.
Enterrei minha cabeça em seu pescoço, sentindo alívio e nervosismo ao mesmo tempo. Eu queria fazê-lo se sentir tão bem quanto ele me fez.
Dei um passo para trás para lhe dar espaço. — Sente-se na cama e me ajude com seu jeans.
Suas mãos tremiam enquanto ele puxava as calças e a cueca até os tornozelos. Eu poderia gozar sozinho com essa visão. Seu pênis estava vermelho e cheio contra seu estômago. Os pelos em sua virilha era mais claro que o meu e parecia tão macio quanto as mechas rebeldes de sua cabeça – algo que eu nunca tive a oportunidade de notar em um cara antes.
Quando ele se sentou, caí de joelhos na frente dele, minha voz me traindo enquanto meu nervosismo tomava conta de mim. — Eu... eu nunca fiz isso antes.
— Não importa. Qualquer maneira que você me tocar será bom. Sua voz era baixa e suave em meu ouvido. — Eu só quero *você*. — Eu não conseguia acreditar o quanto suas palavras me afetaram. Esse cara lindo e incrível *me queria*.
E eu o queria, desesperadamente. Mas logo esse pensamento se perdeu no zumbido do meu cérebro quando ele se inclinou para frente e chupou meu pescoço e moveu os dedos ligeiramente por baixo da minha camisa. Ele inclinou a cabeça para pressionar nossos lábios, o que efetivamente abafou a estática nervosa na minha cabeça.
Mudei minhas mãos para seu cabelo e puxei sua boca para a minha. Nossas línguas se chocaram em um ritmo frenético enquanto ofegávamos na boca um do outro. Quando enrolei meu punho em torno de seu eixo, pude senti-lo latejando

contra minha palma.

— Ah, merda. *Por favor.*

Sua súplica me incentivou quando me inclinei para roçar ternamente meus lábios em sua coxa, quadril e barriga, porque o próprio ato era precioso para mim - *ele* estava se tornando precioso para mim.

Lark

EU ESTAVA SENTADO nu da cintura para baixo e exposto na frente dele. Não que Henry não tivesse visto meu pau antes, mas isso era diferente. Esta foi a primeira vez dele e eu não queria que ele se sentisse em dívida comigo ou ansioso.

Quando nossos olhos se encontraram, uma faísca de desejo brilhou em sua íris, e isso ajudou a acalmar meu estômago. Ainda assim, meu lábio inferior tremeu em antecipação.

Quase desmaiei quando ele contornou meu umbigo com a língua. Eu não sabia por que ele parecia tão confiante naquele momento, mas me senti pegando fogo enquanto me contorcia sob seu toque. Quando ele finalmente se acomodou entre minhas pernas, meus joelhos tremeram enquanto eu ofegava abertamente com necessidade crua.

Ele se aproximou mais, e seu hálito quente espalhando-se pelo meu pau foi como um choque para o meu sistema. Mas quando ele beijou a ponta do meu pau quase com reverência, gemi tão alto que tive medo de que alguém do lado de fora da porta ouvisse. Sua mão cobriu minha boca para me calar, mas havia diversão em seus olhos, junto com o que parecia admiração por ter provocado o efeito desejado.

— Eu sei que provavelmente estou me movendo muito devagar, — ele murmurou. — Só estou tentando estar no momento... mostrar o quanto eu quero isso.

— Não, está... — *Me fazendo perder a cabeça.* — Está tudo bem. Nenhuma reclamação minha.

Eu só pude dar uma sugestão de aceno de cabeça enquanto sua boca pairava mais perto de mim, seus lábios a um sopro de distância da minha pele. Meu peito se agitou de ansiedade.

— Legal, — ele respondeu enquanto olhava para meu pau. Quando as pontas

dos dedos dele percorreram os pelos da minha virilha, tive dificuldade em formar palavras porque era tão terno, tão... real. Apenas ele descobrindo as coisas.

Eu estrangulei um palavrão quando ele deslizou a língua pelo comprimento do meu pau, então recuei. Como se estivesse testando.

— Tudo bem? — ele perguntou, olhando para mim.

— Porra, sim. Qualquer... qualquer coisa que você queira fazer está bem, — eu gaguejei.

Ele lambeu repetidas vezes, sua língua circulando a carne macia na parte inferior da minha glande, e eu fiquei à deriva. À deriva em uma névoa de dor e saudade.

Enterrei meus dedos em seu cabelo no momento em que ele colocou a cabeça entre os lábios e chupou. Ele gemeu com o meu gosto, e puta merda, sua resposta crua ao dar uma chupada pela primeira vez pode ter sido a coisa mais excitante sobre ele.

— É tão bom, — eu respirei, e esse era todo o reconhecimento que ele parecia precisar. Ele tentou encaixar mais do meu eixo em sua boca, e eu pude sentir a sugestão dos dentes antes que ele os embainhasse, mas não me importei com isso. Foi como uma boa queimadura visceral.

Ele alternava entre chupar e passar a língua contra mim, e não demorei muito para chegar mais perto do ponto de ruptura.

— Jesus Cristo... tão perto. — Tive aquela sensação de arrepio no estômago, como se estivesse prestes a mergulhar.

Ele segurou a base do meu eixo enquanto balançava contra meu comprimento, e eu balancei contra sua boca, louco de necessidade. Eu só podia esperar que não estivesse sendo muito rude.

Sua boca e sua mão proporcionavam uma fricção escorregadia que atingia um nível devastador. Eu queria viver ali mesmo, naquela bolha de felicidade perfeita. Antes que eu percebesse, pequenos pontos de luz dançavam nas bordas da minha visão e eu não conseguia me conter.

— Porra, Henners... pooorra. — Tentei me afastar dele, mas ele agarrou minhas

coxas e ficou imóvel enquanto eu descarregava em sua boca. E, inferno, eu não conseguia nem entender o que isso estava fazendo comigo, ele estando disposto a engolir meu gozo.

Eu estava muito ocupado tentando controlar meu estômago trêmulo e meus joelhos enquanto flutuava de volta à terra dos vivos. Quando finalmente tive condições de olhar para baixo, o gozo estava vazando pelo queixo de Henry. Eu limpei com meu polegar.

Quando eu amoleci em sua boca, ele se afastou e ofegou com os olhos arregalados. — Tem gosto salgado.

— Demais? — Eu perguntei com a garganta em carne viva.

— Não, eu gostei. — Ele sorriu. — Eu quero fazer isso de novo.

— Bem, você me matou, então... em nenhum lugar remotamente pronto para mais.

Ele riu enquanto se levantava e se espreguiçava.

— Você precisa que eu... — Ele olhou dolorosamente por trás do zíper. — Você vai gozar na minha barriga?

Ele rapidamente desabotoou a calça jeans e abaixou a cueca. Deitei-me na cama, recuperando o fôlego e observando-o. Ele deu um passo à frente com o pau na mão, já se masturbando. Não demorou muito para ele gritar e jorrar na minha barriga.

— Puta merda, — ele suspirou enquanto olhava para a bagunça que tinha feito.

Sorri para ele para que soubesse que adorei, e ele sorriu de volta.

Ele arrumou as roupas e depois foi buscar uma toalha molhada para me limpar.

— Você está bem? — ele perguntou hesitante.

— Muito. — Peguei o pano. — Nenhum arrependimento?

— Sem chance. Essa foi a coisa mais sexy que já fiz, o que provavelmente parece estúpido para alguém como você porquê...

— Alguém como eu? Não estive com tantos caras, lembra? Estava muito quente para mim também.

Os olhos de Henry suavizaram. — Realmente?

— Sim, realmente.
Ele se inclinou para segurar meu rosto, pressionando seus lábios nos meus da maneira mais terna.
Tive novamente a sensação de que nunca tinha sido beijado daquela maneira antes. Henry Albrecht iria me arruinar para os outros caras, e eu não estava fazendo nada para me isolar. E mesmo assim eu não conseguia parar.
Eu me sentei. — Você quer voltar para o carnaval e encontrar nossos amigos?
Ele balançou sua cabeça. — Talvez em depois? Você vai... deitar comigo?
E porra, eu deveria ter dito não, porque isso só me faria desejar mais disso, mas eu não poderia recusar. Ou esta oportunidade. Então eu apenas balancei a cabeça e, uma vez que estávamos vestidos, empurrei-me de volta para a cabeceira da cama. Ele se deitou atrás de mim, me embalando em seus braços.
— Isso é legal, — eu disse.
— Sim, — ele disse com um bocejo. — Perfeito.
Adormecemos um pouco até que um barulho alto nos assustou. Alguém estava à sua porta. Henry pulou no momento em que houve outra batida desagradável.
— Você está aí, Henners? — Bones perguntou.
— Porra, o que fazemos? — Sussurrei enquanto ele andava na frente da cama.
— Finja que você está desmaiado. Apenas... siga meu exemplo.
Henry foi abrir a porta antes que eu pudesse argumentar com ele. Fechei os olhos enquanto meu coração batia forte e ouvi nossos amigos entrarem.
— Que diabos? Você nunca mais voltou, — Bones disse, dentro do quarto agora.
— Lark está bem? — Emil perguntou, então eles devem ter nos caçado como um grupo.
— Sim, nós, uh, fizemos uma dose de Patron e ele desmaiou. Eu não sabia o que fazer, então o deixei ali deitado, pensando que ele poderia ficar sóbrio logo.
Para acompanhar sua história, esfreguei a mão nos olhos e disse: —Por que você está falando tão alto?
Flash começou a rir. — Leve, hein?
— Sim, não acho que Lark beba muito, — disse Leah.

— Acho que não deveria ter encorajado isso, — Henry disse timidamente. — Mas pensei que seria divertido.
— Bem, agora você tem que compartilhar, — Flash disse enquanto todos pairavam ao redor da cama.
— É do estoque de Spencer, — disse Henry. — Ele vai me matar.
— Vamos substituir a garrafa, — disse A-Train.
— Contanto que você prometa. Se ele ficar bravo, é tudo culpa sua.
Felizmente, havia uma garrafa de verdade, que Henry tirou de uma gaveta. Na hora, eu estava sentado e tentando fingir que estava bêbado.
Eles se revezaram com a garrafa, e quando Bones tentou passá-la para mim, eu acenei para ele. — Sem chance. Essa coisa é nojenta.
Todos eles riram. Acho que minha atuação estava funcionando.
Nós saímos um pouco, o que foi bem estranho, mas também foi legal. Bones adorava contar histórias ridículas, e ele estava no meio de uma delas quando Spencer entrou pela porta. — Uau, o que diabos é isso?
— Uma festa sem você, obviamente, — disse Henry. — Você está muito ocupado para ficar conosco.
— Aparentemente sim. — Os olhos de Spencer percorreram o quarto, pousando em mim contra a cabeceira da cama. Porra, ele notou algo fora do lugar ou era estranho eu estar no travesseiro de Henry? — Ei, essa é a minha bebida.
— Eles prometeram substituí-lo, — disse Henry.
— É melhor que seja. — Ele bocejou e se espreguiçou. — Sua festa acabou? Estou exausto.
— Ela cansou você, hein? — Flash disse, e Bones ergueu as sobrancelhas.
— Os meus lábios estão selados. Agora saia.
Todos nós saímos da sala e tentei não me concentrar muito em Henry enquanto me despedia. Eu não queria que isso parecesse estranho, mesmo que definitivamente fosse por toda parte.
Uma vez lá fora, o ar frio batendo em meu rosto foi bom.
— Se sentindo melhor? — Justin perguntou, preocupação em seus olhos.

Quase esqueci por que ele estava perguntando. — Sim, totalmente bem agora.

— A mesma coisa aconteceu com a erva da última vez, certo? — Emil perguntou.

— Sim, então provavelmente não deveria mais participar.

— Não, apenas descanse mais, — disse Emil. — Assim, você não precisará sair até de manhã.

— Ou aumente sua tolerância, — acrescentou Bones.

Ugh, esqueci que ele voltaria conosco para o quarto deles.

Nós nos separamos de Justin e Leah e depois caminhamos para o quarto de Emil. Estávamos todos cansados e arrastados, então ficamos bem quietos no caminho para cima.

Nós nos revezamos no banheiro para nos prepararmos para dormir, e quando chegou a vez de Bones, Emil e eu deslizamos para debaixo das cobertas e ele desligou a luz perto de sua cama. Sim, era estranho dormir ao lado dele, mas não havia outra opção e eu estava cansado demais para me importar.

— Lark? — Emil sussurrou.

— Sim?

— Não foi realmente isso que aconteceu, foi?

— Eu... uh... — eu gaguejei.

— Tudo bem. Estou com você.

Henry

ACORDEI no domingo de manhã com a cama encharcada de suor. Mesmo meus sonhos não me deixavam escapar dos meus pensamentos insidiosos. Eu não tive febre nem nenhum dos outros sintomas que desenvolvi inicialmente com leucemia, e meu último exame foi normal, então provavelmente era uma anomalia. Mesmo perder alguns quilos neste semestre tinha a ver com minha agenda rigorosa, eu tinha certeza disso. Além disso, tínhamos apenas mais cinco jogos na temporada regular e eu precisava estar saudável para chegar aos playoffs, que começaram em meados de dezembro. Eu não poderia decepcionar meus companheiros de equipe, nem meus pais.

Felizmente, Spencer ainda estava dormindo quando me levantei para tomar banho, a calça do pijama grudada em mim. Eu precisaria fazer uma troca de lençóis também.

Meus nervos estiveram à flor da pele durante todo o fim de semana enquanto eu procurava sinais de que meus companheiros de equipe suspeitavam que Lark não estivesse realmente bêbado, que não havíamos voltado ao quarto para beber álcool. Mas se tivessem, teriam apontado isso logo depois de entrarem. E acabou sendo muito divertido, prova de que nossos amigos realmente conseguiam se misturar bem.

Eu também estava preocupado que Emil mencionasse algo para Lark por causa da maneira como ele pareceu nos estudar o resto da noite, e eu mandei uma mensagem para Lark sobre isso ontem. Ele me disse para não me preocupar e eu confiei nele. Além disso, ele sempre manteve as coisas em perspectiva. Talvez ele também soubesse sobre os suores noturnos, se eu tivesse coragem suficiente para mencionar isso.

No chuveiro, eu tremia apesar da água quente enquanto todos os meus medos caíam sobre mim, não apenas sobre os sintomas e meus companheiros de equipe, mas também sobre como meus sentimentos por Lark estavam mudando e se

aprofundando.
No momento em que girei o botão para desligar a água, me senti melhor - ou pelo menos mais composto. Entrei na sala com apenas uma toalha na cintura enquanto Spencer começava a acordar. Coloquei uma calça esportiva e uma camiseta, depois tirei o lençol suado e a fronha.
— Ei, — ele disse, esfregando os olhos. — Você está lavando roupa?
— Sim, achei que era a hora. — Olhei para seu edredom. — Eu diria que é hora de você também.
— Eu poderia ficar por mais uma semana, — disse ele, e eu ri. Eu faria o mesmo se não me sentisse tão sujo esta manhã.
— Existe outro motivo para você estar preocupado com seus lençóis?
— Huh? — Meu estômago apertou. Quando Spencer estremeceu, eu disse: — Apenas cuspa.
— Ok, hum... — Ele se sentou e afofou o travesseiro atrás dele. —Alguns dos caras estão conversando.
— Sobre o quê? — Eu perguntei, embora soubesse. Um dos meus piores medos se concretizou.
— Sobre como você e Lark desapareceram durante o carnaval.
— Bem, primeiro saímos para comprar mais ingressos para os jogos, e depois, no caminho, decidimos tomar alguns tiros primeiro, mas depois Lark...
Ele ergueu a mão. — Você não precisa repetir isso. Você já me contou o que aconteceu.
Afundei na beira da cama, tentando controlar minha respiração enquanto esperava que ele continuasse. Quando ele não disse nada, eu soltei: — Não posso evitar que ele tenha ficado bêbado. Eu não poderia deixá-lo. Não é isso que os amigos fazem: apoiam uns aos outros?
Ele cruzou os braços e me estudou. — É isso que estou tentando fazer, mas se você não me contar o que está acontecendo, como posso defendê-lo?
— Por que você não deixa isso comigo?
— Você sabe como eles fofocam, — ele rebateu.

— O que eles estão dizendo exatamente?
— Flash estava dizendo… — Ele parou quando seu rosto ficou vermelho. — Deixa para lá. É idiota.
— Você deveria me contar para que eu saiba, — eu disse, apesar de ter medo da resposta dele.
— Flash começou, e então A-Train entrou em cena... dizendo que como você nunca fica com garotas, talvez você prefira sair com Lark.
Meu intestino se agitou quando o ácido subiu pela minha garganta. Fiquei ali imóvel pelo que pareceu um minuto inteiro antes de olhar Spencer nos olhos.
— E o que você acha? — Eu perguntei com a garganta arranhada.
— Eu não sei... É verdade que você raramente, ou nunca, fica namorando. Mas até Bones dizer isso, acho que nunca pensei nisso assim antes. Quero dizer, você me contou como você e Lark se conhecem, e tudo isso faz sentido. E eu não traí sua confiança. Eu não faria isso, então se houver mais alguma coisa que você queira conversar, estou aqui para ajudá-lo.
— O quê? Não, eu... — Eu pulei e comecei a andar pela sala.
— Você está pirando agora, Hen. Respire fundo e se acalme.
Eu me virei para ele. — Como você se sentiria se os caras estivessem falando de você? Eu deveria ser o capitão deles, e se não conseguir manter o respeito deles dentro e fora do campo…
— Eles respeitam você muito, e é provavelmente por isso que não dizem isso na sua cara! Talvez eu não devesse ter tocado no assunto.
— Não, estou feliz que você tenha feito isso. — Ele estava certo; Eu precisava me controlar.
Ele assentiu. — Para responder à sua pergunta, acho que provaria que eles estão errados de alguma forma.
— Fazendo o que, exatamente? Ficar com uma garota?
— Bem, sim, — ele respondeu com uma risada, como se fosse a coisa mais simples do mundo.
— Eu não gostaria de usar alguém assim, — eu disse como desculpa, embora

fosse verdade.
— Uh, tenho certeza que algumas garotas gostariam de usar você só para dizer que ficaram com o quarterback. Contanto que vocês dois sejam sinceros sobre isso. Adultos consentindo e tudo mais.
— Sim, eu sei... — Mas só de pensar nisso meu estômago embrulhou.
Eu não queria tocar em ninguém além de Lark.
Será que ele sentia o mesmo por mim? Provavelmente não. O que eu esperava? Eu tive que permanecer no armário e deixamos claro que seria uma coisa casual. Eu não poderia nem ficar tão chateado com isso porque ele me ajudou a saber com absoluta certeza que eu gostava de caras, e eu gostava especialmente dele. O que significava que eu estava perdendo a cabeça. Mas havia muito o que apreciar nele, além dos boquetes e dos beijos. Eu gostava de ficar com ele na casa dele e na escola. Ele era inteligente, interessante e determinado de uma forma que muitos outros estudantes não eram, e isso provavelmente tinha tudo a ver com suas dificuldades. Isso lhe deu profundidade, e agora eu tinha que me perguntar o que ele via em mim.
Considerei contar a Spencer sobre minha sexualidade e fazer com que ele jurasse segredo. Mas isso não faria dele meu guardião do segredo? Como isso foi justo? Se a situação fosse inversa, eu teria feito o mesmo, porque é disso que se trata a amizade. Não foi?
— Spence, eu... estou apenas começando a descobrir coisas sobre mim mesmo.
— Pronto, eu disse alguma coisa pelo menos.
— OK. É legal, cara. Você não precisa oferecer uma explicação – para mim ou para qualquer outra pessoa. Em breve eles começarão a fofocar sobre outra coisa — ele disse, ainda parecendo chateado por ter tocado no assunto em primeiro lugar. — E não se preocupe, você é o capitão de time perfeito e, se tudo correr bem, você nos levará aos playoffs.
Mas eu estaria, se eles soubessem sobre mim e Lark? Ou nos tornaríamos alvo da piada de alguém?
Será que realmente importava tanto se eu caísse em desgraça? Talvez essa tenha

sido a melhor coisa para mim. Mas caramba, quão triste foi que isso fosse considerado assim? Não, definitivamente não evoluímos como sociedade tanto quanto pensávamos. Minha sexualidade seria importante para algumas pessoas e para meus pais – e eles estavam pagando minhas mensalidades, afinal. Droga, por que tudo sempre parecia em risco?

— Obrigado, Spence, — eu disse, e batemos os punhos.

— Além disso, você também conhece meus segredos, — disse ele, referindo-se ao curso e à disputa com os pais.

Ofereci um sorriso triste.

— Mais dois anos e estaremos fora daqui e levando nossas próprias vidas.

— Mal posso esperar, — eu disse.

— Conte-me sobre isso.

— Obrigado por ser um bom amigo.

— Claro.

— Ei, vou tomar café da manhã depois de lavar a roupa, — eu disse. — Você vem?

— Não, quero ficar aqui um pouco mais. — Ele deslizou de volta para baixo dos lençóis.

Sorri ao sair pela porta, feliz por não encontrar ninguém pelo resto da manhã. De qualquer forma, era muito cedo para aqueles curingas.

31

Lark

ERA a noite do recital de dança e eu estava nervoso por me apresentar diante de um público ao vivo. Não que eu não tenha participado de muitas produções ao longo dos anos, mas isso parecia pesar mais. Os outros foram para diversão e para mostrar à mamãe que ela não estava desperdiçando o dinheiro suado em aulas. Não se tratava apenas de uma nota em sapateado e balé, mas também sobre o meu futuro. Eu tinha o que era preciso para ganhar a vida? Caso contrário, decidi que sempre estaria envolvido de alguma forma, seja como professor ou nos bastidores.

O reitor do departamento de dança reuniu os alunos e professores em um grande círculo, o que era praticamente impossível porque éramos muitos, então fiquei longe o suficiente para poder ouvir.

— Todos vocês trabalharam duro neste semestre, praticaram essas rotinas dezenas de vezes e aproveitaram as oportunidades que lhes foram dadas, — disse ela. — Então vamos lá e deixar nossos pais orgulhosos.

Todos nós aplaudimos e depois nos separamos para começar a nos alinhar de acordo com a ordem dos números dos palcos. Eu estava envolvido em quatro rotinas – duas de balé e duas de sapateado – e definitivamente conhecia os passos como a palma da minha mão. Ainda assim, nervosismo e erros podem arruinar tudo.

O primeiro número animado foi executado por todos os instrutores. Esta era uma tradição de Roosevelt e muito legal de testemunhar. Eles eram todos muito talentosos, e a rotina propositalmente otimista com um arranjo contemporâneo deixou o público energizado. Também me fez ansiar pela minha aula de Dança Moderna no próximo semestre.

Minha mãe e Star estavam na plateia, junto com todos os outros pais e famílias que examinariam cada coreografia e dançarina. Pelo menos era assim que sempre acontecia nos recitais dos quais participava. As mães e alguns pais

apareciam nos bastidores para tentar — ajudar —, apenas para serem expulsos pelos instrutores porque estavam atrapalhando ou deixando seus filhos nervosos com lembretes exagerados para que sorrissem ou se lembrassem de certos passos. Talvez eles estivessem vivendo indiretamente por meio dos filhos ou tivessem perdido seu próprio chamado. Mamãe nunca teve esse tipo de interesse e sempre me deu espaço para respirar e, caramba, eu estava grato por isso. Ela esteve na plateia em todas as minhas apresentações e me deu um grande abraço e muito incentivo quando tudo acabou.

Observei dos bastidores enquanto o ato diante de nós se apresentava no palco, esperando ansiosamente que o nosso fosse anunciado. Nosso número era uma versão de — Cisne Negro — da icônica produção *do Lago dos Cisnes*, e os figurinos das duas protagonistas femininas eram tão incríveis que fiquei com um pouco de inveja. Os rapazes usavam meia-calça escura sem pés com camisas pretas de lantejoulas para combinar com o clima da peça, mas não tão chamativos a ponto de desviar a atenção das garotas.

Nossos passos de dança não eram tão complicados quanto os dos protagonistas, especialmente porque estávamos acostumados a fazer muitos levantamentos para exibi-los. Ainda assim, era rigoroso e eu precisava estar no meu jogo. Qualquer movimento errado pode confundir todos. Meu estômago agitou-se de nervosismo, mas no segundo em que pisei no palco e me posicionei, me senti eletrizado. Quase como uma experiência fora do corpo.

Quando a cortina subiu e a multidão ficou em silêncio de ansiedade, recusei-me a procurar minha família na plateia. Olhei para um ponto fixo acima do holofote no fundo da sala, um truque que aprendi sozinho ao longo dos anos.

A rotina transcorreu sem problemas e a multidão aplaudiu vigorosamente.

— Nós arrasamos, — disse Emil enquanto me seguia nos bastidores.

Nós cumprimentamos e depois seguimos caminhos separados para nos concentrar em coisas diferentes. Depois do meu segundo número de balé, corri até o vestiário para me preparar para o meu número de sapateado. Exigiu uma troca de roupa, de meia-calça para calça de smoking preta e sapatos brilhantes

que eu fiz questão de engraxar para esta noite. Então voltei para o palco e entrei na fila atrás de Justin.

O legal desse número é que ele apresentava todos os estudantes de sapateado do sexo masculino. O público aplaudiu quando subimos ao palco e começamos a apresentação com uma popular canção de jazz. Foi rápido e mostramos nossas habilidades enquanto formamos um círculo e executamos truques solo legais que fizeram a multidão aplaudir mais alto.

O número foi um sucesso; A coreografia incrível da Sra. Bardo nos ajudou a brilhar, e ela ficou muito emocionada; seus assobios e palmas me fizeram sorrir enquanto saíamos do palco.

No final do show de duas horas, eu estava sorrindo tanto que minhas bochechas doíam. Pensei que poderia definhar sem poder dançar de qualquer forma, porque era tudo o que eu amava. Segundo mamãe, minha avó era a mesma. Sempre desejei poder conhecê-la, mas ela morreu quando eu era bebê.

Nosso final envolveu um número de palmas onde cada ato foi anunciado e os dançarinos saíram para fazer uma reverência para o público. Depois que fomos chamados, permanecemos no palco, mas voltamos para permitir que o próximo grupo fosse reconhecido. Realizamos uma coreografia ao fundo enquanto esperávamos. Foi ao som de uma música pop que todas as turmas aprenderam para o recital. Foi divertido e uma liberação de toda a tensão. A multidão estava de pé, aplaudindo e balançando ao som da música.

Foi então que finalmente me permiti procurar minha família na plateia. Avistei primeiro os pais de Emil e, algumas fileiras atrás, mamãe e Star estavam sorrindo largamente e batendo palmas ao som da música. Quase tropecei nos próprios pés quando vi Henry parado ao lado de Star e batendo palmas com tanta força que pensei que suas palmas pudessem doer.

Puta merda, o quê? Meus olhos estavam me enganando? Mas não, lá estava ele no meio da multidão, sorrindo e parecendo tão orgulhoso e feliz. Meu coração disparou no peito só de observá-lo.

Depois, saímos do palco para o camarim para nos trocarmos. Havia conversas

animadas por toda parte, mas eu estava tendo problemas para me concentrar. Até Emil teve que dizer meu nome algumas vezes antes de eu responder. Assim que me vesti, coloquei minhas coisas na bolsa e segui Emil até o saguão, onde todas as famílias estavam esperando por nós.

Eu não conseguia respirar enquanto meu olhar examinava todo mundo até pousar em mamãe e Star... e Henry, segurando um buquê de flores.

Star correu para me abraçar primeiro. — Quero aprender a dançar!

Eu sorri. — Vou te ensinar algumas neste fim de semana.

Mamãe foi a próxima, mas mal ouvi suas palavras de parabéns enquanto Henry estava atrás dela.

— Você foi incrível, — disse Henry, aproximando-se e empurrando as flores para mim. — Eu… Sua mãe me disse que isso é o que as pessoas fazem depois de um recital, então aqui está.

Depois de tantos anos, mamãe e eu concordamos que não precisávamos mais de flores, não só porque eram caras, mas eu preferia que ela plantasse seu jardim, algo que ela adorava fazer.

— Obrigado. — Cheirei as rosas e os cravos por hábito, completamente atordoado por ele estar parado na minha frente. — Por que você não me disse que estava vindo?

— Porque foi uma surpresa, bobo, — disse mamãe, pressionando o ombro no meu.

Os alunos ficaram boquiabertos ao passar por nós, o que pareceu muito estranho.

Eu me inclinei para frente. — Você foi corajoso em aparecer aqui. É muito legal que você tenha vindo.

— Isso é o que os amigos fazem, — disse ele, e então ficamos olhando um para o outro por muito tempo. Emil e Justin se aproximaram de suas famílias para conversar, ambos parecendo confusos com a presença de Henry.

Leah perguntou o que ele achou do show.

— Foi demais, — disse ele, e ela sorriu.

Quando as famílias começaram a sair, Henry disse: — Bem, vou embora.

— Obrigado novamente por ter vindo, — respondi, sustentando seu olhar.
Quando ele se virou e se dirigiu para a saída, eu o observei ir.
Mamãe jogou o braço em volta de mim e apertou.
— Não acredito que você sabia disso, — eu disse.
— Ele apareceu no restaurante uma noite para me perguntar sobre ingressos.
Minha boca se abriu. — Ele fez?
— Sim. Pediu-me para manter segredo, concordei e disse a ele para se sentar conosco.
— Eu... ainda estou em choque, eu acho.
Mamãe riu. — Alguém está apaixonado.
— Não, eu…
— Eu quis dizer Henry, — ela disse com uma piscadela, depois pegou a mão de Star. — Vamos para casa comemorar com um bolo.
Eu os segui atordoado, olhando pela primeira vez para o cartão que acompanhava as flores. Meus passos vacilaram quando abri o pequeno envelope, tirei a mensagem e a li.
Você é lindo. E eu desejo de alguma forma, que você possa ser meu. XOXO

32

Henry

EU ESTAVA ME SENTINDO EXPOSTO nas aulas da manhã do dia seguinte e não achei que fosse minha imaginação. Eu me coloquei à disposição de Lark ao assistir sua apresentação – que, aliás, foi incrível. E depois levar flores para ele e escrever um bilhete particular, assim como ele havia me escrito há tantos anos.

Quando Spencer perguntou para onde eu estava indo ontem à noite, hesitei em contar a ele. Ele provavelmente somaria dois mais dois assim que eu mencionasse Lark. Por enquanto, minha admissão durante nossa conversa anterior foi suficiente.

Eu ainda me preocupava se Spencer manteria minha confiança se fosse colocado em uma situação difícil ou ultrapassasse seu limite. Eu odiava me sentir assim, mas não nos conhecíamos há muito tempo.

Assim que me juntei a Lark na aula de pré-cálculo, houve um murmúrio baixo na sala. Lark também estava ciente disso porque me mandou uma mensagem do outro lado da mesa.

Sinto como se as pessoas estivessem olhando para mim a manhã toda.

Mantive meu olhar fixo no telefone enquanto digitava furtivamente: **Eu também.**

Alguém até me perguntou se éramos amigos.

Revirei os olhos. **Rude.**

Não tenho certeza se as flores ajudaram, **mas eu as adoro. Coloquei-os em um vaso assim que cheguei em casa.**

Um sorriso surgiu em meus lábios. Ele não mencionou o cartão, mas tudo bem.

Eu respondi: **provavelmente me entreguei, mas… não me arrependo.**

Nossos olhos se encontraram brevemente antes de ambos desviarmos o olhar. Muito suave.

Talvez devêssemos ficar quietos um pouco? Digitei com relutância.

Sim, suponho. Ele adicionou um emoji carrancudo.

Eu também não gosto disso.

No almoço, entrei na fila da comida, embora não tivesse certeza se conseguiria comer alguma coisa. Lark estava sentada à mesa dos dançarinos, do outro lado da sala, longe dos meus amigos de futebol. Eu gostaria que pudéssemos sentar todos juntos e conversar, como fizemos no carnaval. Mas, como era de se esperar, todos tendiam a se retirar para os grupos de amigos. Isso me lembrou do ensino médio, então não mudou muita coisa. Aposto que não era assim nas universidades maiores, com tantos milhares de estudantes que você nunca saberia seus nomes, mas o que eu sabia? Sempre fiz parte de escolas e clubes exclusivos onde o status e os círculos sociais eram importantes.

Talvez fosse *eu* quem estivesse perdendo.

Quando nossos olhares se chocaram, não pude deixar de sorrir e Lark retribuiu o gesto, embora seu sorriso parecesse um pouco triste. Endireitei os ombros enquanto caminhava em direção aos meus companheiros de equipe e me sentei. Enfiei comida na boca para não ter que bater papo, mas senti falta da agitação. Quando a tensão se tornou insuportável, não aguentei mais.

— O quê? Fale logo, — eu disse e notei Spencer na minha visão lateral, franzindo a testa. Talvez ele pudesse ter me avisado, mas eu mantive meus planos em segredo na noite passada.

Flash sorriu. — Então, como foi o recital de dança?

A-Train levou a mão à boca para conter o riso.

— Cara, sério? Qual é o problema?

— Obviamente era uma coisa se as pessoas estivessem falando sobre isso. Você até deu flores para ele e saiu com a família dele, — respondeu Flash.

Ugh, então lá estava, tudo.

Os olhos de Spencer se arregalaram, mas ele ainda estava me protegendo. Ele estendeu a mão e apertou meu ombro para me apoiar ou para que eu relaxasse. Mas não fez nada para me acalmar.

— Vou perguntar de novo: qual é o problema? — Eu estava vendo vermelho e tentando controlar minha respiração antes que todas as cartas caíssem. Eu

poderia ter inventado desculpas como sempre, mas desta vez me senti frustrado e queria respostas.
Flash encolheu os ombros. — Parece que você está saindo muito com ele.
— Por que você se reúne tanto com os caras do clube de xadrez? — Eu respondi, mencionando seu hobby favorito, que ele tendia a manter em segredo. Foi um golpe baixo, mas eu estava me sentindo mal.
Seu rosto ficou vermelho, mas ele se endireitou e me olhou nos olhos. — Porque gosto de xadrez e sou bom nisso. Sim, esses caras são nerds, mas eu também sou no meu tempo livre.
Boa resposta, honestamente. E se eu não estivesse me sentindo tão desconfortável, eu poderia até ter dito isso a ele.
— Não diga isso às mulheres, — Bones disse com uma piscadela.
— Eh, algumas provavelmente gostariam, — disse Spencer. — Use óculos de nerd e você estará perfeito.
Os caras riram, mas eu não consegui participar.
— Então você está dizendo que secretamente gosta de dançar? — Flash perguntou.
— Estou dizendo que eles são atletas talentosos. Conheço Lark desde a infância e apoio meu amigo. Não sejam idiotas. Aí. Eu disse o que queria. Tipo isso.
— Eu entendo que vocês dois são velhos amigos, mas isso parece um pouco... quero dizer, flores?
— Aparentemente é isso que você faz depois dos recitais de dança. A mãe dele me contou isso. Além disso, como é diferente de quando ele veio ao nosso jogo para me apoiar?
Bones sorriu. — Hum, sem flores?
— Eu não me importaria de ganhar flores depois dos jogos, — disse Spencer, e eu respirei.
— Certo? — Flash disse, então levantou a voz. — Quem vai me trazer flores depois do nosso último jogo em casa esta semana?
Alguns estudantes no refeitório riram, embora não tenham entendido direito —

ou será que não?

Mas meus olhos foram atraídos para a mesa de Lark. Suas bochechas estavam vermelhas e Emil estava dizendo algo para ele. Notei novos band-aids em seus polegares hoje, o que significava que isso também estava afetando ele, e me senti culpado porque se eu nunca tivesse aparecido ou dado flores a ele, ninguém estaria falando sobre isso hoje.

— Que tipo de flores você gosta? — uma das líderes de torcida respondeu da mesa ao lado da nossa.

Flash fingiu pensar sobre isso enquanto seus olhos adquiriam uma aparência distante. Então ele olhou para mim. — Que tipo de flores você comprou?

— Vá se ferrar, — respondi. — Você está me dizendo que não tem uma flor favorita?

— Nunca pensei nisso antes. — Ele olhou para a líder de torcida. —Surpreenda-me.

— Ok, — ela disse, e alguns deles riram como se Flash fosse a coisa mais fofa, mas eu queria torcer o pescoço dele.

Levantei-me para jogar fora minha comida. — Vejo você no treino.

— Sim, senhor... Capitão,— Bones disse com uma saudação, e eu revirei os olhos.

— Ele vai chutar a sua bunda, — ouvi Spencer dizer enquanto me afastava. — Vocês precisam deixar isso descansar.

Mas eles fariam isso? Mesmo que não o fizessem, eles simplesmente encontrariam outra coisa para me irritar. Ainda assim, isto era algo completamente diferente porque por trás de todas aquelas provocações, eles estavam questionando a minha sexualidade, e isso era algo que eu não deveria ter que explicar a ninguém. Não até que eu estivesse pronto. E primeiro, eu precisava passar por esta temporada e semestre.

Ao sair do refeitório, meu peito se contraiu dolorosamente e agarrei-me à parede para recuperar o fôlego. Meu coração estava acelerado e parecia que ia explodir. O que diabos havia de errado comigo?

Fui até o banheiro e me tranquei em um box para tentar me orientar. Eu me senti tão oprimido, irritado e chateado ao mesmo tempo. Por que tinha que ser assim? Por que eu não conseguia simplesmente admitir que era gay e que sentia algo pelo meu amigo?

Mas pensar nas repercussões, especialmente no que diz respeito aos meus pais, era ainda pior. Descansei minha cabeça contra o metal frio da cabine, o que me fez sentir bem.

Quando ouvi alguém entrar no banheiro, congelei.

— Henners? — Era Lark. — Você está aqui?

— Sim. Eu só... precisava de um minuto.

— Ok, posso ir embora. — Ele parecia estranho. — Eu só estava preocupado.

— Não, não vá embora. — Flexionei meus dedos contra a parede, mas não estava pronto para sair e encará-lo. — Como você sabia?

— Assim que Flash mencionou flores, eu soube. E então sua expressão quando você estava saindo…

— Sim... obrigado por me verificar. Eu ficarei bem. Isso está acontecendo ultimamente.

— O que está acontecendo?

Devo admitir isso para ele? Mas, na verdade, ele era o único que entenderia.

— Meu peito está estranho e fico quente e úmido. Eu também tive suores noturnos algumas vezes. — *Mais de algumas vezes.* Ele ficou assustadoramente silencioso. — Lark? Ainda aí?

— Sim claro. — Ele limpou a garganta. — Você contou aos seus pais?

— Não. De jeito nenhum. Eu só tenho que passar por esta temporada. Muita gente conta comigo.

— O futebol não é mais importante que a sua saúde. — Ele fez um som frustrado. — Você, entre todas as pessoas, deveria saber disso.

— Obviamente, você está certo. E prometo que se esses sintomas continuarem acontecendo, marcarei uma consulta médica assim que a temporada terminar.

— *Porra,* — ele disse baixinho. — O que seus amigos estavam dizendo para

você?

— Eles mencionaram o recital e eu trazendo flores para você.

— Tive a sensação de que isso iria acontecer. O que você disse?

— Eu disse a eles que é isso que os amigos fazem quando se apoiam. — Minhas palavras soaram vazias, embora fossem verdade. — Eu gostaria de ser tão corajoso quanto você.

— *Ei.* — Sua voz ficou subitamente mais próxima, então ele deve ter encostado a cabeça no lado de fora da porta. — Você é corajoso. Você não pode evitar a pressão de seus pais. Eu gostaria que eles tornassem tudo mais fácil para você.

— Sim eu também.

Com a voz trêmula, Lark perguntou: — Você quis dizer o que escreveu no cartão?

— De todo o coração, — respondi sem hesitação.

Lark suspirou sonhadoramente. — Eu quero isso também.

Parecia que minha pele estava muito apertada para o meu corpo quando um enxame de borboletas subiu em meu estômago.

Quando a porta se abriu e mais vozes entraram no banheiro, Lark se despediu silenciosamente e saiu.

Na hora certa, como se fosse foder ainda mais comigo, meu telefone tocou com uma mensagem do meu pai.

Filho, precisamos conversar.

Que diabos? Ele já poderia ter ouvido? Mas o momento era suspeito. Agora eu senti vontade de vomitar.

Obriguei-me a perguntar: **Sobre o quê?**

Prendi a respiração enquanto esperava pela resposta dele. Pareceu levar dez horas.

Você sabe perfeitamente bem.

Jesus, porra, Cristo, ele estava falando sério?

Não há nada para falar. Tenho que ir para a aula.

Esperei um minuto antes de sair da cabine, meu estômago ainda embrulhado.

33

Lark

— O QUE HÁ DE ERRADO, QUERIDO? — Mamãe me perguntou.

— Huh? — Era sexta-feira, depois da aula, e eu estava sentado à mesa com meu laptop aberto. Ele era usado e lento para fazer upload de qualquer coisa, mas de jeito nenhum poderíamos pagar por uma atualização. Eu estava economizando meu salário do ferro-velho para um dia chuvoso. Certamente haveria muitos.

— Você estava olhando para o espaço. — Ela deslizou ao meu lado e levantou minha mão. — Além disso, você está mastigando os dedos em carne viva novamente. Isso sempre significa que algo está incomodando você.

Suspirei. — Comecei a fazer meditação com um aplicativo gratuito recomendado por Leah, mas só estou fazendo duas sessões e ainda não consegui me aprofundar. Muita coisa em minha mente.

— Talvez você também devesse começar a consultar um terapeuta. Fomos negligentes em não fazer isso antes.

— Você sabe que não podemos pagar isso.

— Eu investiguei isso. Meu seguro cobrirá as primeiras consultas e podemos resolver o resto depois disso. Uma das recepcionistas da lanchonete disse que faz sessões online, o que ajuda no transporte. Vamos pelo menos dar uma olhada nisso.

Meu coração estava na garganta. Talvez eu deva. — OK. Mas ainda quero tentar a meditação.

— Não faria mal.— Ela beijou minha bochecha. — Então... o que está incomodando você? É Henry?

— Mais ou menos? Ele ter aparecido no meu recital com flores está causando todo tipo de boato.

— Suponha que eu não esteja surpresa. — Ela franziu a testa. — E ele não saiu, certo?

Eu não tinha contado à mamãe o que nós dois estávamos fazendo, mas ela

obviamente podia adivinhar.
— Nem mesmo perto. E de jeito nenhum ele quer sair ainda, então ele está se culpando por isso.
— Pobre querido. Espero que isso não esteja afetando a saúde dele. A mente e o corpo têm uma maneira estranha de afetar um ao outro.
Eu não mencionaria o quanto estava preocupado em encontrar Henry escondido no banheiro, e esperava estar errado sobre seus sintomas. Ele precisava ser examinado, mas de jeito nenhum eu iria importuná-lo sobre isso.
— Sim, eu ouvi você. Vou ficar de olho nele.
— Boa ideia. Convide-o mais. — Ela piscou. — Gostamos de tê-lo por perto.
— Talvez eu vá.
Mamãe se preparou para o trabalho e, quando Star e eu estávamos prestes a começar a jogar um jogo de tabuleiro, ela pegou Star no colo e a abraçou. — Vejo você pela manhã, mocinha. Seja boa para o seu irmão.
Levantei-me e acompanhei-a até a porta, recebendo sugestões de última hora sobre o que fazer para o jantar. Quando ela saiu, notei Pete por cima do ombro dela. — Ei você!
Ele se aproximou enquanto mamãe se despedia e ia para seu veículo. Falando em dias chuvosos, o carro dela já tinha visto dias melhores e estava fadado a falhar a qualquer momento. Foi aí que o ferro-velho e o tio de Pete foram úteis. Ele era bom com carros, tinha muitas peças usadas e pôde nos ajudar ao longo dos anos.
— Quer sair hoje à noite depois de colocar Star na cama? — Não nos víamos muito ultimamente. Ele sabia que eu estava ocupado com ensaios gerais e treinos extras, algo que ele entendeu totalmente, tendo testemunhado tudo isso durante o ensino médio. Ele assistiu a alguns dos meus recitais, mas apenas por lealdade a mim. Os programas poderiam parecer longos e chatos, especialmente se você não se importasse com dança, então eu disse a ele que ele não deveria se sentir obrigado. Eu podia ver o alívio em seus olhos. Além disso, não era como se eu fosse a feiras de carros antigos com ele e seu tio, algo que o interessava muito. Bastava que ele me apoiasse, não importa o que acontecesse.

— Desculpe, tenho um encontro com Jenny.
— As coisas parecem mais sérias, — eu disse, notando o brilho em seus olhos.
— Talvez. Eu realmente gosto dela, Lark.
— Eu posso dizer. Você acha que é mútuo?
— Eu certamente espero que sim. — Ele timidamente desviou o olhar. — Mas sim, pode ser.
— Estou feliz por você.
— Obrigado. — Ele arqueou uma sobrancelha. — E você?
Recapitulei o recital e o que estava acontecendo com Henry e as flores até que Star apareceu na porta e puxou minha manga, já que ainda não tínhamos começado nosso jogo.
— Droga, — Pete simpatizou. — Eu gostaria que pudesse ser diferente. Aguente firme, amigo.
— Eu vou.
Star e eu voltamos ao nosso jogo, mas Henry estava em minha mente. Nunca conversamos sobre seu hábito de aparecer, mas secretamente gostei de antecipar isso. Ele não apareceu na sexta-feira passada por causa de um jogo fora de casa para o qual o time viajou de ônibus na noite anterior. O jogo de amanhã também seria mais distante, mas o time partiria de madrugada.
Depois de preparar um jantar de sopa e sanduíches para nós, levantei meu celular para mandar uma mensagem para ele e desejar-lhe boa sorte no jogo.
O que você está fazendo?
Quando não houve resposta, percebi que ele estava ocupado, então deixei passar.
Eu estava ajudando Star com o banho e o pijama quando meu celular tocou.
Olhe pela sua porta.
Eu sorri. **Me dê alguns minutos.**
Levei Star para sua cama e a coloquei na cama. Ela ficaria muito animada para dormir se colocasse os olhos em Henry primeiro.
— Você vai ler para mim? — ela perguntou com um beicinho.
— Sim, deixe-me limpar e já volto.

Peguei alguns livros de sua estante e os espalhei na frente dela antes de sair do quarto e ir até a porta para deixar Henry entrar.

— Desculpe, eu só queria levar Star para a cama, — eu sussurrei.

— Vou ficar quieto, — ele disse, andando na ponta dos pés atrás de mim. — Está tudo bem? Que eu vim?

Meu rosto ficou vermelho. — Eu esperava que você fizesse isso.

Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. — Temos uma viagem de ônibus cedo, então não posso ficar muito tempo.

— Deixe-me ler para Star e já volto. Sinta-se à vontade.

Nós sorrimos um para o outro como idiotas antes de eu voltar para Star, esperando que ela não implorasse por mais histórias esta noite. Mas quando entrei, ela já estava dormindo com um livro apoiado na barriga. Movi-o suavemente, depois apaguei a luz e fechei a porta.

— Ela está dormindo, — eu disse, notando que Henry estava sentado no sofá, sem tênis.

— Venha aqui, — ele disse, e eu subi em seu colo, me perguntando o que diabos estávamos fazendo, mas também não querendo interromper nosso pequeno ritual de sexta à noite por nada. Quando ele me envolveu em seus braços grandes, senti-me calmo e desejei poder fazer o mesmo por ele. Os alunos ainda estavam cochichando sobre nós na faculdade, mas ele estava disposto a ignorar os rumores por enquanto, e eu tive que seguir seu exemplo, embora eu desejasse com todas as minhas forças que nós dois estivéssemos fora e não tivéssemos nenhuma preocupação no mundo. Pelo menos quando se tratava de nossa sexualidade. Mas raramente era assim que a vida funcionava.

— Recebi um telefonema dos meus pais novamente.

— A respeito?

— O que você acha?

Aparentemente, seus pais ouviam todas as fofocas, e parecia tão ridículo e exagerado que eles estivessem tão envolvidos.

— É quase como se eles frequentassem a faculdade conosco, — eu disse com

uma risada vazia.
Ele fez um som frustrado. — É uma pena que ele fale com o treinador regularmente. Isso não me cai bem, não mais. É muito desconfortável.
— Talvez você devesse conversar com seu treinador sobre isso.
— Talvez eu deva. — Ele franziu a testa. — Mas só depois do jogo de amanhã. É um grande problema.
— Por quê?
— Porque os Sentinels e os Panthers estão lado a lado pela cabeça-de-chave.
— Isso significa primeiro lugar, certo?
— É mais complicado que isso, mas sim. Tivemos um ótimo ano e queremos manter esse ritmo.
— Faz sentido. O que quer que você decida sobre o treinador, estarei aqui para ajudá-lo.
— Porra, obrigado. — Ele me puxou com mais força em seus braços e adorei me sentir quase engolido por ele. — Você é o único ponto positivo do meu dia.
Meus lábios encontraram sua orelha. — Me beija?
Então ele fez. Nossos lábios e línguas se encontraram em uma dança lenta e suave até que nos afastamos para recuperar o fôlego.
— Vejo que minhas flores ainda estão fortes, — disse ele, olhando para o balcão perto da janela.
— Certo? Mas isso é exagero, no entanto; as folhas estão murchando.
— Você, hum... — Ele limpou a garganta, parecendo envergonhado e cauteloso.
— Sua mãe viu meu cartão?
— Sem chance. Eu o tenho escondido no meu quarto. Vou guardá-lo assim como você guardou meu bilhete do hospital.
Seus olhos suavizaram. — Eu tenho uma confissão a fazer.
— O quê?
— Eu... trouxe seu bilhete na minha bolsa de ginástica para o jogo da semana passada. Eu sei que parece bobagem, mas de alguma forma isso me faz sentir mais calmo, como se você estivesse comigo e eu tivesse o seu apoio.

Meu coração bateu forte. — Não é idiota. É romântico, Henners. Você está tentando me fazer desmaiar?

— Talvez. — Ele sorriu. — Vou levá-lo comigo para o jogo de amanhã também. É uma longa viagem de ônibus.

Eu o puxei para um beijo lento e ardente. Nós não fizemos nada além de dar uns amassos, mas provavelmente foi o momento exato em que percebi que meus sentimentos por Henry haviam mudado. Eu tinha me apaixonado por ele e não tinha ideia do que fazer a respeito.

— Eu preciso ir. O técnico impôs toque de recolher esta noite, e eu sou o capitão do time e tudo mais, — disse ele, levantando-se com relutância. —Mas vou sentir falta dos donuts.

Eu ri. — Haverá muito mais vezes.

— Espero que sim.

Nós nos abraçamos uma última vez. — Boa sorte amanhã.

Então eu o observei partir.

Henry

A VIAGEM DE ÔNIBUS foi tranquila naquela manhã e fiquei feliz por isso.

Eu cheguei em casa a tempo para o toque de recolher na noite passada e fiz questão de reprimir os outros, lembrando-lhes o quão importante era o jogo de hoje. Claro, nosso histórico era muito bom, mas isso significava que também precisávamos vencer o resto da temporada.

Estávamos jogando contra um time difícil, com um histórico semelhante, e o treinador nos trabalhou duro esta semana. E meu pai estava me trabalhando duro do outro lado. Deus, a pressão em meu peito pesava cerca de 22 quilos esta manhã, e Spencer estava muito grogue para perceber o quanto eu suava em meus lençóis. De novo.

Felizmente, minha dor de cabeça mortal desapareceu com o café da manhã, que foi fornecido pelos assistentes técnicos. Mas antes que eu pudesse embarcar no ônibus e me dar ao luxo, precisava correr de volta para o meu quarto. Assim que vasculhei minha gaveta e coloquei a carta de Lark no bolso do meu moletom, me senti melhor.

A noite passada parecia diferente entre nós. Ternos e cuidadosos, como se disséssemos coisas com a boca que não podíamos dizer em voz alta. Além disso, aquele gosto de melancia em sua língua sempre me aqueceu profundamente. Eu queria desesperadamente estar com Lark, mas não sabia como isso seria possível. Eu poderia dizer que toda aquela atenção estava afetando-o, e certamente estava me desgastando também.

Sentei-me em um assento ao lado de Spencer enquanto os sanduíches de rolinho de porco eram distribuídos. Uma vez saciado, levantei-me para ajudar a recolher as sobras em um saco de lixo e levei-o para a frente do ônibus.

Quando me sentei, lembrei-me da carta e procurei no bolso para recuperá-la e colocá-la na bolsa. Mas tudo que senti foi ar. Verifiquei meu outro bolso, que estava vazio, então já devia tê-lo guardado em meu estado grogue.

Acalme-se, disse a mim mesmo enquanto tirava minha bolsa de debaixo do assento e vasculhava-a, apenas para voltar de mãos vazias. Será que eu apenas imaginei enfiá-lo no bolso? Talvez estivesse caído no chão do nosso dormitório. Isso não ajudou em nada a acalmar meu pânico enquanto eu vasculhava todos os compartimentos da minha bolsa novamente, desta vez com mais frenesi.

— O que está errado? — Spencer perguntou. — Você esqueceu alguma coisa?

— Não exatamente. — Enfiei a mão no bolso novamente. — Perdi alguma coisa.

— O que é?

— Um… pedaço de papel com algo escrito.

— Uma lista de tarefas? — Suas sobrancelhas franzidas. — Basta fazer outro.

— Não, não é… eu não posso…

— O que diabos é isso? — Flash disse, curvando-se para pegar algo no corredor.

Senti uma pontada de pânico quando saltei da cadeira para pegar o bilhete dele, mas ele já o estava segurando e lendo em voz alta.

Henners,

Você significa muito para mim.

Eu nunca te esquecerei.

Tem sido muito difícil, mas você tornou tudo melhor.

Estarei torcendo por você. Boa sorte.

XOXO,

Lark

— Oooh, — meus companheiros gritaram.

— Então é verdade? — Flash perguntou. — Você e Lark?

— O que é verdade? — Eu disse com uma voz estrangulada que nem eu reconheci. — Dê-me a porra da carta.

— Era isso que você estava procurando? — Spencer perguntou atrás de mim.

— Sim, uma nota da nossa infância. — Meu estômago estava latejando. Eu odiei que ele tivesse lido em voz alta e agora todo mundo estava se perguntando o que diabos eu estava fazendo com o bilhete, para começar.

— *XOXO,* — Flash provocou.

— Abraços e beijos, — acrescentou A-Train com ruídos de beijo. — *Você significa muito para mim!*

— Você parece um idiota! — Spencer disse, e houve risadas nervosas de outros companheiros de equipe.

— Primeiro as flores e agora um bilhete de amor? — Flash disse. —Apenas confesse já, Henners!

— Éramos crianças, idiota. Veja a caligrafia! Estendi a mão para pegar o papel, mas Flash resistiu, o que resultou em rasgá-lo ao meio. — Seu idiota!

— Por que diabos você está tão fora de forma? — Flash disse, finalmente entregando o bilhete. — Estamos apenas brincando com você.

— O que está acontecendo aqui atrás? — A voz do treinador cresceu.

— Nada que eu não possa resolver, — respondi com os dentes cerrados. Isso era tudo que eu precisava: que o treinador descobrisse o motivo de toda aquela provocação.

— Tem certeza que?

— Sim, tenho certeza. — Lancei um olhar penetrante aos meus companheiros de equipe e sentei-me ao lado de Spencer.

— Bom, — disse o treinador enquanto o ônibus ficava em silêncio. —Agora vamos preparar nossas cabeças para competir.

Sentei-me rigidamente, segurando as duas partes do bilhete na mão, tentando entender o que acabou de acontecer.

— Por que você tem isso com você? — Spencer sussurrou.

— Porque eu... — Eu caí contra o assento. — Não sei. É difícil de explicar.

Ele franziu a testa. — Não se preocupe. Tudo ficará bem.

Ele sabia; Eu podia ver isso em seus olhos. Ele sabia que isso era mais do que apenas o bilhete. Era sobre o que a nota representava.

— Talvez você devesse contar a eles sobre o câncer.

— Mas por que eu deveria fazer isso? A nota era pessoal e eles violaram isso.

— Eles estavam apenas sendo idiotas imaturos. — Ele franziu a testa. — Eu sei que isso não é desculpa.

— Sim, eu sei. — Suspirei. Obviamente eles não entendiam por que tudo isso estava me afetando. Eu provavelmente os estava assustando porque estava sendo excessivamente emotivo. — E se isso tivesse acontecido com você, sobre algo que você estava tentando manter privado?
— Eu não sei. Talvez rir e brincar, mesmo que doa?
— Eu provavelmente faria isso se não fosse pelo meu pai.
Suas sobrancelhas franzidas. — Como ele saberia disso?
— Ele descobre tudo. Ele e o treinador são próximos.
— Porra, ok. Agora eu entendi. — Ele deu um tapinha no meu ombro.
— Obrigado. — Encostei minha cabeça no assento. — Que bom que meus pais não estarão no jogo.
— Eu te escuto.
Houve um burburinho baixo ao redor do ônibus durante o resto do caminho até o estádio, e eu sabia que eles estavam falando sobre mim e fazendo perguntas uns aos outros. Mas eu não tinha coragem de abordar isso com eles. Eu poderia explicar que Lark e eu tivemos câncer quando crianças, mas estava com raiva e teimoso por causa disso. *Fodam-se eles.*
O resto da viagem de ônibus foi horrível, e os caras nem tentaram suavizar o caminho. Para ser justo, eu também não.
Tive um desempenho ruim no jogo, meus arremessos foram errados e não senti a química do time como normalmente sentiria. Tudo o que eu pensava era em meu pai me ligando e me criticando. Eu não me sentia seguro com ninguém. Nós realmente não nos protegíamos, não é?
Depois que perdemos o jogo, a viagem de ônibus para casa foi sombria e silenciosa.
— Henners, em meu escritório, *agora*, — disse o treinador quando voltamos para Roosevelt.
Ninguém olhou para mim enquanto entravam no vestiário para guardar suas coisas. Segui o treinador até seu escritório, onde ele me pediu para fechar a porta atrás de mim.

— Vocês não estavam se dando bem por lá, — disse ele.

Puxa, eu me pergunto por quê.

— Você estava fora do seu jogo, — ele acusou. — O que diabos está acontecendo? E não me diga nada.

— Eu estava... fora do meu jogo, — admiti. Eu me senti completamente péssimo com isso também. Meu peito estava com aquela sensação de peso de chumbo durante toda a viagem de ônibus para casa, e eu também estava com uma dor de cabeça terrível.

Eu estava com febre? Talvez eu estivesse.

— Foi por causa do que aconteceu no ônibus esta manhã?

Eu balancei a cabeça. — Acho que isso me abalou.

Ele cruzou os braços. — Fale comigo, Henners.

— É exatamente isso. Eu não sinto que posso. — Passei os dedos pelo cabelo. — Sinto que tudo o que acontece volta para meus pais. Isso prejudica totalmente minha experiência universitária.

Seus lábios se separaram em surpresa. — Por que você não me chamou a atenção para isso antes?

— Mesma razão. Eu sei que você e meu pai se conhecem há muito tempo e que ele conversa com você o tempo todo. Olhei nos olhos dele, me sentindo corajoso. — Meu pai pressionou você a alguma coisa? Minha posição inicial na equipe?

— De jeito nenhum. Você é um quarterback talentoso e um bom garoto. Nomeá-lo capitão do time foi a escolha óbvia. — Ele olhou em direção à porta. — É evidente que seus companheiros de equipe também pensaram assim.

Dei de ombros. — Talvez eles tenham feito isso, uma vez. Mas agora... não tenho tanta certeza.

Ele se aproximou. — O que foi isso, no ônibus?

— Os caras leram algo particular em voz alta. Algo do meu passado.

Ele assentiu. — Isso é sobre Lark Levitt?

Cristo, meu pai realmente contou tudo a ele. E claramente vice-versa.

— Uh-huh. Nós nos tornamos amigos novamente. Como não poderíamos, depois do que passamos quando crianças? Ele é o único que entende, sabe?
— Faz sentido para mim.
— E obviamente você sabe que papai quer que eu mantenha meu histórico de saúde em segredo.
Seus olhos suavizaram. — Para que conste, nunca concordei com a decisão do seu pai. Entendo por que ele é tão sensível com tudo isso, mas isso foi há muito tempo e você não é ele.
— Não, eu não sou. Então, eu apreciaria que você me tratasse como se eu fosse eu mesmo. Talvez meus pais não precisem saber de tudo que está acontecendo na minha vida. — Porra, eu gostaria de ter dito isso há muito tempo. Embora eu ainda não soubesse como ele reagiria. Eu moderei meu tom. — Seus pais sabiam tudo sobre o que *você* fazia na faculdade?
Todo o seu rosto ficou vermelho. — Não, absolutamente não.
Deve ter tido algumas boas histórias para compartilhar.
— Então você entendeu.
— Alto e claro. — Ele desviou brevemente os olhos, parecendo um pouco decepcionado. Então ele estendeu a mão para apertar. — Mas preciso que você seja capaz de separar os dois e colocar a cabeça no jogo. Não importa o que aconteça, esses caras olham para você como seu líder. Então desempenhe seu papel.
— Sim senhor.

Lark

ERA sábado à noite quando chegou a mensagem de Henry.

Nós perdemos.

Eu podia sentir a decepção por trás da mensagem.

Desculpe. As palavras não pareciam suficientes.

A culpa foi minha.

Olhei fixamente para o meu telefone antes de digitar: **Por que você diria isso?**

Aconteceu alguma merda no ônibus a caminho do jogo. Deixei cair acidentalmente sua carta e Flash encontrá-la.

Porra. **Onde você está?**

Adivinhe.

— Mãe, — eu disse assim que ela entrou pela porta do trabalho. Eu estava andando por mais de dez minutos. — Posso pegar seu carro emprestado? Henry precisa de mim.

— Está tudo bem? — Ela entregou as chaves e, quando tive dificuldade em explicar por que precisava ir, ela me conduziu até a porta. —Apenas tome cuidado e me mande uma mensagem informando que você chegou em segurança.

— Eu vou. — Levantei minha bolsa, que continha o cobertor que usei no telhado. Eu apenas senti que ele poderia precisar disso. — Obrigado, mãe.

— Espere. — Ela me entregou o saco de donuts.

Eu sorri e beijei sua bochecha, então corri para o carro dela. Não pedi permissão para usá-lo com muita frequência, mas ela deve ter entendido que era importante. Fiquei feliz por ela confiar em mim como responsável.

O estacionamento de trailers estava silencioso quando saí do estacionamento e segui em direção ao Roosevelt College. Eu nunca tinha usado suas vagas de estacionamento antes e nem sabia se os alunos pagavam por elas, então fiz questão de encontrar uma com placa para visitantes. Ignorei o fato de que o carro

da mamãe era uma merda comparado aos outros. Neste ponto, ninguém ficaria surpreso de qualquer maneira.

Vi alguns grupos de estudantes circulando, mas mantive a cabeça baixa enquanto caminhava em direção à torre do sino. Eu me certifiquei de que não havia ninguém por perto quando subi silenciosamente a escada.

— Henners? — Chamei em voz baixa.

— Lark? — Ele parecia nervoso.

Ao dobrar a esquina, encontrei-o sobre um cobertor no chão de pedra, com o capuz puxado para cima e cobrindo firmemente a cabeça. Como se ele estivesse se envolvendo em uma bolha de segurança.

Tirei o cobertor da minha bolsa e cobri seus ombros com ele. — Ei, estou aqui para ajudá-lo. Diga-me o que se passa.

Quando caí de joelhos, ele segurou o cobertor aberto e me abraçou com seu calor. Sua cabeça pousou em meu ombro e sua respiração fez cócegas em minha garganta.

— Como você chegou aqui? Espero que você não tenha pegado o ônibus tão tarde...

— Peguei emprestado o carro da minha mãe.

— Você disse a ela para onde estava indo? — ele murmurou.

— Eu falei que você precisava de mim... e ela me enviou donuts quentes.

— Oh meu Deus, eu a amo, — disse ele enquanto eu abria a sacola e lhe oferecia um. — Eu gostaria de ter pais como a sua mãe.

— Eu sei que você faz. — Inclinei-me para frente e beijei sua bochecha com lábios açucarados. — Opa, desculpe.

Ele sorriu para mim e desta vez encontrou seus olhos.

— Então… Flash encontrou o bilhete?

Ele engoliu outro pedaço. — Ele leu em voz alta para os caras, e havia um monte de piadas... e claro, parece infantil e uma merda de equipe, mas começou a parecer que era o começo do fim para mim.

— O que você quer dizer?

Ele estreitou os olhos. — Como se isso fosse acontecer e não estivesse no meu próprio tempo, como você disse que deveria ser.
Suspirei. — Como você explicou a carta?
— Eu disse que era um bilhete de quando éramos crianças. Spencer disse que eu deveria contar a eles sobre o câncer e exatamente como nos conhecíamos, mas eu estava muito chateado, — disse ele com os dentes cerrados. — Tipo, por que eles precisam de alguma explicação elaborada? Por que dois caras não podem ser apenas amigos?
— Você está certo, é claro. Então, o que você vai fazer?
— Não sei. Aguentar firme... esperar receber um telefonema do meu pai sobre meu péssimo desempenho no jogo. Mas conversei com o treinador sobre como meu pai parece saber demais sobre minha vida.
— O que ele disse?
— Ele concordou que eu tinha o direito de ter minha própria experiência universitária sem que meus pais soubessem cada movimento meu.
— Que bom que você falou com ele. — Deixei a bolsa de lado e subi em seu colo.
— Sim eu também. — Seus braços envolveram minha cintura, me puxando. — Obrigado por ter vindo. Você sempre faz tudo parecer melhor.
Nossas bocas se conectaram em um beijo lento e suave que me fez derreter.
Até que nossa sessão de amassos se tornou frenética e começamos a nos esfregar um contra o outro.
— Deus, eu preciso gozar, — Henry murmurou contra minha boca. — Mas eu não quero que isso acabe, estar conectado a você desse jeito. E eu realmente não quero gozar nas calças de novo.
Eu ri. — Sim, eu também não. Você quer... gozar dentro de mim?
Ele ofegou. — Você está falando sério? — Quando balancei a cabeça, ele disse: — Eu nunca...
— Tenho que começar em algum lugar. Eu vou te ajudar. Olhei nos olhos dele. — Mas sem pressão. Não precisamos fazer nada, você...

— Eu quero. Droga, só de pensar nisso me dá vontade de perder o controle.

— Aconteça o que acontecer, tudo bem. Somos só você e eu. Nenhum julgamento aqui. Desembaracei nossos membros e me levantei. — Tire a roupa. Estaremos debaixo das cobertas.

Fiquei brevemente nervoso por estarmos fazendo isso no campus, mas já era tarde, ninguém sabia que estávamos aqui, e compartilhar isso com Henry sob as estrelas seria incrível, não importa o que acontecesse.

Depois que nós dois tiramos nossas roupas, todos aqueles pensamentos ansiosos fugiram do meu cérebro. Nossos pênis estavam rígidos e vermelhos enquanto olhávamos um para o outro descaradamente.

— Deite-se, — eu disse, e quando ele estava sentado em cima de um cobertor com outro puxado até os joelhos, procurei na minha bolsa, onde guardava uma camisinha e um pacote de lubrificante, na esperança de um dia com ele.

Quando montei em seus quadris, ele bufou: — Eu poderia gozar só com esta vista.

Eu sorri para ele. — Aguente firme enquanto eu me estico.

Seus olhos brilharam quando molhei meus dedos com lubrificante, em seguida, coloquei a mão atrás das minhas bolas para empurrar um dedo para dentro. — Posso ajudar?

— Claro que sim. — Aproximei-me dele com os joelhos e posicionei sua mão perto do meu buraco. — Dê-me dois dedos.

Seu olhar foi cauteloso no início, mas quando gemi ao sentir seus dedos circulando minha borda, sua confiança cresceu.

— Puta merda, estou dentro de você, — Henry ficou maravilhado quando empurrou para dentro. Como se fosse por puro instinto, ele começou a balançar os dedos para dentro e para fora.

— Ah, inferno, você está atingindo minha próstata. — Minhas costas se curvaram e meus joelhos tremeram. — Faça isso de novo.

— Vou tentar. — Aumentando seu ritmo, ele escovava todas as vezes.

— Não tenho certeza de quanto mais posso aguentar, — eu disse, cerrando os

dentes. Meu pau estava vazando pré-gozo por todo meu abdômen. — Se você mudou de ideia, eu provavelmente poderia gozar assim.

— Eu não mudei de ideia. — Ele estendeu a mão para segurar meu queixo. — Estou pronto se você estiver.

Quando Henry retirou os dedos, imediatamente senti falta daquela sensação de plenitude, por isso estava mais do que ansioso para tê-lo dentro de mim. Abri o preservativo, nós o enrolamos em seu eixo e depois o lubrificamos generosamente.

— O que agora? Como nós…

— Pela nossa primeira vez, eu vou dirigir. Não se preocupe se você vier rápido demais. — Recuei um pouco para que seu comprimento encostasse na minha bunda.

— Oh Deus. Não acredito que isso está acontecendo. — Suas bochechas e pescoço estavam vermelhos. — Parece um sonho.

Deus, ele ia me matar.

Inclinei-me para frente para tocar nossos lábios. — Preparado?

Ele segurou meu rosto em suas mãos e me beijou com mais força. —Só se você estiver.

Eu mexi minha bunda em resposta, e ele gemeu, seus dedos agarrando minhas coxas.

— Porra, Lark... estou prestes a enlouquecer.

Estendi a mão para alinhá-lo com meu buraco escorregadio e, em seguida, abaixei-me lentamente em seu pau. Seus dedos apertaram meus quadris enquanto seu pênis penetrava no anel de músculos, e eu não pude deixar de choramingar. Aquela queimação inicial se transformou em uma onda de prazer direto na minha virilha.

— Jesus, está tão apertado, então... nunca senti nada parecido, — disse ele enquanto comecei a me mover para cima e para baixo e a ofegar com o esforço. O rubor desceu pelo peito de Henry enquanto ele me observava com os lábios entreabertos e um olhar feliz. — Eu não vou durar.

— Tudo bem. Nem eu. — Agarrei meu pau com golpes longos enquanto diminuía a velocidade e permitia que ele assumisse o controle das estocadas. Ele agarrou minhas coxas, me levantando e depois me batendo em seu pau enquanto tremia. — É tão bom.

Minhas bolas estavam pesadas, minha espinha quente e formigando enquanto eu me bombeava rápido e forte. Estrelas explodiram diante dos meus olhos quando joguei minha cabeça para trás, meu gozo jorrando em seu estômago e peito. Estremeci e gemi, tentando controlar minha respiração enquanto seu aperto se intensificava e ele subia para dentro do meu buraco. Demorou apenas alguns segundos antes que ele descarregasse na camisinha e depois caísse para trás, parecendo completamente exausto.

Ele me puxou para cima dele, e eu pude sentir seus braços tremendo e seu coração batendo forte enquanto ele enterrava o rosto em meu pescoço. — Porra, eu não posso… Isso foi incrível.

Levantei a cabeça e sorri. — Foi.

Nossas bocas descansaram juntas em beijos preguiçosos enquanto nossa respiração finalmente se estabilizava.

Eu sorri. — Fizemos uma bagunça.

— Gosto da nossa bagunça, — ele respondeu, beijando minha cabeça. Relutantemente, nos desembaraçamos para nos limpar e nos recompor.

Ele sentou-se novamente no cobertor e eu hesitei sobre o que fazer enquanto estava por perto.

— Venha aqui, — disse ele, puxando minha mão. — Não vá embora, ainda não.

Deitamos, eu de costas para ele, e conversamos a noite toda sobre tudo e sobre nada. Quando, relutantemente, deixei a torre do sino sob a luz fraca do amanhecer, pensei no bilhete que Henry havia incluído com as flores.

E eu desejo de alguma forma, que você possa ser meu.

Meu coração doeu com uma saudade aguda. Esta noite, eu definitivamente tinha sido dele.

XOXO

Henry

EU NÃO TINHA VISTO Spencer o dia todo porque ele tinha ido para casa comemorar o aniversário da mãe. Fiquei escondido em nosso quarto, sem querer enfrentar ninguém ainda. Quando Spencer chegou em casa naquela noite, eu estava debaixo das cobertas, assistindo algo no meu telefone, e ele parecia nervoso em me incomodar.

— Onde você foi na noite passada? — Spencer finalmente me perguntou quando apagamos as luzes para dormir. — Você estava com… Lark?

— Por que... por que você perguntaria isso?

— Vamos lá, cara. Eu estava preocupado com você. Apenas me dê alguma coisa. Você não é tão ilegível quanto pensa.

— Desculpe, você estava preocupado. Eu simplesmente não conseguia enfrentar ninguém. — Bem, eu não estava realmente sozinho, estava? Foi inacreditável como um dos pontos mais baixos da minha vida se transformou em um dos destaques. — Especialmente depois que estraguei o jogo.

— Todos nós tivemos jogos de merda.

Sua resposta foi uma reminiscência da resposta de minha mãe quando finalmente retornei a ligação de meus pais naquela tarde. Papai parecia menos entusiasmado com o jogo do que estaria se eu tivesse falado com ele na noite anterior. Ele também não fez menção às fofocas da equipe sobre Lark, e fiquei feliz por isso.

— *Todo mundo tem dias ruins,* — dissera mamãe, tentando manter a paz, e papai concordou com relutância.

— E, — continuou Spencer, — acho que a razão pela qual essa coisa do bilhete está incomodando tanto você é porquê...

Meu coração estava batendo fora do meu peito. — Porquê?

— Porque Lark significa muito para você.

— Ele significa, — eu admiti. — E eu... eu quero... mas acho que se os caras soubessem, eles iriam... *foda-se*! — Enterrei meu rosto no travesseiro e gemi.

— Tudo vai passar, — disse Spencer suavemente, — mas ainda acho que você deveria contar a eles como você realmente conhece Lark, apesar do que seu pai diz.

— Sim, eu sei. Talvez eu faça isso depois do treino de amanhã.

— No que diz respeito a como você realmente se sente sobre Lark... Minha pulsação batia forte enquanto eu esperava pelo que Spencer iria dizer. — Você pode guardar isso para outra hora. Quando você estiver pronto. Mas estou aqui para ajudá-lo o tempo todo.

A sala ficou tão silenciosa que pude ouvir minha pulsação batendo em meus ouvidos.

— Obrigado, Spence. — Minha voz estava cheia de emoção quando acrescentei: — Não sei o que faria sem você.

— Mesmo, amigo. Mesmo.

Na manhã seguinte, Lark mandou uma mensagem: **Ouvi Emil e Bones conversando sobre a carta quando o encontrei em seu dormitório** .

O que eles disseram?

Emil disse a Bones que eles eram idiotas, mas depois ele perguntou sobre isso no caminho para a aula. Então contei a ele sobre a carta e por que a escrevi naquela época. Espero que esteja tudo bem.

Eu me senti péssimo por Lark ter sido envolvido nisso, tudo por causa de uma decisão que meu pai tomou. Um que eu não tinha recuado o suficiente. E tudo bem, claro, talvez isso pudesse funcionar no ensino médio, mas agora eu era um adulto e estava mais do que pronto para me distanciar, quaisquer que fossem as consequências.

Sim claro. Você ficou quieto por tempo suficiente sem um bom motivo. Depois da prática, todos saberão de qualquer maneira.

Acho que você se sentirá aliviado e como se tivesse superado pelo menos um obstáculo. E agora que o seu treinador está ao seu lado, tudo vai dar certo, você verá.

Tentei ver o lado positivo, mas meu estômago se agitou de qualquer maneira. Eu

odiava que a aprovação equivocada de meu pai tivesse me influenciado por tanto tempo.

Obrigado.

Na hora do almoço de segunda-feira, nada havia *acontecido* como Spencer previra, e todos pareciam saber da carta. Obviamente, alguém da equipe achou engraçado ou emocionante compartilhar o que havia acontecido.

Em qualquer outra circunstância, eu teria deixado passar. Não era como se Lark e eu tivéssemos sido pegos fazendo sexo na torre do sino – o que era uma coisa pela qual devemos estar gratos; Eu seria capaz de manter essa experiência alucinante só para mim.

Mas, assim como eu disse a Lark, a descoberta do bilhete pareceu o início do meu desdobramento. Eu estava tendo dores no peito o dia todo e mal conseguia comer alguma coisa. Seria um alívio finalmente contar aos meus companheiros sobre meu histórico médico. De qualquer forma, eles ouviriam sobre isso em breve, especialmente se meus sintomas persistentes significassem que o câncer havia retornado.

Foi estranho na mesa do almoço, então eu deveria ter esperado para pegar algo para comer depois da próxima aula. Parecia que os caras estavam me tratando com luvas de pelica. Mas eu poderia culpá-los pela maneira como agi e depois estraguei o jogo?

Flash tentou fazer as pazes, mas não deu certo depois de um fim de semana ignorando um ao outro.

— Sinto muito que encontrar seu bilhete tenha colocado você em uma situação ruim para o jogo, — ele disse calmamente quando estávamos saindo do refeitório. — Eu estava apenas sendo um idiota.

— Sim, você estava. Talvez você deveria ter lido antes de decidir se exibir para os caras.

Ele assentiu mal-humorado enquanto nos separávamos.

Passei o resto do dia como um zumbi, me preparando para o treino e para finalmente tirar isso do meu peito. Embora parecesse que estava traindo meu pai,

eu sabia que era a coisa certa a fazer. Seus medos sobre tudo isso eram equivocados. Além disso, mesmo que alguns deles me tratassem como fraco ou delicado depois, eu poderia provar que estavam errados levando o time aos playoffs. A temporada estava longe de terminar.

E depois marcaria uma consulta com meu oncologista e pediria que fizessem exames.

O início do treino foi horrível. Meus arremessos foram principalmente no alvo, mas a linha ofensiva e eu não estávamos nos encaixando. Houve passes perdidos e pouca energia, e eu precisava fazer algo a respeito.

— Treinador, — eu disse, correndo até ele. — Você se importa se fizermos uma pausa de dez minutos para que eu possa conversar com a equipe?

— O que você tem em mente?

— Você vai ver. Apenas confie em mim?

— Vá em frente.

O técnico apitou e fez sinal para que o time e os assistentes se encontrassem na linha de cinquenta jardas. Eu estava andando de um lado para o outro, minhas mãos estavam úmidas, e quanto mais cedo eu acabasse com isso, melhor.

Quando consegui a atenção de todos, disse: — Lamento não ter jogado bem no sábado.

Houve um estrondo baixo.

— Eu permiti que o que aconteceu no ônibus me afetasse.

— Ei, está tudo bem, — disse Spencer. — Você é humano, assim como todos nós.

— Obrigado, mas ainda sinto que preciso me explicar.

Vi o alívio nos olhos de Spencer quando ele assentiu em apoio. As sobrancelhas do treinador subiram até a linha do cabelo, mas eu o ignorei, prestando atenção em meus companheiros de equipe e em sua linguagem corporal desconfortável.

— A razão pela qual Flash encontrar aquele bilhete e lê-lo em voz alta me incomodou tanto é porque — *porque eu amo Lark e me sinto protetor com ele – de nós* — porque quando eu era criança, tive câncer. Leucemia.

Os olhos do treinador se arregalaram comicamente, mas ele deu um passo à frente como se quisesse me oferecer apoio. Talvez ele estivesse até aliviado, quem sabe. Acho que eu estava prestes a descobrir.

— Fiquei no hospital por alguns meses e fui submetido a um transplante de medula óssea. Foi aí que conheci Lark Levitt. Ele também tinha câncer. Foi difícil porque estávamos muito doentes e não sabíamos se viveríamos ou morreríamos. Houve alguns dias difíceis e nos aproximamos porque, bem, quem não gostaria, passando por isso juntos? A maior parte da equipe parecia em estado de choque enquanto ouvia atentamente. Flash parecia verde e arrependido. — Saí primeiro do hospital e depois que nos despedimos nunca mais nos vimos. Essa nota me ajudou a superar alguns dias difíceis em minha recuperação. É por isso que eu mantenho isso. Isso significa algo para mim. Nunca pensei que o veria novamente, então fiquei surpreso ao vê-lo aparecer em Roosevelt. Fiquei aliviado ao ver que ele também conseguiu. Que ele estava vivo.

— Puta merda, por que você simplesmente não nos contou isso? — Bones disse, jogando as mãos para cima.

O treinador imediatamente o silenciou. — Deixe-o terminar.

— A questão é que meu pai queria que eu mantivesse meu histórico de saúde privado. Ele achava que as pessoas só me veriam como uma criança em remissão e não me julgariam com base em minhas habilidades acadêmicas ou atléticas. Como se talvez você sentisse pena de mim ou pensasse que eu não conseguiria.

— O que obviamente não é verdade, — disse o treinador, batendo em meu ombro. Eu não diria que isso fosse verdade, dada a resposta inicial de Spencer à notícia. Mas eu ainda achava que a ideia do meu pai era imprudente. Especialmente porque a decisão deveria ter sido minha, não dele.

— Então mantive isso em segredo durante todo o ensino médio e parte da faculdade. O treinador sabe, é claro, e Spence também, mas está cada vez mais difícil guardar isso para mim. O que experimentei faz parte de quem eu sou e quero mais do que nunca ser apenas eu mesmo. — *Em mais de um aspecto.* Eu

respirei fundo. — Às vezes nossos pais têm boas intenções, mas no final, depende de nós, não é? Para fazer algo de nossas vidas e tentar encontrar a felicidade?

Quando houve um murmúrio de aprovação por parte dos meus companheiros de equipe e treinadores, senti que eles entenderam. Flash murmurou: — *Desculpe, cara*, — e eu balancei a cabeça, sabendo que ele estava falando sério.

Então talvez... talvez eu pudesse contar o resto também, sobre mim e Lark.

— Mais alguma coisa que você queira compartilhar? — O treinador me perguntou.

Minha voz tremeu quando respondi: — Só mais uma coisa. — Meu coração estava batendo fora do meu peito. O que diabos eu estava fazendo? Eu tinha dado a mim e a Lark uma chance real de sermos amigos. Isso não foi suficiente?

De alguma forma, não parecia. Eu queria que todos no universo soubessem o que eu sentia por ele. O quanto eu queria estar com ele – abertamente. Para segurar sua mão sempre que eu quisesse.

Olhei para meus companheiros de equipe, meus amigos, que mais pareciam uma família disfuncional, esperando que entendessem e aceitassem tudo isso. Tudo de mim.

Abri a boca para dizer as palavras, mas minha visão ficou turva e o chão balançou sob meus pés. Estendi minha mão para encontrar apoio, minhas pontas dos dedos se atrapalhando para agarrar o bíceps do treinador. Não ajudou, pois meus joelhos cederam e o mundo ficou preto.

Quando ouvi um zumbido constante, abri os olhos e olhei para o espaço fechado e desconhecido. Tinha uma máscara na boca e no nariz, o veículo sacolejava na estrada e foi aí que percebi que estava na traseira de uma ambulância.

Imediatamente tentei me sentar, mas um paramédico prendeu meu ombro. — Você terá que ficar parado.

— O que aconteceu?— Minha voz soou grossa e distorcida.

— Você desmaiou no campo de futebol.

— Você vai ficar bem, Henners. — Era a voz do treinador, sua mão estendida

para dar um tapinha no meu braço. — Vamos apenas fazer um check-up no hospital.

Eu balancei minha cabeça. — Não posso ir para o hospital…

Nunca mais quero ir para o hospital.

— Estamos quase lá, — disse o paramédico. — Apenas tente manter a calma.

— Não. — Olhei para o treinador. — Meus pais…

— Estão a caminho.

Porra, eles iriam surtar. Inspirei profundamente pelo nariz, tentando conter meus suspiros de pânico, mas isso só aumentou e eu senti como se não conseguisse respirar. Tentei arrancar a máscara do meu rosto e dar o fora dali.

O paramédico pairou sobre mim. — Sua pressão arterial está alta. Respire fundo algumas vezes.

O mundo ficou preto novamente.

Da próxima vez que acordei, estava numa cama com grades, atrás de uma cortina, com vozes filtradas do outro lado. Obviamente eu estava na sala de emergência.

— *Você desmaiou no campo de futebol.*

— É tão bom ver você acordado, — disse mamãe. — Aparentemente, você estava hiperventilando, o que estava sobrecarregando seu sistema, então descansar foi uma boa ideia.

Ela estava sentada em uma cadeira ao meu lado, e meu pai estava encostado na parede, parecendo corpulento demais no espaço pequeno. Ou talvez apenas tive a sensação de que as paredes se fechavam sobre mim.

— Então, o quê? — perguntei, tentando fazer com que meu cérebro se alinhasse com minha boca.

— Estamos esperando o médico de plantão – ah, aqui está ele. — Mamãe parou quando um homem baixo de jaleco branco entrou, segurando um tablet, então ele provavelmente tinha meu prontuário aberto. Eu estive em hospitais suficientes para saber o que fazer.

— Como você está se sentindo, meu jovem? — ele perguntou enquanto se

aproximava.
— Bem. Eu não preciso estar aqui. Podemos simplesmente ir...
— Uau, espere aí. — Ele pressionou meu ombro. — O desmaio pode ser sintoma de algo mais grave. Examinei seu histórico médico e precisamos investigar o que está acontecendo.
Papai engoliu em seco, como se seu pior pesadelo estivesse se tornando realidade. O treinador informou meus pais e foi na ambulância comigo, então talvez meu pai já soubesse que eu tinha desmaiado enquanto contava minhas verdades ao time. Ou pelo menos um deles.
— Agora que você está acordado, vamos analisar seus sintomas. — Ele bateu em algo no tablet. — Diga-me o que você estava sentindo antes de perder a consciência.
— Ok, hum... meu peito estava apertado, eu estava úmido e não conseguia controlar minha respiração.
— Uh-huh. — Ele iluminou meus olhos com uma luz e depois olhou para a máquina que registrava meu nível de oxigênio. — Você já se sentiu assim antes de hoje?
Eu balancei a cabeça. — Também tenho acordado encharcado de suor, às vezes com dor de cabeça.
— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — Mamãe perguntou em tom alarmado.
— Talvez um mês? — Eu admiti. — Eu não queria dizer nada até saber… não queria decepcionar ninguém.
Mamãe pegou minha mão. — Oh querido.
O médico pigarreou como se estivesse relutante em se intrometer num momento privado. — Você esteve sob algum estresse?
— Bem, eu tenho faculdade e futebol, então…
Ele arqueou uma sobrancelha. — Qualquer quantidade *indevida* de estresse?
Meus ombros caíram. — Sim, tenho me sentido muito estressado ultimamente.
— Vou fazer alguns testes e conversaremos depois. — Ele olhou para meus pais.

— Vou recomendar que internamos seu filho durante a noite, só por segurança.
Eu não discuti desta vez.
Quando ele saiu, papai apareceu ao lado da cama, com uma série de emoções no rosto.
— Sinto muito, — eu disse a eles. — Mas as coisas estão chegando ao auge.
— O que você quer dizer? — ele perguntou.
— Sobre minha amizade com Lark... e a verdade sobre meu câncer. Decidi contar aos meus companheiros como nos conhecemos e isso foi bom. Especialmente porque eu estava me sentindo mal há algum tempo. Eu queria chegar primeiro ao final da temporada. Para levar o time aos playoffs. Para deixar você orgulhoso.
Sua testa enrugou. — Filho, eu...
— Por favor, deixe-me terminar, — eu disse, e ele assentiu. — Mas a pressão tornou-se excessiva. Eu não sou você, pai. Mas deixei você tomar todas as decisões por muito tempo. Quero ter minhas próprias experiências universitárias e sinto muito se isso te incomoda.
Prendi a respiração quando um olhar foi trocado entre meus pais.
— Querido, você nunca nos decepcionaria, — disse mamãe, e papai apertou meu ombro, mas nunca disse as palavras em voz alta. Era sempre mamãe suavizando o caminho. Meu estômago revirou com incerteza.
— Desculpa por interromper. — O treinador passou pela cortina. —Os caras estão ficando impacientes e esperando por uma atualização sobre o capitão do time.
Sorri, feliz por ele ter aliviado a tensão entre nós, pelo menos momentaneamente. — Você sempre pode colocar Spencer no telefone para que eu possa dizer a ele que tenho que passar a noite enquanto eles fazem os testes.
— Se importa se eu o mandar de volta aqui para que ele possa contar à equipe que realmente colocou os olhos em você? Eles estavam tão preocupados.
— Spencer está aqui?
— Todos eles estão. Na sala de espera.

Meu coração subiu até a garganta. Esses idiotas adoráveis.
Bem, adorável estava forçando isso.

Lark

— Bem aí, mãe. — Apontei com um dedo trêmulo, sentindo como se estivesse saindo da minha pele. — O estacionamento dos visitantes.

Não tive permissão para ver Henry ontem à noite porque, quando consegui uma carona de Pete para o hospital, que havia concordado em esperar no estacionamento com Star, o horário de visitas já havia terminado. Disseram-me para voltar de manhã e, felizmente, mamãe estava de folga. Havíamos levado Star para a pré-escola e depois fomos direto para o hospital.

Foi Emil quem me informou que Henry havia desmaiado no campo de treino, e eu estava uma bagunça desde então. Eu tentei mandar uma mensagem para ele, mas não obtive resposta, então talvez o telefone dele estivesse desligado ou sem bateria. Aparentemente, seus pais estavam com ele e ele precisava passar a noite lá para que pudessem fazer os testes.

Assim que mamãe estacionou e entramos, fomos direcionados a um conjunto de elevadores que nos levou ao terceiro andar. Na sala de espera, encontramos alguns companheiros de equipe junto com o treinador. O treinador acenou com a cabeça em nossa direção e Spencer levantou-se para me cumprimentar.

— Como ele está?

— De bom humor.

Soltei um suspiro, aliviado.

— Ele está esperando o resultado do médico. Mas podemos visitá-lo, um pouco de cada vez.

— Mãe, este é o colega de quarto de Henry, Spencer. — Depois que eles se cumprimentaram, nos sentamos ao lado dele. — O que aconteceu exatamente?

— Ele contou à equipe sobre seu câncer e como conheceu você. E pareceu correr bem. — Ele fez uma careta. — Mas então ele tropeçou e, antes que soubéssemos o que estava acontecendo, ele desmaiou. Nos assustou pra caralho.

— Oh meu Deus. — Provavelmente ele também se assustou muito. Eu gostaria

de poder estar lá para ajudá-lo, mas como alguém poderia saber?

Em voz baixa, Spencer perguntou: — Você acha que isso tem algo a ver com o retorno do câncer?

— Não sei. Depende de muitos fatores. — Meu intestino se agitou. —Ele me disse que teve suores noturnos algumas vezes. Mas há muito mais do que isso.

— Isso explicaria o fato de ele ter lavado lençóis mais do que o normal, — respondeu Spencer, e eu coloquei a mão na boca. Eu deveria ter dito algo antes? Mesmo que eu fizesse isso, ele era ele mesmo, e cabia a ele buscar ajuda, o que ele havia prometido fazer se isso continuasse acontecendo.

— Talvez não tenha nenhuma relação, — disse mamãe, batendo em meu joelho. — Vamos esperar para ouvir algo antes de tirar conclusões precipitadas.

Suspirei e recostei-me. — Você tem razão.

Quando Bones, A-Train e Flash entraram na sala, eles não pareceram surpresos em me ver.

Bones se aproximou de nós e disse: — Desculpe se eu te incomodei. Acho que entendi agora.

Mas ele realmente fez isso? Quando meu olhar encontrou o de Spencer, tive a sensação de que o melhor amigo de Henry sabia o que estava acontecendo entre Henry e eu. E tive a impressão de que ele guardaria isso para si.

— Eu também sinto muito, — Flash deixou escapar. — Por agir como um idiota sobre tudo.

Eu sorri, feliz que esses caras pareciam estar levando tudo a sério. —Está tudo bem.

— Vocês, rapazes, deveriam voltar para Roosevelt, — disse o treinador enquanto se levantava. Mas as aulas eram a última coisa em minha mente. Eu não iria embora, não até ver Henry com meus próprios olhos. —Quem é o próximo?

— Lark também tem permissão para visitar Henry? — Mamãe perguntou ao treinador depois que os quatro últimos jogadores foram para a sala, deixando apenas nós e Spencer. — Como você sabe, os meninos têm sido um bom apoio um para o outro.

— Não vejo por que não. Mas isso caberia a Henry, — respondeu ele. — Não tenho certeza se os pais dele vão intervir. Você sabe como é.
Fiz um som de frustração e mamãe apertou meu ombro.
— Henners iria querer isso. Ele se preocupa com Lark, — disse Spencer. — Ele deveria ter permissão para vê-lo também.
— Eu concordo, — disse o treinador. — Vou subir com você para falar com eles.
Depois que os últimos jogadores se despediram, seguimos o treinador e Spencer até o quarto de Henry.
— Só mais alguns visitantes, — disse o treinador em saudação. —Você provavelmente está cansado.
— Ajuda a matar o tempo. Quem são? — Henry perguntou, e assim que seus olhos encontraram os meus na porta, seu sorriso foi ofuscante. —Você veio!
Ignorei o quão desconfortáveis seus pais pareciam quando entrei. —Você deu um bom susto em todos nós.
Seu sorriso vacilou. — Eu sei. Desculpe.
Senti o escrutínio deles, e mamãe deve ter notado porque apertou minha mão, depois deu um passo para trás para não nos sobrecarregar e disse: — Estou aqui apenas para me apoiar. Eu sei o quão assustador tudo isso deve ter sido. — Isso foi principalmente para o benefício dos pais de Henry, mas tudo o que fizeram foi assentir.
— Star também está aqui? — Henry perguntou.
— Ela está na pré-escola. Além disso, o hospital tem regras para crianças que não são da família.
— Fico feliz que ela não me veja conectado a essas máquinas.— Ele ergueu a mão, que puxou a linha intravenosa.
O pai dele parecia confuso, então eu disse: — Star é minha irmã. Você deve tê-la visto no Dia dos Pais.
Se você não estivesse tentando tanto nos ignorar.
— Eu me lembro, — respondeu a Sra. Albrecht, olhando para mamãe. — Ela parece muito doce. Não sabia que você e seu marido tinham outro...

— *Ex* -marido, — respondeu a mãe. — Estamos divorciados agora.
— Sinto muito por ouvir isso.
Quando um silêncio constrangedor se instalou, Henry deixou escapar: — Star é a melhor. Ela adora colorir e jogar. Ela até me venceu no jogo de damas.
Eu ri. — Hum, tenho certeza que você a deixou bater em você.
Ele piscou. — Eu disse que ela gosta mais de mim.
O Sr. Albrecht pigarreou e a sala ficou em silêncio. Ah Merda.
— A verdade é que... — Henry olhou para mim e eu balancei a cabeça, seguindo seu exemplo. — Às vezes saio com Lark e Star nos fins de semana. Com seu melhor amigo, Pete, também.
Eu vi Spencer mudar na minha visão lateral, então ele deve ter juntado todas as peças sozinho. As coisas que Henry deixou de dizer sobre onde ele desaparecia algumas noites.
— A que distância do campus você mora? — perguntou o Sr. Albrecht.
— Cerca de vinte minutos. — Endireitei meus ombros. — Moramos no Lakeview Trailer Park.
— É uma comunidade legal, — disse Henry, sem dúvida sentindo que precisava fazer com que aquilo parecesse apetitoso o suficiente para seus pais abastados, mas ter que explicar deixou um gosto ruim na minha boca. Henry continuou: — Os residentes são incríveis e têm uma vista panorâmica do lago.
O Sr. Albrecht cruzou os braços. — Tudo muito bem, mas esse não é o ponto.
Henry zombou. — Então o que é?
— Parece que você está tirando um tempo longe de seus colegas de equipe e estudo para...
— Vamos, pai, isso é só uma desculpa. — Ele suspirou e afundou no travesseiro. — E estou tão cansado de fingir.
Ele estreitou os olhos. — Fingir?
— Fingir que não tive câncer e que não estou com medo de ter câncer de novo.
A Sra. Albrecht fungou e fechou os olhos brevemente. O ar estava pesado na sala.

— Provavelmente não é provável...
— Fingindo que Lark e eu não somos próximos, — Henry falou por cima de seu pai, que ficou em silêncio. — Não quero perder mais tempo. Quero ser fiel a mim mesmo pelo tempo que tiver nesta terra. Mesmo se você me deserdar ou parar de falar comigo.
— Por que diabos faríamos isso? — A Sra. Albrecht perguntou através do que parecia ser um nariz fungando. Quando ouvi a porta atrás de mim, olhei para trás a tempo de ver o treinador e Spencer saindo da sala, talvez para lhes dar privacidade.
Assim que olhei para mamãe com a mesma ideia, a voz de Henry soou.
— Cansei de esconder o quão incríveis esses últimos meses foram desde que Lark voltou à minha vida. — Meus olhos saltaram para os dele e pude ver o fogo em suas íris. — Lark é importante para mim, e eu... bem... eu o amo.
Puta merda, isso estava realmente acontecendo? Na frente dos nossos pais? Quão corajoso Henry estava sendo agora? Apenas jogando tudo fora, que se danem as consequências.
— Eu... — Minha respiração ficou presa enquanto minhas emoções giravam pelo simples esforço de segurá-las. Parecia que meu coração poderia explodir de pura alegria e carinho. — Eu também te amo.
Os olhos de Henry suavizaram e os meus arderam enquanto eu piscava para afastar as lágrimas.
— Amor? — disse o Sr. Albrecht. — O que você está...
— Você nunca se perguntou por que eu nunca saio com garotas? — O tom de Henry era tímido e quieto. — Eu tentei, acredite. Mas sou gay, não importa o quanto tenha fingido que não sou. Quando vi Lark depois de todo esse tempo, percebi que já devia ter sentimentos por ele naquela época. Sentimentos que tentei negar todo esse tempo.
Mamãe se aproximou para esfregar minhas costas em apoio. Eu estava morrendo de vontade de estender a mão e tocá-lo. Em vez disso, fui até o pé da cama para que ele soubesse que eu estava lá.

— Você sabia sobre isso? — Sr. Albrecht perguntou a mamãe.
Ela levantou um ombro. — É fácil ver se você os assiste juntos. Como eles são amorosos e solidários um com o outro.
A Sra. Albrecht pegou a mão de Henry. — Eu só quero que você seja feliz. E o seu pai também, mesmo que ele seja teimoso e pense que sabe o que é melhor.
Henry olhou para o pai. — Honestamente, às vezes é difícil dizer. Você nunca... — Sua voz sumiu e ele fechou os olhos com força. — Você me faz sentir que só se importa com o que eu realizo e como isso reflete em você. Sobre o futebol e o legado da nossa família em Roosevelt.
Seu pai balançou a cabeça, parecendo se encolher um pouco, como se estivesse envergonhado, mas não recuou, apenas ouviu.
— E embora você provavelmente não quisesse dizer isso, parecia que você pensava que estar doente era algo para se envergonhar. As pessoas que estão a lutar contra o câncer – ou a lidar com uma deficiência, ou com a epilepsia, pelo amor de Deus – só querem poder viver as suas vidas como todas as outras pessoas. Você sabe que é verdade porque foi assim com você. Lamento que sua experiência tenha sido tão assustadora e terrível, mas é hora de tomar minhas próprias decisões e cuidar de minhas próprias coisas. — Henry encontrou o olhar do pai. — E em vez de esconder ou gastar dinheiro com isso, talvez devêssemos falar abertamente sobre nossas experiências, caso isso ajude outras famílias.
Que ótima ideia. Mas eu não disse isso em voz alta, ainda não.
A Sra. Albrecht também deve ter pensado o mesmo porque estava balançando a cabeça e passando a palma da mão no rosto.
O Sr. Albrecht respirou fundo e então pareceu murchar completamente. — Sinto muito, Henry. Que eu decepcionei você. Ele franziu a testa, seus ombros curvando-se para dentro. — Suponho que fiz tudo da maneira errada. Eu nunca quis que você lutasse como eu. Para passar por mais desafios do que você já enfrentou.
— Eu sei, pai.
O Sr. Albrecht abraçou Henry, e foi tão emocionante e pessoal que me virei para

lhes dar privacidade. — E o que quer que esses testes mostrem… vamos superar isso *juntos.*

A Sra. Albrecht virou-se para nós com lágrimas nos olhos. —Obrigado por sempre apoiar nosso Henry.

— Claro, — respondeu mamãe. — Suas lutas fizeram deles quem são: jovens incríveis. E contanto que tenham nosso apoio, eles ficarão bem.

— Você tem razão. Nenhuma quantia de dinheiro... — Ela olhou para o marido. — Ou uma placa ridícula pode substituir a saúde dos nossos filhos.

Albrecht concordou com a cabeça no momento em que ouvimos a porta se abrir e o médico entrar.

— Eu tenho seus resultados, Henry. — Ele olhou para mim e para minha mãe, depois de volta para Henry. — Você gostaria que alguém saísse da sala?

A voz de Henry estava trêmula quando ele respondeu: — Não, tudo bem.

Parecia que todos nós prendemos a respiração quando ele se aproximou da cama.

— Vou direto ao assunto porque sei que vocês estão preocupados. Todos os testes deram negativo, — disse ele, e senti uma onda de alívio. —Faremos mais alguns, mas suspeito que o que você descreveu sejam mais do que prováveis ataques de pânico.

— Ataques de pânico? — Henry perguntou enquanto eu olhava para mamãe com os olhos arregalados.

— Todo mundo é diferente, é claro, mas quando seus níveis de estresse disparam, seu corpo pode produzir uma resposta de luta ou fuga. Seu peito fica apertado, suas glândulas sudoríparas produzem excesso, sua respiração fica restrita e, no seu caso, você hiperventilou e desmaiou.

— Puta merda, — disse Henry, com a mão na boca. — Então é por isso que estou me sentindo assim?

— Esse é o meu melhor palpite, mas essa conversa precisa continuar com outros profissionais.

— Definitivamente faz sentido, — interrompi. Nossos hábitos de ansiedade são interpretados de forma diferente, mas fiquei surpreso por não ter adivinhado

antes, dada a pesquisa que fiz sobre meus próprios problemas. Talvez porque durante toda a nossa vida estivemos esperando que o outro sapato caísse, na forma de uma recaída. Havia pouco espaço para nos preocuparmos com outras coisas quando se tratava de nossa saúde.

— Então o que nós podemos fazer? — perguntou a Sra. Albrecht.

—Existem medicamentos que podem ajudar os níveis de serotonina no cérebro, o que pode ter um impacto direto. E dados os sintomas e o nível de estresse de Henry, a terapia é recomendada.

O Sr. Albrecht estremeceu, mas sua esposa lhe deu uma leve cotovelada. — Conseguiremos a Henry toda a ajuda que ele precisar.

— Que bom que ele tem um bom sistema de apoio, — disse o médico. — Vou pedir à enfermeira que reúna os papéis de alta e incluiremos alguns números dos recursos disponíveis.

Quando o médico saiu, todos pareciam em estado de choque, mas aliviados. O Sr. Albrecht parecia o mais surpreso enquanto olhava entre mim e Henry, como se tentasse entender tudo o que havia sido revelado. Certamente haveria muito mais conversas.

— Bem, acho que deveria voltar para a escola, — eu disse com relutância, e mamãe assentiu.

— Que tal deixarmos os meninos ficarem um momento a sós antes de nos despedirmos? — Mamãe sugeriu enquanto se movia em direção à porta. Deus, eu a amava.

A Sra. Albrecht seguiu imediatamente, cutucando o Sr. Albrecht, que ainda parecia entorpecido.

Assim que eles saíram da sala, nós nos encaramos.

Aproximei-me e peguei sua mão, sentindo-me aliviado por finalmente poder tocá-lo livremente. — Você realmente me ama?

— De todo o coração, — Henry respondeu, depois sorriu. — Acho que isso significa que você está preso comigo.

Eu ri e beijei seus lábios. — Talvez você esteja preso comigo também.

Ele entrelaçou nossos dedos. — Eu não gostaria de outra maneira.

Descansamos nossas testas juntas e paramos um momento para respirar em um silêncio confortável.

— Como você está se sentindo? — Perguntei.

— *Gratidão,* ele respondeu, a emoção clara em sua voz. — Como se eu tivesse uma segunda chance.

— Ainda pode não ser fácil. Seus colegas de equipe, seus pais e outras pessoas nem sempre entendem. Mas pelo menos você estará vivendo a sua verdade.

— Eu sei. Acho que Spencer já suspeita, e provavelmente outros também. Mas não vou mais me esconder.

— E os ataques de pânico? Como esse diagnóstico se adapta a você?

— Eu prefiro isso ao câncer, embora ambos me façam sentir uma perda de controle. Mas pelo menos não é uma sentença de morte.

Minha boca estava seca. *Obrigado porra.*

— Faz sentido, — disse ele. — Eu ficaria feliz em fazer terapia. — Ele ergueu minha mão, todos os cinco dedos enfaixados por causa da minha terrível noite de preocupação com ele. — Talvez você também devesse.

Eu balancei a cabeça. — Mamãe e eu já conversamos sobre isso.

Ele suspirou. — Mal posso esperar para receber alta.

— E depois?

Henry piscou. — Ainda vivemos nossos dias como se fossem os últimos?

Arqueei uma sobrancelha. — Tradução?

— Eu posso segurar sua mão em público e beijar você sempre que eu quiser.

Encostei meus lábios nos dele. — Parece o paraíso para mim.

EPÍLOGO

Henry

O TIME HAVIA ACABADO DE SAIR do vestiário para ir a campo para o último jogo em casa da temporada. Embora nossas perspectivas para os playoffs já estivessem seladas devido ao nosso incrível recorde, o *burburinho* da torcida foi eletrizante.

Tantas coisas na minha vida aconteceram desde o susto do hospital no mês passado. Eu estava na escola, Lark e eu estávamos oficialmente namorando, e a maioria dos alunos e funcionários nos apoiavam – fora as piadas idiotas aleatórias feitas por Bones ou Flash. Mas desta vez, eu sabia que eles estavam apenas me irritando, então eu ri com eles e até zombei de mim mesmo algumas vezes. Flash foi mais cuidadoso com suas palavras, eu notei, o que era melhor. Ele tinha muito que crescer.

Meus ataques de pânico diminuíram com o início da terapia e dos remédios ansiolíticos. Lark também havia iniciado sessões on-line e seus dedos estavam cicatrizando. Até fazíamos meditação semanal juntos, o que funcionou tão bem que disse ao treinador que o time deveria fazer sua própria versão antes dos jogos. Ele ainda não tinha aceitado, o que não me surpreendeu. Os caras provavelmente me matariam se eu tivesse sugerido isso.

— O que você está fazendo com isso? — Spencer perguntou, apontando para o material enrolado em minha mão.

Eu pisquei. — Você vai ver.

Assim que chegamos ao campo, os jogadores realizaram seus próprios rituais pré-jogo de alongamento, arremessos laterais ou sentar-se calmamente no banco para colocar a cabeça no jogo. Parecia muito com meditação para mim.

Olhei para as arquibancadas e encontrei Lark sentado com Justin e Leah algumas fileiras atrás dos meus pais. Antes de me acovardar, minhas pernas me carregaram escada acima, de dois em dois, até chegar à fileira dele. Ele apenas olhou para mim, atordoado, então se levantou e se aproximou mais.

— O que você está fazendo?

— Vindo ver meu namorado, — respondi com um sorriso malicioso.

— Oh, hum... bem, boa sorte no jogo ou quebre uma perna ou algo assim, —

disse ele de uma forma fofa e estranha.
Justin gargalhou. — Tenho certeza de que quebrar uma perna não é uma boa ideia.
As bochechas de Lark ficaram vermelhas enquanto eu ria e o puxava para mim. Eu o abracei com tanta força que o levantei, o que não foi difícil de fazer. Quase o girei, fiquei muito feliz em vê-lo na arquibancada, mas sabia que ele ficaria mortificado.
Ele tentou vir aos jogos o máximo que podia e até trouxe Star e Pete com ele uma vez, o que foi incrível. Eles não poderiam ficar depois para festejar na sede do clube, obviamente, mas eu não me importei. Em vez disso, encontrei-me com eles para jantar no Shorty's, o que foi uma boa surpresa para a mãe de Lark. Ela nos mandou para casa com donuts quentes, é claro.
— Todo mundo está olhando para nós, — Lark murmurou em meu ouvido.
— Isso importa?
— Mais ou menos sim… mais ou menos não, — ele respondeu porque, apesar de estar fora, também era difícil para ele ser o centro das atenções. E eu entendi o porquê.
Mas ele era o centro do meu mundo e eu queria que todos soubessem disso.
— Porque o seu namorado é um deus do futebol? — Eu provoquei enquanto o colocava no chão.
— E nem um pouco arrogante.
Ficamos muito de mãos dadas no campus, que era a extensão do nosso PDA. Reservamos nossos momentos mais íntimos para a porta fechada ou na torre do sino, que ainda era nosso santuário, embora um dia o zelador quase nos pegasse.
Lark ajeitou a camisa enquanto suas bochechas ficavam ainda mais vermelhas, provavelmente porque havia muitos olhos em nós. — Você não tem um jogo para jogar?
Eu balancei a cabeça. — Mas primeiro, você sabia que é nosso aniversário?
Suas sobrancelhas franzidas adoravelmente. — Huh?
— O aniversário de quando nos conhecemos quando crianças.

— Sem chance! — Ele entrelaçou nossos dedos e eu me inclinei para beijar seus lábios. — Você vai partir o coração de muitas garotas.
— Eh, estou bem com isso.
Lark sorriu porque secretamente adorou quando deixei claro que só o queria.
— De qualquer forma... — Minhas mãos tremiam enquanto desenrolava a camisa que trouxe comigo. De alguma forma, isso foi mais estressante do que o jogo em si. — Eu, uh, peguei isso para você.
Seus olhos se arregalaram adoravelmente. — É uma camisa com o seu número.
— Você vai usar isso? Aposto que isso me trará sorte.
— Eu adoraria. — Ajudei-o a colocá-lo sobre os ombros, mas era tão grande que chegava até os joelhos. — Talvez encolha.
— Parece bom assim mesmo, — eu disse, e ele sorriu. —Tenho que ir. Espere por mim depois?
— Claro.
Meus pais ficaram surpresos quando comecei a descer os degraus — eles obviamente tinham assistido a exibição inteira. Dei um tapinha na bochecha da minha mãe antes de descer correndo.
Mamãe e eu nos tornamos um pouco mais afetuosos um com o outro, mais emocionais também. Mas nem tudo foi positivo com meus pais. Papai ainda era reservado, às vezes me fazendo perguntas investigativas sobre minha sexualidade em um esforço para entender, afirmou ele, e eu respondi com toda a honestidade que pude reunir.
Mas não permito mais que meus pais controlem meu humor ou decisões, algo em que meu terapeuta estava trabalhando comigo. E quando papai sugeriu que fizéssemos uma arrecadação de fundos para aumentar a conscientização sobre as doenças infantis, eu sabia que ele estava levando tudo a sério. Mamãe também ficou entusiasmada com a ideia. Ela adorava planejar eventos e era boa nisso. Até sugeriu que papai fizesse um discurso.
Conversamos muito sobre isso na última vez que Lark e eu nos juntamos a eles para jantar – embora a maior parte dos meus fins de semana ainda fossem

passados com Lark e Star. Mas mamãe gentilmente estendeu um convite para o jantar de Ação de Graças à família dele, o que me surpreendeu. A mãe dele aceitou e, embora partes do jantar tenham sido estranhas para Lark, Star os conquistou no final, até mesmo fazendo meu pai pintar com ela. Eu poderia dizer que eles gostaram de ter uma criança por perto novamente.

O técnico, de braços cruzados, olhou para mim enquanto eu voltava ao campo para o início do jogo.

— Não se preocupe, treinador. Eu não estou com a cabeça enfiada.

Ele me deu um tapinha nas costas. — Fico feliz em ouvir isso.

Quando me juntei aos meus companheiros no banco, Bones disse: —Como você sabe que Lark não queria usar meu número?

— Deixe meu homem em paz, — eu disse, e Spencer riu.

O clima da equipe estava bem melhor, principalmente com nosso histórico de vitórias, mas nossa química deu certo depois que eu saí. Não que eles me tratassem de maneira diferente no vestiário, mas alguns deles pareciam não saber o que dizer. Mas quando eles viram que eu era essencialmente a mesma pessoa – e talvez um pouco mais confortável em minha própria pele – conseguimos entrar em um bom ritmo novamente em campo.

No final do quarto período, estávamos à frente por dois touchdowns. Mas quando eles nos seguraram na linha de cinco jardas, era hora de Spencer chutar um field goal e selar nossa liderança. Depois que ele marcou três pontos no placar, nossa torcida ficou de pé, torcendo por nós. Olhando naquela direção, imediatamente vi o cara mais atraente de toda a multidão – e ele estava vestindo minha camisa.

Relutantemente, desviei o olhar para poder comemorar com meus companheiros de equipe e, assim que apertei a mão do quarterback do time adversário, fomos para o vestiário para nos trocar.

Lark ficou perto dos meus pais depois disso e, embora a linguagem corporal deles fosse um pouco desconfortável, fiquei grato por eles estarem pelo menos tentando. Cumprimentei meus pais, conversamos sobre o jogo e agradeci por

terem vindo.
Ao se despedirem, mamãe abraçou Lark e papai apertou seu ombro. — Diga olá para sua família.
Lark sorriu. — Eu vou.
O plano era nos juntarmos aos nossos amigos na sede do clube para comer e beber, mas primeiro escapamos para o meu dormitório.
Assim que ficamos sozinhos, nossas bocas se fundiram.
— Eu te amo, — Lark murmurou contra meus lábios.
— Eu também te amo. — Salpiquei beijos em seu queixo, bochechas e testa, tentando controlar meu coração palpitante. Talvez eu nunca me acostume a ouvir essas palavras dele.
Fazia apenas alguns dias desde a última vez que pudemos ficar sozinhos, mas pareciam semanas. Eu estava desesperado para me perder nele, em seus ruídos e cheiro, mesmo que tivéssemos que fazer isso rápido. — Senti a sua falta.
— Você acabou de me ver...
— Perdi *isso*.
— Eu também. — Ele suspirou enquanto seus dedos torciam na minha camisa, me puxando para mais perto. — Foda-me?
— Você não precisa perguntar duas vezes. — Minha voz estava áspera quando minha virilha apertou e meu estômago revirou com antecipação.
Seus lábios encontraram os meus e ele lambeu minha boca, provocando um gemido em minha garganta. Ele afastou a boca, seu olhar procurando o meu. — Como você me quer?
Minha pulsação batia forte em meus ouvidos. — Nu.
Ele sorriu. — Claro. Não gostaria de estragar esta camisa.
— Exatamente. Você precisa vesti-lo novamente para a sede do clube e todos os jogos dos playoffs.
— Você não é o romântico? — Ele sorriu. — Ou é supersticioso?
Eu ri. — Talvez um pouco de ambos.
Puxei sua camisa sobre sua cabeça, meus lábios passando por sua garganta e

descendo por seu peito, inalando seu cheiro de melancia. Definitivamente me deu um alto nível de açúcar. Ok, brega, mas eu ainda não estava mudando o apelido dele no meu telefone.

Seus mamilos incharam na minha boca quando ele agarrou a cômoda atrás dele, e um rubor rosado se espalhou por suas clavículas.

Ele me ajudou a tirar minhas roupas, depois devorou meus lábios enquanto suas unhas arranhavam meu cabelo. Quando minhas mãos seguraram suas nádegas, seu pau engrossou ainda mais contra o meu. Lark se contorceu contra mim. — Preciso de você.

— Inversão de marcha. — Ele fez o que eu pedi, apoiando os antebraços na cômoda e projetando a bunda para fora. Quase gozei só de ver.

Afundando no chão, passei meus dedos pela sua espinha até sua dobra, fazendo-o tremer. Separei suas bochechas e meu pau estremeceu ao ver aquele buraco perfeitamente rosa. Eu fiquei um pouco obcecado com a bunda dele ultimamente, mas não achei que ele se importasse. Beijei sua borda e depois circulei com a língua. — Um buraco tão perfeito.

— Oh meu Deus. Eu não posso... — Ele gemeu e balançou contra mim.

Eu queria abalar o mundo dele, e esse era exatamente o efeito de usar meus lábios, língua e dentes. Eu lambi, mordi e cutuquei minha língua dentro dele até que ele estava me implorando para transar com ele.

Quando seu buraco ficou escorregadio de saliva, pressionei facilmente a ponta do meu dedo dentro, depois outro. Ele empurrou de volta contra a minha mão, fodendo-se nos meus dedos. — Se apresse. Você está me matando.

Dando um passo para trás, procurei uma camisinha e um lubrificante na gaveta ao lado dele, esperançoso por aquele dia no futuro em que não precisaríamos mais deles. Mas Lark insistiu em esperar que seu teste voltasse primeiro.

Rolei a camisinha pelo meu eixo com as mãos inquietas e apliquei um pouco de lubrificante para facilitar o caminho. Quando meu pau pressionou contra seu buraco, o prazer disparou em minha virilha, correndo direto para minhas bolas. Cerrei minha mandíbula para controlar meu pulso acelerado, ou poderia acabar

em um segundo.
Agarrando seu quadril, pressionei para frente novamente, observando enquanto meu pau penetrava suas bochechas. Ainda parecia surreal estar dentro dele. O calor elétrico lambeu minha pele e arrepios subiram ao longo dos pelos dos meus braços.
— Tão bom, — Lark engasgou enquanto seus dedos apertavam a cômoda. Quando ele olhou por cima do ombro, o carinho em seu olhar foi quase minha ruína.
Inclinei minha cabeça para dar um beijo carinhoso em seus lábios, e seu olhar suavizou ainda mais.
Querendo me sentir mais conectado, passei meu braço em volta de seu peito e ancorei-o contra mim. — Adoro estar dentro de você.
— Eu amo mais, — ele murmurou, e eu gemi em seu ombro.
Joguei meus quadris para frente, investindo nele em um ritmo mais rápido. Seus dedos seguraram meu antebraço, aguentando o passeio, mas também aumentando a intimidade do momento.
— Já estou perto, — ele choramingou enquanto sua cabeça caía em meu ombro.
Estendi a mão para agarrar seu pau e acariciá-lo no ritmo de minhas estocadas, que estavam ficando desajeitadas e irregulares. Eu estava com os nervos à flor da pele e novas sensações, e cada vez que estava com ele me sentia melhor do que a anterior. Os apelos ansiosos que eu arrancava de Lark me trouxeram uma satisfação que eu nunca havia experimentado.
Mais alguns segundos e seu corpo enrijeceu. Ele gritou quando seu gozo jorrou sobre meu punho e caiu no chão. Um arrepio percorreu-me enquanto minhas bolas apertavam, meu orgasmo caindo sobre mim. Joguei meus quadris para frente e investi, buscando minha liberação.
— Porra, — eu engasguei, descarregando profundamente dentro dele.
Eu caí contra a cômoda, meus braços envolvendo-o enquanto ofegava pesadamente em seu pescoço.
Finalmente capazes de recuperar o fôlego, começamos a limpar com os membros

lentos e trêmulos, rindo e sorrindo um para o outro. Uma vez que estávamos vestidos e ele estava de volta com minha camisa, que ele enfiou até a metade do jeans para ajudar com a abundância de tecido, nos beijamos preguiçosamente no meio da sala.

Assustados por uma batida forte na porta, ouvimos a voz de Bones. — Vamos, pombinhos. Temos algumas festas para fazer.

— Talvez eles precisem de mais tempo, — disse Emil, e os outros que estavam com eles riram. Nossos amigos estavam saindo mais, principalmente depois dos jogos, e foi incrível.

— Que rude, — Lark brincou através da porta.

— Já vamos, — acrescentei.

— Acho que é melhor irmos andando, — Lark sussurrou, me envolvendo em seus braços e soltando um suspiro de satisfação que me aqueceu até os dedos dos pés.

— Mais um minuto. Eles podem esperar, — murmurei, então o beijei com uma ternura que combinava com meu coração palpitante. *XOXO.*

Sobre o Autor

Era uma vez, Christina Lee era estilista de guarda-roupa na cidade de Nova York. Ela passava os dias arrastando roupas, chamando táxis e em busca do brilho labial perfeito, que se tornou um vício - junto com livros e café. Você sempre poderia encontrá-la empoleirada em uma mesa de canto de um restaurante favorito, bebendo um assado escuro e lendo.

Atualmente ela mora no Centro-Oeste com o marido e o filho – seus dois caras favoritos. Ela foi assistente social clínica e professora de educação especial e, embora muito gratificantes, eles ainda não pareciam se encaixar perfeitamente. Só quando ela começou a escrever uma coluna semanal para o jornal local é que os sinos dispararam em sua cabeça. Ela finalmente pôde aproveitar suas experiências da vida real e sua imaginação vívida para escrever ficção - e ela nunca olhou para trás.

Christina escreve romances em diferentes subgêneros, mas principalmente com personagens LGBTQ porque a representação é importante e *todos* merecem um feliz para sempre.

Notes

[←1]

Alaudidae é um nome genérico dado a várias aves passariformes que constituem a família Alaudidae. São aves essencialmente do Velho Mundo, com exceção de uma única espécie, a Eremophila alpestris que também habita a América do Norte. Por vezes, o nome cotovia é usado para aludir exclusivamente à cotovia-comum.

[←2]

A dermatilomania é caracterizada por arranhões repetitivos, beliscões, puxões, apertos, arranhões, fricção ou mesmo mordidas na pele. É considerada parte do espectro obsessivo-compulsivo. “Dermatilomania (cutucar a pele) é provavelmente muito mais comum do que as pessoas imaginam”, disse Peter A.

[←3]

Alma mater é uma frase alegórica em latim usada por estudantes que frequentaram uma determinada instituição de ensino, que pode ser traduzida como a mãe que alimenta ou nutre. Usada especialmente nos Estados Unidos, também indica a instituição onde a pessoa se graduou.

[←4]

Marca de sandálias.

[←5]

Empena, também conhecida como outão, é a parte lateral de um edifício, sem janelas ou aberturas. As empenas podem corresponder à parte superior das paredes externas, geralmente em forma de triângulo, situadas acima do forro, nas quais assenta a cumeeira dos telhados de duas águas.

[←6]

Sanduíche submarino, sub, grinder, hero, hoagie ou mais popularmente sanduíche italiano, é um tipo de sanduíche que consiste de duas longas fatias de pão cortadas longitudinalmente recheadas com carne, queijo, tomate, alface e condimentos.

[←7]

Um cheesesteak é um sanduíche feito de pedaços finamente fatiados de bife e queijo derretido em um longo pão Hoagie Roll. Sendo um fast food regional popular, a franquia tem suas raízes na cidade americana de Filadélfia, na Pensilvânia.

[←8]

Moeda digital ou Criptomoedas.